

FLÁVIA WAGNER

“APROPRIAÇÕES”

O saber infantil sobre o espaço urbano da ‘favela’ por meio do teatro



FLORIANÓPOLIS (SC)
2004

FLÁVIA WAGNER

“APROPRIAÇÕES”

O saber infantil sobre o espaço urbano da ‘favela’ por meio do teatro

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Meksenas.

Florianópolis, abril de 2004.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

“APROPRIAÇÕES”

O saber infantil sobre o espaço urbano por meio do teatro

**Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação**

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 13/04/2004

Dr. Paulo Meksenas (CED/UFSC-Orientador)

Dra. Elizabeth Farias (CFH/UFSC – Examinadora)

Dra. Cristiana Tramonte Vieira de Souza (CED/UFSC – Examinadora)

Dr. Miguel Arroyo (UFMG – Examinador)

Dr. Lucídio Bianchetti (CED/UFSC - suplente)

Prof.^a Diana Carvalho de Carvalho
Coordenadora PPGE/CED/UFSC

FLÁVIA WAGNER

FLORIANÓPLIS, SANTA CATARINA, ABRIL DE 2004.

*Dedico está dissertação a todos que lutam
por uma educação democrática e humanizadora!*

Agradecimentos

O agradecimento é uma maneira de reconhecer ou recordar as pessoas, os momentos e as instituições, que estiveram, de uma forma ou de outra, próximas durante esse processo de construção dessa experiência.

O reconhecimento que farei não é simplesmente por um valor moral, mas por querer dedicar um carinho e especialmente dizer **muito obrigado** a todos os gestos, saberes e fazeres que foram dedicados para a elaboração dessa pesquisa.

Quero agradecer minha família, pelo incentivo, apoio, confiança e carinho dispensados durante estes anos. Especialmente aos meus queridos e amorosos pais, Tarcísio e Rosemira que com dedicação e simplicidade ensinaram-me o valor do amor e da união, sendo sempre o meu porto seguro. Ao meu irmão Fabrízio pela alegria e descontração, a minha cunhada Mariléia pelo seu dinamismo e entusiasmo, a minha querida sobrinha Karina pelos momentos de descobertas. Especialmente a minha amiga e irmã Patrícia que me deu força e atenção para ler e discutir comigo partes destes escritos.

Agradeço ao meu companheiro, dedicado e amado Ricardo, que tem me valorizado e ensinado a lutar pelo o que eu quero e acredito. Agradeço por existires na minha vida.

Ao Paulo Meksenas, que nessa difícil tarefa de orientar me ensinou com seu modo especial, a autonomia e compromisso em busca do conhecimento. Foi muito mais do que um Orientador, um amigo, que ofereceu confiança e carinho, mostrando-se sempre pronto para apoiar. Meu muito obrigado pelas trocas e compreensão com os meus limites. Deixo-lhe minha admiração e respeito.

À professora Elizabeth Farias, à Cristiana Tramonte Vieira de Souza e ao Lucídio Bianchetti, pessoas singulares, que participaram da banca de qualificação disponibilizando seu material, orientações e sugestões para esta pesquisa.

Aos colegas de mestrado, especialmente a Gisele pela atenção e apoio na elaboração dos primeiros escritos dessa dissertação.

A todos os moradores da Vila Aparecida, em especial D. Cinda, Laureci e Sandra que permitiram conhecer suas vidas e suas histórias.

Agradeço em especial as crianças com as quais convivi. Com elas pude compreender meus limites, construir caminhos, compartilhar sonhos, pude mexer em meus "pedaços" e reconstruir conceitos. É para elas que também dedico este trabalho!

Quero destacar a contribuição essencial dos funcionários do Projeto Família Saudável, especialmente a Ana, Milena, Kátia, Marlene, Giane, Beatriz e entre outras citadas nesse trabalho.

Agradeço também a todos que, de alguma forma, colaboraram – direta ou indiretamente – para que esse trabalho se tornasse possível e real, como as amigas, Lidiane e Mônica que oportunizaram momentos de convivência e aprendizagem.

Aos funcionários dos setores públicos, biblioteca, IPUF e IBGE, os quais muito me ajudaram na coleta de dados, como também, o grupo de estagiárias do Curso de Serviço Social da UFSC/2002.

À Lida Zandonadi revisora, pela sua competência e paciência na leitura deste trabalho.

E a tantos outros que estiveram envolvidos nessa caminhada.

Memórias*

*“Um certo dia, sozinha eu caminhava.
Tinha alguém que seguia minhas pegadas.
Parei e avistei a felicidade procurando meu destino.
Mas, no meu destino já habitava outro alguém.
Este alguém era a tristeza.
Não achei outra saída para transformar a minha vida.
Quando na linha do horizonte um raio de luz brilhou.
Era o amor querendo um lugar no meu coração.
Eram sentimentos de lá e de cá,
e minha vida nada de mudar.
Eu queria largar tudo e não mais continuar.
Já estava cansada de sofrer e cheguei a desanimar.
Neste momento, minhas mãos para o alto levantei e,
bondade e misericórdia encontrei.
De mim tiveram compaixão.
Agora sou feliz e tenho paz no meu coração”.*

Edilvane Salete

* Poesia produzida por Edilvane Salete (11 anos), no período das realizações das oficinas de Teatro. Esta poesia foi publicada no livro do 1º concurso literário de poesias e crônicas de Florianópolis, FTD, 2001. p.132.

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE SIGLAS

RESUMO

ABSTRACT

O CONVITE	15
ITINERÁRIO DA PESQUISA	18
a) Por que pesquisar?	23
b) O que pesquisar?	26
c) Como pesquisar?	26
d) Como estruturar a pesquisa?	30
CAPÍTULO 1 – ESPAÇO URBANO CAPITALISTA	33
1.1 DADOS PRELIMINARES	35
1.1.1 Conseqüências da Urbanização	38
a) Pobreza	41
b) Favelização	43
c) Violência Urbana	49
1.2 A EXPANSÃO DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS	51
1.2.1 ‘Favelas’ no espaço urbano de Florianópolis	61
CAPÍTULO 2 –ESPAÇO DA ‘FAVELA’ VILA APARECIDA	68
2.1 UMA BREVE APRECIÇÃO	70
2.1.1 Conhecendo o Espaço	72
2.1.2 Os Moradores tecem o lugar.....	80
2.1.3 Domicílios e infra-estrutura.....	86
2.1.4 Equipamentos urbanos/comunitários	89
2.1.5 Visitando a Vila - aspectos da cultura local.....	92

CAPÍTULO 3 - ESPAÇO DO PROJETO “FAMÍLIA SAUDÁVEL”	107
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO “PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL”	109
3.1.1 Legalização e Financiamento	113
3.1.2 Corpo Administrativo e Pedagógico	117
3.1.3 O Espaço Físico do PFS	120
3.2 CRIANÇAS ATENDIDAS - SUJEITOS DA PESQUISA	123
3.2.1 Vestígios das Identidades	126
3.2.2 Idade e Escolaridade	132
3.2.3 Endereço	135
3.2.4 Cotidiano	136
3.2.5 Família	139
CAPÍTULO 4 – ESPAÇO DAS OFICINAS DE TEATRO	148
4.1 TEATRO COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	151
4.2 A EXPERIÊNCIA - COMO TUDO COMEÇOU	154
4.3 ESPAÇO DA VIVÊNCIA	161
4.4 PEÇAS TEATRAIS - ETAPAS DA CONSTRUÇÃO	165
4.5 PEÇAS TEATRAIS E APROPRIAÇÕES	169
4.5.1 Peça 1: Queremos um Futuro sem Drogas	170
4.5.2 Peça 2: Desemprego e Fome	177
4.5.3 Peça 3: Um dia de Mãe	182
4.6 OUTROS OLHARES FRENTE À EXPERIÊNCIA	189
CAMINHOS DE APRENDIZAGEM	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	201
ANEXOS	207

Lista de Ilustrações

TABELA 1	CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA NO BRASIL 1900 – 200040
TABELA 2	CRIMES EM SANTA CATARINA 49
TABELA 3	POPULAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS 1950 – 2000 60
TABELA 4	A POPULAÇÃO DO AGLOMERADO URBANO DE FLORIANÓPOLIS E DE SEUS MUNICÍPIOS VIZINHOS EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO TOTAL62
TABELA 5	MAPEAMENTO DAS ÁREAS CARENTES DE FLORIANÓPOLIS/SC63
TABELA 6	PERCENTUAL DE OCUPAÇÃO DAS ÁREAS CARENTES POR DÉCADA64
TABELA 7	PRINCIPAIS CARÊNCIAS DAS ÁREAS CARENTES DE FLORIANÓPOLIS/SC65
TABELA 8	PROCEDÊNCIA DOS RESPONSÁVEIS PELAS MORADIAS NAS ÁREAS CARENTES DE FLORIANÓPOLIS/SC80
TABELA 9	PORCENTAGEM DO TIPO DE DOMICÍLIO EXISTENTE NA VILA APARECIDA – 1998 87
TABELA 10	FUNCIONÁRIOS DO PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL.....117
TABELA 11	CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL 2000/2001 125
TABELA 12	CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS/OFICINEIRAS127
TABELA 13	PROFISSÃO DOS PAIS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001 142
TABELA 14	RELAÇÃO DAS PEÇAS TEATRAIS DESENVOLVIDAS EM 2000/2001 NO PFS170
MAPA 1	ÁREA CONTINENTAL DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS/SC73
FIGURA 1	FOTO AÉREA - BAIRRO COQUEIROS 1979 74
FIGURA 2	FOTO AÉREA - BAIRRO COQUEIROS 2000 74
FIGURA 3	FOTO AÉREA - BAIRRO COQUEIROS/VILA APARECIDA 200075
FIGURA 4	PLANTA AÉREA DO PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL 122
FIGURA 5	CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS EM 2000/2001126
FIGURA 6	ASPECTOS QUE INCOMODAM NA 'FAVELA' DA VILA

FIGURA 7	APARECIDA.....159 COMO GOSTARIA QUE FOSSE A 'FAVELA' DA VILA APARECIDA159
GRÁFICO 1	RELAÇÃO ENTRE NÍVEL DE POBREZA E RENDA <i>PER</i> <i>CAPITÁ</i> PARA UM CONJUNTO SELECIONADO DE PAÍSES 43
GRÁFICO 2	SETOR 278 – VILA APARECIDA – NÚMERO DE MORADORES RESIDENTES POR IDADE 81
GRÁFICO 3	SETOR 278 – VILA APARECIDA – NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA 83
GRÁFICO 4	SETOR 278 – VILA APARECIDA–GRAU DE INSTRUÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA ALFABETIZADOS 84
GRÁFICO 5	SETOR 278 – VILA APARECIDA – RENDA MENSAL - SALÁRIO MÍNIMO POR CHEFE DE FAMÍLIA 85
GRÁFICO 6	SETOR 278 – VILA APARECIDA – NÚMERO DE MORADORES RESIDENTES POR DOMICÍLIO 86
GRÁFICO 7	IDADE DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001 132
GRÁFICO 8	GRAU DE ESCOLARIDADE DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001..... 133
GRÁFICO 9	NÚMERO DE COMPONENTES NAS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001..... 139
GRÁFICO 10	GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001..... 141
GRÁFICO 11	RENDA SALARIAL MENSAL DAS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001..... 143

Lista de Siglas

ACT	- Admissão em Contrato Temporário
CEB's	- Comunidades Eclesiais de Base
CECCA	- Centro de Estudos Cultura e Cidadania
CEVAHUMOS	- Centro de Valorização Humana Moral e Social
CIC	- Centro Integrado de Cultura
CIDASC	- Centro Integrado de Desenvolvimento Agrário de Santa Catarina
COHAB's	- Cooperativas de Habitação
CPC's	- Centros Populares de Cultura
CUT	- Central Única dos Trabalhadores
FGTS	- Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
GT	- Grupos de Trabalho
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPIUF	- Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
MCP	- Movimento de Cultura Popular
MEB	- Movimento de Educação de Base
MST	- Movimento Sem Terra
ONG's	- Organizações Não-Governamentais
PDI	- Plano de Desenvolvimento Integrado
PETI	- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PFS	- Projeto Família Saudável
PNAD's	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD	- Relatório de Desenvolvimento Humano
PPP	- Projeto Político Pedagógico
PT	- Partido dos Trabalhadores
UDESC	- Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A presente pesquisa entrecruza experiências no campo educacional com as oficinas de teatro realizadas em 2000/2001, entre pesquisadora e crianças de classes populares no Projeto Família Saudável. Projeto este que é desenvolvido nas proximidades da 'favela' Vila Aparecida, no Bairro Coqueiros, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Essa dissertação tem como objeto analisar, por meio da experiência com o teatro, as apropriações que as crianças da 'favela' Vila Aparecida fazem do espaço urbano em que vivem.

Considerando o espaço urbano capitalista como um lugar onde ocorrem as interações humanas, apresento dados que revelam características de alguns conceitos complexos como: espaço urbano, 'favela' e favelado. Assim como, aspectos referentes aos grupos de classe que produzem tal espaço capitalista. A pesquisa também pretende mostrar a influência do processo de urbanização a partir do século XX, em Florianópolis, com o intuito de apontar algumas conseqüências da urbanização, no âmbito da pobreza; favelização e violência urbana.

Com esse estudo, pretendo explicitar aspectos históricos do surgimento da 'favela' Vila Aparecida, universo da presente pesquisa. Procuo fazer uma breve apreciação da localização e da situação da área frente às políticas públicas existentes. Com o material coletado, agreguei dados para vislumbrar os aspectos da composição espacial, cultural, social e econômica da 'favela' Vila Aparecida, espaço em que vivem os sujeitos da pesquisa, as crianças.

Trago também, aspectos sobre o "Projeto Família Saudável", instituição onde se deu a empíria do presente estudo. Abrange a estrutura física/administrativa até o perfil das crianças atendidas e suas respectivas famílias.

No final do trabalho, busco considerar as oficinas do teatro como um instrumento de coleta de dados em pesquisas sociais. Com as peças criadas pelas crianças pretendo analisar as apropriações que as mesmas fazem sobre o espaço urbano em que vivem.

Palavras-chave: espaço urbano, 'favela', formação de professores; teatro-educação e crianças.

O Convite

*“A vida de um pesquisador é o que ele descobre,
o que ele escreve, o que ele ensina”.*

Rogério C. de C. Leite

Analisar a experiência vivida como professora/pesquisadora da oficina de teatro com as crianças do “Projeto Família Saudável” (PFS)¹ para construir uma dissertação de mestrado, implicou tomar alguns *cuidados específicos*.

Um deles é a abrangência desse universo de pesquisa, pois surgiram vários temas interessantes a serem pesquisados, como: o papel e atuação do PFS na comunidade de Coqueiros; a influência do teatro na formação do sujeito ou, ainda, o universo familiar das crianças atendidas pelo PFS. Dentro desse amplo leque temático, foi preciso escolher um tema e torná-lo significativo. Optei, então, além dos temas citados, analisar por meio do uso do teatro como instrumento de coleta de dados, ***quais as apropriações que as crianças moradoras da ‘favela’² Vila Aparecida, em Florianópolis/SC, fazem do espaço urbano em que vivem.*** Não foi uma tarefa fácil definir o objeto de pesquisa, pois é preciso construir e re-construir diversas vezes as frases; as palavras precisam ser bem estruturadas, para que venham representar o

¹ O Projeto Família Saudável faz parte da Organização Não Governamental (ONG) Centro de Valorização Humana, Moral e Social (CEVAHUMOS). Mais detalhes sobre a referida ONG conferir no Capítulo 3 dessa dissertação. Tal Projeto está situado no Continente da Ilha de Florianópolis, no Bairro de Coqueiros. Tem por finalidade atender crianças provenientes de classes populares que se encontram na faixa etária entre cinco a 12 anos. Importante salientar, que o desejo de produzir esta dissertação nasceu da experiência vivida pela pesquisadora como professora de teatro junto às crianças dessa referida instituição, no período de 2000 a 2001.

² Coloquei apóstrofo na palavra favela porque é um termo utilizado popularmente na sociedade brasileira. Alguns referem-se a esse termo de forma preconceituosa, ou seja, transferem as características do espaço para os sujeitos que lá vivem, os quais, muitas vezes, são vistos como “feios”, “sujos” e “perigosos”. Porém, não é esse o significado que uso para o termo favela. O meu significado diz respeito às características da área, do espaço e não ao desmerecimento dos sujeitos que lá vivem.

objeto de forma clara e objetiva. Além disso, é fundamental ter os “pés no chão”: são somente dois anos e é preciso cercar o tema, organizar o tempo para atingir o proposto.

Porém, não basta ter o tema, é preciso fazer outras escolhas também, isto é, optar por alguns autores, nomear os sujeitos da pesquisa, selecionar uma metodologia e, assim, delinear os capítulos. Conforme Lüdke (1986, p.27), *“as escolhas que cada um de nós faz em nossa vivência diária são muito influenciadas pela nossa história pessoal, o que leva a privilegiar certos aspectos da realidade e negligenciar outros”*. Partindo do pressuposto que somos seres capazes de comparar, de avaliar, de escolher, de intervir e de romper, percebo que não há como ser neutro ao produzir uma pesquisa. Assim, eis o desafio de separar, organizar e analisar o material com o propósito de estabelecer um diálogo do saber científico com o saber popular, procurando entender, por meio da experiência com o teatro, o modo como as crianças das classes populares se apropriam do espaço urbano em que vivem.

Novamente é preciso ter cautela, pois a pesquisa implica procedimentos seletivos e, dessa maneira, quando privilegio algo nego outros aspectos. Além disso, há coisas que marcam mais que outras. Existiram certas leituras, autores, situações e pessoas que me deixaram lembranças marcantes e que vou levar para a vida toda. Porém, há outras que passaram despercebidas e que o tempo apagou. Expressar solitariamente o que foi sentido e percebido, durante essa pesquisa empírica, é desmerecer aqueles que estiveram juntos e construíram comigo essa história. Para evitar a tentação de uma análise solitária, proponho-me, ao longo desse trabalho, dar voz a outros contadores de história, especialmente *às crianças, que são os principais sujeitos-investigados*.

Ao construir o texto, percebi que é preciso prestar atenção para não torná-lo complexo demais ou simplista: evitar esses extremos é o desafio de quem se propõe a escrever. Portanto, é preciso ter coragem para errar, ousar, criar, contar e selecionar. Escrever é tudo isso e muito mais. *“A escrita emite sinais que, captados, convida o escritor a pensar a si, ao mundo, à cultura, ao seu texto e, ainda, a respondê-los sob a forma de novas palavras e novo texto”*, afirma Evangelista (2002, p.189). O ato de escrever é uma “preciosa” estação de intimidade, é um convite à quietude, ao silêncio, à reflexão e à análise. É perseguir a memória nas notas, nos relatos do outro, nos

documentos, nos livros, nas filmagens, nas fotos e vertê-la em palavras/texto, para reconstruir cenários, recriar atmosferas, recuperar sentidos e, acima de tudo, fazer escolhas.

Ao pesquisar, senti que, ao invés de uma caneta nas mãos, tive um pincel, onde constantemente tentei transpor para a tela/texto o movimento e a contradição da realidade em que pesquisei. Foi um desafio recriar as imagens/paisagens da realidade em um belo texto – foi preciso empenho para mesclar as cores e dar forma às descobertas. Na tela/texto que apresento está o registro da pesquisa, uma pequena parcela de contribuição para o acúmulo do conhecimento das ciências humanas. Nas entrelinhas, também fica o desejo para que outros pintores/pesquisadores se inspirem para criarem suas próprias tela/texto a partir de suas experiências, pois a história precisa ser constantemente recriada e colorida.

Eis o *convite* ao leitor para que, nas próximas linhas, possa conhecer as impressões dos rabiscos que revelam as pistas dos caminhos que trilhei.

Itinerário da Pesquisa

*Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras.*
Fernando Pessoa

Estréio o texto salientando o compromisso que é a tarefa de investigar, no qual o pesquisador é convidado a voltar sua atenção à realidade que está pesquisando. A meta é produzir conhecimentos e fazer propostas que possam trazer reflexões e transformações. Para atingir essa meta Fazenda (1989, p.27) chama a atenção, pontuando que *“o pesquisador, desde cedo, precisaria desenvolver o compromisso de ir além – além do que os livros já falam, além das possibilidades que lhe são oferecidas, além dos problemas mais conhecidos”*. É nessa perspectiva que desejo pesquisar, buscando trazer algo de novo e que venha a contribuir com a realidade posta em destaque.

Introduzo o texto partindo do entendimento de que a ‘favela’ é um espaço de representação do viver a pobreza no espaço urbano sob o capitalismo. A par disso, há muitas formas organizadas de intervenção em ‘favelas’, sobretudo, por parte de Organizações Não-Governamentais (ONG’s), que surgem como um meio de trabalhar a “promoção/integração social” e/ou a “cidadania”. Dentre estas, tem-se a ONG CEVAHUMOS, a qual faz parte da presente pesquisa.

A citada ONG apresenta-se, formalmente, como uma instituição com serviços de recuperação de toxicômanos e alcoólatras. Auxilia na prevenção, orientação e conscientização contra o uso de drogas. Também visa a posterior integração dos dependentes-atendidos na sociedade. Em junho de 1998 essa ONG preocupada com o crescente número de crianças perambulando nas ruas da Grande

Florianópolis, decidiu estender seus trabalhos aos moradores da 'favela' Vila Aparecida, em Florianópolis/SC. Desse modo, a referida ONG fundou o *Projeto Família Saudável*, com a finalidade de atender crianças das classes populares na faixa etária de cinco a 12 anos. O objetivo da ONG para tais crianças foi de garantir menor permanência na rua, o reforço escolar; a recreação na área de artes, a alimentação e a higiene pessoal.

O primeiro contato que obtive com o PFS foi no ano de 2000, quando recebi o convite para participar da formulação do Projeto Político Pedagógico (PPP) e, em seguida, a assumir a função de professora de teatro por aproximadamente um ano. O Projeto vinha exercendo um caráter estrutural de escola, isto é, reproduziam atividades dos conteúdos curriculares das disciplinas de séries iniciais, o que, de certa forma, distanciava-se do seu objetivo de ONG, o qual consistia propor atividades que envolvessem ações e reflexões de cidadania para o contexto das crianças. Importante ressaltar que não havia uma proposta pedagógica definida, mas havia um grupo muito inquieto para propor e compor alternativas. Foi nesse momento que surgiu o convite, através de uma ex-professora muito comprometida com a educação Marlene Franco, (que se encontrava auxiliando na formulação do PPP do PFS) para participar de novos encontros³ que viessem contribuir para a elaboração e efetivação desse novo PPP.

Os encontros elaborados pelo grupo de estagiárias trouxeram as seguintes temáticas: 1) Manifestações da sexualidade na infância - Professora Jimena Furlani/UDESC; 2) Planejamento escolar - Professora Marlene Franco/UFSC; 3) Dando continuidade à discussão sobre o planejamento - Professora Lucena Dall'alba/UFSC; 4) Violência e drogas - Professora Olga Celestina Durand/UFSC; 5) Por último, Educação e comunicação - Estagiária Márcia Loch/UFSC.

Tais encontros proporcionaram espaço para o coletivo refletir sobre os saberes escolares e sociais, assim como a realidade das crianças; o papel político do professor e a função da instituição enquanto Organização Não-Governamental (ONG).

³ Esses encontros foram organizados pelo grupo de estagiárias do curso de Pedagogia/Orientação Educacional, no período do segundo semestre de 2000. Durante esses encontros foram realizadas discussões sobre alguns temas ligados à realidade da instituição como planejamento, sexualidade, violência, drogas e educação e comunicação. Tendo como objetivo geral incentivar e orientar os professores para a necessidade de uma formação continuada, despertando seu espírito investigativo e, além disso, orientar na elaboração da proposta pedagógica da instituição. Foram um total de cinco encontros, fazendo parte o seguinte grupo: coordenadora, assistente social, professoras, merendeira, serviços gerais, auxiliar de sala, estagiárias, palestrantes convidados, profissionais voluntários (dentista e médica).

O mobilizador destes encontros foi o *terceiro*, que permitiu aos participantes criarem um objetivo geral para o PFS⁴ e também refletirem sobre os problemas⁵ vividos na prática pedagógica da instituição.

Em decorrência dos problemas relacionados, foram encaminhadas algumas ações para resolvê-los. No campo pedagógico foi estruturado um novo⁶ quadro de atividades para oferecer as crianças: 1) Oficina de Teatro; 2) Oficina de Papel Reciclado; 3) Oficina de Sucata; 4) Oficina de Modelagem; 5) Oficina de Ética. Dentro dessas oficinas oferecidas propus-me ministrar a de teatro, por ter uma pequena experiência e afinidade na área⁷.

Com o grupo foram identificados alguns temas que estão expressos nas relações do cotidiano dos que vivem no espaço urbano da Vila Aparecida e que se julgam importantes para trabalhar com as crianças: *higiene, preconceito e violência*. Dessa forma, no coletivo se propôs, por meio de oficinas de arte, a trabalhar tais temas de forma transversal⁸, visando desenvolver uma educação voltada para a realidade das crianças, a fim de contribuir para formação da cidadania.

Após esses encontros, a instituição me contratou para cumprir vinte horas semanais num período de cinco meses (ago./ dez. de 2000), o qual foi renovado posteriormente para mais cinco meses (Mar./ Jul. de 2001).

Com essa prática educativa por meio do teatro, percebi os inúmeros processos de supressão que as crianças de classe popular sofrem. Senti o quanto nós,

⁴ Objetivo geral definido pelo grupo - Proporcionar à criança de cinco a 12 anos um espaço de interação e integração social, apoio pedagógico e assistência familiar.

⁵ Foram elencados os seguintes problemas pelo grupo: planejamento/ metodologia/ projeto/ avaliação/ equipamentos e material didático/ funções e inter-relações dos funcionários/ horário/ calendário/ ausência de atividades culturais/ ausência da família/ frequência dos alunos/ falta de formação continuada/ e restrito espaço físico.

⁶ Anteriormente, o quadro de atividades do PFS estava organizado resumidamente da seguinte forma: realização dos deveres escolares; atividades voltadas para datas comemorativas, como produção de redações e atividades escritas; momento de Vídeo e televisão, programas e fitas, sem intencionalidade pedagógica; momento livre para brincadeiras no pátio.

⁷ O desejo de pesquisar e fazer teatro sempre estiveram muito presentes em minha vida. Tenho uma pequena experiência com oficinas pedagógicas teatrais e participação em grupos profissionais de teatro, realizado a partir de 1994, no Centro Integrado de Cultura (CIC); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ÁPRIKA produções.

⁸ Entendo que trabalhar de forma transversal é propor-se a romper a distância entre a teoria e a prática, ou seja, aprender o conhecimento teórico vinculado às questões da vida real, buscando obter cidadãos mais participantes. É também tangenciar áreas do conhecimento de forma a trabalhar interdisciplinarmente.

educadores, ficamos fragilizados para lidar com essa realidade e os problemas/dificuldades expressos no cotidiano de uma instituição que pretende atender as crianças de classe popular. Percebi, quanto estamos distantes de compreender a maneira como essas crianças se apropriam, sentem e expressam o mundo em que vivem.

Para esclarecer a afirmativa anterior, será exemplificado rapidamente (no terceiro capítulo haverá dados mais completos sobre esse momento) o primeiro dia da oficina de teatro, quando me apresentei à turma por meio de um fantoche. Recém-formada, entusiasmada, preparei um plano de ensino tendo como objetivo inicial trabalhar a literatura infantil e, para minha surpresa, houve um grande desinteresse por parte das crianças para com a oficina. Precisei levar uma espetada do canivete de uma criança na mão/fantoche, acompanhada da seguinte frase: *não quero ficar aqui dentro da sala ouvindo essa palhaçada*, para me dar conta do quanto as crianças estavam achando a oficina desinteressante.

A partir desse ato, abri espaço para ouvir os alunos, com o interesse de querer saber o porquê do comportamento de resistência para com a atividade. Por meio das narrativas das crianças, foram sendo identificadas algumas experiências e conhecimentos que elas traziam de seu meio, dando a entender que o tema e a forma que trouxe para trabalhar com eles não contemplava seus anseios.

Ao tomar contato com essa realidade, senti a urgência de re-planejamento⁹ das oficinas. O repensar a prática não é uma tarefa simples, mas, sem dúvida, é sempre necessário. Desta forma, foi possível reconhecer o restrito conceito de infância que trazia, o qual, aos poucos foi sendo ampliado nesta experiência. Reconheço que durante a formação do curso de pedagogia não somos preparadas para trabalhar em 'favelas' e, no mais das vezes, desconhecemos a cultura desses espaços. Deparei-me na prática com um universo espaço-temporal completamente diferente daquele com que estou habituada, pois na minha trajetória de vida com o que aprendi na academia e nos livros, entendia que qualquer criança adoraria o fantoche grande e colorido, cheio

⁹ Entendo o planejamento como processo dentro de uma relação dialética, onde o fazer e o pensar devam estar em constante movimento, para promover ações que venham ao encontro dos interesses da coletividade envolvida.

de histórias e fantasias para contar. Porém, percebi que este era exatamente aquele modelo de criança ideal, isto é, só poderiam perceber tais características do fantoche aquelas crianças que tiveram um adulto para estimulá-las na imaginação, com oportunidade de brincar e ter brinquedos, carinho, atenção e proteção.

Ao longo das oficinas fui tentando desconstruir essa imagem idealizada de infância e busquei me aproximar para conhecer o modo singular que essas crianças produzem cultura, suas regras, sua linguagem própria e seus valores que constroem para conviver em um espaço em comum. Essa não foi e não é uma tarefa fácil, mas no convívio com as crianças e o auxílio das peças teatrais, onde as crianças representaram suas vidas essa realidade ficou mais visível.

Arroyo (1996), entre outros, analisa a tradicional dificuldade e, ao mesmo tempo, a necessidade, que os professores da educação têm em trabalhar a diversidade de tempos, de ritmos, de valores e de culturas, percebendo a *sala de aula* como um espaço de contradição¹⁰, como uma das várias arenas do conflito social em que a cultura dominante – com os seus códigos, disciplina, valores, preconceitos de gênero, raça e etnia – aparece confrontando-se diretamente com uma cultura de classe localizada. Nesse sentido e, muitas vezes, por não se saber trabalhar com esse diferente – isto é, com os diferentes costumes, símbolos, organização de espaços e tempos, expressões artísticas e corporais – nega-se essa realidade.

Assim, nós, professores, temos o desafio de promover o diálogo entre a cultura escolar e a cultura dos educandos, o saber científico e o saber popular, a “cultura do livro” e a “cultura da ‘favela’”, a “cultura do silêncio” e da “violência”.

É com o interesse de querer promover tal diálogo, que quero entender o modo como as crianças da ‘favela’ Vila Aparecida se apropriam do espaço urbano em que estão inseridas.

No início, nem imaginava essa experiência da oficina de teatro em um projeto de mestrado. Ao longo da trajetória, a prática foi se tornando tão significativa para as

¹⁰ O conceito de contradição é aqui entendido na perspectiva já apontada por Cury (1986, 76), em que no modo de produção capitalista, “a educação é portadora de uma promessa que a burguesia não foi capaz de cumprir, porque significaria, de um lado, manter a prática da exploração e, de outro, provocar, como momento dessa prática, um saber crítico. Essa provocação, embora desarticulada ou reprimida, existe em “germe” na educação. Se ela é a expressão do domínio de classe, é porque antes de mais nada é expressão de luta de classe”.

crianças e para o PFS, que nasceram os fios que permitiram tecer uma proposta de pesquisa. Nessa experiência, o que mais se apresentou de significativo foi o espaço de representação que as oficinas de teatro possibilitaram para as crianças manifestarem suas apropriações sobre o espaço urbano em que vivem. A partir desse interesse *de querer compreender as apropriações de crianças em espaços urbanos localizados*, tinha a clareza que tais oficinas não eram apenas mais um trabalho inserido na atuação do PFS. As oficinas de teatro mostravam-se, a princípio, como um importante instrumento de coleta de dados para pesquisas empíricas.

a) Por que pesquisar?

Considero relevante trabalhar o espaço urbano¹¹ por ser onde se encontram os múltiplos e variados conflitos sociais, é o *locus* da cultura de classe; o lugar, em que as diferentes classes vivem, produzem e se reproduzem, por meio de um conjunto de símbolos, e campo de lutas. Segundo Lago (1996, p. 58), *“esse espaço ocupado pelo homem, o espaço cultural-humanizado, mostra um verdadeiro mapa, uma radiografia da diferenciação social. Os privilégios de classe, a discriminação de parte da população, estão perfeitamente retratados na ocupação do espaço”*. Assim, acredita-se que, por entre as ‘favelas’, escondem-se os diversos mecanismos ligados à exploração do trabalho, o papel do Estado e a própria estruturação da cidade, que, antes, as classes eram concentradas num único espaço, que agora se encontra fragmentado¹². Sendo assim, esse espaço urbano da cidade, vivenciado no seu cotidiano por crianças de classe popular, precisa ser compreendido e explicado, até para que as instituições

¹¹ Analisar o espaço urbano significa compreender o espaço concreto, expresso na materialidade da cidade, e a sua “interatividade” com o espaço abstrato, expresso nas relações sociais, econômicas e políticas. “O urbano nasce, pois, do processo de se conferir sentido ao espaço, construí-lo como o lugar dos processos econômicos, sociais e simbólicos”. (FACCIO, 1997, p.72).

¹² Para entender a estrutura da cidade do século XXI, é necessário fazer uma breve reconstituição sobre como era estruturada a cidade antiga e a metrópole contemporânea: “(...) hoje não há mais muralhas; ao contrário da cidade antiga, a metrópole contemporânea se estende ao infinito, não circunscreve nada senão sua potência devoradora de expansão e circulação. Ao contrário da cidade antiga, que era fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital, em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios”. Para saber mais sobre as cidades antigas ver - LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades. São Paulo, Ed. UNESP, 1997.

educativas possam aproximar-se desse espaço da ‘favela’ e indicar novos significados à vida do aluno.

Escolhi pensar em um espaço urbano localizado, a partir da experiência com o teatro como meio de coleta de dados, para analisar as representações das apropriações das crianças das classes populares a respeito da violência; drogas; desemprego, família/mãe entre outros temas que emergiram das próprias crianças durante a construção das peças teatrais, os quais vieram ao encontro com alguns dos temas iniciais propostos pelo grupo de professores do PFS¹³. Esses temas contemplados nas peças teatrais demonstraram uma riqueza de detalhes, que poderão sustentar inúmeras ações de maiores proporções como às presentes nas particularidades das relações da educação com a cultura e a arte.

Optei por analisar as apropriações que as crianças fazem do espaço urbano da ‘favela’ Vila Aparecida, a partir da necessidade e do desejo de querer contribuir para com as práticas pedagógicas desenvolvidas nos espaços educativos (Instituições Escolares, ONG’s entre outros). Ou seja, parto do entendimento que, a situação de vida da ‘favela’ proporciona habilidades, experiências e conhecimentos que são pouco levados em conta pelas instituições educativas, já que os conteúdos programáticos, a linguagem e os comportamentos propostos aos alunos estão desvinculados do que é vivido por eles, segundo os estudos de Medeiros,

As crianças que vivem em favela sentem-se em ‘casa alheia’ na escola, devido os professores falarem uma linguagem que não é a sua, sua vida e seus problemas são ignorados, lêem livros onde não encontram nada parecido com o seu mundo. (1986, p. 12)

Sendo assim, aqui está um dos grandes desafios que conduzem à necessidade de uma investigação: os espaços educativos são uma possibilidade de valorizar e reconhecer a cultura produzida em espaço urbano localizado e vivida por grupos de crianças de classe popular.

Para Freire (1987, p. 21), a arte e, entre esta, o teatro, é um meio de se alcançar tal possibilidade mencionada. Compreende a arte como *pronúncias do mundo*, como outras formas possíveis de expressão da sua cultura. “*Este pronunciar nas artes*

¹³ Os temas iniciais propostos pelo grupo de professores do PFS, estão na pág. 20, dessa dissertação.

supera, revoluciona o dizer a palavra (a comunicação verbal), portanto, conjuga a estas possibilidades das expressões não verbais (do corpo) e das expressões emotivas, sentimentais, imaginárias e criadoras". Talvez, por essa razão, as artes nas escolas públicas sejam tão pouco privilegiadas, à medida que são instrumentos que possibilitam a crítica da cultura dominante e, por propiciarem 'o dar voz aos dominados', permitem também conhecer realidades vividas e representadas.

Lembrando que o espaço urbano privilegiado para o estudo foi a 'favela' Vila Aparecida, vista como um espaço localizado, o desafio aumenta por acreditar que esse espaço particular contém elementos da história social, ao qual está integrado e, por isso, a sua compreensão torna possível compreender aspectos da teia das relações que constituem a sociedade. Porém, vale a pena ressaltar que esta pesquisa representa "um olhar" ante as inúmeras possibilidades que se pode obter da 'favela' Vila Aparecida.

Tenho a intenção de analisar, por meio das oficinas de teatro, as apropriações que essas crianças fazem de suas experiências de vida e que ocorrem dentro de espaço urbano localizado, que entendo como um reflexo do universo de seus pais e das pessoas do espaço onde vivem. Tal busca não se limita ao que dizem as crianças, mas também as apropriações representadas simbolicamente sobre o espaço urbano nas peças teatrais. Sendo assim, tenho a pretensão de contribuir, por meio desta pesquisa, para a reflexão de outras experiências semelhantes na cidade e, em nível subsequente, na orientação de novas práticas de educadores que se envolvam em projetos similares.

b) O que pesquisar?

O objetivo principal dessa pesquisa buscar perceber, por meio dos dados coletados pelas oficinas de teatro ***quais as apropriações que crianças moradoras da 'favela' Vila Aparecida, em Florianópolis/SC, fazem do espaço urbano em que estão inseridas***, visando poder compreendê-las melhor no contexto educativo.

Para auxiliar na discussão foram elaborados quatro objetivos específicos: a) pontuar aspectos da história sobre o processo de urbanização de Florianópolis/SC a

partir do século XX, buscando dar ênfase ao processo de construção das ‘favelas’; b) perceber o processo de organização do espaço urbano da ‘favela’ Vila Aparecida, sobre os aspectos da composição espacial, cultural, social e econômica; c) traçar aspectos sobre o PFS, que vão desde a sua estrutura física e administrativa até a caracterização dos sujeitos nela envolvidos; d) compreender, por meio das oficinas de teatro, as apropriações que as crianças fazem da ‘favela’ Vila Aparecida.

c) Como pesquisar?

Tenho como finalidade metodológica proporcionar a discussão de forma dialética, em que a teoria e a prática possam dialogar entre si. Nessa perspectiva, muitas idas e vindas serão feitas, partindo do macro social para o micro e vice-versa, buscando constantemente superar a generalidade para dar lugar às contradições e à totalidade do objeto estudado. Entendo que a *metodologia qualitativa* configura-se como a mais apropriada nessa pesquisa.

De acordo com Bogdan e Birten (In: TRIVIÑOS, 1987), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados; é descritiva; os pesquisadores estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e produtos; e o significado é a preocupação essencial na abordagem, não seguindo etapas rígidas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa, sendo as informações colhidas e interpretadas para nova busca de dados. Dessa forma, a pesquisa, como também a realidade, não é algo pronto e acabado, é um processo em permanente superação.

Dentro das várias propostas de pesquisa qualitativa, optei pela observação participante¹⁴ para auxiliar a compreender com profundidade o objeto escolhido, desde o seu espaço físico até seus aspectos culturais.

Entendo que a observação participante é um processo onde o pesquisador está em relação face a face com os sujeitos e, ao participar da vida deles, colhe dados. Assim, o pesquisador é parte do contexto sobre a observação, ao mesmo tempo

¹⁴ Sobre observação participante ver: MEKSENAS, Paulo. *Pesquisa Social e Ação Pedagógica – conceitos, métodos e práticas*. São Paulo: Loyola, 2002.

modificando e sendo modificado por este contexto. A realidade passa a abranger não apenas a criança, mas também a pesquisadora, a relação entre eles e a situação vivida em cada momento da pesquisa. Tal postura exigiu uma relação muito próxima às crianças. E esta decisão foi fundamental para o trabalho, visto que muitas informações foram prestadas devido ao grau de intimidade que se estabeleceu entre a pesquisadora e as crianças.

▪ **Procedimentos investigativos**

Os procedimentos investigativos auxiliam no alcance e na interpretação dos dados. Servem de mediação para se aproximar do objeto com o qual se está trabalhando. Vale ressaltar que utilizei vários instrumentos para essa pesquisa: oficina de teatro com crianças; depoimentos com moradores da ‘favela’ Vila Aparecida; visitas no PFS e na ‘favela’ referendada; e, fontes secundárias: mapas e documentos sobre Florianópolis, a Vila Aparecida, o PFS e as crianças. A seguir, explicitarei cada um deles no contexto dessa pesquisa.

- **Oficina de Teatro**

Esta etapa ocorreu entre os anos de 2000/2001 e perdurou aproximadamente um ano. Nesse primeiro momento de coleta de dados, desempenhei um papel participativo na própria realidade dos fatos observados. Houve uma explícita interação entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa. Essa interação produziu prioridade de problemas a serem pesquisados e soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta. Para isso *o teatro foi utilizado como um instrumento de pesquisa, que, por meio das falas e das representações corporais, foi possível coletar dados e propor reflexões sobre o espaço urbano das crianças envolvidas.*

Segundo Peixoto (1980, p. 20), *“o teatro, enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo é um instrumento essencial para o desenvolvimento da sensibilidade e da consciência, pois propicia ao ser humano o contato consigo mesmo, com seus semelhantes e com o universo”*. Dessa maneira, procuro compreender que o teatro é um instrumento significativo para o desenvolvimento da capacidade de

imaginar e de pensar soluções para transformações de "situações limites"^{*}, bem como um expressivo instrumento de alimento às utopias. Segundo Paulo Freire, (1987, p. 90), (...) *"situações limites - não são o contorno infranqueável onde terminam as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades"*. Seguindo esse pensamento de Paulo Freire, compreendo que o teatro pode vir a promover a autonomia do sujeito em relação a essas situações limites, por meio de ações limites originadas de formas mais complexas e multidimensionais de compreender o mundo.

As oficinas de teatro, como procedimento qualitativo em pesquisas empíricas, foram desenvolvidas em diálogo com alguns pressupostos da pedagogia de Paulo Freire, isto é, dentro de uma concepção dialética em que o educador e o educando aprendem juntos. Uma relação dinâmica em que o aluno é o sujeito da aprendizagem e o professor, o mediador, de forma que o conteúdo parte do contexto em que o aluno está inserido e também pelas proposições do docente. A educação, na concepção Freiriana, é acima de tudo um ato político. A preocupação sócio-educacional de Freire reflete-se na importância dada ao compromisso do indivíduo no mundo, como sujeito histórico que, respeitado no seu saber e na sua possibilidade de aquisição de uma consciência crítica, passa a atuar com o mesmo respeito em relação a seus semelhantes. Freire sempre defendeu a construção de uma nova consciência social que fosse capaz de modificar não apenas a realidade daqueles que estão aprendendo, como também a sociedade no todo. O autor deixa claro em suas obras (Cf. Freire, 1993, 1998, entre outros) o seu compromisso com a transformação do indivíduo em um ser autônomo e atuante e, conseqüentemente, apto para militar pela transformação social.

Partindo dessa perspectiva educativa, é que as oficinas teatrais foram estruturadas, tentando aproximar-se da realidade das crianças, buscando respeitar e integrar a diversidade dos sujeitos e de seus diferentes pontos de vista. Como também, favorecer a reflexão, a expressão e a interpretação do cotidiano e do espaço em que vivem, que é a 'favela' Vila Aparecida. Além disso, busquei estimular momentos para sonhar e imaginar um mundo melhor, alimentando o sentimento de auto-estima e

* Para saber mais sobre o teatro como instrumento de reflexão e ação coletiva, de contestação, de denúncia, ver: Zé Celso Martinês Corrêa; Augusto Boal; Bertold Brecht; Fernando Peixoto; Ferreira Gullar; Sabato Magaldi e Plínio Marcos.

criatividade das crianças. Cabe ressaltar que as peças foram construídas e dramatizadas com o auxílio de todas as crianças. Essa participação dos sujeitos foi de fundamental importância, principalmente no momento da elaboração das mesmas, os quais ofereceram espaço para dialogar sobre o modo como se vive na 'favela' Vila Aparecida. No decorrer do processo construí junto às crianças os textos das peças, os quais resultaram num total de seis encenações teatrais que trouxeram temas sobre o dia-a-dia vivido pelas crianças: drogas; desemprego; violência; saúde; família/mãe, entre outros. Dentre essas peças teatrais, analisei somente três delas, o que corresponde a 50% da amostra. Essas discussões realizadas sobre o cotidiano do espaço urbano da 'favela' Vila Aparecida com as crianças e as peças criadas e dramatizadas pelas mesmas, serviram para coletar dados para essa pesquisa.

Importante salientar que, para analisar essa experiência, foi feito uso do diário de campo, banco de imagens das filmagens e fotos registradas pela pesquisadora durante as oficinas realizadas.

- Depoimento

Num segundo momento de coleta de dados foi utilizado outro método em pesquisa empírica: *"o depoimento"*. Realizou-se com quatro moradores da 'favela' Vila Aparecida, com o intuito de, por meio de narrativas, penetrar na história do tempo, dos acontecimentos que marcaram aquele local. Segundo Meksenas (2002, p.130), *"o caráter qualitativo do depoimento conduz o pesquisador ao trato com as concepções de mundo, os valores e as narrativas dos sujeitos investigados, capazes de explicar aspectos de suas práticas e das interações sociais passadas ou presentes"*. Importante salientar que esses dados auxiliaram na caracterização da 'favela' Vila Aparecida como demonstrarei no Capítulo 2.

- Visitas

Além desses instrumentos citados, foram também realizadas visitas no espaço urbano da 'favela' Vila Aparecida, com vistas a intensificar o olhar da pesquisadora sobre a realidade social em análise. Concordo com Rolnik (1988), quando ressalta que não são somente os textos que a cidade produz (documentos, ordens e

inventários) que fixam esta memória; a própria arquitetura urbana cumpre também este papel. *”O desenho das ruas, das casas e das praças, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê um texto”.* (Cf. p.16-17)

Essas visitas aproximaram-me ainda mais do universo da pesquisa. Serviram para descortinar a paisagem, que somente conhecia de longe. Caminhando por entre as ruelas, pude observar a disposição das casas e suas condições, as pessoas e a maneira como ocupam o lugar, os recursos e as condições dos serviços urbanos, assim como outros aspectos, os quais serão detalhados no decorrer da pesquisa. Importante lembrar que essas visitas foram registradas por meio de diário de campo, gravação de fala e fotografias.

- Fontes secundárias

Associados aos instrumentos de oficinas, depoimentos, entrevistas e visitas, utilizei também documentos e mapas de órgãos públicos, como a Secretária da Saúde de Florianópolis, o IBGE, o IPUF, entre outros. Neste último caso, para obter dados a respeito do processo de urbanização do município de Florianópolis e Vila Aparecida. Além desses, analisei os relatórios de estudos sociais referentes à família das crianças atendidas pelo PFS - realizado pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC, a fim de elucidar características das crianças e de suas respectivas famílias nos aspectos culturais.

d) Como estruturar a pesquisa?

A estrutura do texto não foi algo pré-estabelecido. Sendo que muitas frases foram ao longo do processo cortadas ou reconstruídas, por vários motivos: por estarem fugindo do tema, por perceber que o assunto citado estava superficial ou, até mesmo, porque estava escrevendo demais sobre um determinado assunto que não era o cerne da pesquisa. Em outros momentos, precisei correr contra o tempo para produzir novos textos, buscar outras fontes para dar conta de determinados conceitos.

Nessa busca incansável pelo conhecimento, descobri várias e novas fontes para a pesquisa, assim como: núcleos de estudo dos cursos de geografia, arquitetura e sociologia; infinitos endereços na Internet; bibliotecas do IBGE e IPUF; relatórios sobre as famílias das crianças; congressos e seminários que oportunizaram contatos com pesquisadores desconhecidos, pois possuíam pesquisas próximas ao meu tema; livros preciosos que amigos e professores emprestavam, além das conversas e dicas de corredor e, outras tantas fontes que já foram citadas.

De alguma forma, todas as fontes pesquisadas contribuíram para construir esse texto, que está distribuído entre os respectivos capítulos.

No primeiro, abordo alguns conceitos sobre, espaço urbano, favela e favelado, assim como também caracterizo os grupos de classe que produzem o espaço urbano. Situo a organização e dinâmica do processo de urbanização e industrialização da cidade de Florianópolis/SC, a partir do século XX, tendo por objetivo compreender o movimento do surgimento das áreas periféricas, assim como as conseqüências do processo de urbanização, no âmbito da pobreza; favelização e violência urbana, especificamente sobre a área continental de Florianópolis, local em que fica situada a 'favela' Vila Aparecida, universo da presente pesquisa.

No segundo capítulo, por meio da fala dos moradores, situo os aspectos históricos do surgimento da Vila Aparecida, fazendo uma breve apreciação da localização e da situação da área frente às políticas públicas existentes. Procuo apresentar as condições dos domicílios e equipamentos urbanos/ comunitários, assim como, dados específicos sobre os moradores: a origem da migração, idade, escolaridade, renda e aspectos da cultura local. Com esse material coletado tenho por objetivo agregar dados para o vislumbre de aspectos da composição espacial, cultural, social e econômica da "favela" Vila Aparecida, espaço em que vivem os sujeitos da pesquisa.

No terceiro capítulo, trago dados sobre o PFS, instituição onde se deu a empiria do presente estudo. Esses dados referem-se à estrutura física e administrativa e também ao perfil das crianças atendidas pelo PFS. Tal perfil diz respeito ao local onde as crianças moram, idade, sexo, escolaridade, rotina, assim como aspectos sobre

suas famílias, isto é, o número de componentes, da renda familiar, da escolaridade e das profissões dos pais.

No último capítulo, busco fazer uma análise sobre as oficinas do teatro enquanto instrumento de coleta de dados em pesquisas empíricas. Pretendo analisar as apropriações de crianças sobre o espaço urbano em que vivem, por meio das peças criadas pelas mesmas.

A partir desse conjunto de capítulos constituí o texto final, o qual reflete as descobertas valorizadas nessa pesquisa. Apresento uma conclusão parcial, fazendo menção que tal discussão não se encerra, uma vez que esta dissertação continua latente através da prática educativa estabelecida, sob a forma de devolução do conteúdo ao PFS e à academia.

Por fim, aqui fica registrado algumas reflexões pedagógicas para compartilhar e submeter à apreciação crítica daqueles interessados em discutir e pensar a dimensão educativa da influência do espaço urbano, na produção e reprodução do conhecimento.

Capítulo 1

Espaço Urbano Capitalista



Ilha de Florianópolis/SC – Avenida Beira Mar Norte.

Para analisar o objeto aqui proposto, que diz respeito à compreensão analítica da apropriação de crianças da classe popular no espaço urbano em que vivem, foi necessário optar por alguns elementos teóricos e metodológicos que auxiliassem na aproximação desse objeto.

Num primeiro momento desse capítulo, procuro refletir sobre o que vem a ser o espaço urbano e quem são os sujeitos que o produzem. Analiso também, algumas das conseqüências que o processo de urbanização brasileiro, sob o sistema capitalista, gerou no espaço urbano, tais como: pobreza, favelização e violência urbana.

Seguindo o percurso, no segundo momento, trarei traços da história da urbanização em Florianópolis, a partir do século XX, a fim de tentar entender a constituição das 'favelas'. Em especial, a área do continente de Florianópolis, local onde fica situada a 'favela' Vila Aparecida, universo da presente pesquisa.

Será feito esse percurso partindo do entendimento de que, para compreender o particular, é preciso sempre inserí-lo no contexto maior de que faz parte da realidade. Assim, percebo a realidade; de acordo com Kosik,

(...) a realidade é um processo de concretização que procede do todo para as partes e das partes para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade; e, justamente neste processo de correlações em espiral, no qual todos os conceitos entram em movimento recíproco e se elucidam mutuamente, atinge a concreticidade (1976, p. 41-42).

Traçando o caminho dessa forma, pretendo levantar dados de Florianópolis que visem a colaborar para entender, no próximo capítulo, o contexto histórico e os aspectos que contribuíram para formar a 'favela' Vila Aparecida.

Dentro dessa problemática, algumas questões foram levantadas a nível global e local, para auxiliar na percepção dos elementos que precisam ser aprofundados para aproximar-se da compreensão do objeto: Qual é a lógica do

capitalismo no espaço urbano? Como foram surgindo as favelas? O que caracteriza uma favela e um favelado? Como se constitui a favela? Como se apresenta o espaço da favela? Quem são os sujeitos que vivem na favela? Quais as mudanças que ocorreram no espaço urbano de Florianópolis/SC, a partir do séc. XX? Como surgiram às favelas em Florianópolis?

O pequeno texto interpretativo preliminar, que segue, certamente apresenta-se demasiado simplificado para dar conta de todas as nuances e contradições do espaço urbano. Porém, não perde seu caráter provocativo, de ser um texto inicial que trará elementos para compreender o espaço da 'favela' em que a criança vive e se desenvolve. Tal gama de conhecimento talvez venha a contribuir para a re-significação das diversas visões dos profissionais do ensino ao lidarem com crianças que possuem um perfil semelhante ao indicado nessa pesquisa.

1.1 DADOS PRELIMINARES

Parto do princípio que o espaço urbano da cidade capitalista não é algo dado, nem acabado, mas sim algo em movimento, que é construído e reconstruído por grupos de classe em paralelo às transformações do mundo do trabalho.

Assim, o espaço urbano é uma criação humana, é realizado por homens, mulheres e crianças, os quais definem identidades e lugares, construindo espaços totalmente heterogêneos, conforme sua cultura e situação econômica. Como são muitas as pessoas que contribuem na formação de uma determinada realidade sócio-espacial, cada espaço é único, pois constitui o resultado dinâmico da combinação das relações humanas e de classe. Desta forma, homens, mulheres e crianças mudam o espaço urbano e o espaço urbano também muda a eles.

Corrêa (1993, p.09) conceitua o espaço urbano como sendo um *“espaço fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social e é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem, sendo um conjunto de símbolos e campo de lutas”*. Pode-se completar esse conceito acrescentando que o espaço urbano

não se restringe apenas a ser o *locus* das relações de reprodução das classes sociais, mas também o local de produção dessas classes. O espaço urbano constitui um produto dessas relações e é, ao mesmo tempo, mediador dela, isto é, fruto do trabalho social de uma sociedade. Dentro desse espaço, desenvolve-se a história de um povo, suas relações culturais, sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Dentro dessas relações humanas, que produzem e reproduzem o espaço urbano, pode-se compreender que ele pode estar dividido em dois grupos, conforme afirmam os estudos de Oliveira (2001, p.15), no Estatuto da Cidade de Florianópolis

O espaço urbano está dividido entre formal e o informal. No primeiro, moram, trabalham, circulam e se divertem os privilegiados grupos que têm acesso aos sofisticados investimentos privados e públicos. No outro, denominado informal, está ocupado por população pobre que também trabalha, circula e se diverte na cidade, porém, mora em favelas, em loteamentos irregulares e loteamentos ilegais que cresceram e se expandiram sem a ação efetiva do poder público na dotação necessária dos serviços e equipamentos urbanos básicos.

Entre essa separação antagônica, concorrente e complementar – produz-se à vida urbana brasileira. Além dessas duas formas extrema de entender os grupos de classe que estão presentes na cidade, tem-se também os estudos do autor Corrêa (1993, p.13-31), quando afirma que as relações existentes na cidade resultam em ações acumuladas, que são criadas pelos “**agentes sociais**”, que produzem e consomem o espaço. São eles:

- a) *proprietários industriais e os grandes comerciantes* – devido à dimensão de suas atividades, são consumidores de espaço e, para se instalarem, necessitam de terrenos baratos e amplos. A terra urbana possui, assim, duas funções: a de suporte físico e a de expressão diferencial dos requisitos locacionais às atividades;
- b) *proprietários fundiários* – atuam visando à obtenção de maior renda fundiária de suas propriedades. Têm interesse particularmente pela conversão da terra rural em urbana, devido à maior valorização da terra urbana;

- c) *promotores imobiliários* – que compreendem um conjunto de agentes que operam parcial ou totalmente na sociedade. Sua estratégia objetiva-se na produção de imóveis, em construção de habitações populares;
- d) *Estado* – que atua como regulador do uso do solo. É também o alvo das reivindicações dos chamados movimentos sociais. Sua atuação fundamenta-se principalmente em criar condições para viabilizar a realização e reprodução da sociedade;
- e) *grupos sociais excluídos*¹⁵ – que, por serem uma população excluída economicamente, têm como alternativas de moradia os cortiços localizados próximos da cidade, os sistemas de autocostrução em loteamentos periféricos e a favela.

Esses grandes blocos se subdividem internamente em uma série de grupos heterogêneos, plurais e muitas vezes até divergentes. Há uma grande complexidade nestes, na maneira em que cada um deles se apropria do espaço urbano. Todos esses modeladores do espaço urbano têm origem na dinâmica de acumulação de capital, que tem por norma: quanto maior a cidade, maior o grau de complexidade da economia e da composição da sociedade.

Na busca da compreensão sobre a atuação desses “agentes sociais” no espaço urbano Brasileiro, é conveniente entender a atuação do Estado. Esta instituição política possui um papel importante e contraditório na organização espacial da cidade, por meio de intervenção e dos investimentos do poder público no espaço. Desta forma, age como promotor imobiliário, ou seja, ajuda o interesse do capital imobiliário a promover condições para solucionar problemas, como é a questão do *deficit* de residências populares. O Estado cria órgãos, como as Cooperativas de Habitação – COHAB – e até mesmo mecanismos jurídicos e financeiros, como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS, que têm como objetivo viabilizar a acumulação

¹⁵ O termo “grupos sociais excluídos” é utilizado por Côrrea e não pela pesquisadora. O entendimento para nomear tal grupo nesta pesquisa é “classes populares”. Na obra “A Miséria da Teoria”, Thompson (1979, p.38) descreve as classes sociais, afirmando que acontecem à medida que os homens e mulheres vivem suas relações de produção e experimentam situações determinadas dentro do conjunto de relações sociais com uma cultura e expectativas herdadas. Assim, a classe vai se constituindo, ela não é um produto. Esse fazer através da experiência humana, gerada na vida material e na relação social é que promove a *cultura de classe*, a qual está em constante construção, movimento e contradição.

capitalista através da produção de habitações. Porém, o Estado não atua ao acaso, nem de modo socialmente neutro. Ao ser utilizado como um instrumento de classe para garantir o desenvolvimento capitalista, o Estado contribui para a criação de um espaço que incorpora características do modo de produção capitalista. Cabe ao Estado o papel de gestor do urbano: ele vai definir como e com que intensidade o processo de urbanização vai ocorrer, através da natureza de suas posições. Conforme Rocha (1998, p.55),

(...) desta maneira, com relação ao ambiente urbano a atuação estatal tende a promover a dominação do capital imobiliário sobre a cidade, ou seja, a dominação do espaço abstrato e fragmentado sobre o espaço social. A fragmentação espacial também diz respeito à fragmentação das classes sociais, que competem para conseguir as melhores localizações relativas dentro da cidade. Por outro lado, o Estado atua no sentido de evitar os conflitos sociais, procurando dissimulá-los. Isso porque, apesar de adotar medidas que acabam favorecendo as parcelas privilegiadas da população, ele as justifica como sendo de interesse geral para o funcionamento adequado da sociedade.

Assim, na atuação do Estado estão implícitos alguns jogos de interesses daqueles que estão no poder, favorecendo segmentos da classe dominante, o que se pode ver mais adiante, no item 2 desse capítulo, ao fazer referência ao contexto da cidade de Florianópolis/SC.

1.1.1 - Conseqüências da Urbanização

O espaço urbano foi surgindo com a urbanização, a qual consiste no aumento relativo da população das cidades, acompanhada, portanto, pela redução da porcentagem da população do campo. Na maioria dos exemplos históricos, a urbanização ocorreu simultaneamente com a industrialização. No Brasil, a industrialização surge na segunda metade do século XIX, com a cafeicultura, conforme Ianni (1988, p.32): *“é nessa época que ocorre a metamorfose do excedente agrário em capital industrial. Ainda que esse processo não seja único, na primeira época da industrialização, os capitais do setor fabril são originários do setor cafeeiro. Direta ou indiretamente, a cafeicultura alimenta o estágio inicial da industrialização e do êxodo*

rural”. Dessa forma, aos poucos o quadro de modernização da economia brasileira foi sendo modificado.

Porém, essa mudança na economia brasileira trouxe vários problemas para as atividades agrárias, como a concentração fundiária, mecanização rural e mudanças nas relações de trabalho na agropecuária. Gerou desemprego e miséria nas zonas rurais, o que levou um grande contingente populacional do campo em direção às cidades em busca de melhores condições de vida. Esse período foi marcado por intensas migrações, tanto no sentido do campo para as cidades, como, num quadro mais amplo, dos estados e regiões de economia agrária para os espaços industrializados.

Conforme Fridman (1991, p.143), todo esse êxodo rural acarretou em conseqüências danosas para as cidades. *“O crescimento econômico não foi acompanhado pela melhoria da qualidade de vida, gerando distorções de toda ordem – como o descuido com o equilíbrio ecológico a insuficiência dos recursos direcionados à infra-estrutura urbana e os efeitos perversos da segregação. A crise habitacional reservou sua face mais cruel para a população de média e baixa renda”*. Tais conseqüências atingiram diretamente a classe mais empobrecida, principalmente no que diz respeito à falta de moradias e favelização, à carência de infra-estrutura urbana, ao crescimento da economia informal, a poluição e a violência urbana.

Essas conseqüências tornam-se mais representativas, a partir das décadas de 1950, 1960 e 1970, período que, de fato, deu a consolidação da industrialização brasileira e, conseqüentemente, o aumento no processo de migração do homem do campo para os espaços urbanos.

Desde o desenvolvimento industrial no Brasil, a migração para os centros das cidades não parou mais. *“Chegamos ao ano de 2000 com o território nacional abrigando 169.799.170 milhões de habitantes, sendo que 137.755.550 brasileiros vivendo em áreas urbanas”* (OLIVEIRA, 2001, p.3), o que significa que 81% da população brasileira moram em cidades. Observe a Tabela 1:

TABELA 1 - CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA NO BRASIL

Ano	% População
1900	9,40
1920	10,70
1940	31,24
1950	36,16
1960	44,93
1970	55,92
1980	67,59
1990	75,59
2000	81,23

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2000.

Ao analisar a Tabela 1, percebe-se que, entre 1900 e 1920, o índice se mantém pequeno em termos de variação da população urbana brasileira. O fato é que, de 1920 a 1940, a população subira de 10,70 para 31,24, crescendo mais de 200% em apenas 20 anos. Segundo Santos (1993, p.22), *“a população concentrada em cidades passa de 4.552.000 pessoas, em 1920, para 6.208.699, em 1940”*. Mas, é entre 1940 e 1970 que acontece a grande inversão do lugar de residência da população brasileira, e se chega na década de 70 com 55,24% da população vivendo no espaço urbano. Hoje, a população brasileira urbana chega a passar dos 81,23 %. Esse número representa quase o dobro do número da população urbana de 1960. Segundo Oliveira (2001, p.01) *“foi no final do século XX que o país se urbanizou”*.

Nesse movimento incessante de urbanização, as periferias, os subúrbios, as indústrias, as estradas e vias expressas recobrem e absorvem as zonas rurais. *“É um movimento que tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo”* (ROLNIK, 1988, p.12). No ritmo acelerado de crescimento das cidades, tem-se cada vez mais desigual a distribuição dos recursos nas áreas urbanas, o que vem repercutir diretamente na baixa qualidade de vida de grande parte da população de classe popular urbana, a qual fica relegada ao acesso de serviços públicos, como: moradias adequadas, transporte coletivo, trabalho, educação, saúde e lazer. Assim, as classes populares são lançadas ao submundo, à subnutrição, ao subemprego, a condições subumanas e humilhantes de existência. Portanto, toda essa velocidade no processo de urbanização da sociedade brasileira tem resultado em graves conseqüências, tais como: a pobreza, a favelização e a violência urbana.

a) Pobreza

Uma das conseqüências do processo de urbanização é o lamentável cenário de miséria que se formou nas cidades. Chega-se ao ano de 2000 com *“um terço da população vivendo em condições de pobreza absoluta”*. (SUPLICY, 2000, p.51) Notavelmente, uma das grandes causas desse “desastre” é a má distribuição de renda, que gera a desigualdade social e os níveis elevados de *pobreza*. Para melhor compreender a pobreza utilizarei os dados pesquisados pelos autores Barros e Mendonça (2000, p.22), que buscam descrever a evolução da pobreza no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, por meio dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNADs) do IBGE para compreender a pobreza no Brasil.

Barros e Mendonça (2002) esclarecem, por meio dos estudos, que *“a pobreza, não pode ser definida de forma única e universal, contudo pode-se afirmar que a pobreza refere-se a situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida condizente com as referências socialmente estabelecidas em cada contexto histórico”*. A pobreza é caracterizada no Brasil como insuficiência de renda, isto é,

há pobreza na medida em que existem famílias vivendo com renda familiar *per capita* inferior ao nível mínimo necessário para que possam satisfazer suas necessidades mais básicas. A magnitude da pobreza está diretamente relacionada ao número de pessoas vivendo em famílias com renda *per capita* abaixo da linha de pobreza e à distância da renda *per capita* da cada família pobre em relação à linha de pobreza. (BARROS & MENDONÇA, 2000, p.22)

A partir dessa explicação, é possível afirmar que a pobreza no Brasil é sobretudo um problema relacionado à injusta distribuição dos recursos e não à sua escassez. Assim, pode-se afirmar que o conceito de pobreza se confunde com o conceito de desigualdade econômica na sociedade de classes.

A desigualdade salarial indica ser um dos principais determinantes dos elevados níveis de pobreza com que se convive. Isso significa que, *“enquanto os salários dos empregados e os rendimentos do trabalho manual forem baixos e o lucro do capital alto, é impossível querer que todos os moradores da cidade possam comprar*

ou alugar uma casa isolada em um loteamento regular ou um apartamento confortável”. (ROLNIK, 1988, p.68) Porém, o capitalismo necessita dessa população para realizar os serviços menos remunerados, para produzir o espaço urbano, além do que a sua participação no mercado de trabalho na cidade permite não só que os serviços prestados por esses trabalhadores sejam baratos, mas também que os salários mantenham-se baixos.

Percebo que se houvesse melhor distribuição da renda e da riqueza no Brasil poderia ser amenizada a pobreza ou, quem sabe, até erradicá-la. Assim, o país criaria bases sólidas para o desenvolvimento sustentado e mais solidário.

Como citado, a economia brasileira não parece exibir um problema de carência de recursos. Conforme Barros, Henriques e Mendonça (2000, p.27), “o Brasil não é um país pobre, mas um país que mostra a injustiça com muitos pobres”. Os autores fazem essa observação pautados no Relatório de Desenvolvimento Humano de 1999 (PNUD), revelando que, apesar de o Brasil ser um país com muitos pobres, sua população não está entre as mais pobres do mundo. A comparação internacional quanto “à renda per capita do Brasil, o coloca fazendo parte do um terço dos países mais rico do mundo, isto significa que somos a 15ª economia do mundo, portanto, não nos permite considerá-lo um país pobre”. (apud BARROS & MENDONÇA, 2000, p. 27)

Para procurar esclarecer essa questão, os autores apontam que nesse mesmo Relatório encontram-se outras explicações, pois ao comparar o grau de pobreza no Brasil com o dos demais países com renda *per capita* similar, percebo, que tal grau no Brasil é significativamente superior à média dos países com renda similar à brasileira, sugerindo a relevância da má distribuição dos recursos para explicar a intensidade da pobreza nacional. Através dos estudos de Barros e Mendonça (2000, p. 28), pode-se visualizar no Gráfico 1 o nível de pobreza e renda *per capita* de alguns países.

Relação entre nível de pobreza e renda *per capita* para um conjunto selecionado de países

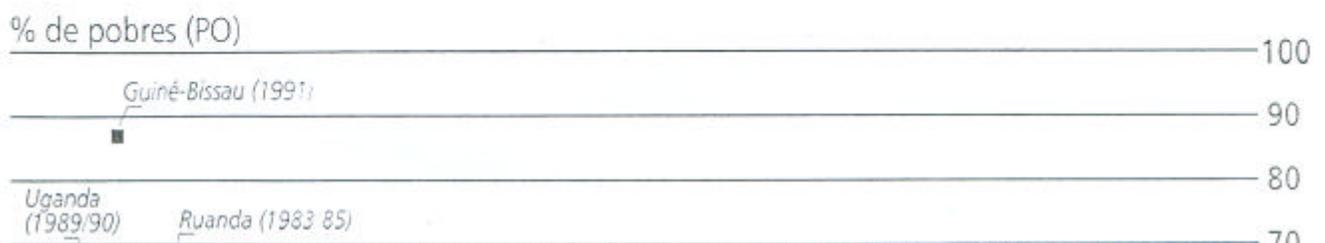
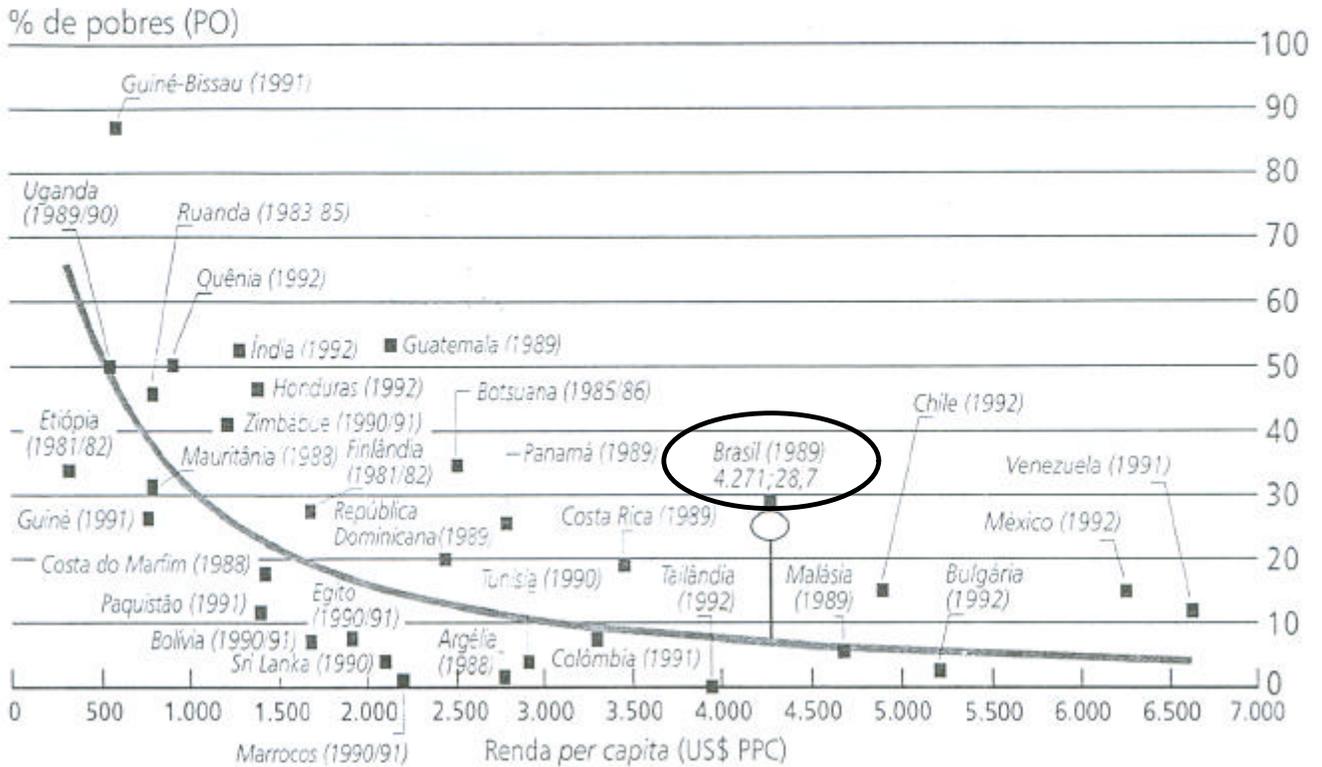


GRÁFICO 1 - RELAÇÃO ENTRE NÍVEL DE POBREZA E RENDA PER CAPITA PARA UM CONJUNTO SELECIONADO DE PAÍSES



Ao analisar o Gráfico 1, verifico que, enquanto no Brasil a população pobre representa cerca de 30% da população total, nos países com renda *per capita* similar à brasileira esse valor corresponde a menos de 10%. Esses dados levantados contribuem à formação de minha percepção de que a desigualdade brasileira não é decorrente de nenhuma fatalidade histórica, apesar de grande parte da sociedade a encarar com naturalidade. A desigualdade é um produto cultural que resulta de um sistema capitalista excludente, que não reconhece a cidadania para todos, assim como os direitos e as oportunidades.

b) Favelização

Em virtude da desigualdade social, que gera a pobreza no Brasil, existem

distribuídas em nossas cidades brasileiras as ‘favelas’¹⁶, as quais servem como espelho revelador da falta de investimento e planejamento do governo para com a habitação das classes populares. Santos (1993, p.89) esclarece, que a problemática do surgimento das favelas pode ser explicada pela lógica capitalista vigente: *“temos um sistema que expulsa cada vez mais as pessoas dos chamados núcleos, levando-as a ocupar periferias, onde não existe um planejamento ou este ainda não foi implantado, o que os torna locais ‘inadequados’ para serem ocupados, sem nenhum tipo de infraestrutura, resultando em um caos para os que ali residem e para o meio ambiente em geral”*.

Para vislumbrar tal problema de habitação no espaço urbano, será utilizada a definição de Villaça (1978, p.33), que cita três modelos definidores da forma de habitar no espaço urbano capitalista:

- 1) A pessoa faz parte do sistema, tem um bom emprego, portanto, pode adquirir sua moradia própria da maneira como preferir (casa e apartamento), morando no centro, em condomínios fechados ou em lugares privilegiados;
- 2) A pessoa tenta fazer parte de um sistema, tem emprego, mas não ganha muito bem; portanto, reside de aluguel em locais mais afastados, sem muitos serviços, ou se inscreve num programa habitacional e parcela seu imóvel;
- 3) A pessoa é excluída do sistema, não tem emprego fixo, instala-se nas periferias sem qualquer tipo de infra-estrutura, através de auto-construção (uso de quem próprio constrói) em assentamentos irregulares de terrenos particulares ou públicos;

O item três representa um típico espaço de aglomeração da pobreza, tanto no espaço rural quanto no espaço urbano, sendo que, nessa pesquisa, limito-me a problematizar a “pobreza” no espaço urbano. Para alguns autores, o item três vem ao encontro da definição de ‘favela’, conforme Preteceille e Valladares (2001, p.461), que conceituam a ‘favela’ como *sendo “uma ocupação ilegal, situada nas encostas de um morro ou localizada em bairro relativamente central, com moradias precárias, sem infra-*

¹⁶ Para conhecer outros significados sobre o termo ‘favela’ além dos que já estão presentes nessa dissertação, buscar em: COPPETE. M. C. Janelas Abertas. UDESC, 2002. (Dissertação de Mestrado).

estrutura e serviços urbanos”. Já para o dicionário da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda (1986, p.736), ‘favela’ é um *“conjunto de habitações populares toscamente construídas (por via de regra em morros) e desprovidas de recursos higiênicos”*.

Ao comparar-se com o conceito do IBGE (2000), verifica-se que, em 1950, o referido instituto decidiu, pela primeira vez, incluir a ‘favela’ na contagem da população e utilizou a seguinte conceituação oficial:

Serão favelas os aglomerados humanos que possuem total ou parcialmente, as seguintes características: a) proporções mínimas: agrupamentos prediais ou residenciais formados com unidades de número geralmente superior a 50; b) tipo de habitação: predominância de casebres ou barracões de aspecto rústico, construídos principalmente de folhas-de-flandres, chapas zincadas ou materiais semelhantes; c) condição jurídica da ocupação: construções sem licenciamento e sem fiscalização, em terrenos de terceiros ou de propriedade desconhecida; d) melhoramento públicos: ausência, no todo ou em parte, de rede sanitária, luz, telefone e água encanada; e e) urbanização: área não urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou emplacamento. (GUIMARÃES, apud PRETECEILLE e VALLADARES, 2000, p.462).

Porém, recentemente (1998), o IBGE mudou o nome ‘favela’ para “aglomerado subnormal” que, oficialmente, é definido como *“um conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”*. Enquanto isso, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) identifica favela como área carente, sendo os conjuntos habitacionais com pelo menos 70% das famílias com renda familiar mensal inferior a três salários mínimos em localidades onde existam problemas de habitação, de equipamentos urbanos e infra-estrutura urbana. Resumidamente, segundo as fontes, os critérios que definem uma favela são: o tamanho, o tipo de habitação, a ocupação ilegal, a disponibilidade de serviços coletivos e a urbanização, além do que também a renda mensal. Com isso, o IBGE utiliza a expressão aglomerado subnormal para designar aquilo que muitas vezes, se conhece como ‘favela’.

A formação das “favelas” ocorre, geralmente, em áreas desprezadas pelos donos do capital imobiliário, isto é, áreas desvalorizadas ou por sua localização ou, por precária qualidade ambiental, sendo caracterizada como loteamento desprestigiado. Conforme afirma Pimenta & Pimenta (2002, p.04), exemplificando o caso da Ilha de Santa Catarina:

Existem várias planícies da Ilha de Santa Catarina, as quais estão desabitadas, não como medida de preservação, mas, ao contrário, como zonas destinadas a intensas urbanizações futuras. Aos pobres, resta a degradação ambiental, comprimindo-se em assentamentos superpovoados, dividindo solidariamente o solo em parcelas ínfimas, para abrigar sempre mais um. (...) As áreas de risco e de preservação ambiental são os únicos terrenos acessíveis aos pobres, numa ilha que tem em seu interior um imenso vazio de planícies.

Assim sendo, o “pobre” é compreendido como uma grande parcela da população que não tem acesso ou não possui renda para alugar e muito menos comprar um imóvel. A ‘favela’ é um local que abriga casas, que geralmente são construídas pelos futuros moradores, com a ajuda gratuita de parentes, vizinhos e conterrâneos. São espaços, via de regra, sem muito conforto, com poucos e pequenos cômodos, com precária ventilação, salubridade e iluminação.

A partir dessa breve explanação sobre ‘favela’, percebe-se que todos os autores até agora se referiram ao conceito de favela contemplando somente as características físicas negativas. Porém, a ‘favela’ é muito mais do que isso, conforme afirmam Zaluar e Alvito (1999, p.07), que descrevem a favela, apontando um outro aspecto, ao qual se refere à pluralidade que nela existe:

A favela ficou registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz. Dessa precariedade urbana, resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, surgiram as imagens que fizeram da favela o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitário, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram o favelado um bode expiatório dos problemas da cidade, o outro, distinto do morador civilizado. Favela - lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar da finura e elegância de tantos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais

famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto os tantos poetas e escritores que cantaram (e cantam) suas várias formas de marcar a vida urbana.

Não podemos generalizar o local da ‘favela’ como um lugar com falta de “higiene” e “feio”, com pessoas “mal educadas” e “sujas”, como expressa o senso-comum da sociedade brasileira. É preciso relativizar, pois perante a imagem de miséria aparente que a ‘favela’ transparece, há muitas espaços privados que contradizem esse lado obscuro. Durante o contato que tive com a ‘favela’ Vila Aparecida, pude conhecer famílias cordiais, entrei em casas muito bem limpas e arrumadas, conheci crianças bem cuidadas e cheirosas. Percebo que cada família no seu interior cria e determina características próprias de viver e organizar o espaço onde vive. Importante ressaltar que essa maneira de perceber a ‘favela’ não é só meu; outros pesquisadores como, Maria Conceição Coppete (2003), Telma Anita Piacentini (1991) e Janice E. Perlman (1977) também tiveram o cuidado e o respeito de constatar de perto essas diferentes características nas ‘favelas’, onde pesquisaram, conforme podemos constatar no olhar de uma dessas pesquisadoras:

Na primeira vista, para alguns, a favela pode representar um lugar caótico, precário e superlotado. Porém, quando procura-se conhecer de perto, pode-se perceber o cuidadoso planejamento no uso de um limitado espaço para fins de moradia, e ricas técnicas criativas de construção em encostas que os urbanistas consideram demasiado íngremes para edificação. Aqui e ali se vêem casas sólidas, de tijolos, que representam a poupança das famílias que as construíram aos pouquinhos, tijolo por tijolo. Muitos possuem roupas limpas e novas, como sapatos de couro e relógios, símbolo das vitórias alcançadas no ambiente urbano. (PERLMAN, 1977, p.27)

Porém, para além da conceituação positiva ou negativa, a favela não deixa de ser um espaço de pobreza, onde muitas pessoas nela residem. Essas pessoas no seu cotidiano inventam e reinventam formas de viver e de estar nesse espaço. Esses moradores são, na maioria das vezes, nomeados, como ‘favelados’. Os estudos de Preteceille e Valladares (2001, p.461) entendem que favelado *“é um sujeito que carrega vários estigmas, é o migrante pobre, semi-analfabeto, biscateiro, incapaz de se integrar*

e se adaptar ao mercado de trabalho da cidade moderna industrial". Reforçando esse aspecto Kowarick (1979, p. 86-92) afirma que *"torna-se favelado todo indivíduo ou família que vem para os centros da cidade e não pode pagar o jogo especulativo do mercado imobiliário, (...) na favela existem mendigos, prostitutas ou delinqüentes, mas como em qualquer outro bairro pobre da cidade, impera também o trabalhador assalariado ou autônomo, que leva adiante a engrenagem produtiva"*.

Tanto Preteceille e Valladares (2001) como Kowarick (1979) esclarecem que o 'favelado' é aquele que vem principalmente do interior do Estado para tentar a vida na cidade, muitos são desempregados, porém, aqueles trabalham são os que alimentam o capitalismo com sua mão-de-obra barata e, em geral, ainda sofrem preconceitos. Alessandra Rinaldi (1999, p.307) completa a reflexão sobre o preconceito, dizendo: *"ser morador da favela é trazer a 'marca do perigo', é ter uma identidade social pautada pela idéia de pobreza, miséria, crianças na rua, família desagregada, criminalidade e delinqüência"*. Entre os agravantes existentes neste tipo de conceito, a questão do estigma é uma das mais preocupantes, pois atribui à pessoa moradora da favela uma condição de discriminado. De acordo com COPPETE (2003), talvez seja por isso que o maior compromisso hoje de querer estudar este território é, acima de tudo, superar tal concepção negativa.

Esses 'favelados' desempenham as seguintes profissões, segundo Kowarick (1979, p.84): *"os homens geralmente trabalham enquanto operários braçais na construção civil ou realizam atividades autônomas, como ambulantes, jardineiros, carregadores, vigilantes e tarefeiros de funções variadas e intermitentes, enquanto a maioria das mulheres que trabalha, o faz na condição de empregadas domésticas"*. Deve-se atentar que a maioria desses que trabalham não têm carteira de trabalho registrada, outros trabalham por conta própria, fazendo "bicos", não garantindo acesso aos benefícios previdenciários. Esse mesmo autor ainda descreve que

O favelado faz parte de uma classe trabalhadora pouco qualificada, sendo extremamente mal remunerado. Como só tem sua força física para vender e como esta venda se processa em termos irrisórios, não permitindo o acúmulo de bens, com o tempo o sistema produtivo torna o trabalhador supérfluo. E o expulsa do mercado de trabalho, como também, muitas vezes, da cidade que ajudou a construir. (1979, p.114)

Contudo, compreendo que o “favelado” está submetido ao uso e abuso do sistema capitalista, o qual se sustenta através da exclusão daqueles que constroem as riquezas que não as suas. Nesse contexto, o favelado é a força de trabalho experienciando um alto nível de exploração nas relações de trabalho, seja integrando essas relações na condição de trabalhador manual, seja em atividade complementar e informal frente às relações sociais de produção. Assim, favelados são trabalhadores que vendem a sua força de trabalho regular ou irregularmente e nessa pesquisa são pertencentes às classes populares porque, além de trabalhadores, vivem as mais diversas experiências, não só na produção como na reprodução da sociedade de classes.

c) Violência Urbana

Provavelmente, uma das causas centrais da violência urbana está ligada ao precário investimento do Estado nas políticas públicas. As conseqüências estão expressas na falta de habitação, emprego, educação, saúde, entre outros. Tais carências fortalecem o crescimento da delinqüência¹⁷ e do crime organizado (tráfico de drogas e extorsão mediante seqüestro), cujos índices de violência se tornam cada vez mais difíceis de serem controlados, principalmente nas grandes cidades, como apresentam os dados referenciados pela Delegacia Geral da Polícia Civil de Santa Catarina, Tabela 2, a seguir:

TABELA 2 - CRIMES EM SANTA CATARINA*

Modalidade	1999	2000	2001	2002
Extorsão mediante seqüestro	24	11	16	7
Homicídio	498	405	441	570
Latrocínio	28	15	28	26
Roubo	4.629	5.179	6.739	8.282

Fonte: Delegacia Geral da Polícia Civil

(*) Os números se referem à soma de boletins de ocorrência e autos de prisão em flagrante registrados nas delegacias do Estado.

¹⁷ Segundo FERREIRA (1993), delinqüência é o ato de delinquir – condição de delinqüência que é quem comete falta, crime, delitos – Homicídio, Latrocínio, Roubo e contravenções penais. FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda. Dicionário de Língua Portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Como mostram os dados estatísticos, o latrocínio e o roubo são duas modalidades de violência que assustadoramente mais vêm crescendo, em particular, nas áreas de maior concentração urbana, onde a violação dos Direitos Humanos afronta a cidadania, parece se transformar em fato corriqueiro. Lamentavelmente, tais fatos passam a ser assistidos pela população, com indiferença, como se tais acontecimentos fossem uma decorrência natural do acelerado crescimento econômico e das cidades. Porém, apesar desta naturalização, os habitantes dos centros urbanos vivem em constante medo e desconfiança, podendo ser notado nos hábitos cotidianos. Vivemos em tempos em que sentimos insegurança ao ficarmos com a janela de casa aberta, ao tirar o dinheiro do bolso em público; ao estender a roupa no quintal; ao cumprimentar um estranho, entre outras ações que, iguais a essas, expressam os receios e preocupações com a realidade que estamos vivendo.

Porem, é preciso dizer que estrutura de sistema capitalista brasileiro muito contribui para que a violência diariamente se acentue em nossa sociedade. O capitalismo favorece relações de poder, onde o homem explora o homem, gerando divisão de classes, competitividade e individualismo. Assim percebo, que não são só, as questões sociais que geram a violência, mas também as relações sociais que o próprio capitalismo alimenta.

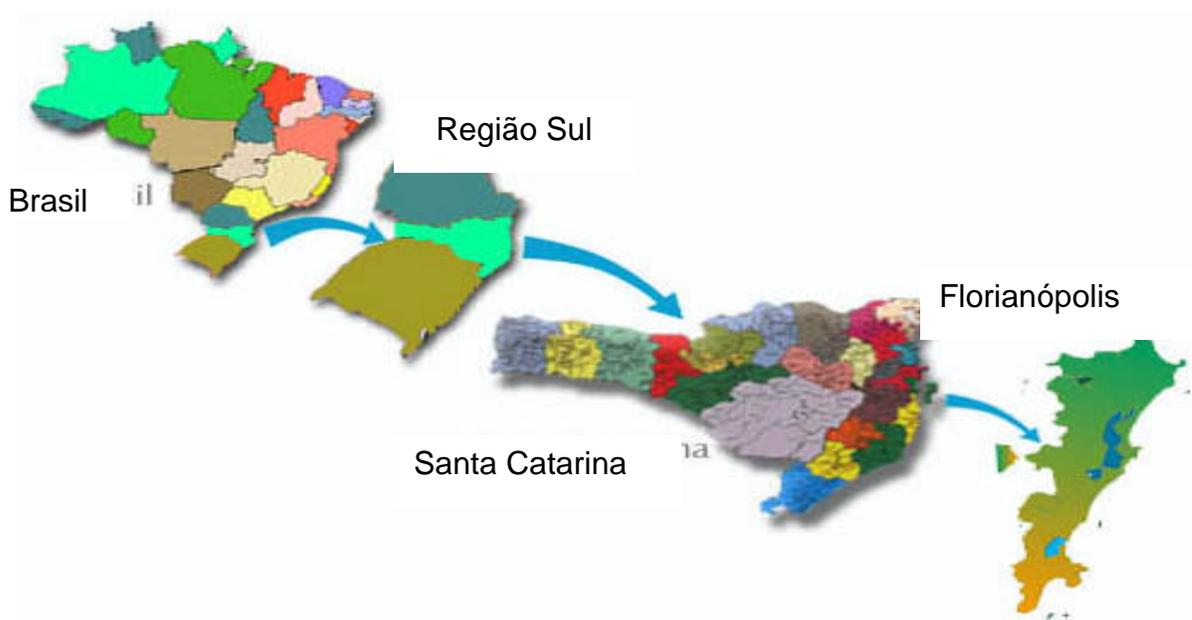
Nessa perspectiva, a violência pode ser entendida de forma aparente ou sutil, conforme podemos constatar nas palavras de Vázquez (1977, p.382), quando afirma que *à violência pode ser de modo direto e indireto. “A primeira está vinculada a violência da miséria, da fome, da prostituição ou das enfermidades, o que torna a violência muito aparente, e a outra está voltada ao caráter alienante e explorador das relações humanas, o que torna a violência forma sutil”*. O autor ressalta que o último modo causa muito mais vítimas do que a violência ruidosa dos organismos coercitivos do Estado. Concordo com Vázquez, mas percebo que essa violência indireta está presente em todas as classes, ainda mais na classe popular. Tal classe, além de sofrer todas conseqüências da violência direta, que é a falta de emprego, de moradia, entre outras tantas carências materiais, também vive de forma acentuada a violência indireta, a qual diz respeito a diferentes formas de humilhações, preconceitos e exclusões que recebem e também geram.

Sobre o tema violência, presente nas classes populares, a fala dos moradores da 'favela' Vila Aparecida evidencia outros detalhes, expostos no capítulo 2.

Dentro desse contexto sobre a violência no espaço urbano, reforço aqui à tese de que é preciso o Estado atender às necessidades da população em geral, deixando de enfatizar os interesses do capital. A partir do momento em que os direitos, à vida, à moradia e ao trabalho são violados, a tendência desses cidadãos de tornarem-se violentos é maior. O desemprego e os baixos salários causam o empobrecimento de uns e o aumento do número de miseráveis. A solução pode estar no cumprimento das leis, no respeito ao cidadão, na reorganização da vida em sociedade, na distribuição de renda mais justa para gerar melhoria das condições de vida das classes populares.

Dando continuidade ao texto, o próximo item abordará o processo de urbanização de Florianópolis, principalmente no que diz respeito a favelização.

1.2 A EXPANSÃO DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS



Fonte: <http://www.ipuf.sc.org.br>

Conforme os dados disponibilizados pelo IPUF (2003), o município de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, possui uma área

total de 451 Km², sendo que se completa por duas partes: a primeira é a Ilha, contendo 438,9 km², e a segunda é o continente, possuindo 12,1 km². Florianópolis é o 2º município em população do Estado de Santa Catarina, com cerca de 270.000 habitantes, é o pólo de um aglomerado urbano de aproximadamente 600.000 habitantes. Segundo o Censo do IBGE de 1996, Florianópolis apresenta densidade demográfica de 618 hab/km².

Florianópolis, apesar das inúmeras propagandas, que anunciam como a melhor capital com qualidade de vida do Brasil, não escapa aos processos de reprodução de pobreza urbana e de seu confinamento a espaços inadequados para a implantação de assentamentos urbanos.

A dinâmica de empobrecimento e o surgimento de aglomerações urbanas, em Florianópolis, não foram muito distintos do restante do Brasil. Com o forte discurso de “higienizar” e “modernizar” a cidade, a administração pública passou a remodelar o espaço urbano da antiga Desterro. Esse movimento intensificou-se à medida que o solo urbano foi sendo valorizado. No início do século XX, Florianópolis começou a experimentar a crescente valorização imobiliária, que culminaria na década de 90, com uma explosão especulativa e forte impulsão ao turismo. Com o auxílio de alguns pesquisadores, buscarei entender como se deu à formação dos espaços de favelização em Florianópolis/SC.

Porém, para entender o movimento que constituiu as ‘favelas’ em Florianópolis, há que se reportar ao próprio sistema capitalista, que segrega, segmenta e institui a proliferação do empobrecimento da população. *“Pela sua própria lógica e organização, o modo de produção capitalista, baseado na separação entre capital e trabalho e, tendo como motivação intrínseca à acumulação do capital, pressupõe a divisão da sociedade em classes sociais diferenciadas e antagônicas”*. (LAGO, 1996, p, 53) Assim, percebo que para os interesses do capital, o espaço é tomado como uma mercadoria, cuja importância é fundamental em seu desenvolvimento. Cabe aqui ressaltar a observação de Milton Santos (1993, p.89), ao afirmar que *“mercado e espaço, ou, ainda melhor, mercado e território, são sinônimos. Um não se entende sem o outro”*. Para contribuir com essa discussão, temos também considerações de Rolnik (1988, p.63), a seguir:

(...) o preço do território é estabelecido em função de atributos físicos (tais como declividade de um terreno ou qualidade de uma construção) e locacionais (acessibilidade a centros de serviços ou negócios e/ou proximidade a áreas valorizadas da cidade). Como a valorização ou desvalorização de uma região depende dos investimentos públicos e privados naquele espaço, o investimento maciço, representado por grandes trabalhos de remodelação, alteram substancialmente o mercado imobiliário.

Com isso, percebo que nas cidades turísticas, como é o caso de Florianópolis, onde o turismo se desenvolve devido à beleza de natureza litorânea insular, os efeitos de fragmentação do espaço ocorrem de forma mais intensa, por que o “*valor de troca* passa a preponderar sobre o *valor de uso*”¹⁸ dos lugares. Essa fragmentação do espaço resulta em certas conseqüências, como: dano na qualidade vida; a perda das particularidades da cultura local¹⁹; e a diminuição considerável do convívio social substituída pela lógica do consumo. Assim, espaço urbano, para o sistema capitalista, representa uma mercadoria, enfoca a idéia de propriedade privada, sem deixar espaço para a propriedade coletiva, levando muitas pessoas empobrecidas a optarem por formas alternativas de suprir a necessidade de moradia, como demonstrado a seguir em alguns traços da história de Florianópolis.

Ao pesquisar o passado, verifiquei que, na segunda metade do século XIX, os segmentos mais “pobres” da população em Florianópolis eram pessoas “(...) *quase sempre novas na cidade, soldados, suas famílias, suas companheiras e filhos*” (CABRAL, 1979, 201). O autor Villaça, em seus estudos, define que na época de 1920 começa a surgir, nos centros das cidades, o “homem livre”, que é antes de mais nada um despejado.

¹⁸ Conceito clássico da economia política que foi trabalhado por Marx, onde cada mercadoria tem, na sociedade capitalista, um duplo valor de uso e um valor de troca. O primeiro está relacionado à esfera do consumo e o segundo à da circulação. Estes dois conceitos, no entanto, estão dialeticamente relacionados entre si: é somente através da troca no mercado que uma mercadoria realiza plenamente seu valor de uso. Ver sobre o assunto David Harvey, *A justiça social e a cidade*, que discute os conceitos, aplicando-os à terra urbana. (apud CORREA, 1989, p. 84)

¹⁹ Para saber mais sobre as conseqüências do turismo para as comunidades nativas da Ilha da Santa Catarina, ver: LAGO, 1996 - referendado nessa dissertação.

Despejado de sua terra, de sua oficina, de seus meios de trabalho, de seus meios de vida (...) a principal forma de abrigo que a sociedade brasileira vai desenvolver para alojar essas multidões é o cortiço. O cortiço é a solução de mercado, é uma moradia alugada, é um produto da iniciativa privada. Em seus diversos tipos, foi a primeira forma física de habitação oferecida ao “homem livre” brasileiro. (1986, p.35)

Assim começou a proliferarem formas de abrigo para alojar esta população mais “pobre” na antiga Desterro: os *cortiços*²⁰. Conforme Sugai (1994, p.18), “os *cortiços localizavam-se tanto a leste como a oeste da Praça XV de Florianópolis, mas, a oeste, situavam-se após as quatro primeiras quadras que saíam da Praça principal, ocupadas pelos casarios e sobrados. Os cortiços situavam-se, evidentemente, nos piores locais da cidade: os mais sujos, tortuosos, cheirando a limo, lixo e estrume perto do mar*”. Até as últimas décadas do século XIX, as praias eram apenas local de despejo de detritos e lixo²¹. Porém, o desinteresse dos setores mais abastados pelas áreas do extremo oeste da península, direção onde ficava o mar, perdurou apenas até a década de 1920, quando mais adiante foi instalada na área a cabeceira da ponte Hercílio Luz tornando-se aos arredores do mar* uma área privilegiada (SUGAI, 1994, p.20). Houve, então, um contínuo desalojamento dos cortiços para as áreas pantanosas, encostas de morro situadas à leste do largo do Palácio, que perdurou de 1920 a 1940.

A partir da década de 20 já começava a surgir algum interesse pelas terras situadas nas localidades ao norte da Ilha, principalmente pela apropriação das *terras comunais* ali existentes - isto é, as terras de uso comum, prática trazida pelo povoamento açoriano e que se constitui numa atividade singular ocorrida apenas no litoral catarinense e, com maior frequência, na Ilha de Santa Catarina. Segundo

²⁰ Importante ressaltar que “a produção de moradia para a classe trabalhadora era uma atividade exercida pela iniciativa privada, a qual objetivava basicamente a obtenção de rendimento pelo investimento na construção ou aquisição de casas de aluguel - denominadas cortiços”. (BONDUKI. In KOWARICK, 1988, p.98) . Conforme descreve Kowarick (1988, p.81) os cortiços são áreas que “disseminavam pestes e febres terríveis, (...) sua sujeira e promiscuidade é, desde o século passado, apontada como responsável pelas epidemias. Sujeira, pela falta de água ou esgoto, promiscuidade pelos hábitos “bárbaros”, “não civilizados” de seus moradores. Assim, cortiços e cortiçados são imediatamente identificados com sujeira, peste, imoralidade e barbárie”. (KOWARICK, 1988, p.38)

²¹ Até 1913, todo o dejetos e lixo doméstico coletado na cidade era despejado nas águas. Porém, no início de 1914, há a construção de um forno para queimar todo o lixo da cidade. Para saber mais sobre o desprestígio das praias nesta época, em Florianópolis, ver CABRAL (1979, p. 175).

* Para se aprofundar nos estudos sobre a relação da cidade com o mar, sugiro: O banho de mar na ilha de Santa Catarina de Sérgio Ferreira.

Nazareno Campos (1991, p.118), *“o uso das terras comunais pelo pequeno produtor rural foi intensa na Ilha até a década de 40, quando começou a sofrer, de forma cada vez mais acelerada, processo de apropriação, tanto por parte dos setores privados como por parte do Estado. Assim, o interesse por adquirir as terras comunais, tanto pela apropriação ilícita, como pela compra da terra dos pequenos produtores – objetivava o seu valor de troca”*.

Evidencia-se que a terra como mercadoria básica do mercado imobiliário começava a nascer, especialmente no norte da Ilha, impulsionado pela crescente utilização das praias como áreas de banho e lazer, conforme ainda afirma Campos (1991). Dessa maneira, pode-se perceber que, na medida que valorizavam os espaços da cidade, os pobres, conseqüentemente, perdiam o direito de habitarem tais espaços, pois tornavam “empecilho” para o desenvolvimento e para a valorização do espaço urbano.

Além da expansão da área norte, há também o forte processo de urbanização na área continental, o qual se intensificou em 1926 com a ligação rodoviária da Ilha com o continente, por meio da Ponte Hercílio Luz. Essa significativa obra favoreceu a rápida expansão e transformação das áreas continentais próximas à Capital, permitindo o seu desenvolvimento imobiliário e, posteriormente, o interesse pela anexação desse território continental a Florianópolis. Importante ressaltar que as classes populares nessa época foram removidas para ocupar os morros da capital e, também, para ocupar o espaço do continente da Ilha, pois tais locais favoreciam para afastar os pobres do centro da cidade. Segundo Kowarick (1988, p.55), do ponto de vista dos grupos dominantes, *“afastar os pobres da cidade, no caso de São Paulo, visava sanar a cidade de epidemias que freqüentemente assolavam a mesma, trazendo grandes temores às camadas mais abastadas que se sentiam na iminência de também serem contaminadas. Ou seja, erradicar os cortiços de onde os focos contagiosos poderiam se alastrar”*. Segundo as pesquisas de Cabral (1979, 205), o cortiço era descrito pelo jornal “Fanfulha” da época, como *“local passível de tuberculose, pois a insuficiência de ar e de luz, o dia-a-dia com numerosas pessoas em ambientes muito pequenos, mal ventilados, úmidos e baixos, produz anemia. (...) Essa gente era reduzida a aglomerar-se em até doze*

peças em um ou dois cômodos, porque os ganhos escassos e o crescimento dos aluguéis não permitiam outros meios para alargar-se um pouco”.

O crescimento da camada mais pobre foi acarretando o aparecimento de inúmeros cortiços, e o processo de separação espacial entre as classes sociais foi ficando cada vez mais visível no espaço urbano de Florianópolis. Segundo Cabral (1979, p.263), a população de alta renda, por exemplo, morava em *sobrados*, localizados no lado Oeste da cidade, que representavam, num mesmo edifício, a atividade residencial e comercial, e também em *chácaras*, que serviam de morada de verão, salvo um ou outro que as habitava permanentemente.

Porém, mais adiante, no período pós-guerra, os aluguéis dos cortiços valorizaram, ficando incompatíveis com o salário da população de baixa renda. Assim, com o aumento dos aluguéis, começou haver um número enorme de ações de despejos dos trabalhadores, o que, de certa forma veio a resultar em novas soluções habitacionais, a construção de ‘favelas’²² para os habitantes pobres e para os migrantes. Sobre este contexto, temos algumas considerações da autora Bonduki (apud KOWARICK, 1988, p.116):

Frente à falta de habitações de aluguel adequadas, as alternativas que restavam aos inquilinos despejados eram encontrar uma moradia de aluguel em condições habitacionais bem mais precárias que a casa anterior a um preço mais elevado, se instalar numa das “favelas” nascentes ou comprar um lote de periferia sem qualquer infra-estrutura urbana e carente de transporte e ingressar no longo processo de construção da casa própria.

O espaço da área continental de Florianópolis, comportou muita das pessoas que não conseguiram mais pagar o aluguel, foram despejadas²³, e começaram a formar as ‘favelas’ nos bairros da grande Florianópolis, principalmente no Estreito e Coqueiros. Importante ressaltar que ocupação deu-se principalmente nos morros, pois as terras

²² Sobre o conceito de favela, ver: p.12-16 dessa dissertação.

²³ Segundo Kowarick (1988, p.108), era muito comum nesta época (1950 – 1960) os inquilinos serem despejados, devido a muitos não agüentarem pagar os altas taxas de aluguel. Este problema se acentua nos anos pós-guerra, quando se tornou quase impossível encontrar uma moradia por aluguel compatível com o salário recebido pela população de baixos rendimentos, gerando movimentos esparsos e localizados contra os despejos. In: KOWARICK, L. As lutas sociais e a cidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

que contornavam o mar já estavam ocupadas pela população de alta renda, os quais vinham veranejar na orla Sul do Continente – nas praias de Itaguaçu, Coqueiros e Bom Abrigo.

Assim e a partir dessa década, grande parte da população migrante que se dirigia à capital em busca de trabalho, acabava instalando-se na área continental de Florianópolis e nos municípios vizinhos, São José, Palhoça e Biguaçu, em função do alto custo das terras na Ilha.

Nesse processo de desenvolvimento da cidade de Florianópolis, entendo que, ao longo da primeira metade do século XX, as classes populares foram obrigadas a ocupar os morros a leste da Praça e a preencher novos cortiços e favelas no Continente. Importante ressaltar que todas essas localidades eram consideradas na época como periferias da cidade. E, portanto, fora dos limites urbanos considerados nobres do município. Já os setores mais abastados decidem afastar-se espacialmente das classes populares, construindo seus sobrados ao oeste da praça e ao norte do centro deixando de lado a ocupação leste da praça.

As pesquisas de Sugai (1994, p.60-64) indicam o período entre a década de 40 e 50, que as elites designaram as áreas de interesse privilegiadas e prioritárias para receberem urbanização. Tais anseios passaram a se configurar na década de 1950, com o início do “Plano Diretor²⁴ para a Cidade, Lei nº. 246/55”, o qual absorveu muitas das aspirações que surgiam das elites.

As décadas seguintes foram marcadas por diversas ações no espaço urbano, principalmente do Estado, que tiveram importante papel na distribuição territorial das classes sociais em Florianópolis. Nesse plano objetivava-se a criação da cidade universitária, um grande aterro na área do Estreito/Continente e uma Avenida Beira Mar, contornando a orla norte. Para a satisfação dos anseios das elites, os objetivos do Plano Diretor foram alcançados. Foi construído, em meados da década de 60 até 70, a Avenida Beira Mar, que veio a garantir a acessibilidade e a conseqüente valorização da área norte. A Trindade foi um dos bairros mais favorecidos, pois em 1960, nessa

²⁴ Conforme afirma OLIVEIRA, o Plano Diretor é uma lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores que regula o ordenamento territorial, a ocupação do espaço, o zoneamento e as construções no município. *In*: Estatuto da Cidade, para compreender... Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.

mesma localidade, foi fundada a Universidade Federal de Santa Catarina, que, entre outros importantes fatores, representava a possibilidade de mudanças na economia e na dinâmica imobiliária da Capital.

Simultaneamente, por volta de 1960, acontece a construção dos prédios, sede da Celesc e da Telesc, que também contribuíram para redimensionar os aspectos da urbanização de Florianópolis. Com essas novas instalações, a cidade ganha um novo incentivo para seu desenvolvimento, abre-se oportunidade de crescimento para outros setores, como o da indústria da construção civil, para o desenvolvimento do comércio, dos serviços bancários e a ampliação dos serviços públicos. Assim, como afirma Pereira (1974, p.121), *“em meados de 50–60, Florianópolis é reabastecida de água e energia elétrica; surge, ainda que efêmero, novo impulso no transporte de cabotagem. Há ampliação dos serviços públicos pela intervenção do Estado nos campos de saúde e da educação, aumentando em muito as oportunidades de emprego no setor terciário (...)”*.

Nessa época, o desenvolvimento da cidade, veio desaguar em um processo de migração expressivo, *“recebendo pessoas provenientes de municípios vizinhos, como: Santo Amaro da Imperatriz, Angelina, Rancho Queimado, Águas Mornas, Anitápolis e Antônio Carlos. Desta forma, o fluxo migratório pôde ser considerado como de êxodo rural, pois os municípios de onde procedem, (...), funcionam como área rural da cidade de Florianópolis”*. (PEREIRA, 1974, p.125)

Esse processo de migração urbano intensificou o crescimento da população em direção à área continental, particularmente, no bairro de Coqueiros. Conforme detalha o Centro de Estudos Cultura e Cidadania – CECCA (1997, p.110),

(...) com a melhoria do sistema viário estadual e interestadual, que possibilitou o aumento do fluxo migratório e a fixação de parte dos novos moradores na área continental, principalmente em função dos custos dos terrenos e da possibilidade de ocupação de terrenos públicos ou pouco valorizados. A área continental do município adquiriu então a fisionomia atual, caracterizada por uma ocupação extensiva, na qual deixaram de existir vazios urbanos, espaços naturais ou sequer praças e áreas de lazer. Dando a esta região da cidade a fisionomia de espaço suburbano de grande metrópole.

Mais à frente, na metade da década de 60, o governo federal apresentou um Plano de Desenvolvimento Integrado (PDI) da Área metropolitana de Florianópolis que, mais tarde, culminou no novo Plano Diretor, lei nº. 1440/76, o qual permaneceu em vigor até meados de 1998. Conforme Sugai (1994), esse pedido foi feito pelo governo por haver interesse de querer transformar Florianópolis num grande centro urbano turístico, como nos mostram alguns dos objetivos do PDI,

O plano tem como objetivo primordial: a Via-expressa, isto é, criar uma área ao longo da BR-101, no trecho dos municípios de São José, Palhoça e Biguaçu, a qual mais tarde veio a ser concluída em 1971; como também construir uma outra ponte, a qual veio a existir somente em 1975, sendo chamada Ponte Governador Ivo Silveira. Ambas as construções fundamentais para facilitar e intensificar o acesso aos investimentos imobiliários em Florianópolis. (SUGAI, 1994, p.100-120)

Dessa maneira percebe-se que o turismo não foi acidental. O despertar para o turismo aconteceu no bojo do processo do planejar o desenvolvimento dos anos 70, quando o Plano Diretor vislumbrou a possibilidade de explorar o potencial turístico em Florianópolis. Segundo estudos realizado pelo CECCA (1997), a partir de tal documento, gerou-se uma política pública de desenvolvimento turístico, na qual o Estado passou a garantir a implantação da infra-estrutura local necessária para a expansão desta atividade. Assim, as ações políticas para o Plano Diretor fortaleceram o desenvolvimento do turismo e, em contrapartida, especulação imobiliária, ignorando propostas de investimento para o melhoramento de vida das camadas empobrecidas. Kowarick (1988, p.147) apresenta dados sobre as Cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo que vêm ao encontro dessa discussão: *“na década de 70, fica visível às propostas dos planos diretores, que deixam de lado os bairros periféricos para investirem prioritariamente na formação de uma infra-estrutura de apoio à expansão industrial”*. Temos como exemplo em Florianópolis as obras que foram concluídas por meio do Plano Diretor, como a Ponte Colombo Salles, o aterro da Baía Sul, a integração com a Trindade e as áreas do Continente, a BR-101, que ligaram com outros Estados do Sul.

Contudo, as construções e ampliação dos órgãos públicos não param de crescer. Na década de 80, cria-se o campus universitário da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), o CIC (Centro Integrado de Cultura); o CIDASC (Centro

Integrado de Desenvolvimento Agrário de Santa Catarina); Secretaria do Estado da Saúde; Hospital Universitário da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), entre outros. Esses diversos órgãos públicos, em Florianópolis, constituíram-se em um dos elementos principais de transformação do seu espaço urbano nas décadas de 70 e 80. Como se percebe, estas foram décadas de grandes investimentos imobiliários para o Estado. Com essas obras concluídas, o fluxo de novos moradores cresceu ainda mais na cidade de Florianópolis, atingindo, na década de 1970, 138.337 mil habitantes, passando a ser a maior população absoluta do Estado (IBGE- Censo 1970). Verifique-se na Tabela 3, a seguir, o crescimento populacional da grande Florianópolis.

TABELA 3 - POPULAÇÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS 1950 – 2000

Ano	Pop. Total	Urbana	Rural	Grau de Urbanização
1950	67.630	51.115	16.515	75,58%
1960	98.520	79.870	18.650	81,07%
1970	138.337	121.028	17.309	87,49%
1980	187.871	161.773	26.098	86,11%
1991	254.941	239.566	15.375	93,97%
2000	342.315	332.185	10.130	97,04%

Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 1950-2000

A expansão dos órgãos públicos, o crescimento do comércio e a consolidação do turismo, nos anos 80 fortaleceram o aumento da população migrante. Essa população diz respeito a funcionários públicos, pequenos empresários, multinacionais, profissionais liberais, professores, estudantes vindos do interior do Estado e de outros estados do país, assim, também, migrantes pobres que ocuparam morros e áreas periféricas da cidade.

Mas é na década de 1990, que o discurso da mídia fortalece o turismo, enfatizando que aqui é o lugar ideal de se viver, a “Ilha da Magia”, a “Capital Turística do Mercosul”, e é divulgada como uma das melhores capitais do Brasil em termos de

qualidade de vida, segundo a ONU²⁵. Rocha indica uma (2001, p.56), *“intenção (tanto por parte do setor público quanto privado) de transformar Florianópolis em um núcleo turístico com vistas aos mercados nacionais e internacionais”*. Com isso atrai muitos aposentados de classe média e alta de outros Estados, principalmente de São Paulo e Rio Grande do Sul, como de outros países, como Argentina, os quais vêm em busca de qualidade de vida e atrativos da natureza. Porém, a alta taxa de crescimento da população urbana também se dá pelas classes populares. Os atrativos de uma cidade turística, oferecendo vários empregos temporários, torna-se um fator influenciador para essas pessoas tentarem melhoria de vida.

Assim, o turismo, desde então, vem provocando o crescimento do setor comercial e imobiliário, proporcionando à Ilha um considerável salto econômico, gerando na maioria das vezes, empregos temporais e informais. Porém, esse crescimento econômico gera também um crescimento populacional desenfreado, ocasionando a ocupação nas ‘favelas’. Tendo em vista que não são todos que vêm à Ilha para descansar temporariamente; grande parte vem para trabalhar no verão e acabam ficando. Com o turismo acontece a aceleração no desenvolvimento urbano. Diante disso, a cidade não consegue suprir, de forma satisfatória, o contingente populacional, acentuando graves problemas, como a falta de infra-estrutura e planejamento, juntamente com a dificuldade de acesso à habitação para as populações de baixa renda, gerando a ‘favelas’, como demonstrarei a seguir.

1.2.1 As ‘favelas’ no Espaço Urbano de Florianópolis

Todo esse processo de urbanização trouxe consigo a formação de ‘favelas’ no espaço urbano de Florianópolis, isto é, intensas aglomerações urbanas,

²⁵ O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) – divulgado em setembro de 1998, no relatório oficial da ONU – coloca Florianópolis como a capital de Melhor qualidade de vida e como o segundo município brasileiro, perdendo para Feliz/RS. Três itens avaliados: longevidade, educação e renda familiar. Florianópolis possui cerca de 250 mil habitantes; sua renda familiar *per capita* média é de R\$ 4.350,00; a expectativa de vida, ao nascer, é de 67,6 anos; taxa de mortalidade infantil é de 24,63 mortes por mil nascidos; taxa de analfabetismo entre pessoas de mais de 15 anos é de 5,6%; possui 168 escolas, entre municipais, estaduais e particulares.

principalmente na área da Grande Florianópolis (Palhoça, São José e Biguaçu), como se pode verificar os dados da Tabela 4,

TABELA 4 -POPULAÇÃO DO AGLOMERADO URBANO DE FLORIANÓPOLIS E DE SEUS MUNICÍPIOS VIZINHOS EM RELAÇÃO À SUA POPULAÇÃO TOTAL

Município \ Ano	1960	Agglomerado Urbano (%)	1970	Agglomerado Urbano (%)	1980	Agglomerado Urbano (%)
Florianópolis	97.827	16.786 17,16	138.337	30.894 22,33	187.871	67.147 35,74
São José	31.192	4.801 15,39	42.535	13.875 32,62	87.817	49.155 55,97
Palhoça	27.789	1.049 3,77	20.652	2.557 12,38	38.031	15.822 41,60
Biguaçu	22.380	503 2,25	15.337	1.333 8,69	21.434	5.807 27,09

Fonte: IBGE, Censo; 1960; 1970; 1980.

De acordo com a Tabela 4, Florianópolis, apesar de ser cidade-pólo, não foi a que apresentou a maior taxa de crescimento populacional e de aglomerado urbano entre as cidades vizinhas, as quais fazem parte da Grande Florianópolis. Isso se explica pelas limitações físico-territorial, e principalmente, pelo alto custo dos imóveis. Assim, nota-se que as classes populares saem do centro de Florianópolis para ocupar as cidades vizinhas dos municípios de São José, Palhoça e Biguaçu – locais que ainda possuem baixo valor imobiliário.

Dentre esses municípios, Palhoça foi a que mais cresceu em aglomerado urbano entre as décadas de 60 a 80. Constata-se que, em 1960, apenas 3,77% da população viviam em periferias, porém, em 1980, a população sofre um aumento significativo de 41,60%. Assim, Palhoça vem enfrentando grandes problemas com a questão habitacional, conforme os dados levantados pela Prefeitura Municipal de Palhoça, sobre a situação das classes populares existentes no município:

(...) o maior *deficit* habitacional está nas famílias com renda de um a três salários mínimos, que moram no município há mais de cinco anos. A maioria mora em Palhoça, mas trabalha em Florianópolis. Conforme o estudo, das duzentas e cinquenta famílias pesquisadas, cinquenta e três vieram de municípios da própria região de Florianópolis, quarenta e cinco vieram de outros Estados e treze são naturais da Palhoça. Segundo o levantamento, essas famílias, estão distribuídas em oito áreas carentes, localizadas no município de Palhoça. (www.pmph.sc.gov.br)

Constato que Palhoça vem sofrendo com a falta de habitação, desemprego, saneamento básico, abastecimento de água, entre outros tantos problemas, que vêm atingindo grande parte da população periférica urbana.

Frente a este contexto, tem-se o Estatuto da Cidade²⁶, Lei nº 10.257/2001, que é o documento responsável por formular a política urbana que “**deveria**” (grifo da pesquisadora) garantir efetividade ao Plano Diretor do município, isto é, “*fazer cumprir, através do Plano Diretor, as funções sociais da cidade, possibilitando acesso e garantindo o direito a todos que nela vivem à moradia, aos serviços e equipamentos urbanos, ao transporte público, ao saneamento básico, à saúde, à educação, à cultura e ao lazer, todos eles direitos intrínsecos aos que vivem na cidade*”. (OLIVEIRA, 2001, p.11) Porém, nem sempre os propósitos políticos são alcançados, pois, como se constatou, Florianópolis ainda não oferece infra-estrutura suficiente para os que chegam em busca de melhores condições de vida. Conseqüentemente, o número de favelas cresce assustadoramente, gerando uma situação social agravante.

A situação de Florianópolis, com relação às áreas carentes²⁷, segundo os documentos mais recentes. Existem 46 áreas carentes, sendo 28 na Ilha e 18 no lado continental da cidade, como se pode verificar na Tabela 5,

TABELA 5 - MAPEAMENTO DAS ÁREAS CARENTES DE FLORIANÓPOLIS

Ilha	Início da ocupação
1. Morro do Mocotó	1900
2. Morro da Mariquinha	1920
3. Mont Serrat	1950
4. Laudelina da Cruz Lima	1965
5. Santa Clara	1960
6. José Boiteux	1930
7. Ângelo Laporta e Adjacentes	1940
8. Morro do Céu	1940
9. Morro do 25/ Nova Trento	1970

Continente	Início da ocupação
1. Morro do Arranha Céu	1965
2. Morro da Caixa I	1928
2. Morro da Caixa II	1970
3. Vila Aparecida I	1954
3. Vila Aparecida II	1960
4. Ilha Continente	1983
5. Santa Terezinha I	1973
5. Santa Terezinha II	1986
6. Nova Jerusalém	1980

²⁶ No parágrafo único do artigo 182 da Constituição Federal de 1988 - a Lei denominada Estatuto da Cidade estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental.

²⁷ Segundo o IPUF (1993, p.03), considera-se área carente aqueles bolsões populacionais onde cerca de 70% das famílias têm renda média entre zero e três Salários Mínimos. Estas áreas, além da carência sócio-econômica, apresentam problemas de habitação, infra-estrutura sanitária e de equipamentos urbanos.

10. Morro do Pedregal	1989
11. Morro do Horácio	1970
12. Vila Santa Rosa	1967
13. Morro da Penitenciária	1967
14. Serrinha I	1965
15. Serrinha II	1987
16. Morro da Queimada	1945
17. Caeira da Vila Operária	1940
18. Carvoeira	1975
19. Pantanal	1980
20. Costeira do Pirajubaé	1970
21. Morro do Quilombo	1976
22. Morro do Atanásio	1960
23. Morro do Vино / Morro do Caju	1984
24. Morro do Balão	1980
25. Morro da Janga	1986
26. Areias do Campeche	1980
27. Rua Adão dos Reis (Ingleses)	1985
28. Rua do Siri (Ingleses)	1984

7. Maquilarem	1990
8. Morro do Flamengo	
9. Nova Esperança	
10. Monte Cristo	
11. Baixada do Sape	
12. Ponta do Leal	
13. Chico Mendes	
14. Novo Horizonte	
17. Boa Esperança	
18. Nova União	

Fonte: IPUF / Relatório - Perfil das Áreas Carentes: Ilha e Continente, jul., 1993.

Na Tabela seguinte, é possível acompanhar o crescimento do percentual da ocupação das áreas carentes, ao longo do século XX, em Florianópolis/SC:

TABELA 6 – PERCENTUAL DE OCUPAÇÃO DAS ÁREAS CARENTES POR DÉCADA

Período	Percentual de aumento	Período	Percentual de aumento
Anterior a 1920	6,53%	1960 a 1970	15,22%
1920 a 1940	6,53%	1970 a 1980	19,56%
1940 a 1950	8,69%	A partir de 1980	34,78%
1950 a 1960	8,69%		

Fonte: IPUF – Relatório, 1993, p.13.

Com base no referido Relatório do IPUF, a localização das “áreas carentes” foge, de uma maneira geral, à regra da maioria das cidades de grande e médio porte, por situarem-se, na maior parte das vezes, bem próximas ao centro da cidade ou próximas aos bairros. As ocupações, de um modo geral, são antigas, o que se justifica pela proximidade do centro da cidade, facilitando a vida dos seus moradores, inclusive, por dispensar a utilização do transporte coletivo, na maioria das vezes.

Segundo o referido Relatório, as principais carências vividas por essas populações, caracterizam-se pela inexistência dos serviços de infra-estrutura básica e de equipamentos urbanos (Posto de Saúde, Escola, Creche, Centro Social, Área de Lazer, Comércio, Telefone Público, Segurança e Serviços de Correio). A tabela a seguir demonstra as principais necessidades nessas comunidades, em ordem de importância:

TABELA 7 – PRINCIPAIS CARÊNCIAS DAS ÁREAS CARENTES DE FLORIANÓPOLIS

Ilha	Continente
1. Saneamento básico	1. Urbanização de área (**)
2. Melhorias habitacionais (*)	2. Saneamento básico
3. Urbanização de área (**)	3. Melhorias habitacionais (*)
4. Regularização da Terra	4. Regularização da Terra
5. Contenção de encostas	5. Iluminação pública
6. Coleta e tratamento de lixo	6. Vagas em creche
7. Vagas em creche	7. Área para recreação infantil
8. Atendimento em Postos de Saúde	8. Coleta e tratamento de lixo
9. Iluminação pública	9. Atendimento em Postos de Saúde
10. Telefones públicos	10. Telefones públicos
	11. Centro comunitário
	12. Posto policial

Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Relatório Perfil Áreas Carentes – Ilha e Continente, jun., 1993.

(*) As melhorias habitacionais se referem, em geral, à construção de banheiro, e depois, à melhoria do material empregado na construção das casas.

(**) A urbanização compreende: pavimentação, abertura de ruas, melhorias dos acessos internos, escadarias e drenagens.

Diante dessa realidade problemática das favelas existentes em Florianópolis, interroga-se: o que o poder público tem feito para amenizar tais problemas? Conforme afirmam Pimenta e Pimenta (2002, p.04), *“existe uma grande ausência de programas sociais em administrações ultraconservadoras, que nada têm feito no sentido de melhoras estruturais para populações menos favorecidas em Florianópolis. Há uma lentidão do poder público, em lidar com os problemas da população, em especial com a camada mais pobre – os que não dão retorno financeiro para o Estado”*. É notável que grande parte dos investimentos do governo (conforme o Plano Diretor) está voltada para o turismo, o qual vem apoiando os projetos que supervalorizam o embelezamento

da capital e que já causaram profundas modificações na configuração espacial histórica da cidade.

Dentro desse aspecto de embelezamento, no contexto político-turístico de Florianópolis, “não cabem as favelas”. As mesmas provocam a, “decadência” da cidade, diminuindo seu valor imobiliário, além do que, “poluem o ambiente”, “sujam a cidade”, “incomodam” e tornam-se “inconvenientes” diante dos anseios e projetos pensados pelas elites. Desta maneira, através da prefeitura de Florianópolis, as ‘favelas’ estão sendo removidas para áreas ainda mais desfavorecidas, longe do centro e dos locais públicos da cidade, como é o caso recente que tivemos da remoção da ‘favela’ que ficava situada em frente do supermercado “BIG”, margem da BR-282: esta foi deslocada para o interior da cidade de Palhoça, no bairro Brejaru. Esse fato que ocorre na grande Florianópolis é igualmente notado por Kowarick (1979, p.79), quando se refere à cidade do Rio de Janeiro:

(...) nos últimos anos, as prefeituras têm desenvolvido programas de remoção das favelas, que ocorrem tão logo os terrenos onde se situam passam a ter uma serventia para a cidade, ou os barracos localizados se tornam um foco de mal-estar para os moradores mais abastados.

Esta idéia de trocar a ‘favela’ de lugar dá a entender que apenas esconde-se um problema da cidade. Cria-se uma imagem de “faz de conta”, onde aqui tudo é bonito e tranqüilo de se viver. É claro que é muito mais fácil afastar o problema do que tentar solucioná-lo. Porém, a solução não está em transferir o problema de local, mas, quem sabe, pode estar em tornar a ‘favela’ um bairro, procurando preservar a singularidade do local. É preciso proporcionar melhores condições de vida, saneamento, coleta de lixo e iluminação, para que a ‘favela’ deixe de ser ‘favela’ para se tornar bairro. Porém, é preciso ficar atento aos projetos urbanísticos que, na maioria das vezes, propõem criação de casas populares padronizadas, que liquidam qualquer possibilidade de singularidade do morador. A autora Jacques (2001, p.14) em sua obra “Estética da Ginga – a arquitetura das favelas, através da obra de Hélio Oiticica”, ressalta que se deve assumir a estética das ‘favelas’ sem as imposições arquitetônicas e urbanísticas dos atuais projetos de urbanização, que acabam provocando a destruição da

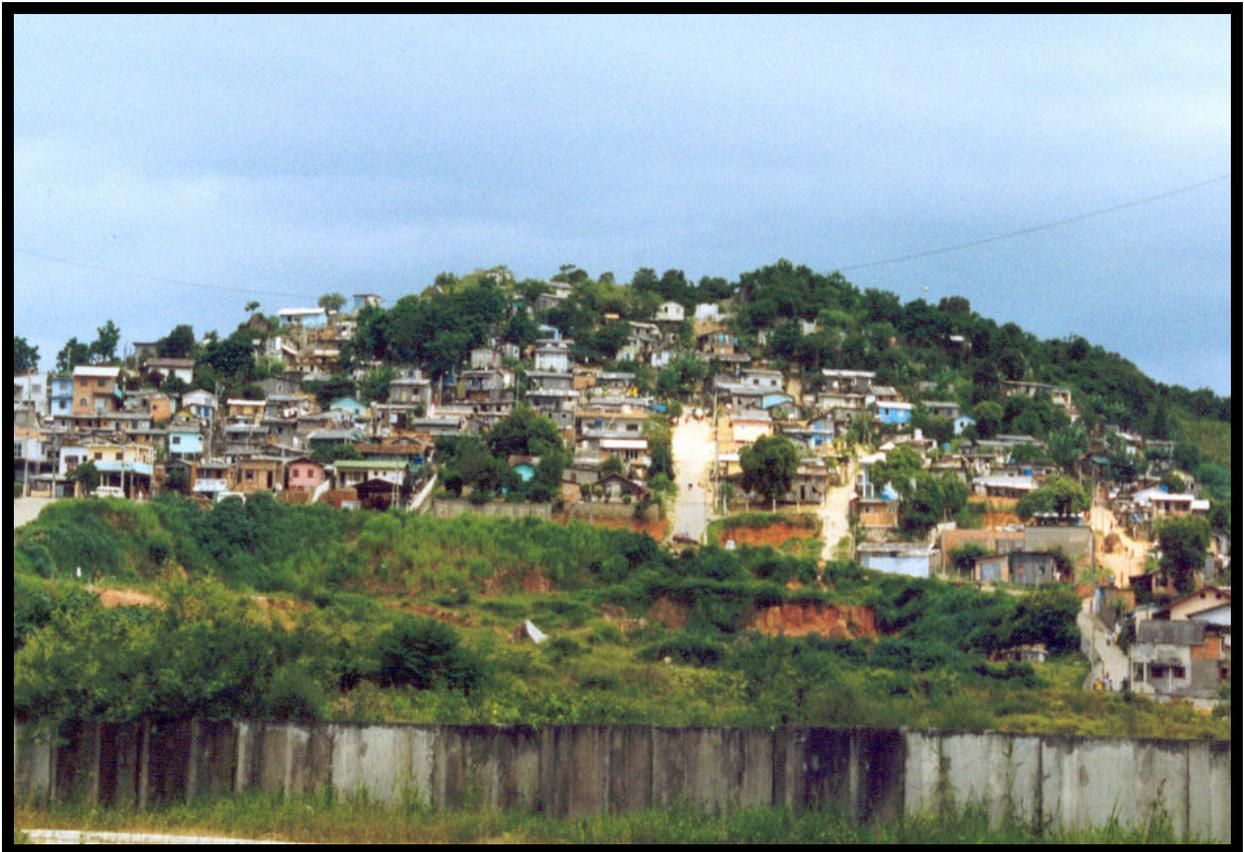
arquitetura e do tecido urbano original da favela para criar novos espaços, sem identidade própria, dos quais, muitas vezes, a população local não se apropria, e que ficam rapidamente deteriorados e abandonados. É preciso respeitar a especificidade da 'favela', tentando aprender com sua complexidade cultural e riqueza estética.

Concordo com Pimenta & Pimenta (2002, p.04), quando afirmam que *“o problema de habitação das camadas de renda mais baixa nas sociedades capitalistas só pode ser amenizado com fortes programas estatais, envolvendo planejamento, política fundiária, projetos urbanísticos e arquitetônicos adequados e construção de unidades habitacionais em grande número e a custos reduzidos”*. São necessários incentivos econômicos e projetos culturais que visem amenizar a favelização da cidade. Isso significa que não deveria acontecer o que Kowarick (1979, 60) ressalta: que *“os programas habitacionais que se destinam para a assim chamada demanda de ‘interesse social’, não só são quantitativamente pouco expressivos, como também, freqüentemente, as camadas que deveriam ser beneficiadas (baixa renda) não têm condições de amortizar as prestações previstas pelas fantasiosas soluções oficiais”*. Quando esses programas se tornam inacessíveis à população de baixa renda, não resta outra solução de sobrevivência a não ser continuar morando na 'favela'.

Deve-se ter consciência de que a cidade é um espaço construído socialmente por todos aqueles que nela vivem, não se podendo pensá-la apenas em função de suas elites.

Dentro desse cruzamento de saberes levantados sobre o espaço urbano capitalista, percebo que a bibliografia até agora estudada não é suficiente para discutir as questões sobre como é o cotidiano da 'favela' e o modo como crianças vivem e interpretam este cotidiano. Para isso, no próximo capítulo, procurarei trazer elementos que contribuam para elucidar tais questões.

Capítulo 2
Espaço da 'Favela' Vila Aparecida



Continente de Florianópolis/SC – Bairro Coqueiros - 'Favela' Vila Aparecida.

Partindo do entendimento que, para compreender o micro é preciso entender o macro e vice-versa, percebo que cada espaço está relacionado com um outro, sendo que dentro de cada um deles existem vários outros “espaços” - um diferente do outro. Nesse sentido busco dar continuidade à discussão a respeito do espaço urbano, trazendo nesse capítulo traços do processo de urbanização do espaço da ‘favela’ Vila Aparecida, a qual não se pode esquecer, vem associada à conjuntura da cidade de Florianópolis e, conseqüentemente, imbricado ao desenvolvimento de Santa Catarina e do Brasil.

Assim, dentro do seu espaço urbano de Florianópolis, há inúmeros outros espaços, e um deles é a ‘favela’ Vila Aparecida. Nela, também existem vários outros espaços. Cada qual contém suas especificidades; são formados em condições históricas diferentes uns dos outros, expressam sua diversidade nas características da distribuição do espaço, na vegetação, no clima, nas tradições, nos costumes, nas múltiplas relações e nas diferentes situações econômicas, gerando as diversas formas de viver e expressar a cultura local. Dentro desse conjunto de detalhes e singularidades, cada espaço constrói sua história. É dessa maneira que buscarei olhar o espaço urbano da Vila Aparecida, respeitando-a em seus múltiplos aspectos.

Importante ressaltar que o maior interesse de conhecer esse espaço, suas características e trajetórias é porque quero compreender quais são as apropriações que as crianças da ‘favela’ Vila Aparecida fazem do meio em que vivem. É para isso que venho conhecer esse espaço.

Diante disso, nesse capítulo trago elementos a respeito da caracterização da ‘favela’ Vila Aparecida por meio de documentos; realização de visitas *in loco* e coleta de depoimentos - de alguns moradores mais antigos que residem nesse espaço. Nessa coleta de depoimentos, obtive histórias de vida de pessoas que relataram seu passado, e avaliaram também as transformações vividas, as experiências do presente e as expectativas de futuro, para elas próprias e para seus descendentes. Por meio dessas histórias surgiu a possibilidade de formar um documento histórico, um material escrito

por meio das falas dos sujeitos envolvidos, que traduz as experiências de determinados fatos sobre o cotidiano do espaço urbano da 'favela' Vila Aparecida que os documentos oficiais não dão conta de elucidar.

Com esse material coletado, tive como objetivo agregar dados para o vislumbrar os aspectos da composição espacial, cultural, social e econômica da 'favela' Vila Aparecida, a qual é o espaço em que vivem os sujeitos da pesquisa.

Dentro dessa problemática, questões foram levantadas para auxiliar a perceber os elementos que precisaram ser aprofundados para aproximar-se da compreensão do objeto: O que levou à formação da 'favela' na Vila Aparecida? Como se apresenta o espaço da 'favela' Vila Aparecida? Quem são os moradores? Como é a infra-estrutura dos domicílios? Quais os equipamentos urbanos/comunitários que a Vila Aparecida dispõe? Como são os aspectos da cultura local?

A partir dos dados coletados foi possível organizar o texto sobre a 'favela' Vila Aparecida: aspectos sobre o espaço; características sobre os moradores; traços dos domicílios com o detalhamento da infra-estrutura; equipamentos urbanos /comunitários; e, por último, relato os aspectos da cultura local por meio de visitas realizadas. Confira a seguir.

2.1 - UMA BREVE APRECIÇÃO

No Brasil, nas últimas décadas, acentuou a migração de pessoas para as cidades, Florianópolis/SC é um exemplo disso. Uma das fortes conseqüências é que não existem efetivamente políticas para a fixação do homem no campo. Assim, milhares de famílias deixam o campo e vêm para a cidade, originando as inúmeras 'favelas', que se formam ano após ano, tornando um inchaço populacional característico das grandes cidades.

Como já foi exposto, Florianópolis como centro administrativo do Estado de Santa Catarina e possuindo o setor terciário bem desenvolvido, torna-se um atrativo à migração, oriunda de outras regiões do Estado, e também do país.

A cidade não oferece o mínimo de infra-estrutura urbana para as classes populares que aqui chegam: tais classes vão ocupando áreas, gerando o deslanchar do processo de “favelização”. Vivendo em locais desprovidos de infra-estrutura básica, as classes populares enfrentam uma série de problemas sociais, como o desemprego, que é a principal causa do estado de pobreza em que vivem, a desqualificação profissional, o analfabetismo, a desestruturação familiar e a evasão escolar, entre outros problemas do espaço da ‘favela’, que foram apresentados no capítulo anterior.

Na busca de um documento oficial que expressasse tal realidade, o estudo mais recente feito na capital sobre o número de comunidades carentes existentes em Florianópolis foi realizado em 1993, pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IPUF, junto ao Departamento de Desenvolvimento da Secretária de Saúde e Desenvolvimento Social, denominado “Perfil das Comunidades Carentes do Município”. Refere-se a um perfil que mostra as principais características das comunidades, como a localização, número de famílias, infra-estrutura existente na área, situação habitacional, principais problemas sociais, entre outros. Faz-se necessário mencionar que os dados contidos nesse documento, a maioria não condiz com a realidade presente, tendo em vista que já se passaram dez anos. Mesmo assim, é possível traçar algumas características do objeto de pesquisa, pois a lógica é a mesma, o que justifica a sua utilização nesta pesquisa.

Partindo desse perfil, encontraram-se dados sobre a área que está sendo pesquisada – a ‘Favela’ Vila Aparecida. Porém, percebe-se que tal documento traz suas limitações por não estar atualizado, não sendo suficiente para desvelar a história das transformações deste local e nem mesmo para compreender o cotidiano dessa ‘favela’, pois tal documento oferece apenas dados estatísticos, não revelando as histórias dos sujeitos que lá vivem. Além desse documento, encontrei outros materiais mais recentes, como: mapas, imagens e alguns dados estatísticos que o IBGE disponibilizou.

Com o intuito de obter mais informações, realizou-se coleta de depoimentos²⁸ com alguns moradores. Entrevistei pessoas como: Iracinda Carvalho, de

²⁸ Nesses depoimentos foram registrados o nome, a idade e atividade exercida. A autorização para publicação desses dados e do conteúdo dos depoimentos foi concedida pelas entrevistadas. Quero registrar que em vários trechos dos depoimentos apresentados foram feitas alterações sintáticas e morfológicas, no sentido de facilitar o entendimento das idéias. As expressões peculiares foram mantidas.

89 anos de idade, moradora da Vila há 40 anos, que esta acompanhou o início da formação e muitas das transformações da história da Vila. Outra entrevistada foi Laureci Correa, de 55 anos, moradora da Vila há mais de 30 anos, é uma das primeiras presidente da Associação de Moradores e uma das Coordenadoras do Projeto Alfagente²⁹. Sandra Terezinha Ramos tem 30 anos é funcionária do Projeto Família Saudável, nasceu na Vila, sua família é bastante conhecida, pois seus pais (hoje falecidos) foram os primeiros moradores do local, tiveram cinco filhos, todos ainda moram lá. Por último, Maria Mariana de Mello, de 68 anos de idade, moradora no local aproximadamente há 30 anos, pessoa também atuante na Vila.

Esses depoimentos podem esclarecer determinados fatos sobre o espaço da 'favela' Vila Aparecida, que vêm a contribuir de certa forma para a memória histórica do local e, principalmente, para o objeto estudado nessa pesquisa, que é procurar se aproximar da cultura das crianças da 'favela' Vila Aparecida.

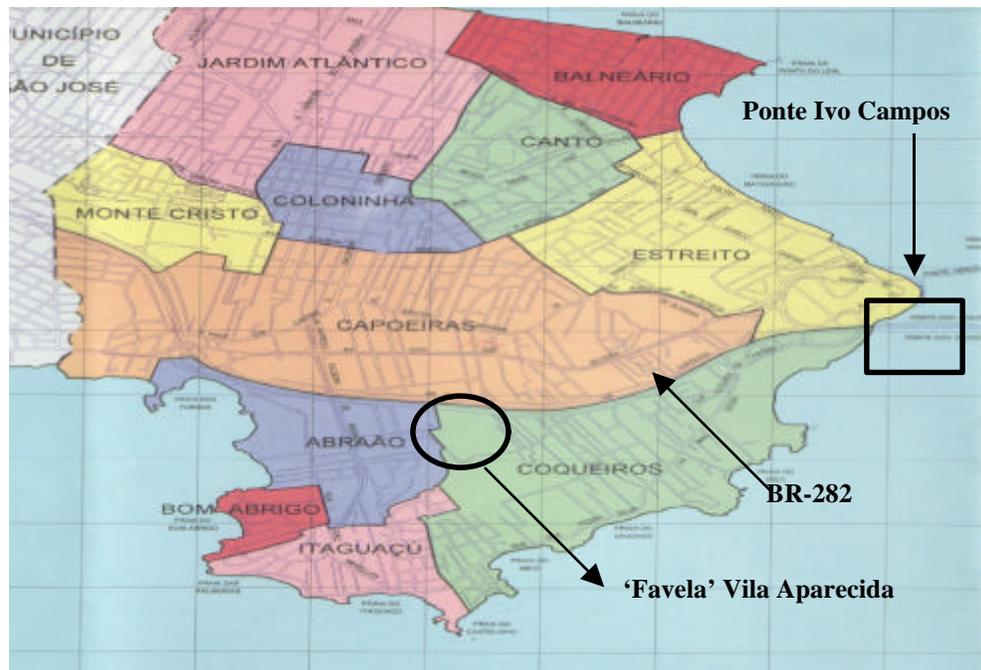
2.1.1 Conhecendo o Espaço

A popularmente conhecida 'favela' Vila Aparecida atrai muitos olhares, por estar localizada no bairro de Coqueiros, a margem da via-expressa da BR-282, via de acesso a Ponte Ivo Campos, que une a porção Continental à parte da Ilha do Município de Florianópolis/SC. Observe o Mapa 1, a seguir:

Todos os depoimentos foram gravados na cidade de Florianópolis – SC, especificamente na casa das entrevistadas na Vila Aparecida.

²⁹ Alfa-Gente é uma ONG que atende crianças de zero à 6 anos de idade. Além de auxiliar a população carente do município nas áreas da saúde, criança/adolescente e idosos. Desenvolve atividades: distribuindo cestas básicas; dando assistência jurídica; transporte para tratamento de radioterapia; transporte para tratamento de fisioterapia; transporte para tratamento de quimioterapia e auxílio medicamento. Para maiores informações consulte o site: www.alfagente.hpg.com.br

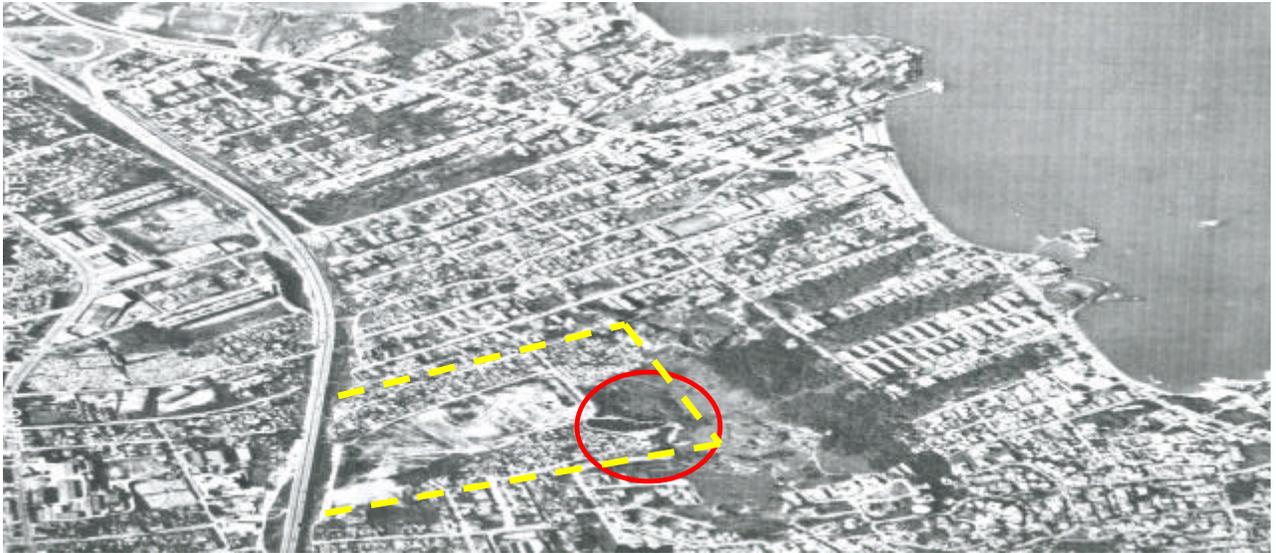
MAPA 1 – ÁREA CONTINENTAL DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS



Fonte: IPUF - Município de Florianópolis Mapa Físico-Político 2000.

A ‘favela’ Vila Aparecida é conhecida também por antigo Morro da “Covanca” que, segundo o dicionário Aurélio (1986), quer dizer *“um terreno extenso, cercado de morros, com entrada natural apenas de um lado, formando uma espécie de bacia e que é ordinariamente o extremo de um vale ou várzea”*.

Como se percebeu anteriormente, o modelo de desenvolvimento econômico, adotado pelo país nas últimas décadas, teve como uma das suas principais causas o êxodo rural. Dessa maneira, as oportunidades de empregos *“impulsionam a vinda de uma população migrante pobre, multiplicando as áreas de periferia urbana e favelas”*. (CECCA, 1996, p.103) A Vila Aparecida se apresenta historicamente como território das classes populares, refletindo em parte o crescimento desordenado da Ilha. Constate, a seguir, na Figura 1 e 2, o processo de ocupação dessa área, aproximadamente nesses últimos vinte anos.

FIGURA 01 – FOTO AÉREA - BAIRRO COQUEIROS - 1979

Fonte: IPUF - Foto aérea (1:15 000 – 1:50 000) 1979.

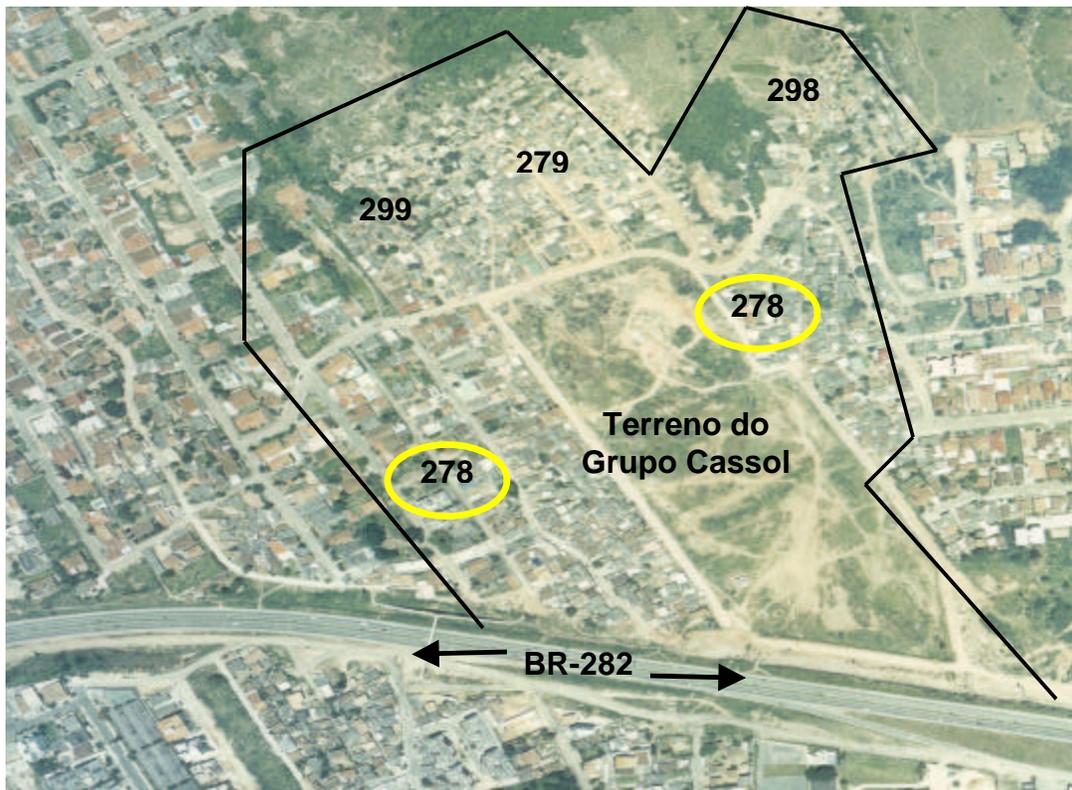
FIGURA 02 – FOTO AÉREA - BAIRRO DE COQUEIROS - 2000

Fonte: IPUF – Foto aérea (Fx.02-002 - 1:8000) 2000.

Devido ao grande número de pessoas que migraram para essa área, houve, em 1980, o IBGE desmembrou a Vila Aparecida para a contagem da população, dividindo-se em quatro áreas: Vila Aparecida I (ocupada por volta de 1954) e Vila Aparecida II (ocupada no final de 1960), Morro do Arranha Céu (ocupado por volta de 1965), Nova Jerusalém (ocupada em 1980) e Maclarem (ocupada a partir dos anos 90).

O IBGE classifica estes espaços como “Setor Especial de Aglomerado Subnormal”³⁰, dando a cada um desses espaços um código, como por exemplo: setor 278 (Vila Aparecida I e II), setor 279 (Nova Jerusalém), setor 298 (Maclaren) e setor 299 (Arranha Céu), conforme apresentado na fotografia do IPUF, a seguir, (*mais detalhes sobre a localização das áreas, ver os Mapas de Setor Urbano/2000, Anexo 1*).

FIGURA 03 – FORO AÉREA - BAIRRO COQUEIROS/ VILA APARECIDA - 2000



Fonte: IPUF – Foto (Fx.02–002 1: 8.000) aérea, 12/2000.

Assim, apesar de o espaço geográfico estar dividido em quatro áreas, limitei nessa pesquisa a levantar dados correspondentes à área da Vila Aparecida I e II, o que diz respeito ao setor 278, a fim de exemplificar as características do espaço urbano local na versão dos moradores.

³⁰ Como já havíamos descrito anteriormente, Setor Especial de Aglomerado Subnormal é definido pelo IBGE como um conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.

Conforme ilustração, a Vila Aparecida fica localizada próxima à Via Expressa, na BR 282, no Continente. No seu centro há um terreno baldio, que pertence ao Grupo Cassol, onde reside uma família que cuida do imóvel para não haver invasões. Para chegar à Vila, existem dois acessos: pelo bairro de Coqueiros, através da Rua Pascoal Simone, ou pelo bairro do Abraão, pela Rua Professora Rosinha Campos, a qual é também conhecida como Rua da Fonte, que pertence à Vila.

As primeiras ocupações no espaço físico da Vila Aparecida deram-se por volta de 1954, sendo considerada uma região antiga, se comparada com as demais existentes no continente de Florianópolis³¹. A Ponte Colombo Salles colaborou para desenvolver a ocupação dos bairros situados no continente, como é o caso do bairro Coqueiros.

Neste espaço físico descrito é onde realizam as ações humanas e se constroem histórias. Estou falando do espaço simbólico que cada um dos moradores partilha em seu cotidiano. “O espaço onde moram as emoções, os símbolos, onde se escreve a memória coletiva, o espaço, enfim, que permite a identificação de um grupo”. (MAFFESOLI, 1984, p. 229)

Assim, a entrevistada Cinda³², que é moradora da Vila Aparecida, colabora com suas lembranças para apontar vestígios sobre o processo de ocupação da Vila,

Morei na Coloninha por bastante tempo, até o dia em que meu marido resolveu vir para a Vila, pois havia o boato que construiriam a segunda ponte, então a gente veio mais para perto, compramos um terreno aqui na Vila por três milhões na época, é esse que eu moro até hoje. Muita gente naquele tempo se mudou comigo com esperança de arrumar um bom emprego, só que nem todos tinham dinheiro guardado para comprar um pedaço de terra. Alguns então moravam emprestado com os parentes, outros construíam dentro do terreno de um conhecido e iam pagando aluguel, mas tinha aqueles que não tinha nem um e nem outro, então invadiam a terra, o que não demorava muito eram despejados.

³¹ Confira no capítulo 1, p.30, Tabela 5, que se refere ao mapeamento das áreas carentes de Florianópolis, realizado pelo IPUF, em 1993.

³² Iracinda Carvalho (Dona Cinda) tem 89 anos (nascida 06/06/1914) moradora da Vila Aparecida há 40 anos, possui a profissão de espírita/vidente. Todos os trechos referentes às falas de Dona Cinda e que serão apresentados nesta pesquisa, foram gravados em uma longa conversa concedida à pesquisadora, no dia 26/01/03, em Florianópolis.

Dona Cinda refere-se à compra do lote, vislumbrada por ter casa própria, pois afirma que outros, por não terem documentos legais de seus imóveis, eram despejados a qualquer momento. Porém, D. Cinda ainda afirma que *“comprei o terreno achando que estava fazendo um bom investimento, jamais imaginaria que o bairro viraria uma favela. Hoje quero sair daqui porque o lugar está muito violento, mas ninguém quer comprar minha casa”*. Em suas palavras, a moradora deixou transparecer a decepção que teve ao não ver o lugar da Vila como um bairro tranqüilo para se viver.

A moradora Sandra menciona que a ocupação do morro foi aumentando também, devido às pessoas irem se casando, tendo seus filhos, netos e bisnetos e não terem mais saído dali. Foi o que aconteceu com a família dessa moradora, seus pais vieram morar ali para trabalhar na construção da Ponte, tiveram cinco filhos e todos moram na Vila com suas famílias. Ela afirma que, seu pai, quando chegou na Vila, invadiu um pequeno terreno e, à medida que a família foi aumentando e os filhos se casando, foram construindo outras casas e ocupando as terras ao redor.

A construção das pontes (Colombo Salles e Pedro Ivo Campos) que ligam o Continente à Ilha de Florianópolis foi um dos motivos que impulsionou a migração de alguns moradores a virem ocupar a Vila Aparecida, como podemos constatar nos depoimentos de D. Mello³³ e D. Cinda,

Quando cheguei na Vila, logo consegui emprego de cozinheira na construção das duas pontes de material. Acordava às 4 horas da manhã pra fazer café para os homens e ficava até as 22 horas limpando a cozinha para o outro dia. Os homens que fizeram a ponte foram muitos, vieram de São Paulo, Rio de Janeiro e até da Bahia. A construtora fez uns barracos pra eles morarem ali na Vila, depois que acabou a construção, muita gente acabou ficando por ali. Eu vi essa Vila se criar.

A construção da ponte Colombo Salles eu peguei no início: eu até trabalhei na cantina, ajudava na cozinha (...); então só tinha ponte preta (Ponte Hercílio Luz), era a única ponte que tinha, então pra construção dessa, veio muita gente da região serrana: Lages e Bom Retiro e até de

³³ Maria Mariana de Mello (Dona Mello), 68 anos de idade, moradora no local aproximadamente há 30 anos, viúva, sempre trabalhou de doméstica para sustentar a família. Atualmente está aposentada e ajuda a cuidar dos netos. Entrevista concedida à pesquisadora no dia 20/10/02.

outros lugares mais longe. Muita gente que tava desempregada trabalhou lá, até meu irmão.

A construção civil foi um dos motivos que impulsionou grande parte da migração nos anos 50 e 60, pois Florianópolis encontrava-se no auge das construções de setores públicos e ferrovias, como também o turismo foi um impulsor de migração, a partir dos anos 70.

Com relação à área ocupada na Vila Aparecida, conforme o IPUF (1993) *“apresenta um total de aproximadamente 48.850 m², com relevo irregular e com declividades medianas. Os solos, quando expostos à chuva, têm tendência á erosão”*. Neste local há uma rua que se chama a “Rua da Fonte”, local onde havia um rio, onde antigamente pegavam peixe; hoje é um esgoto a céu aberto. Conforme esclarece Cinda, com seu relato,

Naquele tempo, quando vim para cá (1960), era tudo mato, tinha muito verde, não tinha água nem esgoto. Somente tinha uma fonte que tinha uma água fresquinha e limpa, onde as mulheres lavavam as roupas, as pessoas tomavam banho e buscavam água para fazer comida. Mas depois desse monte de gente que começou a invadir o morro, esse rio virou esgoto – jogam tudo que é sujeira, ninguém cuida, cheira mal, coitado daquele que mora ali perto. Quando chove, o entulho é tanto que o rio chega a transbordar, chegando a ter inundações nas casas que estão em volta. Já a luz antigamente era de lampião, quando não se tinha, usava vela, já hoje, o pessoal quase todo mundo tem luz, porque puxa o rabicho do poste, para não pagar conta. Não é o meu caso, porque sempre trouxe minhas contas sempre em dia (...)

Acompanhando este depoimento, a moradora trouxe-me todos os talões de luz e água, junto a uma declaração em que consta ela é a proprietária do terreno onde mora. Nessas palavras e ações, pude sentir a nostalgia que a entrevistada se refere ao passado deste espaço. A indignação que tem com os novos moradores, pois não cuidam do espaço, não pagam pela terra em que moram e nem a luz que usam. Além do que, mostra seu mal estar frente ao saneamento básico e à falta de coleta de lixo, que gera a sujeira na Vila. A Entrevistada Sandra³⁴ também faz suas observações sobre o espaço, dizendo que,

³⁴ Sandra Terezinha Ramos (Sandra), 30 anos de idade, moradora da Vila Aparecida desde que nasceu, mora com seus três filhos e é separada. Atualmente exerce a função de serviços gerais no Projeto

(...) o espaço aqui não é legal; é ruim porque é morro e é sujo. O quintal é pequeno. Rua na frente da minha casa nem tem, só lá em baixo, onde passa o ônibus. Aqui onde moro é tudo beco, nada é calçado, é de barro e muito estreito. (...) Aqui no alto da Vila somente algumas casas têm água. Os próprios moradores fizeram encanamento, todo mundo se reuniu, juntamos dinheiro e compramos o material e puxamos lá da rua geral a água. Mas não é todo dia que tem água. Quando falta, vou na minha irmã, ela mora lá em baixo, lá não tem problema com água. Dou banho nas crianças, lavo a roupa e à noite trago um balde de água para fazer a comida.

Ao acompanhar Sandra até sua casa, pude visualizar suas palavras. Não é à toa que seus olhos se encham de lágrimas quando menciona sobre as condições em que vive. Pois, ao andar pelas ruas e becos da Vila, constatei o emaranhado de fios pendurados, que colocam em risco os moradores da Vila, o esgoto a céu aberto, isto é, a paisagem de um viver esquecido pelas autoridades, no que diz respeito à oferta de trabalho, saneamento e urbanização. As políticas públicas ainda deixam muito a desejar para as classes populares.

Diante desses relatos, ficou latente a precariedade na infra-estrutura, na rede elétrica e de água. Porém, além desse fato, existem também aquelas casas que não possuem nenhum tipo de serviço, o que é ainda pior. No entanto, apesar dos problemas de ordem de saneamento e urbanização, é preciso dizer que a Vila Aparecida ocupa um espaço privilegiado na sua localização, permanecendo próxima ao centro de Florianópolis, onde, de certa forma, sofre algum tipo de especulação imobiliária.

Além da análise dos aspectos materiais sobre o espaço, percebo que é também nele que cada morador constrói sua existência, por meio do espaço da casa, da família, dos amigos e da rua, e vão delimitando o viver do coletivo. Dessa forma, constroem o seu mundo e fazem as suas apropriações, se construindo como sujeitos históricos.

2.1.2 Os moradores tecem o lugar

Há um conjunto de diferentes localidades e culturas que constituem as relações internas da Vila Aparecida. Conforme destaca o IPUF, os moradores são procedentes das localidades que aparecem a seguir, em ordem de maior incidência:

TABELA 8 – PROCEDÊNCIA DOS RESPONSÁVEIS PELAS MORADIAS NAS ÁREAS CARENTES DE FLORIANÓPOLIS/SC

ILHA	CONTINENTE
Planalto Serrano	Oeste do Estado
Florianópolis	Planalto Serrano
Oeste do Estado	Florianópolis
Sul do Estado	Região da Grande Florianópolis
Região da Grande Florianópolis	Sul do Estado
Outros Estados (RS/PR)	Outros Estados (RS/PR)
Norte do Estado	Vale do Itajaí
Vale do Itajaí	Norte do Estado
Outros Países (Argentina/ Paraguai)	

Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF/1992.

As famílias começaram a chegar ali por decorrência da compra, invasão ou divisão de terras com familiares e parentes mais distantes, provenientes, principalmente do Oeste catarinense e Planalto Serrano, e outras famílias que vieram do próprio centro de Florianópolis e cidades vizinhas, como Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, São Jose, Biguaçu, entre outros.

Na Vila Aparecida, encontrei diferentes pessoas, com vários tipos de raça e tipos étnicos. São descendentes de índios, negros, mulatos, brancos, negros, pardos, etc. Devido a esta pluralidade presente na Vila Aparecida, aumenta a complexidade e o desafio de buscar compreender a apropriação que as crianças fazem do espaço da Vila Aparecida. Porém, independente da origem ou descendência, todos os que passam a morar na Vila são vistos de uma única maneira, segundo o entendimento de Sandra:

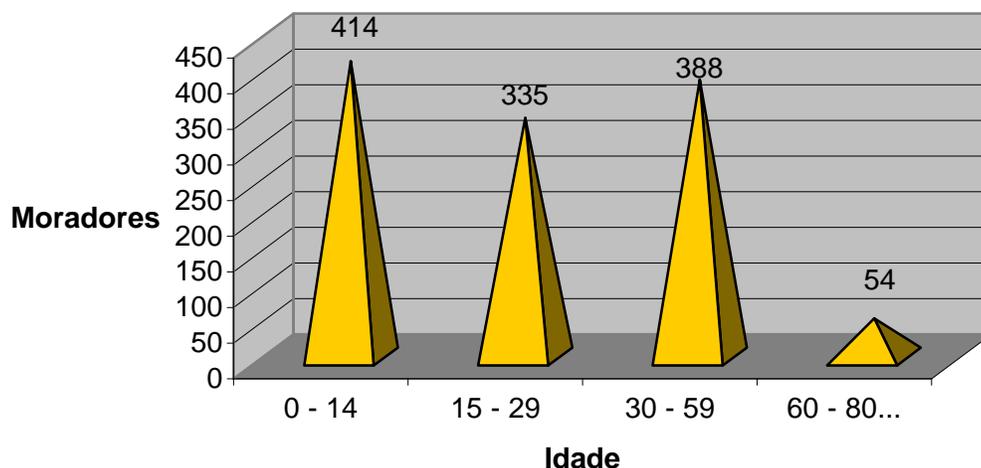
(...) é só a gente dizer que mora na Vila Aparecida que já pensam que boa coisa não é para morar ali. Confundem a gente com bandido.

Tenho vergonha às vezes de dizer que moro na Vila Aparecida. A Vila tornou-se uma 'favela' porque está cheio de favelado, de gente que não quer trabalhar, é um pessoal que se droga e rouba, é por causa deles que a gente leva a fama de mal. Tem muita gente que trabalha, é honesto e dá duro para viver. Esse pessoal só quer bagunçar a Vila - eu sou trabalhadora e gostaria que me respeitassem.

Conforme descrito no capítulo anterior, não se pode generalizar o local 'favela' como um lugar "feio", "sujo" e cheio de "bandidos, como expressa o senso-comum da sociedade brasileira. É preciso desconstruir essa visão preconceituosa frente aos pobres, necessitamos avançar na compreensão sobre esse grupo que nos cerca e que muitas vezes nos intimida; por isso o interesse dessa pesquisa.

Com relação ao número de moradores, consta, no censo demográfico de 2000, que o Estado de Santa Catarina possui uma população de 5.356.360 habitantes, sendo que, deste montante, 342.315 pertencem ao município de Florianópolis. Dentro deste número equivalente ao município de Florianópolis, 13.592 (conferir - Anexo 2) fazem parte do bairro de Coqueiros, onde se encontra o setor 278, que corresponde à área em que está situada a 'Favela' Vila Aparecida, a qual contém uma parcela de aproximadamente 1.191 habitantes. Dentro desse contexto, 574 são homens e 617 são mulheres, os quais estão distribuídos por idade, da seguinte forma:

GRÁFICO 2 – SETOR 278 - VILA APARECIDA - NÚMERO DE MORADORES RESIDENTES POR IDADE



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Agregado de Setores Censitários dos Resultados do Universo.

Dentro do total de moradores, o número de mulheres é o mais expressivo: elas são as mais participativas nos espaços religiosos, culturais e na educação de seus filhos. No capítulo 3, quando me referir aos pais das crianças, este dado fica evidente.

Ao analisar o número de pessoas que fazem parte da terceira idade, observei que corresponde a 5% da população da 'Favela' Vila Aparecida, número em que D. Cinda afirma ser baixo, pois justifica dizendo,

A cada ano que passa, os idosos vão morrendo e não vão surgindo outros. Também, com tanta violência, duvido que meus netos cheguem na minha idade. (...) Os jovens de hoje estão morrendo cedo por causa da droga e do tráfico, além do que não sabem se alimentar, o pouco de dinheiro que tem gastam tudo em bebida. No meu tempo era muito peixe com farinha.

A moradora expressa sua preocupação com as precoces mortes que vem acontecendo na Vila, devido à grande violência ao uso abusivo de drogas. Apesar das mortes, percebe-se o nascimento de vidas é o ponto mais elevado, pois a maior população está entre zero e quatorze anos de idade, correspondendo às crianças e aos adolescentes moradoras da 'favela' Vila Aparecida, os quais são os sujeitos da pesquisa e que contribuem em grande parte na produção e reprodução da cultura do local.

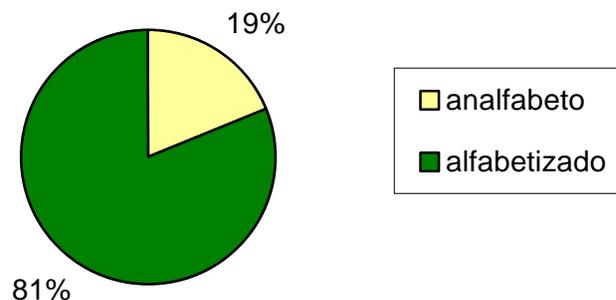
Ao refletir sobre os moradores, remeto-me a pensar sobre as profissões que estes desenvolvem. O relatório do IPUF/93 tem dados sobre as profissões dos moradores desse local, porém não contemplam todas as existentes. Segundo o IPUF, estes moradores exercem as ocupações, de: serventes, vigias, comerciantes, domésticas e faxineiras. Porém, as entrevistadas desenvolvem a função de: lavadeira/passadeira, médium espírita, professora e auxiliar de serviços gerais. Essa última ressaltou em seu depoimento que, além disso, as mesmas ressaltaram que há outras profissões em que seus vizinhos trabalham, como, por exemplo: a de motorista, pintor, carpinteiro, marceneiro, artesão, jardineiro e de "carroceiro". Carroceiro é aquele que possui um cavalo e uma carroça e sai com a família para pedir objetos usados para vender. Observei que o cavalo tem um grande significado na renda dessas famílias,

conforme afirma uma das crianças moradora da ‘favela’ Vila Aparecida: *“minha família ficou mais rica porque a égua do meu pai deu cria. Agora minha mãe vai poder catar coisas com esse novo cavalo, nós vamos ganhar mais dinheiro”*.

Porém, as mais exercidas é a de catador de papelão e latinhas e a de flanelinha, isto é, aqueles que cuidam de carro para sobreviver. Dentre as profissões citadas pude perceber que são trabalhos geralmente mal remunerados, a maioria deles não oferece carteira assinada, e muitos desses são mais freqüentes apenas na alta temporada, favorecendo a rotatividade de emprego e desemprego.

Os empobrecidos desde muito cedo precisam trabalhar para auxiliar no sustento familiar, não havendo muito tempo para os estudos, possuem baixa escolaridade. Pode-se constatar essa baixa escolaridade através do grau de escolaridade dos 296 chefes de famílias: desses, 204 são homens e 92 mulheres, ainda bastante jovens. Importante comentar que 31% dos chefes de família são mulheres; a maioria encontra-se sozinha, administrando a vida financeira e doméstica de sua família. Desse montante de chefes de família, 56 são analfabetos e 240 são alfabetizados. Dos alfabetizados, 170 são homens e 70 são mulheres. Confira os dados abaixo:

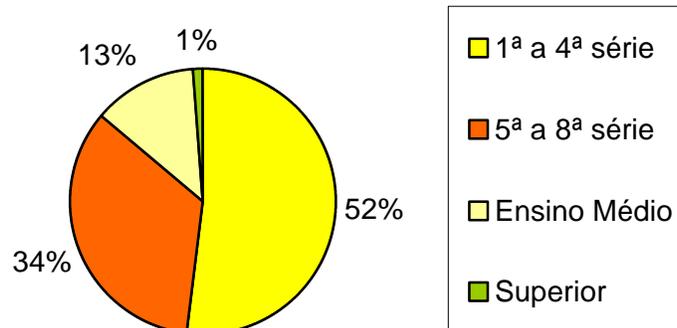
GRÁFICO 3 – SETOR 278 – VILA APARECIDA – NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Agregado de Setores Censitários dos Resultados do Universo.

Dentro destes 81% de alfabetizados chefes de família, pode-se verificar o seguinte grau de escolaridade:

GRÁFICO 4 – SETOR 278 – VILA APARECIDA – GRAU DE INSTRUÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA ALFABETIZADOS



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Agregado de Setores Censitários dos Resultados do Universo.

Tomando por base estes dados, pode-se notar que o nível de escolaridade é relativamente baixo, sendo que mais de 50% permanecem entre a 1ª e 4ª série. Dentro dessa grande porcentagem, estão três de nossas entrevistadas, e somente uma D. Laureci concluiu o ensino médio.

Laureci (2003)³⁵ hoje é uma das coordenadoras do Projeto Alfagente e afirma que muitos pais, por não terem escolaridade, não conseguem auxiliar seus filhos nos deveres escolares, vindo a contribuir para a repetência de ano nas séries escolares de seus filhos. Ressalta ainda que o Projeto em que trabalha está desenvolvendo um programa de alfabetização para adultos, porém, a procura é mínima, alguns trabalham longe e chegam em casa tarde e cansados, além do que a violência à noite na ‘favela’ faz com que muitos não saiam de casa.

Sandra fica triste em dizer que sua filha mais velha (treze anos) é repetente e está ainda na 3ª série do ensino fundamental do ensino fundamental. Ressalta que o motivo deve ser porque a mesma precisa trabalhar em casa para me ajudar; meio período fica na escola e noutro cuida da casa e de seus dois irmãos.

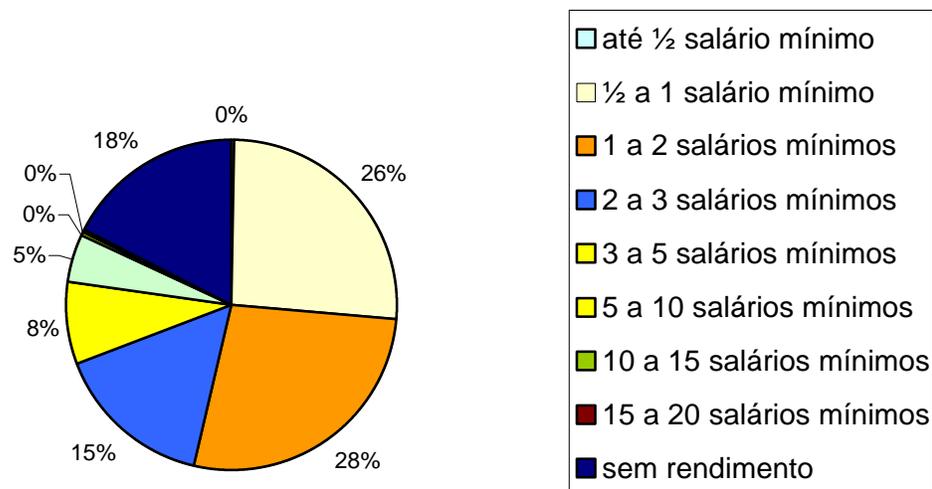
Dessa maneira constatei que algumas crianças participam como componentes importantes na batalha pela subsistência da vida. São crianças que desde muito cedo tornam-se pequenos trabalhadores, alguns circulam pela cidade para

³⁵ Dona Laureci Correa, 55 anos, é moradora da Vila Aparecida há mais de 30 anos, é uma das primeiras presidentas da Associação de Moradores da Vila Aparecida e é uma das Coordenadoras do Projeto Alfagente.

mendigar por um pouco de comida e dinheiro, enquanto outros vendem, nas sinaleiras, jornais e balas. Porém, aqueles que não vão para a via pública, contribuem também, desde cedo, com os afazeres domésticos, arrumam a casa, fazem comida e cuidam de outras crianças. Dessa maneira, muitas das crianças dividem as horas de seu dia com a escola e a jornada de trabalho até o momento que conseguem suportar.

Essa ajuda de outros componentes da família, para auxiliar no salário, se dá pelo motivo que parte dos moradores detém baixa renda salarial, a maioria não ultrapassa três salários mínimos. Assim, dentre os 296 chefes de família que existem na Vila Aparecida atualmente, 18% não possuem nenhum tipo de renda e 82% recebem algum tipo de salário, conforme destaca Gráfico 5, a seguir:

GRÁFICO 5 – SETOR 278 – VILA APARECIDA - RENDA MENSAL EM SALÁRIO MÍNIMO POR CHEFE DE FAMÍLIA



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Agregado de Setores Censitários dos Resultados do Universo.

Percebe-se que 54% correspondem a 131 famílias que recebem de meio até três salários mínimos, muitas vezes impossível garantir o sustento de uma família, ou seja, alimento, vestuário, transporte, moradia, saúde etc.

A situação piora ao analisarmos os 18% que correspondem a 54 chefes de família da Vila Aparecida que não têm nenhum tipo de rendimento. São sujeitos que estão vivendo na miséria. Com a falta de emprego, a ociosidade prevalece e assim compartilham com a cruel rotina da “desocupação”, tornam-se pedintes ou até mesmo “ladrões”, para poder sobreviver. Esta situação alimenta a violência presente no espaço

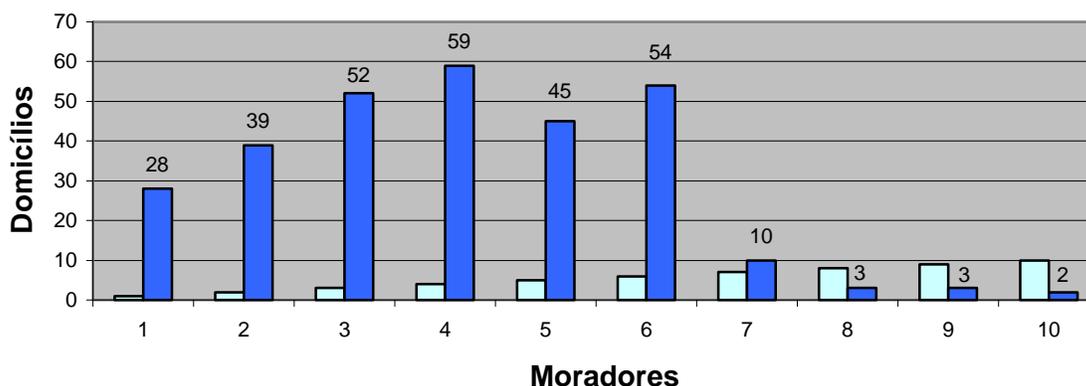
urbano da cidade. Segundo os dados do IBGE, o desemprego, em outubro de 2002, chega a atingir 11% da população com idade mínima de 15 anos.

Enquanto isso, os que trabalham, encontram-se em jornadas de trabalhos árduos, buscam lutar pela sobrevivência através de empregos informais, resistem à agressão e sobrevivem em adversas condições de vida.

2.1.3 Domicílios e infra-estrutura

Segundo os dados do IBGE/2000, a Vila possui 296 domicílios, sendo que destes: um corresponde a domicílio particular improvisado, 292 domicílios particulares permanentes, tipo casa, e três domicílios permanentes, tipo apartamento. Deste total, os domicílios são caracterizados na condição de ocupação, como: domicílios próprios e quitados são 281 e domicílios alugados são 14. Os moradores estão distribuídos dentro destes domicílios da seguinte forma:

GRÁFICO 6 – SETOR 278 – VILA APARECIDA – NÚMERO DE MORADORES RESIDENTES POR DOMICÍLIO



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000 - Agregado de Setores Censitários dos Resultados do Universo.

Ao analisar o Gráfico 6, percebi que o tamanho médio da família oscila entre três a seis moradores, o que corresponde a 71% dos domicílios da Vila Aparecida. Enquanto, 22% dos domicílios correspondem à ocupação por um a dois moradores. Ficando apenas 7% dos domicílios que comportam de sete a 10 moradores.

A maioria desses domicílios estão estruturados de tal modo que não comportam de forma adequada o número de moradores residentes. Assim os moradores vivem em casas pequenas, cubículos construídos com diversos restos de materiais de construção, como: tijolos, madeira e latões, resgatados de canteiros de obras e lixões. *“À medida que o favelado vai encontrando outros materiais mais adequados, vai substituindo os antigos, tal processo acontece com regularidade até que construam uma casa mais sólida”*. (JACQUES, 2001, p. 23) A respeito do tipo de moradias na Vila Aparecida, encontramos um levantamento de dados realizado através do Posto de Saúde local, em 1998, pela Assistente Social Kátia Regina Lhon, a qual constatou o seguinte:

TABELA 9 – PORCENTAGEM DO TIPO DE DOMICÍLIO EXISTENTE NA VILA APARECIDA – 1998

Tipo	%	Nº Domicílios
Alvenaria	28%	83
Madeira	34%	101
Material reaproveitado	37%	112

Fonte: Posto de Saúde Vila Aparecida – 1998.

Como se pode notar, a madeira e o material re-aproveitado são os mais utilizados pelos moradores na construção das casas na Vila. A casa da entrevistada Sandra é uma delas, conforme relato sobre as condições e situação de sua moradia:

(...) minha casa é de madeira, apesar de eu morar só cinco anos ela já esta bem velha, pois foi construída com madeira usada. Fica bem lá em cima do morro, é um dos lugares mais perigosos da Vila. Ela foi construída pelo meu pai, eu também ajudei, carregando material. É uma casa pequena, só tem duas peças: uma cozinha e um quarto que à noite eu divido com uma cortina, o banheirinho fica na rua, moramos em quatro pessoas ali. O lugar não é bom, pois não tem um quintal, é tudo muito tumultuado, uma casa em cima da outra, as pessoas foram colocando, colocando e se quiser melhorar, nem espaço tem para fazer uma casa de tijolo, além do que o material de caminhão nem chega, é preciso levar tudo de carrinho de mão.

Enquanto esse melhoramento não acontece, a casa própria improvisada com material aproveitado ou de madeira é a solução buscada para o momento, porém, para uma construção mais sofisticada, o processo é lento, devido à baixa disponibilidade financeira.

Em meio a esses domicílios, há os espaços externos das casas, os quais são compartilhados, usados como ruelas e becos, espaço de todos. Dessa maneira, as casas ficam muito próximas, limitando a privacidade das pessoas, como ficou claro na fala de dona Cinda, *“as casas são tão coladas uma nas outras que todo mundo passa pela janela e vê o que tem dentro, é por isso que já me roubaram duas televisões. (...) Para trocar de roupa, tenho que fechar toda a casa, porque a janela do vizinho é colada na minha janela”*. São situações como estas que os moradores convivem diariamente, tendo que constantemente aprender a dividir seu espaço com o coletivo.

Além do espaço limitado, há também o odor dos canais de esgoto e do lixo que o cerca. Conforme os estudos do Posto de Saúde da Vila Aparecida (realizados em 1998), constatou-se que 30% do lixo permanece na área, o qual não é recolhido devido à impossibilidade de acesso da caçamba de serviço de limpeza chegar até as casas. Assim o destino do lixo de algumas casas é jogado em terreno baldio ou logradouro, com exceção do destino das fezes e urina que a própria areia absorve. Isso acontece porque 15% das habitações não possuem banheiro, havendo um sistema de fossa a céu aberto. Com relação ao abastecimento de água, há 98% das casas que a recebem, sendo que 95% dos moradores não realizam o tratamento da água antes de ingerí-la.

Diante desses dados, é possível constatar que, no local, estão estampados muitos dos problemas do país, como a fome, o analfabetismo, o descaso com a saúde, a falta de moradias adequadas, o desemprego e tantas outras deficiências da vida social que levam os indivíduos à marginalidade.

No entanto, esse espaço da ‘favela’ não apresenta apenas condições sociais distintas, mas também diferenças no comportamento, no estilo de vida, na maneira como se apropriam do mundo. Tais questões serão clareadas mais adiante.

2.1.4 Equipamentos Urbanos/Comunitários

Em meados dos anos 70, os moradores que vivem nas 'favelas' das grandes cidades começam a receber religiosos (porém, não vivem na 'favela'): seminaristas, freiras, padres, profissionais da área social, assim como iniciativas de organizações não governamentais que, por sua vez fortalecem as organizações da população para reivindicar seus direitos (creche, posto de saúde, ônibus...).

Na 'favela' Vila Aparecida, a organização popular propriamente dita ocorreu com a vinda das Irmãs da Congregação Fraternidade Esperança, já no fim da década de 70 (1979). Essa congregação desenvolvia trabalhos nas comunidades da ilha: Mont Serrat, Saco dos Limões, Morro do Mocotó e Morro da Caixa, e no Continente: Morro do Flamengo e Vila Aparecida. A partir de 1980, a Vila Aparecida fundou a Associação dos Moradores³⁶ com o apoio das Irmãs. Desde sua origem conquistando melhorias no local: como é o caso do transporte coletivo - a linha de ônibus Vila Aparecida, que circula pela Rua da Fonte, passa com freqüência todos os dias da semana. Devido a esse fato, houve o calçamento do trajeto por onde o ônibus e o caminhão do lixo passam, favorecendo a urbanização das ruas principais.

A respeito do lixo na Vila, segundo a moradora Mello, o recolhimento é feito regularmente, três vezes por semana. O problema é que alguns moradores não colaboram. Existem pontos para colocação/armazenamento do lixo em áreas onde o caminhão de coleta consegue chegar, mas alguns por falta de informação sobre a importância da reciclagem do lixo jogam em qualquer lugar.

O Posto de Saúde, fundando em 1980 pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, disponibiliza uma equipe para atender as pessoas no local. Além disso, também possuem 'agentes comunitários', pessoas contratadas pelo município para trabalhar no "Programa Saúde da Família", realizado pelo Governo Federal, os quais são responsáveis por fazer visitas às casas dos doentes, montar diagnósticos do município sobre a situação de saúde em que as famílias se encontram, a fim de

³⁶ A Associação de Moradores Vila Aparecida fica localizada na Rua Nossa Senhora do Carmo, 110 - Vila Aparecida - Florianópolis. Tem por objetivo representar e reivindicar melhorias para a comunidade, promovendo seu desenvolvimento social. Aqueles que desejam ser voluntários, para auxiliar nos melhoramentos da Vila Aparecida, podem acessar o site: voluntarios.sc@ativanet.com.br

viabilizar as consultas médicas domiciliares para os doentes com dificuldade de se locomoverem.

Também conquistaram a ampliação de vagas nas escolas para as crianças freqüentarem: Escola Básica Professora Rosinha Campos, Escola Presidente Getúlio e Projeto Alfagente. Porém, a conquista para a ampliação de vagas e a manutenção desses estabelecimentos ainda é uma busca, conforme os escritos de RODRIGUES (2002, p.30):

(...) aproximadamente 350 crianças de zero a seis anos correm o risco de ficar sem creche em 2003 em Florianópolis. Isto porque as instituições - mantidas por convênios e doações - precisam de reformas urgentes. Caso contrário, a Vigilância Sanitária estadual não vai liberar a abertura das escolas de educação infantil. A estrutura física das creches do Morro do Mocotó, do Morro da Caixa e da Vila Aparecida é precária. (...) as paredes estão tão frágeis que basta passar o dedo para sair o reboco. Os buracos são tapados com desenhos infantis, o chão de madeira deve ser trocado, e toda a escola precisa ser pintada, o telhado também está comprometido explica Sirlei Scolaro Pedrini, gerente administrativa da AlfaGente, uma ONG responsável pelas instituições.. Os convênios assinados com a prefeitura e com o governo federal e as doações da comunidade não são suficientes para sanar todas as despesas, e as creches trabalham mensalmente com um déficit de pelo menos R\$ 10 mil. Mas a prioridade agora é conseguir doação de materiais de construção e mão-de-obra voluntária para que as crianças tenham um lugar para fazer as quatro refeições diárias”

Segundo as entrevistadas, a “casa da comunidade” é uma das principais conquistas dos moradores, é onde funciona o projeto Alfa-gente, local que está precisando de melhoramentos. Este projeto atende aproximadamente 60 crianças dentre zero e seis anos, em período integral. Além dessa creche, essa mesma estrutura-física desenvolve outras atividades que favorecem as relações sociais na Vila. Durante o dia funciona uma creche e uma padaria de 2ª a 6ª feira, e cultos religiosos, reuniões de diferentes grupos (grupo de mães e idosos) e recreações em geral (aniversários, casamentos e cursos temporários, como o que está acontecendo sobre os direitos humanos e cidadania - oferecido pelo Alfagente) durante a noite e nos finais de semana. D. Cinda ressalta que toda 3ª feira tem aula de violão e deixa expresso nas suas palavras o quanto gosta desses momentos: “a música espanta o medo e traz a

alegria de tempos passados”. Já D. Laureci desenvolve oficinas de trabalhos manuais para gestantes. Assim, esse espaço configura-se como uma importante área de lazer para os moradores da ‘favela’ Vila Aparecida.

Perante essas conquistas, a associação, apresentam inúmeras outras propostas que estão por acontecer, no que diz respeito à regularização da posse da terra; à pavimentação; à iluminação pública; ao melhoramento da infra-estrutura da casa da comunidade, a regularização dos abastecimentos de água; reparos na rede de esgoto e projetos que venham amenizar o problema da droga e da violência. As lutas por área de lazer, conforme as crianças mencionaram nas peças teatrais, que gostariam de uma praça para brincar, também são projetos que os moradores pretendem alcançar. A moradora Sandra reforça a necessidade de espaços de lazer, afirmando que, *“para a população, não há opção de lazer, exceto beber, jogar e fofocar da vida dos outros nas ruas e bares da Vila”*. Assim, percebo que o espaço da Vila Aparecida necessita de projetos e programas que contemplem a questão do lazer.

Além dessas conquistas coletivas, existem outros serviços prestados no interior da Vila Aparecida: a Escola Básica Rosinha Campos, na qual funcionam turmas do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, como também a Escola Municipal Presidente Roosevelt, que somente atende até o Ensino Fundamental.

No que diz respeito ao comércio, encontram-se algumas mercearias e vários bares, entre eles, o famoso bar e mercearia do “Pita”, que é uma referência na Vila, por ser um dos únicos que vende fiado, pois há um considerável número de moradores desempregados que vivem de bicos, além de ser também o local onde o correio deposita todas as correspondências da Vila Aparecida, pois as casas não possuem número. Existem, também, placas diversas, anunciando outros tipos de serviços, como: costura-se roupas; faz-se faxina; pinta-se casa; corta-se cabelo; corta-se grama, entre outros serviços que não estão anunciados, como é o caso das oficinas de carro domiciliares.

Não poderia de deixar de mencionar a existência de um importante espaço muito utilizado pelos moradores da Vila, o conhecido terreno da Cassol, local onde sempre há crianças e jovens soltando pipa, jogando futebol, vôlei e brincando de bulica.

O espaço também é utilizado como praça, ponto para se encontrar e conversar, pois a associação dos moradores construiu alguns bancos de madeira que contorna a quadra de futebol. Este local também serve para deixar os cavalos pastando e para estender roupas.

No aspecto religião, existem várias igrejas: católica (missas celebradas na “casa da comunidade”, aos domingos), Espírita (realizada em terreiros), pentecostais da Assembléia de Deus e Evangélica Quadrangular, esta última possui grande estrutura montada no seio da ‘favela’ Vila Aparecida. São diversas as orientações religiosas disseminadas ali, sendo que às vezes, ocupam as mesmas ruas. Muitos moradores costumam freqüentar mais de uma, sem o menor constrangimento e tanto convivem com padres, pastores e pais de santo. Os moradores buscam ajudar na construção de igrejas e templos, visando assegurar, de certa forma, a doação de algum benefício, como cestas básicas, roupas, resultado das diversas campanhas que as igrejas fazem. A religião é um caminho que pode ser compreendido como um espaço importante de mobilização e informação dentro da Vila Aparecida, na medida em que agrega o maior número de pessoas, especialmente mulheres e crianças.

2.1.5 Visitando a Vila - aspectos da cultura local

Para maior aproximação do universo de pesquisa, resolvi não só olhar e ler sobre o espaço da ‘favela’ Vila Aparecida; foi preciso vivenciá-lo e experimentá-lo, e assim foi feito, por meio de visitas. Destas, mencionarei duas, que se apresentaram extremamente significativas. A primeira deu-se em outubro de 2002, com a companhia das crianças atendidas pelo Projeto Família Saudável – PFS (local onde foi desenvolvida a pesquisa). Teve como objetivo as crianças me apresentarem o lugar onde moram. A segunda visita foi realizada em janeiro de 2003, período de férias escolares, com a finalidade de coletar dados com os moradores sobre o cotidiano Vila Aparecida. Além dessas visitas, houve outras duas, ao Posto de Saúde da Vila Aparecida e à Casa da Comunidade, ambas também tiveram sua validade na busca por coleta de dados documentais.

1ª VISITA

Após um ano afastada do PFS, retornei ao local no dia 11/10/02, a fim de alcançar dois objetivos iniciais: 1) apresentar a pesquisa aos envolvidos no PFS; 2) realizar uma visita ao espaço urbano da ‘favela’ Vila Aparecida.

Nesse primeiro contato com o PFS, foi realizado um encontro com o intuito de apresentar a proposta de pesquisa ao grupo de funcionários e, conseqüentemente, pedir licença para realizá-la, isto é, para poder realizar observações, entrevistas, conhecer alguns documentos e poder circular pela instituição.

A conversa foi conduzida com o grupo de educadores e busquei cristalizar as intenções da pesquisa, deixando claro a importância de obter dados. Para isso precisaria do apoio de todos para desenvolver a mesma. Procurei demonstrar o que era um trabalho acadêmico e que não tinha a pretensão de distorcer informações e nem acrescentar palavras que não fossem ditas, sem intenção de desprestigiar o PFS. O desejo é que essa pesquisa viesse a ter uma relevância social – e que pudesse se tornar significativa àquela realidade.

Depois dessa breve argumentação sobre a proposta de pesquisa, surgiram algumas falas do grupo, que demonstraram consentimento, aprovação e dúvida. A fala da coordenação foi extremamente clara no sentido de reconhecer o trabalho anteriormente realizado pela pesquisadora no PFS, mostraram-se motivados com a pesquisa, dando um voto de confiança: *“a casa é sua, o que estiver ao nosso alcance iremos ajudar, conhecemos seu trabalho e fica visível sua intenção de querer contribuir para o melhoramento do PFS”*³⁷. Por outro lado, houve o silêncio por parte das professoras.

Após essa conversa, percebi o quanto aumentou meu compromisso de pesquisadora com aquela realidade. Pesquisar implica muita responsabilidade na produção do conhecimento. Além do que, é preciso *“reunir criatividade metodológica e segurança teórica para conferir sentido aos dados”*. (LUNA, apud FAZENDA, 1989, p.30) É nesse sentido que se busquei criar um diálogo com a teoria e a prática numa perspectiva histórica, procurando perceber os conflitos e contradições existentes na realidade enfocada.

³⁷ Fala da coordenadora do PFS - 11/10/02, às 10 h 30 min da manhã.

Nessa atmosfera de reencontro, resolvi falar com as crianças (cerca de 80% das crianças com quem trabalhei ainda permaneciam no PFS), expliquei o porquê de estar visitando o PFS. Esclareci que estava produzindo um trabalho para a Universidade Federal de Santa Catarina, sobre as crianças que moram na Vila Aparecida e que participaram das oficinas de teatro, no período de 2000-2001. Aproveitei o momento em que muitas delas estavam presentes para ressaltar a importância da ajuda de todos para que essa pesquisa “pudesse se concretizar”. Uma das crianças perguntou: *“No que a gente pode ajudar?”* Respondi imediatamente que gostaria muito de fazer um passeio pela ‘favela’ Vila Aparecida e saber onde cada uma delas mora! Percebi que uma criança não gostou da ideia da visita, pois se mostrou resistente ou com vergonha que eu conhecesse sua casa. Expresso na seguinte fala: *“eu não vou mostrar onde é minha casa, prefiro fazer outra coisa, não gosto de passear pela Vila”*. Outros adoraram a ideia e logo se mostraram dispostas a ir passear, dizendo: *“Eu queria que primeiro fosse a minha casa”, “A senhora vai conhecer minha Vó, ela está em casa”*.

Com a aprovação da maioria das crianças e o consentimento da coordenação, o passeio acabou acontecendo nesse mesmo dia, pois havia faltado uma professora à tarde, e a turma estava liberada. Fui com onze crianças, com idade de nove a 12 anos e mais uma funcionária que também não conhecia o espaço da ‘favela’ Vila Aparecida.

Durante a caminhada para chegar até a ‘favela’, ocorreu uma conversa, onde perguntei o que havia de interessante para conhecer lá. Algumas crianças disseram que não havia nada, porque tinha muita briga e tristeza, e assim foram contando alguns “causos” que havia acontecido nos últimos dias.

Ontem morreu meu primo, com cinco tiros, na frente da casa da minha Vó. O traficante achava que ele tinha dedado alguma coisa para polícia. Morreu de graça! Minha mãe diz que ele não sabia de nada, eles tinham é ciúme dele, porque ele tinha emprego lá no centro. (A. 11 anos)

Perigoso mesmo é quando meu vizinho chega bêbado em casa, bate tanto na mulher e nos filhos que a gente chega a ouvir os gritos lá de casa. (G. 10 anos)

Na parede da minha casa tem um monte de buraco de tiro, você vai ver quando chegar lá. (S. 12 anos)

Esse dia deu tiroteio lá do lado de casa. Sabe porquê? É que mora um traficante na minha rua e ele resolveu dar uma festinha, já eram 4 horas da manhã e estavam todos drogados, com o som super alto. Minha vizinha que acorda cedo para trabalhar resolveu pedir para eles baixarem o som. Coitada, eles invadiram a casa dela, jogaram a televisão no chão, deram dois tiros para o alto e ela saiu correndo de medo. Minha mãe pensou em chamar a polícia, mas o orelhão ficava bem na frente da casa de minha vizinha, eles então iriam ver e talvez fosse pior. Minha mãe apagou a luz e mandou eu e meus irmãos ir dormir. Fiquei com medo! A casa dela parece que ficou abandonada, ela ainda não apareceu, eu acho que ela também ficou com medo de chamar a polícia. (E. 11 anos)

Outro dia desses, tinha um homem sentado no chão na frente da minha casa, ele estava se drogando com uma injeção. Minha mãe sempre diz: não mexa com eles, assim eles não mexem com você. (E. 11 anos)

Constatei que a violência é um tema que faz parte da conversa cotidiana das crianças na Vila Aparecida. Quem morreu, quem matou, quem foi preso, são assuntos tecidos naturalmente dentro de casa e na rua. Porém, os nomes são ditos ao pé do ouvido, para que estranhos não percebam. A descrição é um aprendizado necessário à segurança.

No meio dessa conversa, uma das crianças falou murmurando que é preciso ter cuidado com o Bobó³⁸. Indaguei: Por quê? Então explicaram que esse era o “manda chuva”, o sujeito que comanda a Vila Aparecida, um rapaz com apenas 17 anos. Os pais chegam a recomendar para que as crianças nem olhem para ele, pois ele é todo desconfiado e pode achar que o está encarando, e se achar, é melhor sair correndo porque ele vive armado. Disseram que ele é perigoso, porque mata as pessoas e vende drogas e nunca é preso.

Então, perguntei, se não havia problema para as pessoas que não moram na Vila, ficar circulando por ali. Responderam que haveria problema caso a pessoa estivesse sozinha, mas estando com quem mora na Vila, não há problema, e assim completaram: *“O Pita não vai ligar se você estiver com a gente, vai deixar você entrar sem nenhum problema”*. O Pita, segundo as crianças, é o dono do bar que fica em uma

³⁸ Nome fictício.

das entradas da 'favela', o homem que controla a entrada e saída das pessoas daquele local. Por meio de um telefone, ele avisa os traficantes sobre quem está entrando na Vila.

Perguntei às crianças se a visita da polícia era freqüente, responderam que todo dia tem polícia, só que somente durante o dia, porque à noite os traficantes tomam conta da Vila, ninguém tem coragem de sair de casa.

Além dessas tristes histórias, houve uma criança que levantou um ponto positivo: "a casa da comunidade" (citado anteriormente como uma das conquistas da associação dos moradores da Vila Aparecida) é onde funciona uma creche, uma padaria e uma igreja nos finais de semana, explicaram as crianças.

A cada passo, aumentava a expectativa e a ansiedade para conhecer a Vila, ao mesmo tempo também um certo receio de haver resistência por parte dos moradores.

Após uma caminhada de quinze minutos, chegou-se à entrada da Vila, encontrei o famoso bar do "Pita", um estabelecimento pequeno, com uma estrutura de alvenaria. Grande parte desse espaço é direcionado ao jogo, contendo mesas de sinuca, máquinas de "taylorama" e outras mesas pequenas, destinadas ao jogo de cartas e dominó, as quais se encontravam, no momento, ocupadas. Nos fundos do bar tem um balcão com pequenas prateleiras, contendo bebidas alcoólicas, cigarros e diversos tipos de alimento. Segundo o Pita, o bar permanece constantemente movimentado, um dos motivos é que ele faz muita "conta fiado", para a compra de alimentos, e outro maior motivo é que as pessoas buscam o bar para suprir algum tipo de vício.

Nessa conversa com o Pita, apresentei-me como pesquisadora e expliquei sobre o trabalho que estou desenvolvendo sobre a Vila Aparecida e a importância de conhecer onde as crianças moram. O mesmo se mostrou receptivo e nos alertou, dizendo: "*se precisar de alguma coisa, mande as crianças me chamarem*", e recomendou que finalizássemos a visita antes de anoitecer. Assim, houve os agradecimentos e demos continuação à visita.

Na entrada, já fui sentindo alguns olhares de estranhamento por parte dos moradores, cochichos e também gestos desconfiados. No caminho nos deparamos com

uma mãe e uma avó que se aproximaram para saber o porquê suas crianças estavam fora do PFS naquela hora. Esclareci o motivo e uma delas nos convidou para entrar e tomar água. Não recusei o convite, enquanto a mulher enchia de água uma lata reciclada de massa de tomate, que servia de copo, pude circular os olhos na sua moradia. Algo me chamou muito a atenção: uma escada de madeira que vai até o teto e fica localizada no meio da cozinha. Perguntei para que servia, pois observei que a casa não tinha outro andar, somente o telhado. Ela me respondeu:

Essa escada serve para fazer uma janela no teto, todos os dias eu retiro duas telhas e depois quando vou dormir eu coloco no lugar. As casas são muito grudadas e as janelas baixas, assim as pessoas ficam olhando para dentro para saber o que você tem, desse jeito é muito fácil roubar. Essa janela no teto me dá segurança, as vezes preciso sair a noite para isso subo e dou uma olhada para saber como as coisas estão. Tem dia que não dá para sair, vejo cada coisa aqui de cima que me assusta, chego a fechar logo o telhado com medo que me vejam espiando. (D.Maria, Avó de uma das crianças)

Por meio da fala da moradora fui sentindo o quanto o medo e a falta de proteção estão presentes no cotidiano da Vila. Ao sairmos da casa de Dona Maria, desembocamos numa espécie de rua principal da Vila Aparecida, que se chama João Firmino da Costa. Segundo uma das crianças que mora nesta rua, é um local que acontece muito tiroteio, *“foi nessa rua que meu primo morreu, bem perto da minha casa, tem até marca de tiro na parede. (...) Quando tem trocas de tiro, minha mãe tranca a gente no banheiro porque lá é de cimento, é mais difícil pegar uma bala na gente”*. A violência faz parte do cotidiano. A violência para aquelas crianças não parece causar mais espanto, já vivenciaram tantas experiências amargas que aprenderam a lidar com a morte e com o crime. Porém, nesse meio, são todos homogeneizados pela sociedade, sendo estigmatizados como violentos.

Mas o fato dessas crianças e outros moradores morarem na ‘favela’, não faz delas pessoas criminosas em potencial. Apesar de compartilhar dessa violência em seu cotidiano, não podem carregar o estigma de marginais, bandidos, sem que o sejam, na realidade. Afinal, a ‘favela’ não abriga um grupo homogêneo. Hoje moram nela, lado a lado, convivendo diariamente, trabalhadores fixos, temporários e desempregados; policiais e contraventores; crianças que estudam ou não e muitas que trabalham.

Com respeito aos moradores, encontramos na rua um grande número deles circulando, conversando, brincando, passeando, como nós. Entre elas, crianças, velhos, jovens, adultos, que estavam compartilhando do cotidiano da ociosidade da Vila Aparecida. Ambos carregam em seus corpos traços de uma vida sofrida, homens que foram expulsos de suas terras, mulheres abandonadas pelo marido, cheias de garra, trabalhadoras, pessoas que até hoje não conseguiram viver do seu trabalho. Alguns representam ter mais idade do que possuem, causa dos maus tratos, subnutridos, pela falta de alimento, rugas de preocupações, pela falta de dinheiro, semblantes abatidos por noites mal dormidas, por falta de conforto, mãos calejadas do trabalho pesado, roupas velhas, entre outros. São aspectos que marcam profundamente a vida dessas pessoas, deixam marcas da pobreza material, são vítimas das conseqüências deste sistema coercitivo capitalista.

Ao longo da caminhada, as crianças iam identificando suas casas e a de outros colegas, as quais são dos mais diferentes modelos, casas de alvenaria e madeira, algumas ainda inacabadas, a maioria é pequena, sem número, jardim ou calçada.

As crianças demonstravam conhecer todos os que moram ali, referiram-se a D. Cinda e ao Pingo, anônimos para milhões de pessoas, mas referências na Vila Aparecida. Essa sociabilidade que sai do anonimato provém das benzeduras de D. Cinda, que tira todas as moléstias que o “doutor” não dá jeito. É o Pingo comerciante, que protege e ajuda os moradores que precisam. São pessoas que eu não conheço bem, mas que qualquer uma das crianças sabe quem são.

Além das crianças identificarem o grupo de moradores, também demonstravam conhecer muito bem as ruas e becos. Com segurança e agilidade percorriam toda a Vila, ao contrário de mim que, sem eles, me perderia facilmente. Enquanto as crianças apresentavam dominar o espaço, eu me sentia insegura em um grande labirinto.

A cada novo espaço fui percebendo a singularidade presente ao meu redor, como, por exemplo, os caminhos que os moradores criam. Ao trilhar, modelam seu espaço, formando curvas, degraus, deixando marcas ao pisar no chão de barro. Além

disso, tentam romper com a irregularidade do morro, criando pontes, rampas, escadas, entre outras coisas que facilitam o acesso às áreas mais altas. São autores de seus becos e construções, como também dos objetos que reciclam para suprir suas necessidades, como é o caso de uma cortina confeccionada de sacolas plásticas; o vento soprava quando passamos perto da casa.

Chegamos no ponto mais alto da Vila Aparecida, o famoso morro da “Covanca”, de lá podemos visualizar a BR-282 e toda a Vila Aparecida, inclusive os telhados das casas que contém a fuligem, que sai das chaminés dos fogões a lenha e os varais cheios de roupas penduradas. Do alto também observei a quantidade de fios que saem dos postes de luz, ficam todos entrecruzados, pareceu-me perigoso, mas também representativo, pois traz consigo barbantes, rabos de pipas, que marcam o espaço das crianças brincarem. Os caminhos que mapeiam a Vila é outro ponto que chama atenção, alguns são curvos e estreitos, outros largos e retos, poucos são os que se encontram, pois há muitos becos, são linhas que retratam lá do alto a paisagem da Vila Aparecida. Porém, de tudo, o que me despertou muito a atenção foi à contradição de ver o extenso terreno baldio da Empresa Cassol, que fica situado no seio da Vila Aparecida³⁹, onde, ao redor, encontram-se várias famílias empilhadas por falta de um pedaço de terra. Essa desigualdade na repartição das terras é um dos fatores mais decisivos para os desequilíbrio social, conforme afirma Bolan (1990, p.22):

A minoria de privilegiados, além de concentrar em suas mãos vastíssimas áreas de terras, não possui a menor responsabilidade social da propriedade, isto é, não utiliza a terra para a produção de alimentos que possam abastecer o mercado brasileiro e gerar empregos. Muito pelo contrário, essas terras são adquiridas como investimento financeiro, pura e simplesmente, existindo como reserva de valor e não como área produtiva.

Desta forma, o sub-aproveitamento da terra, o desperdício, a improdutividade ou a utilização para fins especulativos geram as condições da pobreza e do atraso em nosso país. Mas além da desigualdade da terra, é possível fazer um outro comparativo e perceber a desigualdade de habitação e infra-estrutura urbana, entre os morros vizinhos: Covanca e Coqueiros. De um lado visualizamos o popularmente conhecido,

³⁹ Confira a localização do terreno da Empresa Cassol na Figura 3 do capítulo 2, p. 77.

morro da “Covanca”, localizado no seio da ‘favela’ Vila Aparecida, considerado um lugar onde moram os “pobres”. É um espaço que apresenta uma arquitetura própria, que reflete a auto-construção popular, isto é, a imagem dos casebres improvisados, sem número, separados por ruelas de chão batido, formando becos e trilhas que mais parecem um labirinto. Espaço que representa baixo valor imobiliário, por ser uma área de risco, devido à falta de infra-estrutura e difícil acesso.

Do outro lado do morro, temos os condomínios fechados, as belas casas e prédios arquitetônicos do bairro de Coqueiros, local onde moram as classes média e alta. É um espaço padronizado pelas leis da cidade, possuindo terrenos bem distribuídos. Possui um alto valor imobiliário, uma boa e segura infra-estrutura, com largas avenidas asfaltadas, iluminadas e bem sinalizadas. Muitas das crianças se referiram a este morro como o local que suas mães e irmãos trabalham como domésticas. A contradição é muito visível.

Nessa separação do espaço, dá a impressão de existirem cercas invisíveis que delimitam a cidade, mantendo cada coisa em seu lugar e comprimindo uma multidão num espaço pequeno, chamado ‘favela’. Segundo Ronilk (1988, p.41), *“é como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É como se a cidade fosse demarcada por fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos chamam de segregação espacial”*.

Ao descer o morro, chegamos na última rua que contorna a Vila Aparecida, é a famosa rua da fonte, foi calçada recentemente pela prefeitura, por ser um local de passagem de ônibus. Esse ônibus foi uma conquista recente da associação dos moradores, segundo a fala de D. Laureci: *“antes não havia ônibus que circulava na Vila Aparecida; o ponto era tão longe que mais valia ir a pé para o Centro da cidade. Faz aproximadamente 5 anos que conseguimos uma linha de ônibus para a Vila”*. Parece que facilitou muito a vida dos moradores, desembarcam na parte alta da Vila e descem até suas casas. A referida rua possui um movimento constante de carros, ônibus, caminhão de lixo, bebida, polícia, entre outros, que, ao contrário das ruas internas da

Vila, onde os meios de locomoção mais comuns são motos, cavalos (carroças) bicicletas e a pé.

O tempo passou muito rápido, seguimos o conselho do Sr. Pita, saímos da favela ainda dia. As crianças foram ótimas guias.

Considero esta visita como um descortinar da paisagem da 'favela', que somente conhecia de longe. Na procura de querer desvendar um pouco do viver cotidiano dessas crianças da Vila Aparecida, percebi que esse é um espaço cheio de símbolos e significados, expressos nos olhares, nos traços de cada rosto e nas marcas do corpo. São as singularidades manifestadas na linguagem, nos hábitos do jeito de analisar as coisas que representam sua cultura.

2ª VISITA

A segunda visita se deu em janeiro de 2003, período de férias escolares, com o intuito de coletar depoimentos com os moradores sobre o cotidiano da Vila Aparecida. Por meio de um contato telefônico com a moradora Laureci, combinamos de nos encontrar no dia 28/01/03, em frente ao bar do Pita, para que a mesma me levasse na casa de uma das moradoras mais antigas da Vila. No dia combinado, cheguei ao local e não a encontrei, como havia solicitado licença do trabalho para a pesquisa, não podia desperdiçar tal oportunidade. Dei continuidade ao proposto sozinha, solicitei ajuda ao Pita (dono do bar), perguntei se ele conhecia quem eram os moradores mais antigos da Vila Aparecida. O mesmo logo lembrou de D. Cinda, uma senhora que é muito respeitada pela sua sabedoria e profissão, que é médium espírita. Pita solicitou que uma das crianças que brincava na frente de seu bar me acompanhasse até a casa da D. Cinda. Uma menina de 11 anos se mostrou disposta a me guiar.

Novamente ao entrar na 'favela' os olhares observadores dos moradores me acompanhavam. A bolsa de pano que carregava era o atrativo, duas mulheres chegaram a me interrogar para saber o que levava. Fiz que não escutei e a passos largos continuei caminhando. A guia precisou passar em casa para avisar suas irmãs mais velhas que iria na casa de D. Cinda. Enquanto esperava na porta, observei que me encontrava num beco, e que, ao final, havia dois rapazes com um caixote de madeira comercializando drogas, os quais se dirigiram a mim: *"está a fim de um beck?"*

Respondi que não, e com receio, entrei na casa da guia sem ser convidada. Com isso me deparei com suas irmãs adolescentes, separando drogas, estas nem sequer se incomodaram com minha presença. A guia logo apareceu e fomos rumo a casa de D. Cinda. Comecei a ficar assustada, cheguei até a duvidar se aquela criança estava mesmo me levando até a casa de D. Cinda, pois pouco falava comigo. Por alguns minutos, pensei em desistir, estava me sentindo numa tocaia, não parávamos de andar, não sabia para onde estava indo e o pior, quanto mais andávamos, mais pessoas estranhavam minha presença.

Achei que na primeira visita havia conhecido a Vila Aparecida. Dessa vez percebi que muito ainda tinha para conhecer. A guia, a fim de encurtar o caminho, percorreu lugares por onde ainda não havia passado.

Chegamos ao alto do morro Covanca e lá estava a cerca da casa de D. Cinda, com uma placa de madeira escrito “ESPÍRITA”. Eram cercas altas de bambu, havia brechas que davam para visualizar sua casa e mais duas que ficam neste mesmo terreno. Bati várias palmas, mais ninguém veio me atender, então chamei pelo nome e ela apareceu na porta, perguntando se eu tinha consulta marcada. Respondi que não, mas demonstrei que precisava falar muito com ela, pois gostaria de conhecer histórias sobre a Vila Aparecida. Novamente ela dirigiu a palavra a mim, perguntando quem é que a havia indicado. Falei de D. Laureci e do Sr. Pita. Assim, ela resolveu vir até a cerca e disse: “só atendo se pagar o preço de uma consulta, são R\$ 20,00”. Resolvi aceitar, enquanto D. Cinda pegava as chaves para tirar os cadeados que trancavam o portão de entrada, a guia se manifestou, dizendo que preferia ficar do lado de fora me esperando. Lá estava D. Cinda, uma senhora negra, com os cabelos brancos, com muitas rugas no rosto, mas uma voz imponente e um corpo físico dinâmico.

Ao entrar no terreno, havia dois rapazes que me olharam assustados, D. Cinda levou-me até sua casa acomodou-me na cozinha e foi falar com eles. Nesse momento, não pude deixar de observar sua casa de madeira, contendo duas peças separadas por uma cortina, janelas de madeira com tramela, fogão a lenha, contendo uma chapa que estava brilhando, com algumas panelas de alumínio que pareciam espelhos, uma mesa de madeira bastante usada, com cadeiras descoloridas e um

armário contendo uma toalhinha de crochê junto a algumas louças. Tudo simples e muito bem limpo.

Comecei a conversa perguntando se podia gravar sua fala, respondeu que quando falasse coisa que os outros não deveriam saber era para desligar. Assim solicitei que D. Cinda falasse um pouco da sua vida, infância, família, enfim das coisas que estavam guardados na sua memória. Importante ressaltar que a entrevista não foi dirigida. Ao contrário, foi uma conversa simples, na qual a entrevistada passou a contar livremente suas experiências sobre sua vida, a qual se confunde com a história da Vila Aparecida.

Assim ela iniciou o relato de suas lembranças, a partir de sua família. Relatou que sua mãe havia morrido com 96 anos, e seu pai com 105. Sua mãe era de Garopaba e seu pai veio como escravo do Rio de Janeiro, para auxiliar a construir o Hospício da Colônia Santana. Ambos se conheceram em Florianópolis. Seus pais foram caseiros, cuidaram de um sítio que servia de casa de veraneio no bairro de Itaguaçu, próximo a Coqueiros, que pertencia a um governador. D. Cinda nasceu nesse sítio fez referências às plantações que ajudava a fazer, às galinhas que cuidava, aos pés de frutas em que brincava e às pescarias que seu pai realizava, onde aprendeu a comer muita tainha (peixe) com pirão.

Relembra que sua família saiu do Itaguaçu para morar na Coloninha em Capoeiras, lugar de muitas chácaras e muito mato. Seu pai foi convidado para trabalhar em um engenho para um outro ricaço. Ressalta que sempre teve muita saúde, pois comia muita mandioca e peixe. Seu semblante foi de satisfação quando se remeteu a sua juventude, dizendo:

Comecei a trabalhar de doméstica com 15 anos, sempre tive emprego, me vestia bem, naquela época não tinha miséria, quando fiz 16 anos fui escolhida para ser rainha do clube, usava muita seda meu cabelo era bem arrumado. Sempre fui “cantadeira” de ternos de reis, formava um conjunto com as minhas irmãs. Aprendi a cantar escutando minha mãe cantando enquanto torrava café.

No depoimento da moradora, fica presente a figura de uma sólida relação de família, a forma que se remete com dignidade e prazer ao trabalho, a satisfação de morar na roça, de plantar aquilo que comia, de trabalhar e ter prazer conjuntamente.

A moradora remete-se ao passado como a um tempo bom, com sentimentos e lembranças saudosos, porque vem associado a uma outra realidade, ou seja, não passar fome e medo, ter alegria. Porém, quando casou, sua vida mudou muito, foi marcada por sacrifícios, dor e luta pela sobrevivência:

Precisei tirar quatro filhos para poder trabalhar e sustentar os outros oito. Fiquei viúva nova com 40 anos, nunca quis casar de novo. Tive que dar duro para poder criar meus filhos, tinha dia que ficava sem comer para poder sustentá-los. Mas, nunca fiquei sem trabalho, sempre cozinhei, passei, fui doméstica.

D. Cinda menciona que mora na Vila Aparecida desde 1954. Revela que percebe grande mudança dos dias em que chegou para hoje. Quando comprou seu terreno na Vila, tinha a esperança que seria investimento, um bom lugar para morar e que, com o tempo, a urbanização viria. Porém, nada disso aconteceu, e exprime, dessa maneira, o seu olhar sobre a Vila:

Eu não gosto de morar aqui na Vila Aparecida, nenhum pouco, o que tem aqui pra gostar são só as árvores, estas não fazem nada contra o homem. Aqui não tem segurança, eu era mulher de sair, passear, hoje só saio à tarde de casa, mesmo assim, temo a chegada – fico com medo de terem roubado a casa ou ter acontecido coisa pior. Tempos atrás era melhor, já foi muito bom morar aqui. Mas, tudo está piorando. O terror não para, entra gente, sai gente, a coisa não melhora. Coitada dessa gente de fora, os coitados chegam aqui com filhos pequenos sem saber do que está acontecendo, tenho pena deles, amanhã vai estar igual a mim, com medo de sair de casa, de deixar os netos brincarem na rua e arrependidos de terem vindo. Depois vão querer se mudar e não vão conseguir, porque não conseguem vender a casa, aqui ninguém quer comprar. Se eu morrer aqui, vai ser de desgosto, quero muito voltar para a roça e morrer apenas de velhice.

Com relação ao passado e presente, D. Cinda faz um comparativo dizendo que já viveu dois tipos de pobreza na sua vida:

Antigamente eu era uma pobre feliz, vivia cantando, com muita saúde, não tinha tanto problema de violência como tem hoje, eu trabalhava bastante, mais também me divertia, ia para o baile e voltava de madrugada, sem medo de voltar para casa. Desfilava no carnaval, era pobre mais tinha minha maquiagem e casa arrumada. Hoje, sou uma pobre diferente, triste, vivo com medo, não posso deixar a casa sozinha

porque senão roubam tudo, a droga tomou conta da Vila, a gente não tem mas sossego, as pessoas não querem mais trabalhar, não tem dinheiro pra comer, perderam o gosto pela vida, hoje eu não tenho mais vontade de cantar.

Enquanto conversávamos, em frente à porta da casa de D. Cinda passaram aqueles dois rapazes arrastando um corpo. Fiquei impressionada. D. Cinda mudou o tom de voz, começou a falar mais alto, talvez para chamar minha atenção para que eu não olhasse para fora. A sua respiração ficou ofegante, seus movimentos se tornaram rígidos, mas era impossível fazer de conta que nada tínhamos visto. Após alguns minutos, pediu para que eu desligasse o gravador e disse sussurrando em meu ouvido: *“aqui tão matando muita gente! Não se pode falar nada, porque tem gente de olho, é melhor se fazer de surda e cega se não sobra pra você, aqui nós precisamos saber guardar segredos”*. Nesse momento, lembrei o que ela tinha dito anteriormente a respeito do gravador, *“quando eu falar alguma coisa que os outros não devem saber, desligue”*. Em seguida percebi que D. Cinda ficou preocupada com as conseqüências que tal indiscrição poderia acarretar.

Percebi que, dentre os moradores, ninguém denuncia ninguém. Conforme afirma os estudos de Penna (1996, p. 96) sobre o cotidiano da favela: *“os moradores formam uma rede de solidariedade entre eles, pois sabem que se protegendo das “autoridades” são também protegidos. Eles mantêm um código de ética entre si, pois são todos excluídos da sociedade. Porém, quando alguém fura este código, nem sempre as relações são de cordialidade”*. Códigos que ficam presentes em determinadas ações como: explosões de fogos para avisar que chegou droga, apelidos para esconder o nome próprio e casas estratégicas na Vila que servem de ponto para vigiar quem entra e quem sai, a fim de manter a segurança.

Depois do acontecido, D. Cinda continuou falando a respeito da violência, a qual tinha ficado tão viva naquele momento. Afirmou novamente que na Vila há muitas disputas de poder que geram conflitos. Tudo começa com gritos, bate-bocas e depois vão para a briga, às vezes chegam à morte. Nas relações, o medo e o respeito andam juntos, são grandes controladores de regras na favela. A moradora ressalta que há muita fofoca, a qual contribui significativamente para a violência. Afirmo que, *“na favela, a pessoa não tem privacidade, todos ficam muito tempo sem fazer nada, assim um*

acaba cuidando da vida do outro, prefiro não ter amizade com essa gente para não me meter em confusão”.

No final da conversa, D. Cinda disse que estava fazendo aula de violão⁴⁰ na casa da comunidade e que gostaria de cantar para mim. Percebi que ela se sentiu bem em contar suas histórias e desencanaixotar suas lembranças.

Na despedida quis pagar, mais D. Cinda não aceitou, pediu apenas uma cópia da foto que havia tirado dela. Na saída, os rapazes passaram na minha frente e fizeram questão de mostrar uma arma, como quem diz, “fique de boca fechada”. Dei graças a Deus quando avistei a guia do lado de fora, senti que as coisas não terminariam por ali, pois os rapazes começaram a nos seguir. Ao andar 200 metros, dei a sorte de encontrar quatro das crianças vindos do PFS, vieram ao meu encontro me cumprimentar, pedi que me acompanhassem até a saída da Vila, perguntei se conheciam os rapazes que nos seguiam. Fiquei apavorada quando disseram que um deles era o traficante Bobó, o rapaz com 17 anos, aquele sujeito que as crianças haviam me alertado, o que mata e nunca é preso. No entanto, tudo acabou dando certo. Na metade do caminho, eles ficaram em um bar.

Parte da vida de D. Cinda está escrita na Vila Aparecida, ali ela veio morar, criou seus filhos e hoje sobrevive e sonha com um lugar melhor para viver. Está ali partilhando as histórias do lugar, com suas histórias pessoais e fazendo das pessoais as histórias do lugar.

Assim, percebi a ‘favela’ Vila Aparecida como um lugar complexo e de contradições, onde alguns querem se esconder, outros dele querem fugir e também têm aqueles que querem reconstruir. Possui um significado específico para quem o habita, pois é a casa, a família, para onde se retorna no fim do dia e que, ao mesmo tempo, protege da bala perdida.

⁴⁰ A aula de violão de D. Cinda é oferecida pelo GAVA - GRUPO DE AMIGOS DA VILA APARECIDA: um projeto voltado para a terceira idade, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Capítulo 3

Espaço do Projeto Família Saudável



Continente de Florianópolis/SC – Bairro Coqueiros – “Projeto Família Saudável”

Os capítulos anteriores trataram de oferecer a clarificação de alguns saberes, inerentes ao estudo do espaço urbano, especificamente a respeito do município de Florianópolis e da 'favela' Vila Aparecida. Ambas as realidades trouxeram suas contribuições para análises das apropriações que as crianças fazem do espaço urbano em que vivem, na favela citada.

Esse capítulo também se propõe dar sua contribuição para o objeto da pesquisa. Busca oferecer elementos para conhecer o Projeto Família Saudável, instituição onde se deu a empiria do presente estudo. Com base de que essa é uma das instituições em que as crianças passam grande parte do seu dia, é nela que também expressam, por meio de diferentes linguagens suas apropriações, seu entendimento, seu olhar sobre o espaço, suas crenças e valores, enfim, o mundo em que vivem.

Tenho por objetivo, nesse capítulo, traçar aspectos sobre o PFS que vão desde a sua estrutura física e administrativa até a caracterização dos sujeitos nela envolvidos. Estructurei o texto contextualizando o Projeto Família Saudável sob os seguintes aspectos: a) os interesses que levaram à construção do PFS e o que se propõe oferecer às crianças; b) informações referentes à legalização do funcionamento e do financiamento que recebe para manter-se; c) o espaço físico oferecido e as condições de sua estrutura física; d) características do corpo administrativo e pedagógico, composto por profissionais remunerados e voluntários e, por último; e) dados referentes ao perfil das crianças atendidas pelo PFS, que dizem respeito ao local onde moram, idade, sexo, escolaridade e alguns aspectos do cotidiano dessas crianças. Assim como dados das famílias das crianças, a respeito do número de componentes, da renda familiar, da escolaridade e das profissões dos pais.

Nesse contexto, perguntas foram feitas para auxiliar na aproximação do problema: Como surgiu o PFS? Quais os objetivos propostos pelo PFS? Como recebe o auxílio financeiro? Quais os critérios para matricular as crianças no PFS? Existe um Projeto Político Pedagógico? Quais as atividades desenvolvidas no PFS? Como se

apresenta o espaço do “Projeto Família Saudável”? Como é o quadro dos funcionários? Quem são as crianças atendidas? Qual a idade das crianças? Qual a escolaridade? Qual o sexo? Como se apresenta o número de componentes de suas famílias? Qual o grau de escolaridade dos pais? Qual a renda familiar? Quais as profissões dos pais?

Para responder a tais perguntas foi necessário realizar entrevista com a Coordenadora do PFS; conversar informalmente com osicineiros/professores; pesquisar os documentos arquivados na instituição, como: o projeto político pedagógico do PFS, o estatuto da ONG CEVAHUMOS, as fichas de matrículas das crianças e os relatórios de estudo sociais referentes à família das crianças atendidas pelo PFS - realizado pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC. Também foi indispensável observar o cotidiano da instituição e redigir uma espécie de diário do observado, para relativizar os dados coletados pelas fontes já citadas.

Frente a essas fontes, foi possível analisar e elaborar um texto que oferecesse elementos para clarear quem são as crianças e o espaço que estiveram envolvidas nas oficinas de teatro, foco central de análise nessa dissertação, que será abordado mais detalhadamente no próximo e último capítulo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO “PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL”

O Projeto Família Saudável é vinculado administrativamente à Organização Não Governamental - Centro de Valorização Humana, Moral e Social – CEVAHUMOS⁴¹. Em junho de 1998, a respectiva ONG, preocupada com o

⁴¹ O Centro de Valorização Humana, Moral e Social – CEVAHUMOS, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito privado e duração ilimitada. Foi instituída em 15.05.1991, para além de outras finalidades, manter serviços de recuperação de toxicômanos e alcoólatras, através de grupos de apoio e de internamento, com assistência integral, visando sua recuperação e posterior reintegração na sociedade. Também atua, junto à sociedade, na prevenção, orientação e conscientização contra o uso de drogas, álcool e outras drogas, através de ações direta ou mantendo intercâmbio com entidades congêneres, a nível governamental e não-governamental. A ONG CEVAHUMOS dispõe de 03 instalações de tratamento, recuperação e reinserção social para período de 30 a 90 dias e período de 09 meses. Conta também com consultório para triagem e entrevistas, localizado na região central da cidade de Florianópolis e uma sede administrativa, com sala de reunião, sala de treinamento, secretaria e escritório. Em suas instalações são atendidos, em média 70 residentes (internos). Possui uma equipe de Coordenadores para supervisionarem as atividades em cada uma das 03 sedes de tratamento, recuperação reinserção social. Conta ainda com serviços de profissionais na área da saúde (terapeutas, psicólogos, educadores, médicos e bioquímicos) – Dados retirados do Estatuto da ONG CEVAHUMOS, 1991.

crescente número de crianças perambulando nas ruas da Grande Florianópolis em 1998, decidiu estender seus trabalhos aos moradores da “favela” Vila Aparecida, em Florianópolis/SC. Desse modo, nasceu o *Projeto Família Saudável* - (PFS), que está situado na Rua Joaquim Fernandes de Oliveira, 78 – no Bairro de Coqueiros, no Continente da cidade de Florianópolis. Atende aproximadamente 60 crianças provenientes de famílias residentes na Vila Aparecida, as quais vivem em condições mínimas e precárias de sobrevivência. Os pré-requisitos para inserção da criança na instituição é que a mesma esteja regularmente matriculada numa instituição de ensino formal e tenha idade entre cinco a 12 anos. Importante ressaltar que; quando as crianças completam a idade limite (12 anos), elas são encaminhadas pelo PFS para outras entidades que atendem crianças até 14 anos de idade, como, por exemplo, a Casa da Comunidade na Vila Aparecida e o Projeto de esportes da Associação do Banco do Brasil. Segundo a fala da coordenadora do PFS, do total de crianças que são encaminhadas, apenas 20% continuam em outros projetos, a maioria assume outras responsabilidades nos afazeres de casa ou contribuindo para renda familiar.

A finalidade do PFS é atender crianças das classes populares na faixa etária de cinco até 12 anos, com o objetivo de proporcionar ações para proteger as crianças de um maior contato com a rua, oferecendo um reforço escolar; uma recreação na área de artes, uma alimentação e uma higiene pessoal. Tal objetivo vem ao encontro do que os pais também procuram. Segundo uma análise das fichas de matrícula das crianças que freqüentam o Projeto Família Saudável, observei o campo que se refere aos motivos que levam os pais a matricular seus filhos na instituição, os resultados foram: das 60 crianças matriculadas no ano de 2001 no PFS, 50% dos pais justificaram na matrícula que procuraram o projeto porque precisavam trabalhar e para não deixar seu filho em casa sozinho ou na rua preferem procurar uma instituição. Este dado indica a ausência do poder público no cuidado com crianças de classes populares, que obriga a seus familiares recorrerem a instituições de caráter filantrópico e privado. Outros 40% argumentaram que, pela falta de estudo, por não dominar a escrita ou os conteúdos trabalhados na escola, colocam seus filhos no PFS para que estes recebam um reforço escolar. E, por fim 10% correspondem aos pais que acreditam que as

crianças precisam de outras atividades sem ser a escola para que possam brincar e aprender coisas novas num espaço que ofereça segurança e boa educação.

Para especificar detalhadamente sobre o que a instituição procura contribuir para as crianças no campo da educação, afetivo, cultural, alimentação e higiene, foi preciso entrevistar a coordenadora Ana⁴² e analisar o Projeto Político Pedagógico do PFS, para traçar as seguintes contribuições:

- **Busca possibilitar a capacidade de convivência harmoniosa em grupo** – visando desenvolver nas crianças noções de convivência social, despertando-as para a importância em termos de condutas pessoais, de forma harmônica, solidária e integrada aos diversos segmentos sociais. Além de também querer proporcionar noções de cidadania à criança sobre seus direitos e deveres enquanto cidadão.
- **Promover encaminhamento a outros atendimentos, quando necessário** - ter possibilitado a promoção de encaminhamentos a órgãos e instituições de saúde e outros serviços para a família e às necessidades de cada criança.
- **Restabelecer e preservar os vínculos familiares** - possibilitar a realização de eventos com os pais e familiares, objetivando restabelecer e preservar os vínculos sociais, a importância da presença da família.
- **Propõe-se a diminuir o contato das crianças com a rua e com o ambiente social precário onde vivem** - devido à situação de miséria das famílias ser grande, isso implica em que os membros familiares exerçam diversas atividades, levando as crianças a ficarem aos cuidados de vizinhos, parente mais idoso, filhos mais velhos. Gera problemas no acompanhamento da educação, colocando muitas vezes as crianças em contato com a rua, em situações de risco, como, por exemplo: prática de pequenos furtos, contato com o alcoolismo e outras drogas, maus tratos de adultos, alimentação e higiene insuficientes e irregulares. Para isso, o “Projeto Família Saudável” busca oferecer às crianças a prevenção da criminalidade, procurando protegê-las dos riscos decorrentes da situação de abandono social em que elas vivem. Importante salientar que não é

⁴² Entrevista realizada no dia 06/08/2003, com a Psicóloga Ana Teresinha de O. Machado – coordenadora do Projeto Família Saudável, em Palhoça/SC. Três horas de duração.

suficiente o PFS protegê-las da criminalidade, é preciso políticas públicas eficientes que dêem conta de sanar os problemas sociais, oferecendo mais emprego, infra-estrutura urbana e condições básicas para se viver dignamente com educação e saúde.

- **O Projeto também pretende contribuir na educação, por meio de um apoio pedagógico, pois todo dia, a primeira hora é reservada para a efetivação dos deveres da escola formal** - pretende contribuir para maior participação dos alunos na escola e, conseqüentemente, para a permanência das crianças na escola pública, evitando a evasão e a repetência tão comuns nos primeiros anos de escolaridade. Outras atividades desenvolvidas no Projeto estão ligadas especificamente à área da arte, que possibilitam o acesso à produção cultural, por meio da: 1) Oficina de Teatro; 2) Oficina de Papel Reciclado; 3) Oficina de Sucata; 4) Oficina de Modelagem; 5) Oficina de Ética. A arte é privilegiada no PFS porque favorece o sujeito a conhecer e transparecer o seu ser pessoal, sua imaginação, emoção, sensibilidade e reflexão sobre a realidade em que vive. Por meio das atividades artísticas, as crianças dão visibilidade às suas próprias produções, reforçando assim a auto-estima e o prazer de mostrar e de exprimir ao "outro" a sua visão de mundo. É preciso deixar claro que o PFS não visa substituir família mais sim complementar a ação da família, no acompanhamento das atividades escolares. Assim, é necessário que a família cumpra com suas responsabilidades no que diz respeito ao desenvolvimento da criança.
- **Por último, o Projeto tenta contribuir no acesso a uma alimentação e higiene regular** - as crianças na sua totalidade, fazem três refeições por período: 1) Matutino - das 8 h às 12 h – café da manhã, lanche e almoço; 2) Vespertino – das 13 h 30 min às 17 h 30 min – almoço, lanche e janta. Além de oferecer noções de saúde, higiene pessoal e assistência psicológica. Infelizmente tal rotina de refeições não se estende à casa das crianças, por não terem os alimentos disponíveis. O PFS tenta oferecer um espaço para uma alimentação nutritiva e saudável, contendo até um cardápio escrito balanceado. Porém, na prática, tal cardápio deixa de existir por não se ter o alimento desejado ou, o que é até pior, observei casos em que serviram alimentos doados

com data de validade vencida. Percebo que tal fato está sendo superado nos dias atuais.

Dentre esses objetivos, a coordenadora do PFS ressalta que a maior finalidade está em conquistar a família, trazê-la para dentro do PFS, constituir uma parceria efetiva. No que diz respeito a esse aspecto “Família”, percebo que o PFS propõe um número razoável de encontros com as mesmas durante o ano letivo, por meio de: duas reuniões anuais com os pais, duas festas comemorativas (junina e natal), dois bazares anuais com exposição dos objetos produzidos nas aulas de artes plásticas e duas amostras de talentos. Porém, tais atividades estão totalmente direcionadas às crianças e ao PFS, isto é, não contemplam e não envolvem a família ativamente. A participação torna-se passiva, apenas assistem o que as crianças produzem. As atividades não ultrapassam os muros do PFS, ficam distantes geograficamente das famílias e não interferem no cotidiano da Vila Aparecida. Segundo o depoimento da Coordenadora do PFS, ela explica que não envolve o PFS em outras atividades fora da instituição por falta de estrutura (automóvel, dinheiro para lanche, entre outros) e, além disso, falta uma equipe concisa que abrace a causa e trabalhe com o espaço da ‘favela’.

Muitos desses objetivos do PFS estão direcionados para o assistencialismo, isto é, assumindo competências que são do Estado. Concordo com Meksenas (2002a), quando esclarece que cabe às ONG's alimentarem a busca de redemocratização da sociedade, expandindo a participação da sociedade civil nas lutas por direitos e emancipação social, e não procurando substituir os deveres do Estado.

3.1.1 Legalização e Financiamento

No que diz respeito ao aspecto documentação e legalização do PFS, percebi uma certa desorganização da instituição. Ao analisar o Estatuto da ONG CEVAHUMOS, ficou constatado que, desde o funcionamento do PFS, em 1998, o estatuto da ONG ficou de ser re-elaborado para contemplar o PFS e, infelizmente, até a presente data ainda não havia sido feito. Assim, para o seu funcionamento, o coordenadora da PFS

argumentou que no Estatuto consta um item que diz respeito à “*prevenção primária para uso de drogas*”, é onde se encaixa sutilmente o PFS. Devido à existência deste item, há a liberação provisória para o funcionamento do PFS, desde 1998, pelo Conselho Municipal de Assistência Social - CMAS de Florianópolis/SC, até que o estatuto seja re-elaborado. Ao indagar a coordenadora do PFS sobre o porquê até hoje não se tomaram providências para tal legalização, a mesma ressaltou que “*os motivos por não termos um certificado de funcionamento definitivo é por não atendermos dois critérios exigidos pelo CMAS: 1) o PFS não está contemplado claramente no estatuto da ONG CEVAHUMOS e, 2) a diretoria do PFS é familiar e recebe salário*”. Segundo Tenório (1999, p.11), nas ONG's, os recursos financeiros devem ser reinvestidos nas atividades, não devendo ser distribuídos entre os membros, nem mesmo seus responsáveis legais devem receber remuneração via salários, tendo em vista que os recursos acumulados por uma ONG não podem ser convertidos em patrimônio dos seus executores.

A respeito dessas irregularidades apresentadas no seio da ONG, a coordenadora do PFS resalta que o Conselho Municipal de Assistência Social adverte todos os anos que, enquanto não legalizar os documentos de fato, o PFS corre o risco de perder todos os convênios que recebe da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC, os quais são:

- a) Merenda – verba recebida em dinheiro;
- b) Subvenção Social – verba recebida em dinheiro;
- c) Professores – dois professores de 40 horas, pagos pela prefeitura de Fpolis.

Segundo Meksenas (2002a, p. 154), “*a questão do financiamento das ONG's as colocam como formas institucionais carregadas de ambigüidade, pois, ao mesmo tempo em que defendem proposições que levam ao questionamento do Estado, são muitas vezes financiadas por esse mesmo Estado*”. Nessa definição se enquadra a ONG CEVAHUMOS com seu PFS, pois recebe do setor público convênios que são distribuídos no período de onze meses por ano, firmando uma relação de dependência e parceria com o Estado. Além do que esse uso de verbas públicas também podem favorecer as ONG's a tornarem-se empresas comuns, disfarçadas sob o rótulo de servir

a sociedade civil. Nota-se que esse discurso de servir é um meio de, geralmente, fazer uso das verbas públicas para gerar ganhos em benefício próprio.

Desses convênios fornecidos, o PFS necessita prestar contas mensalmente, por meio de recibos e grade contábil, para o departamento financeiro da Prefeitura de Florianópolis. Esta função de receber a verba, fazer compras, distribuir e prestar contas fica a cargo do setor administrativo da CEVAHUMOS, o que me pareceu obscuro, pois não localizei nenhum documento disponível nos arquivos do PFS. Segundo a fala da Coordenadora, o PFS não estabelece nenhum envolvimento direto com a verba, apenas recebe o que a ONG envia.

Importante ressaltar que durante a entrevista realizada com a coordenadora do PFS, não foi possível saber nada a respeito do valor dos convênios, apesar de minha insistência. Somente a mesma afirmou que esta verba fornecida ao PFS é insuficiente para suprir as necessidades do projeto, para isso é necessário buscar doações, como é o caso dos alimentos, que são fornecidos semanalmente por Supermercados da região: frutas, verduras e pães, produtos estes prestes a vencer sua data de validade. Quando o PFS recebe em grande quantidade, tais alimentos são congelados e servidos também fora dos prazos de validade, conforme o já mencionado. Tal prática não garante a qualidade dos alimentos consumidos e nem as necessidades calóricas das crianças. Esporadicamente tais alimentos sobram e são distribuídos às famílias das crianças. Além dessas doações, o PFS recebe de empresas: arroz, macarrão e peixes frescos. Infelizmente muitas dessas doações são levadas para as fazendas de recuperação da ONG CEVAHUMOS.

Outra fonte que diz respeito à capitalização de recursos são as taxas cobradas das famílias das crianças. Mensalmente essas pagam o valor de 5,00 reais mensais por criança atendida pelo PFS. Porém, para que se possa cobrar uma mensalidade é exigido por lei que se garanta 30% de gratuidade para aquelas crianças que querem participar e não têm condições. Segundo a coordenadora entrevistada, a cota mensal de arrecadação atinge em torno de 200,00 reais, valor que contribui para pagamentos de telefone, gás de cozinha, água e luz do PFS.

Referente ao valor de contribuição financeira das famílias do PFS, vale indicar que 5,00 reais pode parecer pouco, porém, considerando que 17% das famílias

da Vila Aparecida⁴³ recebem até 1 salário mínimo, esses 5,00 reais equivalem a 2% da renda familiar. Ora, se uma família de classe média, com renda familiar de, hipoteticamente, 4.000,00 reais, necessitasse dispor de 2% de seus recursos para complementar a educação de seu filho, gastaria 80,00 reais mensais por filho. Percebe-se, com esse exemplo numérico, que cobrar 5,00 reais mensais não é contribuição e, sim, taxa de mensalidade. Isso demonstra que tal projeto não é filantrópico. Tal ação torna-se um exemplo do privado que aparece como público.

Importante salientar, que dessas arrecadações não são prestadas conta à comunidade que contribui. Além do que, várias crianças foram “excluídas de freqüentar o PFS no ano de 2003” por não pagarem a mensalidade, como é o caso da família Rosa, *“minha mãe ficou devendo R\$ 150,00, para o PFS, porque ela está desempregada, por isso a coordenadora tirou eu e meus irmãos de lá, não podemos pagar. Eu não queria sair porque lá eu tinha amigos e aprendia coisas novas”*. (Fala de uma ex-criança atendida pelo PFS). Aqui se revela a contradição: a ONG CEVAHUMOS utilizando o PFS como fator de aparência a ações caritativas, privatizando, de certa forma, as funções públicas e contribuindo para exclusão social que tanto se posiciona contra em seu discurso de luta por uma “família saudável”. Ao analisar esses fatos, percebo que a ONG CEVAHUMOS, juntamente com seus projetos, está em desacordo com definição de ONG, definida por Tenório, no livro “A gestão das ONG’s”:

As ONG's caracterizam-se por serem organizações sem fins lucrativos, autônomas, isto é, sem vínculo com o governo, voltadas para o atendimento das necessidades de organizações de base popular, completando a ação do Estado. Têm suas ações financiadas por agências de cooperação internacional, em função de projetos a serem desenvolvidos, e contam com o trabalho voluntário. Atuam através da promoção social, visando a contribuir para um processo de desenvolvimento que supõe transformações estruturais da sociedade. Sua sobrevivência independe de mecanismos de mercado ou da existência de lucro. (1999, p.11)

Dessa forma percebo que o PFS não apresenta como meta à promoção social do indivíduo, mas, acima de tudo, o interesse mercantil, pois usa sujeitos

⁴³ Ver página 129 dessa dissertação, Tabela 13, que corresponde aos dados estatísticos da renda salarial mensal das famílias das crianças atendidas pelo PFS, no período de 2000/2001.

desfavorecidos economicamente para vender favores e gerar renda em benefício próprio “familiar”, assumindo um caráter estritamente conservador. Vale acrescentar, nesse contexto, um certo “romantismo” na definição de ONG apresentada por autores como Tenório, citado anteriormente.

3.1.2 Corpo Administrativo e Pedagógico

O PFS é composto em seu quadro funcional por duas categorias: os voluntários e os remunerados, conforme a tabela a seguir:

TABELA 10 – FUNCIONÁRIOS DO PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL

CATEGORIA	FUNÇÃO	Nº	CARGA HORÁRIA	SALÁRIO	ÓRGÃO FINANCIADOR
a) Voluntários	Dentista	01	2 horas	–	–
	Catequista	02	4 horas	–	–
	Orientadora Educacional	01	4 horas	–	–
b) Remunerados	Oficineiras	02	12 horas	R\$ 150,00	CEVAHUMOS
	Merendeira	01	40 horas	R\$ 350,00	CEVAHUMOS
	Serviços Gerais	01	40 horas	R\$ 260,00	CEVAHUMOS
	Oficineira	01	20 horas	R\$ 250,00	PETI
	Oficineiras	03	40 horas	R\$ 850,00	PMF
	Assistente Social	01	20 horas	R\$ 400,00	Prestação de Serviço/ PMF
	Coordenadora do PFS Psicóloga – CEVAHUMOS	01	40 horas	R\$ 800,00	Prestação de Serviço/ PMF

Dados fornecidos pela Coordenadora do PFS, referente ao período de 2000/2001.

1) Voluntários – são um total de quatro funcionários voluntários fixos; existem outros voluntários que também prestam serviço, porém em um curto espaço de tempo, como, por exemplo: aqueles que, para ganharem desconto na mensalidade do seu curso superior, precisam prestar algum tipo de serviço à comunidade, ou, ainda, alunas do curso de pedagogia ou serviço social que vêm estagiar, e que permanecem por um ou dois semestres no máximo. Apesar de serem voluntários são exigidos pela coordenação no mesmo grau que os efetivos, isto é, são cobrados para participarem de reuniões, não faltar ao trabalho e cumprir com as atividades propostas. Importante

salientar que o serviço voluntário ajuda a incrementar os ganhos da ONG. Desta maneira, o serviço gratuito prestado se reverte em economia para a instituição, transformando-se em rendimentos.

2) Remunerados: nessa categoria temos os professores/oficineiros, profissionais qualificados no ensino magistério ou superior, remunerados na sua maioria por órgão público. Tais profissionais possuem um cotidiano árduo, enfrentando diariamente inúmeros desafios que lhe são colocados, como o desrespeito dos alunos para com eles, a falta de material pedagógico e o baixo salário. Porém, o maior desafio, que percebo, diz respeito à exigência que o PFS faz, de querer que o profissional desenvolva um trabalho por meio de oficinas de arte, o que, na maioria das vezes, isso não acontece, pois muitos desses chegam à instituição sem ter alguma formação ou experiência anterior com ONG's. Isto causa um grande transtorno, tanto para a instituição, quanto para o próprio professor, o qual se vê sem apoio pedagógico para auxiliar no desafio de ter que elaborar um outro tipo de aula, além daquela que formalmente está acostumado a realizar, isto é, aquele que acompanha um currículo anual de conteúdos a ser cumprido.

Importante ressaltar que são oferecidos aos professores dois momentos de planejamento por ano, no PFS. O primeiro dá-se no começo do primeiro semestre: são dois dias antes de iniciarem as aulas, quando são definidos alguns temas e atividades para serem trabalhados durante o semestre. Nesse momento também se constrói o calendário anual de dias letivos, feriados e datas comemorativas. Após esse planejamento, os professores iniciam suas oficinas nas “salas de aula”, ocasião em que ficam aparentes algumas dificuldades, como a falta de adequação de um espaço e material para as mesmas, por exemplo. O segundo momento de planejamento dá-se igualmente em dois dias e antes de iniciar o segundo semestre. Nesse outro período, o professor já se sente mais à vontade para avaliar suas dificuldades e propor mudanças.

Houve a oportunidade de participar em algumas dessas capacitações, nas quais ficou expresso pelos oficinairos/professores que o sucesso das oficinas é muitas vezes medido pela coordenação do PFS por dois itens: 1) quantidade de produção dos alunos, que são apresentadas em duas exposições durante o ano para os familiares; 2)

capacidade do professor/oficineiro saber lidar com a “indisciplina” das crianças sem sobrecarregar a coordenação.

Desta maneira percebo, mais importante que a criança é a idéia de fazer um *marketing* da ONG junto à família e à comunidade. Assim, o resultado da atividade torna-se mais valioso do que o processo da elaboração do conhecimento realizado pela criança durante a criação do objeto, da coreografia ou dos ensaios das peças teatrais.

Apesar de existir uma orientadora pedagógica voluntária, não há um apoio pedagógico constante aos professores, o que dificulta o andamento das atividades. A coordenadora do PFS se distancia do cotidiano, assumindo questões administrativas, o que contribui para que os professores caminhem ainda mais solitários, não se sentindo à vontade para solicitar ajuda.

Dentro desse contexto, em que o professor se encontra sozinho para assumir as atividades, facilmente entra com licença médica, por não agüentar o cotidiano exaustivo do PFS. Segundo o depoimento de uma conversa informal com uma das professoras ACT, no final do ano letivo de 2001, constatei:

“(...) fico horas preparando minha oficina, mas quando chega a hora de acontecer é difícil, pois a indisciplina dos alunos é tanta, que chega uma hora que cansa. (...) Não chamo mais atenção, quem pegou, pegou, não explico mais duas vezes. Já chega! Este ano peguei até licença médica, entrei em depressão por causa dessas crianças, são muito violentos, não respeitam você, já fui chamada de tudo, teve aluno que até chegou a me bater. A coordenação pouco faz, pois ordem é para que não fique nenhum aluno fora de sala. Ainda bem que o ano está acabando e eu também estou quase me aposentando. (Eliane, professora do G2, 2001)

Reconheço que antes do desânimo e das reclamações citadas pela professora, testemunhei a dedicação e força de vontade da mesma, para fazer um bom trabalho, porém, em meio às dificuldades, esta profissional acabou desanimando, por haver muita cobrança e reclamações, tanto por parte da coordenação como por parte das crianças. A mesma afirmou que não encontrou apoio pedagógico necessário para melhorar suas atividades e sua relação com as crianças.

Assim, muitos professores passam a utilizar a estratégia de ignorar os problemas existentes, tudo passa a ser indiferente, é uma defesa para quem não sabe

o que fazer. Percebo que a instituição PFS precisaria abrir mais espaço à discussão das dificuldades que enfrenta e se aproximar/participar mais da vida desse professor/oficineiro e também do aluno.

3.1.3 O espaço do PFS

Segundo o depoimento da Coordenadora, o local que o PFS está situado é um terreno cedido pela prefeitura para os moradores do bairro Coqueiros. Antes da construção do PFS, havia ali um posto policial abandonado, era utilizado como ponto de uso de drogas, o qual trazia preocupações para os moradores da redondeza.

O presidente da ONG CEVAHUMOS foi procurado, por uma das moradoras do Bairro Abraão, para que transformasse o local abandonado em ambiente que trouxesse benefícios para o bairro. Interessado na proposta entrou em contato com a Prefeitura de Florianópolis, a fim de propor a construção do PFS. Porém, não foi algo simples de resolver-se, houve resistência de alguns moradores que desejavam transformar aquele local em uma sede de eventos para os moradores do bairro. Após várias reuniões, houve a aprovação da prefeitura para a construção do PFS.

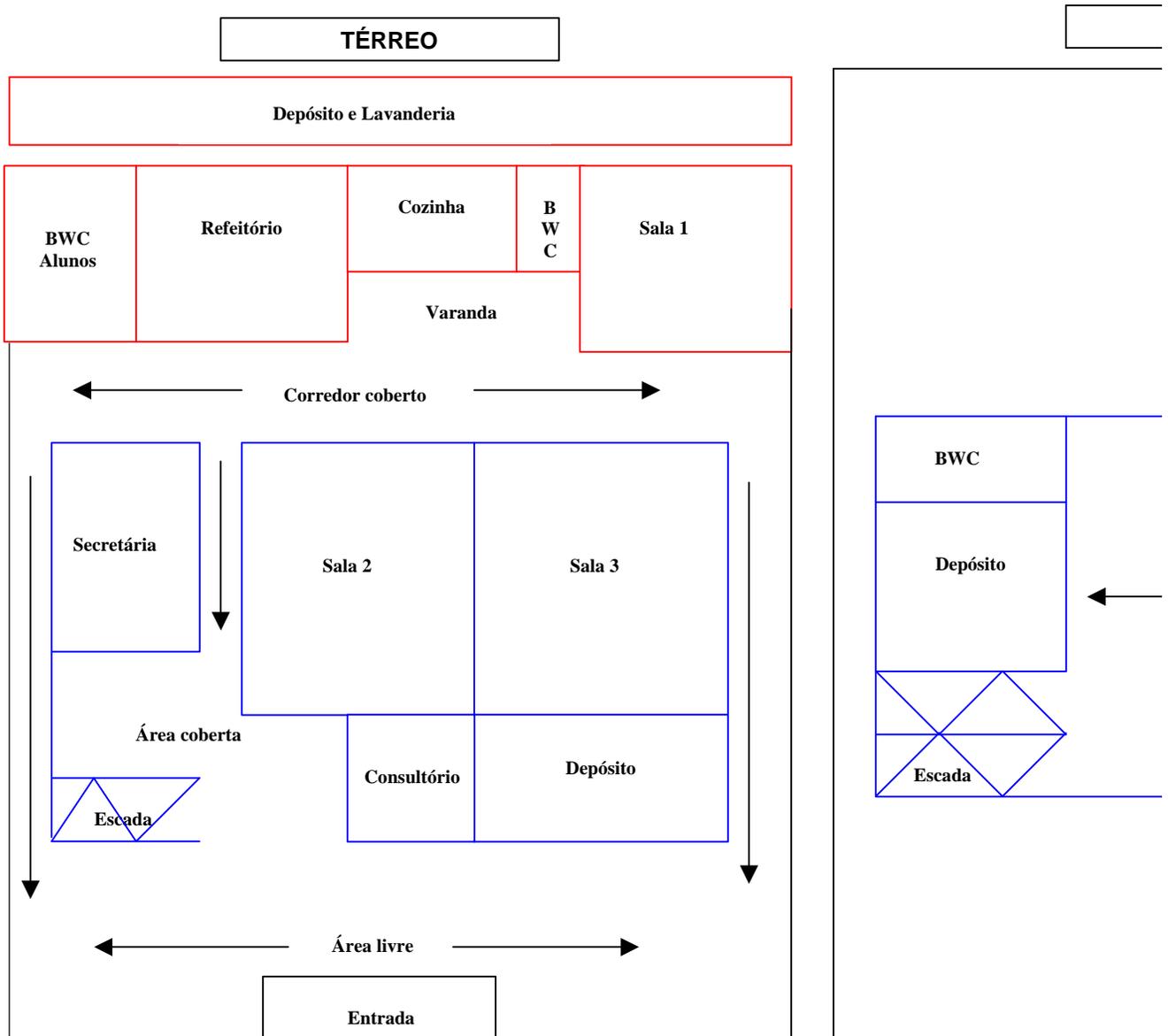
Com relação à construção do espaço físico, o trabalho do engenheiro foi gratuito, e o material, 80%, concedido por voluntários de diferentes empresas; apenas 20% foi investimento da ONG CEVAHUMOS. Os gastos com a mão de obra para a execução ficou sob responsabilidade da ONG Novo Alvorecer, que auxiliou, visando adquirir uma sala para usar como depósito de materiais doados.

O espaço físico construído encontra-se dentro de um terreno de 18 x 25m. São duas construções: a primeira, parte vermelha no esboço a seguir, fica nos fundos do terreno e possui somente um piso com uma sala de aula, um banheiro grande para os alunos, um banheiro para professores, uma cozinha, uma sala para refeições, um espaço para dispensa com lavanderia e uma varanda.

A segunda construção, parte azul no esboço a seguir, localiza-se na parte da frente do terreno e possui dois pisos. Sendo que, na parte térrea, estão situadas duas salas de aula, uma secretaria, uma sala de almoxarifado, um consultório médico e

odontológico (para atendimento voluntário) e uma escada. Na parte superior temos um depósito e um auditório amplo contendo um banheiro, como se pode verificar na planta:

FIGURA 4 - PLANTA AÉREA DO PROJETO FAMÍLIA SAUI



As construções estão em bom estado de conservação. Já o mobiliário interno, como cadeiras, carteiras, quadros e brinquedos, são objetos usados e doados por outras instituições, e se encontram em estado precário.

Dentro desta estrutura física, há ausência de um parque para as crianças brincarem livremente. Verifica-se, por meio dos comentários dos professores/oficineiros, que as crianças sentem falta de ficar ao ar livre para se movimentarem, correrem e pularem. Percebo muitas vezes que a instituição fica tão preocupada em tirar as crianças da rua e ocupá-las com tantas atividades, que esquece que são crianças e que têm necessidade e o direito de brincar, porém, muitas vezes, de forma irrefletida, não se dá conta e secundariza este direito. Conforme afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), *“Quando se brinca sem pretexto, a criança desenvolve atividades rítmicas, regras inventadas, fantasia e histórias. Porém, essa atividade lúdica no início da infância é cada vez mais substituído, fora e dentro da escola, por situações que antes favorecem a reprodução mecânica de valores impostos pela cultura de massas em detrimento da experiência imaginativa”*. Com isso vale a pena lembrar que ao privilegiar o brincar como expressão da infância, estaremos auxiliando na aprendizagem, no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Importante ressaltar que para compensar a falta de espaço para brincar ao ar livre, os professores se encarregam de, pelo menos uma vez no mês levar as crianças ao parque mais próximo do PFS, o que não supre tal necessidade!

3.2 AS CRIANÇAS ATENDIDAS - SUJEITOS DA PESQUISA

Tipificarei uma amostra dos moradores do bairro Vila Aparecida no que diz respeito às crianças. O objetivo é trazer dados, a fim de contribuir para elaborar o perfil das crianças atendidas pelo PFS.

Na busca de documentos que expressassem tal perfil, o estudo mais recente que encontrei foi realizado em 2002, pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC. Este estudo refere-se à produção de relatórios em que consta o estudo social de cada

criança atendida no PFS e, entre os anos de 2000 a 2002, aponta os principais problemas que cada família enfrenta e possíveis encaminhamentos para solucioná-los, específicos da área de serviço social.

Porém, esses relatórios também trazem uma ficha de identificação de cada criança, a qual foi muito significativa para auxiliar-me na construção do perfil da criança atendida pelo PFS. São dados que dizem respeito ao nome, à data de nascimento, à escolaridade, ao gênero e ao endereço de cada criança, como também traz dados sobre a composição familiar, o número de componentes na família, escolaridade, ocupação e rendimento salarial dos mesmos.

Além dos relatórios, as fichas de matrículas que o PFS preenche todos os anos também foram muito válidas para elaborar o perfil e trouxeram informações: o nome da criança/ data de nascimento/ nome do pai e mãe/ endereço/ e perguntas, como: Qual o motivo que o levou a matricular a criança no PFS?/ A criança possui algum tipo de alergia?/ Com que idade iniciou na escola?/ Qual sua escola atual?/ Qual a série escolar da criança? Já reprovou?/ Quantas vezes?/ Qual série?/ Em caso de emergência recorrer a quem?/ Data de entrada no PFS.

Ao analisar essas fontes citadas, detive-me apenas aos dados referentes às crianças atendidas pelo PFS em 2000/2001 (momento em que se realizou a empíria dessa pesquisa) e constatei que o PFS atendeu, nesse período, exatamente 60 (sessenta) crianças, as quais, se encontravam divididas em grupos de trabalho (GT). Tais GT's estão estruturados seguindo os critérios, de escolaridade e idade, propostos pelo PFS. Confira a distribuição das crianças entre os GT's, na Tabela 11 a seguir:

**TABELA 11 – CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PROJETO FAMÍLIA SAUDÁVEL
2000/2001**

GT	Matutino				Vespertino			
	Nome	Idade	Escolaridade	Gênero	Nome	Idade	Escolaridade	Gênero
GT- Pré	1. Jhonatam	5	pré-escola	H	1. Bruno	5	pré-escola	H
	2. Jhonatanzinho	6	pré-escola	H	2. Douglas	5	pré-escola	H
	3. Jhenifer	6	pré-escola	M	3. Dandara	6	pré-escola	M
	4. Juciele	7	pré-escola	M	4. Eloiza	6	pré-escola	M
	5. Marcos	5	pré-escola	H	5. Jorge	6	pré-escola	H
	6. Alexandra	6	Pré-escola	M	6. Maíne	5	pré-escola	M
GT1	7. Mauri	8	1ª série	H	7. Cledison	9	1ª série	H
	8. Jhonatam	7	1ª série	H	8. Josiane	7	1ª série	M
	9. Jackson	9	2ª série	H	9. Linda Inês	7	1ª série	M
	10. Everton	9	1ª série	H	10. Alexandre	8	1ª série	H
	11. Alan	8	2ª série	H	11. Bruna	9	1ª série	M
	12. Luiz	7	1ª série	H	12. Geana	10	2ª série	M
	13. Tatiane	8	1ª série	M	13. Daniel	9	1ª série	H
	14. Jhenifer	9	1ª série	M	14. Thomaz	9	1ª série	H
	15. Crislene	10	2ª série	M	15. Marcelina	10	1ª série	M
	16. Marínes	10	2ª série	M	16. Jaqueline	10	1ª série	M
	17. Marilú	9	2ª série	M	17. Ariana	9	2ª série	M
	18. Taiane	9	1ª série	M				
GT2	19. Lídia	11	2ª série	M	18. Kadíja	10	2ª série	M
	20. Ruam	10	3ª série	H	19. Jhonatam	11	3ª série	H
	21. Andrielle	11	3ª série	M	20. Thaiz	11	3ª série	M
	22. Jéssica	10	2ª série	M	21. João	12	3ª série	H
	23. Edilvane	12	4ª série	M	22. Jéferson	11	3ª série	H
	24. Simara	12	3ª série	M	23. Carlos	12	3ª série	H
	25. Alim	11	4ª série	H	24. Guilherme	9	2ª série	H
	26. Ana Claudia	12	2ª série	M	25. Aline	10	2ª série	M
	27. Natana	11	2ª série	M	26. Tatiane	11	2ª série	M
	28. Elton	10	2ª série	H	27. Kamila	11	3ª série	M
	29. Jeferson	10	2ª série	H	28. Mariana	11	2ª série	M
	30. Vanessa.	12	2ª série	M	29. Thiago	12	3ª série	H
				30. Valdecir	11	2ª série	H	

Fonte: Dados retirados das “fichas de matrícula” das crianças atendidas no PFS no período de 2000/2001 e do “Estudo Social” realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC;

Como está exposto na Tabela 10, o GT da pré-escola é composto por crianças de cinco a sete anos de idade, isto é, são crianças em fase inicial de alfabetização, ou não alfabetizadas.

O GT1 é classificado também pela idade. Variam de oito a 10 anos. São crianças alfabetizadas, mas que ainda não dominam com desenvoltura a escrita e a leitura, geralmente são crianças que estão na 1ª série do ensino formal.

Importante salientar que, independente da idade, quando a criança está totalmente alfabetizada, ela passa a fazer parte do GT2, onde são trabalhadas as atividades mais complexas, que exigem maior domínio da escrita e da leitura. Este último grupo geralmente atende crianças que oscilam entre nove e 12 anos; a maioria delas se encontra cursando entre a segunda e quarta série do ensino fundamental.

Outra observação a ser considerada na análise dessa Tabela 11 diz respeito aos nomes das crianças. Percebo um certo esforço dos pais em registrar seus filhos de modo a fugir dos nomes comuns brasileiros. Tal fato indica como as classes populares são tratadas no Brasil: massas anônimas; desconhecidas; desconsideradas; desrespeitadas. Talvez, ao buscar nomes diferentes, fortes e estrangeiros, tal como, Jhonatam, Jhenifer, Andrielle, Kadija e Natana, expresse o gesto de resistir a ser massa, procurar na raridade do nome de batismo, o indicador de individualidade. É uma expressão simbólica do resgate da dignidade solapada cotidianamente.

3.2.1 Vestígios das identidades

FIGURA 5 – CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS EM 2000/2001



A respeito dos aspectos físicos, são 28 meninos e 32 meninas, distribuídos entre os grupos de trabalho. Dessas crianças, 30 são de cor branca, 22 são negras e oito pardas, segundo consta no campo assinalado pelos pais nas fichas de matrícula do PFS. Algumas apresentam problemas no desenvolvimento físico, resultado da subnutrição, conforme constatado por visita de profissionais da saúde.

Durante o convívio, constatei que algumas crianças não recebem os cuidados necessários diários de higiene na família, pois chegam ao PFS sem ter tomado banho, com o cabelo despenteado, dentes e roupas pouco limpas; um dos motivos é que algumas famílias não possuem água encanada. Segundo a entrevista realizada com a coordenadora do PFS, ressaltou que as crianças adotam hábitos diferentes, conforme o ambiente em que estão. Quando permanecem no PFS, os educadores chamam atenção e acompanham as crianças constantemente para pentear o cabelo, lavar a mão antes das refeições e escovar os dentes. Porém, em algumas poucas famílias os mesmos cuidados não são estimulados em casa; o motivo pode estar na falta de condições para adquirir os objetos de higiene, como também, na falta de hábito, por considerar tais ações secundárias para sua sobrevivência.

Com relação às atitudes das crianças, não posso generalizar, pois não há uma única maneira de ser criança, isto é, cada uma, na sua singularidade, apresenta uma forma de comportamento ao interagir com o meio, alguns são expansivos, falantes e dinâmicos nas suas ações, outros são mais reservados e discretos, conforme o estímulo que recebem de seu ambiente cultural.

Porém, para ampliar o olhar sobre as características das crianças, resolvi fazer um levantamento prévio, por meio de coleta de depoimentos com as cinco professoras/oficineiras, para saber quem são as crianças que atendem no PFS e, dessa maneira, apareceram os seguintes aspectos:

TABELA 12 – CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS/OFCINEIRAS

Carinhosa	Alegre	Esperta	Mentirosa	Nervosa
Corajosa	Agressiva	Desmotivada	Ciumenta	Cruel
Criativa	Sem limites	Dispersa	Carente/Afetiva	Baixa auto-estima
Curiosa	Atrevida	Pobre	Inquieta	Individualista

Das características levantadas, houve algumas que foram unânimes por todas as professoras/oficineiras, como a agressividade, hiper-ativas e a carência de afeto. *“Nossa criança é um ser carente, ela precisa ser estimulada para acreditar nas suas potencialidades. Necessita perceber que as coisas da rotina podem ser mudadas, nós, professores, podemos ajudá-la a fazer acontecer, mas a família também tem que fazer sua parte. Falta amor, carinho, compreensão, estímulo e credibilidade para essa criança”*. (Professora Marisa/GT2 - depoimento coletado em 31/07/02). Percebo que Escola, o PFS e a Família precisam complementar-se para auxiliar a suprir conjuntamente as necessidades emocionais da criança.

Outro ponto em comum diz respeito à agressividade. Quando a criança é contrariada, fica nervosa e usa da violência física para expressar seu sentimento. Segundo o depoimento da professora Giseli, tal acontecimento torna-se freqüente devido às crianças terem dificuldades de trabalhar em grupo, não possuírem o hábito de dialogar, assim, a expressão corporal se faz muito mais presente do que a oralidade. A professora Cristiane complementa a reflexão afirmando que a criança vem de um meio social agressivo, onde vence a lei do mais forte, dessa maneira reproduz o que aprende.

A última característica latente está ligada à anterior, diz respeito à hiper-atividade que as crianças possuem. Tal comportamento é entendido pelas professoras no sentido de perceber que as crianças possuem muita energia, que gera dispersão e inquietação, impossibilitando as crianças de realizarem as atividades propostas. Entendo que a energia fica acumulada porque as crianças não possuem tempo suficiente para brincar no seu dia-a-dia⁴⁴.

Para se aproximar ainda mais da realidade sobre quem são as crianças, tomei a liberdade de elaborar características de algumas delas que percebi durante as oficinas de teatro. Importante salientar que esse meu olhar, pode estar em contradição com muitos outros.

⁴⁴ Sobre essa discussão da falta de tempo para brincar, trarei outros dados mais adiante, nesse capítulo, quando falar sobre o cotidiano das crianças.

- “E” – É uma garota que têm 11 anos, de cor branca, possui cabelos compridos, é alta e magra. Sua mãe trabalha fora e ela cuida de seu irmão menor e da casa. Ela possui o papel de substituição da mãe ausente, responde por todos os encargos, deveres e responsabilidades que o papel requer. Assim, “E” assumiu integralmente os serviços domésticos: arruma a casa, cozinha, lava a louça e cuida do irmão menor. Arruma e leva seu irmão para a escola todos os dias, auxilia-o a fazer os deveres e fica de olho nele o tempo todo aqui no PFS, para que ele não se meta em confusão. Passou a desenvolver prematuramente o papel de mulher adulta, tendo a adolescência e a infância anuladas precocemente pela obrigatoriedade em contribuir para a manutenção da casa. “E” tem a espiritualidade muito forte consigo, influenciada pela mãe, que é da religião evangélica, e leva seus filhos toda semana à igreja. “E” mostra-se interessada pelas coisas que faz, é talentosa e possui um espírito de solidariedade para com os colegas. Desperta inveja em outras crianças: uma, por ser branca e outra, por fazer trabalhos maravilhosos relacionados à poesia e às artes plásticas, destaca-se entre os demais. Está menina, muitas vezes, anula-se para não criar conflitos com os demais. Tem um poder de percepção e bom senso fora do comum para alguém de sua idade. Contribuiu muito com suas idéias na construção das peças teatrais. Ela afirma constantemente que não quer ser empregada doméstica, igual a mãe, mas sim, quer ser *uma artista plástica ou uma escritora*.
- “A” – Essa garota tem nove anos, é magra e de cor negra. Sofre um grande preconceito dos colegas devido ao seu cabelo, que tem vários apelidos: “bombril” “cachopa” e “piolhenta”, entre outros. Sua família não dispõe de dinheiro para comprar cremes ou shampoo para tratar seu cabelo, dessa forma nunca recebeu cuidados, é cheio de nós, ela não consegue pentear, os piolhos ficam presos, se procriando. Assim sua mãe resolveu raspar a cabeça, já que não tinha dinheiro para cuidar do cabelo. “A” se sentia mal com seu cabelo; e depois disso, ainda mais, pois o casco da cabeça estava tomado por feridas. Nesta época, ficou até sem vir uma semana para a PFS, para que as outras crianças não zombassem. Não adiantou de nada, seu cabelo não cresceu em uma semana. Os apelidos aumentaram: “careca”, “menino”, “cabeça de ferida” e as risadas também. Resolvi conversar com o grupo sobre este problema, conversamos sobre as diferenças, o que é beleza e auto-estima. Mas, pouco adiantou, foi uma fase difícil para “A”. Apesar de todo o complexo de inferioridade que carrega, “A”

participou das oficinas teatrais ativamente, usando toda sua feminilidade, simpatia e auto-estima. Senti que o teatro veio a valorizar suas qualidades, como a sua voz alta e clara, o seu sorriso encantador e seu olhar expressivo. “A” apresenta-se muito emotiva e frágil, dificilmente agride seus colegas.

→ **“J”/ “T”/ ”B”** – “J” tem 11 anos, “B” 9 e “T” 6. O pai os abandonou cedo. Assim, a mãe os cria, porém, a mesma sofre de uma grave doença nos ossos, a qual passou para os filhos. A mãe se prostitui quando precisa, para completar a renda. “B”, sua filha, é rotulada por outras crianças de “vagabunda”, associam sua figura à da mãe. Quase todo o tempo, “T”, o pequeno está junto de “J” o mais velho e, aos poucos o mascote vai incorporando os hábitos, costumes e brincadeiras. Por meio do convívio com as outras crianças, ele penetra no sentido da realidade social em que vive e, mais importante, torna-o seu. Eu teria uma infinidade de cenas para ilustrar melhor tal idéia. Entretanto, a imagem que tenho mais viva é a das crianças correndo uma atrás da outra, como se estivessem brincando de pegar, porém, a brincadeira toma a seguinte configuração: aquele que é pego pelo líder leva pontapés e depois vira líder. “T” está lá no meio dos maiores, correndo junto, olhando-os atentamente, com a intenção evidente de imitá-los, o que mais tarde aconteceu. Tal fato evidencia o complexo processo de interiorização de valores que ele vai sofrendo.

➤ **“L”** – É uma menina que tem 10 anos, negra, magra e ativa. Sua família recentemente foi despejada da ‘favela’ em que vivia, no Monte Cristo. Agora está morando com os tios, na ‘favela’ Vila Aparecida, os quais também são muito pobres e têm uma família numerosa. Com relação ao pai dessas crianças a mãe não sabe do paradeiro, a mãe está desempregada, com mais um filho de meses. “L”, um certo dia, comentou comigo: *“essa noite eu não dormi, porque estava com muito frio, coloquei todas as duas blusa que eu tenho mais não adiantou. Então perguntei: Você não tem cobertor? Eu não tenho nem cama, eu durmo no chão eu mais minha mãe e irmã, porque a casa do meu tio é muito pequena”*. É uma criança expressiva, possui um forte potencial de criatividade, faz as atividades com agilidade e perfeição. Porém, sofre graves agressões físicas da mãe, é rejeitada pela mesma. Agride facilmente os colegas, possui dificuldade para dialogar.

- **“J”** – Esse menino possui problemas de desenvolvimento: apresenta ter menos idade do que possui. Tem nove anos é de cor parda, pequeno e magro. Não conhece seu pai, sua mãe morreu em acidente de carro, mora com a Vó e um Tio, o qual se encontra preso. Essa criança também sofre muito preconceito do meio, sendo chamada pelas outras crianças como: “anão”, “magrelo” e “cabeçudo”. A fim de provar o contrário, querendo mostrar-se forte, age de forma agressiva para com aqueles que zombam dele. “J”, na peça de teatro, contracenou com o papel de policial, onde demonstrou ser um belo comediante, pois utilizou seu bom humor, criando outras vozes e movimentos engraçados.

- **“J”** – Também possui problemas de desenvolvimento: tem 11 anos, negro, magro. É um garoto que assume uma postura de liderança perante seus amigos, tudo que ele faz, muitos querem copiar. Exemplo disso foi quando pintou o cabelo de loiro; na outra semana, havia mais quatro crianças iguais. É um dos poucos que tem a família constituída (pai, mãe e irmãos). “J” sofreu algumas mudanças com a vinda da oficina de teatro, pois o teatro ofereceu espaço para todas as crianças se expressarem e conquistarem seus espaços. Dessa maneira, “J” deixou de ser o centro das atenções e isso o incomodava e muito, chegou até mesmo usar de agressões físicas com um colega, pois queria o papel principal na peça. Um gênio difícil, responde a todos em tom de ironia, faz ameaças aos colegas, agride outros que o contrariam; quando sua idéia não prevalece, se recusa a fazer outras atividades. Tem dificuldades de lidar com as perdas.

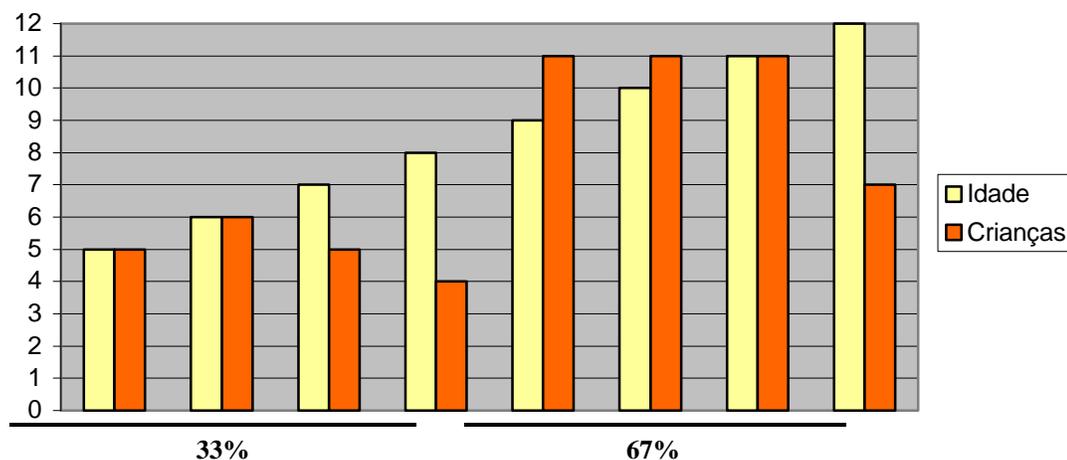
- **“A”** – É uma menina grande e forte fisicamente, possui cor negra e tem 11 anos de idade. Possui um sério problema biológico – “incontinência urinária” – exala um forte odor de urina por onde passa, sofre muita discriminação das outras crianças, que a chamam de fedorenta. Sente-se excluída do grupo, reage aos comentários dos colegas por meio da força física. “A” ‘chupa’ o dedo polegar da mão direita e utiliza os demais para cobrir o rosto. É como quem quer se esconder das pessoas, atitude esta que acredito revelar sua baixa auto-estima. “A” expressou um dia na oficina de teatro que sente vergonha de si própria e que gostaria de ser ‘normal’. A fim de ajudá-la convidei-a para assumir o papel principal da peça relacionada ao dia das mães. No começo, ela relatou, dizendo: “eu não vou conseguir fazer, ninguém vai querer eu de mãe de

alguém, eu cheiro mal”. Outras crianças também queriam o papel, então fizemos um teste: e Ana deu tudo de si e se saiu muito bem. Conversei com as outras crianças, explicando o problema de “A” e pedi que a respeitassem e a incentivassem a fazer a peça. “A” passou a vir para os ensaios, sorridente, entusiasmada, não parecia ser mais a mesma.

3.2.2 Idade e Escolaridade

Do total de sessenta crianças atendidas pelo PFS, no ano de 2000/2001, 33% estão entre a faixa etária de cinco a oito anos de idade, sendo que o maior número de crianças fica entre a idade de nove a 12 anos, correspondendo a 67% do total das crianças atendidas pelo PFS. Observe os dados organizados no Gráfico a seguir:

Gráfico 7 – IDADE DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001



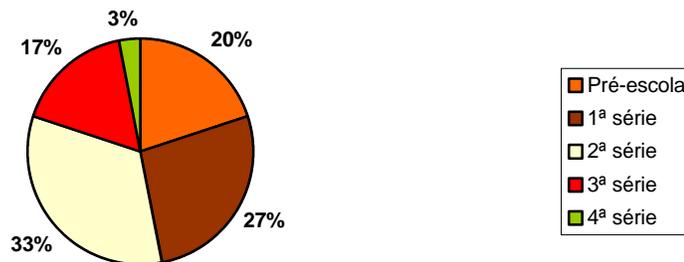
Fonte: Relatórios sobre o “Estudo Social” realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC.

Ao procurar saber o porquê do baixo número de crianças entre a faixa etária de cinco a oito anos de idade atendidas pelo PFS, encontrei pistas na fala da coordenadora do PFS: “muitas mães conseguem vaga para deixar seus filhos o dia inteiro na instituição de Educação Infantil (creche/pré-escola) oferecidas pelo município de Florianópolis, assim deixam de procurar o PFS, que somente tem a possibilidade de

oferecer apenas meio período para cada criança”. Porém, além dessa justificativa da coordenadora, percebo que muitas crianças não se encontram nessa situação, ou seja, estão na lista de espera por uma vaga nas instituições de Educação Infantil do município de Florianópolis. Muitas dessas crianças, quando chegam ao PFS, à procura de vaga, são excluídas por não estarem matriculadas em nenhuma instituição escolar conforme os critérios do PFS.

A fala da coordenadora possibilitou-me entender que um dos motivos pela maior procura de crianças, com idade acima de nove anos, pelo PFS, é porque a escola formal não oferece período integral para as crianças nessa idade, intensificando, desta forma, a busca dos pais por instituições que ofereçam atividades no período em que as crianças ficam livres, como é o caso do PFS, que fica responsável de cuidar/educar a criança enquanto os pais trabalham. Vale a pena visualizarmos em porcentagem o grau de escolaridade em que se encontram as crianças no ensino formal:

GRÁFICO 8 – GRAU DE ESCOLARIDADE DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001.



Fonte: Relatórios sobre o “Estudo Social” realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC.

Ao analisar o Gráfico 8 percebo, 36 crianças cursando a 1ª e 2ª série do ensino fundamental, com idade que varia de sete a doze anos. Ao verificar as fichas de matrículas dessas crianças, comprovei que o maior número de crianças estão realmente entre essas séries, porém, muitas são repetentes, os dados constataam que, das 36 crianças, 15 já sofreram reprovação escolar, justamente entre 1ª e 2ª séries.

Além de dados referentes à reprovação, as fichas de matrículas também apontam informações sobre as escolas formais que as crianças freqüentam. A Escola Básica Rosinha Campos, situada na Vila Aparecida é a que atende o maior número de crianças matriculadas no PFS, totalizando 45 das 60 crianças atendidas. Importante ressaltar que esta é a escola mais próxima da moradia das crianças e também a mais violenta, segundo os pais. As outras 15 crianças estão distribuídas entre as escolas Almirante Carvalhal, Irineu Bornhauser, Dayse Wernes Salles e Presidente Rousevelt, situada nos Bairros Abraão e Coqueiros. Apesar de haver vagas na escola Rosinha Campos, algumas mães mencionaram⁴⁵ que preferem outra escola, devido a fatores que resolveram socializar:

Meu filho saiu da escola Rosinha, porque eu já estava cansada de ouvir a professora chamar o coitadinho de burro. Teve um dia que meu filho perdeu a paciência e deu um tapa na cara dela, bem que mereceu. Mas a direção nem quis saber o motivo e deu suspensão para ele. Estou cansada de humilhação, aquela escola só diminui o filho da gente. (Neuza, mãe do Jhonatam – GT2)

Tive muito medo de mandar minha filha para o Rosinha, depois do dia em que ela foi jurada de morte por um rapaz da sala dela, pelo motivo de apenas ela ter pisado no pé dele sem querer. Esse menino já esfaqueou dois na escola por motivos bem menores. Então resolvi transferir ela para a escola Dayse. (Elizete, mãe da Jéssica – GT2)

O Rosinha é uma bagunça, meu filho já rodou de ano duas vezes na 1ª série, ele não aprende nada, porque as professoras faltam muito, vivem doentes, as crianças ficam sempre sem aula. Já aconteceu de minha filha ficar um mês sem aula. Então quando vem outra professora no lugar, é pior de tudo, pois as crianças não conseguem acompanhar e tiram nota baixa e acabam repetindo a série. Teve ano que minha filha teve quatro professoras. (Maria, mãe da Bruna-GT1)

Essa situação caótica enfrentada na escola Rosinha Campos, em termos de violência dentro e fora das salas de aulas, demonstra a precariedade das políticas de segurança no Brasil. A falta de professores também é um grave problema, ao ausentarem-se, seja por motivo de saúde ou por fazer cursos de capacitação, a escola não dispõe de ninguém para substituí-los. Assim, as crianças ficam sem aula, conforme

⁴⁵ Essas falas foram retiradas dos depoimentos das mães, em reunião realizada em 12/03/01 no PFS, promovida pelas estagiárias de Serviço Social da UFSC.

ressaltou uma das mães, que seu filho já chegou a ficar um mês sem aula, o que acarreta um *déficit* para o aprendizado da criança. As mães demonstram, nas suas falas buscar um espaço escolar que entenda e proteja seus filhos, ou seja, que haja profissionais preparados e comprometidos em desenvolver as potencialidades de seus filhos.

3.2.3 Endereço

Todas essas crianças possuem um endereço, isto é, uma referência do local onde moram. Conforme as fichas de matrículas, são 42 crianças provenientes da Vila Aparecida, distribuídas nas proximidades das Ruas: José Joaquim Santana, Fermino Costa e Rua da Fonte⁴⁶. Devido à falta de um nome na rua e um número na casa, as crianças para explicar onde moram, utilizam como referência pessoas, cor de casa e o comércio. Observe a seguir:

Perto do bar do Pingo você deste a primeira ladeira, eu moro no segundo beco a esquerda, uma casa nos fundo que não está terminada, é perto da casa do seu Mario". (F. 10 anos).

Para quem não conhece a Vila é difícil achar minha casa, é na subida do Morro da Covanca, tem que passar pelo terreno da D. Teca, seguir a trilha do esgoto que vai chegar numa casa que tem um pé de árvore bem na janela, é lá que eu moro. (G. 9 anos)

Com esses endereços descritos, o carteiro fica impossibilitado de encontrar cada morador e, assim, correspondências, encomendas e recados são entregues no "Bar do Pita"⁴⁷, por ser um lugar conhecido e ficar localizado no início da Vila Aparecida, o que facilita o acesso aos carteiros.

As outras 18 crianças também são de origem da Vila Aparecida, porém, a partir do ano de 2000, mudaram-se para os novos Blocos do Projeto Bom Abrigo no Abraão, na Rua João Meireles. Este local já oferece uma outra infra-estrutura, isto é, um endereço completo para cada residência. As crianças que aí residem possuem uma

⁴⁶ Conferir o Anexo SETOR 278 – VILA APARECIDA 210 dessa dissertação.

⁴⁷ Para rever sobre o Bar do Pita, consultar no Capítulo 2, o item Equipamentos Urbanos da Vila Aparecida, na página 89 dessa dissertação.

referência reconhecida pelo correio, a rua em que moram tem nome e os blocos são numerados, assim como os apartamentos. Alguns moradores comentam que não gostam de morar no condomínio, afirmam que *“se sentem morando em um aquário, é gente pra todo lado, tem menos privacidade que uma casa”*. A falta de espaço físico, para criar animais e colocar seu próprio negócio, provoca dificuldades nos moradores para seguir um regimento de condomínio⁴⁸.

3.2.4 Cotidiano

A maioria dos pais trabalham fora de casa o dia inteiro, com isso, muitas das crianças passam de segunda a sexta-feira seguindo a rotina rígida de escola, PFS e casa, não necessariamente nessa ordem. A seqüência hierárquica dessas atividades estabelecidas pelo PFS, pela escola e pela família, a seguir, está organizada por professores, oficinheiros e pais que buscam, na maioria das vezes, adequar os ritmos das crianças as suas necessidades. Essa rotina imposta é regida por hora de entrar, hora de produzir, hora de se alimentar, hora de trabalhar, entre tantas outras horas pré-estabelecidas que procuram organizar a vida da criança, num desrespeito às múltiplas vivências das crianças.

Pela manhã, as crianças acordam cedo rumo ao PFS ou à escola. Pelo caminho, vão encontrando-se, formando grupos e alguns tomam outro destino: precisam deixar o irmão menor na creche. Geralmente iniciam o dia na escola ou no PFS, com o café da manhã, pois muitos deles saem de casa sem essa primeira refeição. Passam o período matutino no convívio com outras crianças e pessoas que não são sua família, participando, na maioria do tempo, de atividades direcionadas por educadores que constantemente são ministradas em espaços fechados, como a sala de aula.

A refeição do almoço também é oferecida na escola e no PFS. Segundo as crianças, preferem almoçar no PFS, pois consideram a comida da escola muito ruim. Existem cinco crianças que vão almoçar em casa com a família. Nessa trajetória de

⁴⁸ Para saber mais sobre os impactos e mudanças dos moradores de favela para os Blocos de prédios fechados, ver: ZURBA, Magda do Canto. Modos de Subjetivação na Vida Cotidiana: um estudo da Vila Cachoeira. Doutorado em Educação, UFSC, Florianópolis, 2003.

deslocamento entre escola, PFS e casa, a criança não tem tempo de descansar e nem brincar.

A falta de tempo exclusivo para brincar, levam as crianças a acumularem energia e a brincarem tanto nas aulas como nas oficinas, demonstrando pouca concentração em atividades propostas pelo professor/oficineiro. Assim, as crianças que não seguem a cultura da escola, as atividades propostas, estão sujeitas à repetência e ao fracasso escolar, conforme afirma uma das crianças: *“eu já rodei duas vezes de ano porque eu faço muita bagunça, eu não consigo aprender”*.

No período da tarde, as atividades continuam, seja no conteúdo formal da escola ou em forma de oficinas no PFS. As crianças novamente são avaliadas por seu desempenho, sendo cobradas por participação e produtividade. O recreio ou intervalo para o lanche, apesar de ser curto, se torna um momento intenso de brincadeira, conversa livre e descanso de que as crianças tanto necessitam. Nesse espaço, as crianças jogam futebol, bolas de gude, bafo e pega-pega. As meninas brincam de elástico, falam versinhos, como: *“salada, saladinha, bem temperadinha, sal, salsa, cebola, cebolinha, 1, 2, 3”*. Mas a brincadeira dura apenas de 15 a 30 minutos e chega a hora de voltar para a sala de aula, para as atividades direcionadas pelo professor/oficineiro⁴⁹.

Assim, a família, ao negar o direito à criança de brincar, a escola e o PFS também negam a condição de criança, isto é, não levam em conta a necessidade de brincar, correr e pular livremente.

No final da tarde, as crianças fazem sua última refeição nas instituições (PFS e escola) e vão para casa. Quando chegam, as crianças brincam um pouquinho na rua. Porém, a alegria dura pouco. A partir das 18 horas 30 min, todas as crianças se recolhem em casa, devido o grau de violência que fica acentuado durante a noite, isto é, alguns locais na Vila tornam-se ponto de consumo e de revenda de drogas e, de acordo com os moradores, os assaltos e a prostituição também se tornam freqüentes nesse período. Os pais demonstram temer o envolvimento dos filhos com drogas, como

⁴⁹ Para saber mais sobre a importância do ato de brincar para o desenvolvimento infantil, ver: BENJAMIM, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984, 118p. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação / Tizuko M. Kishimoto (org.); - 4 ed., São Paulo: Cortez, 2000.

a maconha e o *crack*, e com todas as coisas que possam estar relacionadas com o tráfico.

No período da noite, as crianças, conforme sua realidade, ficam abrigadas em seus lares, exercendo as mais diferentes ações, como, por exemplo: fazendo seus deveres, trabalhando em casa, cuidando do irmão menor, assistindo televisão, brincando, jantando ou indo dormir cedo.

Percebo que um dos únicos momentos livres que as crianças teriam para brincar é o período da noite, pois não se encontram mais na escola, nem no PFS. Infelizmente, muitas delas acabam trabalhando em casa. Tenho como exemplo duas irmãs (10 e 8 anos) – a mãe exerce a função de passadeira de roupa e sempre tem bastante trabalho. Assim, no pouco tempo que as meninas ficam em casa, a mãe as obriga a lavar a roupa e até fazer comida. Ao perguntar a essas crianças sobre qual o tempo que tinham para brincar, as mesmas responderam: *“enquanto a gente limpa a casa, nós aproveitamos para brincar de casinha, cuidamos do nosso irmão menor como se fosse um boneco de verdade”*. Assim, percebo que o trabalho nunca está dissociado da vida de ser criança.

Outro exemplo serve para ilustrar o tema do trabalho doméstico infantil. Presenciei uma das crianças chegando no PFS, pela manhã, “não se agüentando em pé”. Estava muito sonolenta, medimos a pressão, verificamos se estava com febre e nada constou. No entanto, não parava com o olho aberto. Ao conversar com a criança sobre o que estava sentindo, a mesma respondeu, *“minha mãe ganhou neném e ele fica chorando muito à noite. Minha mãe disse que quando ele chorar, é para eu levantar e pegar ele no colo para deixar ela dormir, por que ela tem que trabalhar no outro dia. Só estou com sono, nada mais”*.

Para a criança da favela, o seu dia-a-dia é uma rotina de escola, PFS, tarefas domésticas e brincadeiras. O momento da brincadeira, está diluído nas outras atividades da rotina. Não há uma separação clara entre escola e brincadeira, PFS e brincadeira, trabalho doméstico e brincadeira. Porém, é no final de semana que o espaço exclusivo para a brincadeira aparece. É dia de soltar pipa, jogar taco e vôlei, ir ao bar jogar fliperama e sinuca, brincar de elástico e trocar figurinha. Como também é dia de ir à igreja, visitar os parentes, ficar de conversa, sentada no meio fio da rua, ficar

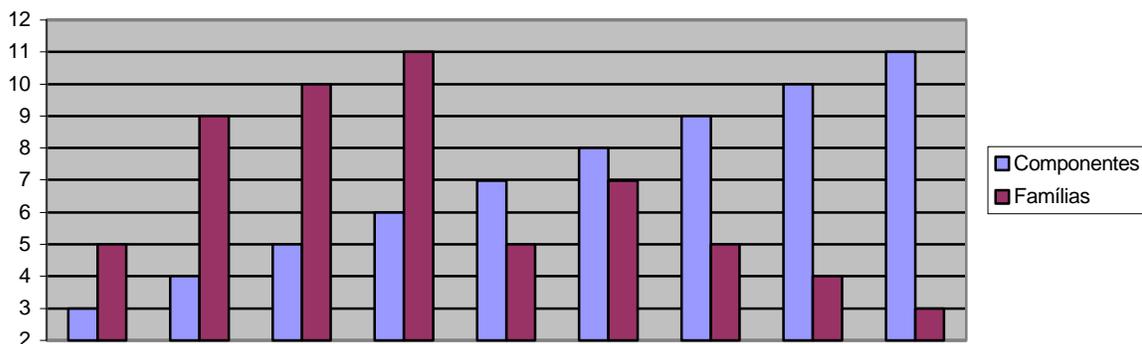
com os pais, namorar, assistir o futebol ou jogar, ouvir música. Contudo, não é possível afirmar que esse lazer especificado é uma opção ou uma condição dada pela falta de condições de acesso a outras opções de lazer.

3.2.5 Família

Com relação à composição familiar das crianças, apresentarei dados identificando o número de componentes na família de cada criança. Para isso, é importante perceber que o modelo de família nuclear - composto por pai, mãe e filhos - está diminuindo nos dias de hoje, para dar lugar a diferentes modelos de famílias, que são organizadas de acordo com as necessidades e os desafios que a vida vai proporcionando.

Dessa maneira, as crianças possuem famílias com configurações diferentes, como, por exemplo, o caso de famílias monoparentais - em que somente a mãe ou o pai está presente. Famílias extensas - com convivência, na mesma casa, de gerações diversas, como também de pessoas com diferentes parentescos - e famílias reconstruídas - provenientes de outros casamentos, entre outras configurações. (ARIÉS, 1981). A seguir, o Gráfico mostra como estão distribuídas as famílias das crianças:

GRÁFICO 9 - NÚMERO DE COMPONENTES NAS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS - NO PERÍODO DE 2000/2001.



Fon
te: Relatórios sobre o "Estudo Social" realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, realizado pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC, 2003.

O gráfico indica que o maior número de componentes por família situa-se entre quatro a seis pessoas. Dados que confirmam o diagnóstico do IBGE, apresentado no gráfico 6 do capítulo 2 desta dissertação, quando indica que o tamanho médio das famílias oscila entre três a seis moradores, o que corresponde a 71% das famílias da Vila Aparecida.

Por meio de análise realizada e constatada nos relatórios de Estudo Social das Famílias das crianças, verifiquei que, dentre os tipos de componentes que moram com a criança, 97% possuem a presença da mãe, sendo que apenas duas crianças não moram com a mãe, isto é, um vive com o pai e o outro com a avó.

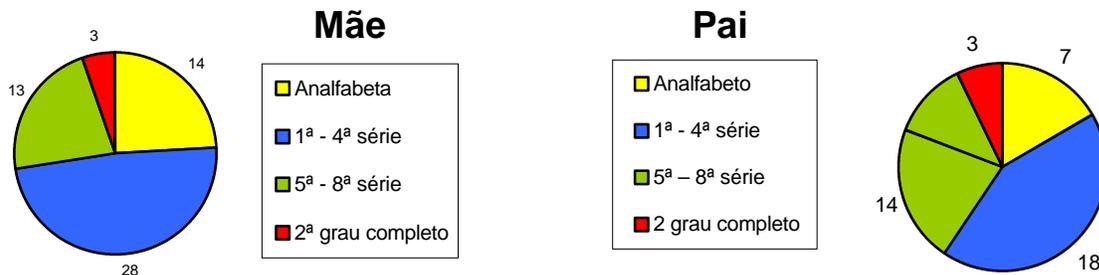
A figura do pai está presente em 70% das famílias. Porém, apenas 30% desses são os pais biológicos e os outros 40% correspondem a padrasto. Dentro desses dados, 30% das crianças não convivem com a figura do pai, seja ele biológico ou padrasto.

O irmão (ã), ocupa um espaço significativo em termos numérico na constituição da família: 95% das crianças possuem irmãos, sendo apenas três crianças na condição de filho único. Desses irmãos muitos são filhos de pais diferentes. Em alguns casos, quando os pais se separam, a mãe geralmente acaba ficando com todos os filhos. Assim, com a falta do pai, a renda familiar diminui e a mãe sente-se na condição de separar os filhos em casas de parentes, para diminuir as despesas, até que se estabilize, case novamente ou encontre um emprego que possa sustentar todos seus filhos novamente.

Por fim, 12% das famílias possuem outros parentes morando no mesmo domicílio, como, avós, cunhadas(os), tios(as) e primos(as), os quais resultam nas famílias mais numerosas, que correspondem de nove até 11 componentes.

Dentro desses componentes familiares apresentados, trarei dados mais específicos a respeito da mãe e do pai. Assim, segue a escolaridade que estes possuem:

GRÁFICO 10 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001.



Fonte: Relatórios sobre o “Estudo Social” realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, realizado pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC, 2003.

A soma de pai e mãe das crianças atendidas pelo PFS, indica o total de 100 pessoas. Destas, 21% são analfabetos e 46% correspondem aos pais que possuem formação entre a 1ª e 4ª série. Outros 22% possuem formação entre a 5ª e 8ª série. Somente 11 % encontram-se com formação do 2º grau. Apesar da baixa escolaridade dos pais, todas os seus filhos encontram-se matriculados na escola.

Para responder à baixa escolaridade dos pais, os motivos são os mais variados. Todavia o principal é a necessidade de trabalhar, tarefa imposta desde de cedo às famílias de baixa renda.

Essa baixa escolaridade acaba produzindo reflexos na inserção desses homens e dessas mulheres no mercado de trabalho, em profissões que exigem menos qualificação e que, conseqüentemente, apresentam um salário menor, bem como uma fragilidade nos vínculos empregatícios. A seguir, as profissões mais freqüentes desses pais:

TABELA 13 - PROFISSÃO DOS PAIS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001

MÃE		PAI	
Profissão	Nº	Profissão	Nº
Professora	01	Serviços Gerais	03
Copeira	01	Estampador	01
Cozinheira	02	Pescador	02
Catadora de Papel e Latinha	04	Marceneiro	02
Auxiliar de Serviços Gerais Doméstica	16	Motorista	02
Diarista	07	Catador de Papel e Latinha	03
Do Lar	14	Pintor	02
Desempregada	09	Descarregador de Caminhão	03
	04	Autônomo	01
		Vigilante	04
		Pedreiro	05
		Servente	06
		Desempregado	08

Fonte: Relatórios sobre o “Estudo Social” realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC.

Ao analisar a tabela, percebo que 22% das mães não trabalham fora de casa, seja por ser “do lar” ou por estar desempregada. Porém, a maioria dessas mulheres de coragem⁵⁰ correspondem a 78%, exercem a dupla jornada de trabalho. Dessas, 42 exercem o trabalho doméstico dentro e fora de casa, e apenas cinco diversificam suas atividades, como é o caso da professora e das catadoras de papel.

Com relação aos homens, as atividades são diversificadas e a modalidade “bico” é comum a todos. Das profissões dos homens, aquelas mais repetidas envolvem o trabalho na construção civil. O “bico” fica presente no cotidiano dessa profissão; no momento em que acaba a obra, os trabalhadores são dispensados e ficam constantemente desempregados, até que surge um outro “bico”. O mesmo acontece,

⁵⁰ Essa expressão “mulheres de coragem” é de Maria de Lourdes Manzini-Covre. Ressalta que no Brasil se encontra esse tipo de mulheres principalmente nas famílias de classes populares. Elas se destacam nos movimentos das décadas de 1970 e 1980. Enfrentaram a fome e a carestia, lutando por seus filhos, inseridas numa nova sociabilidade, sob determinados setores da igreja católica. Para saber mais, buscar: MANZINI-COVE. Maria de Lourdes. A Família, o “feminino”, a Cidadania e a Subjetividade. IN: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.) A família Contemporânea em Debate. São Paulo, EDUC – Cortez, 2002.

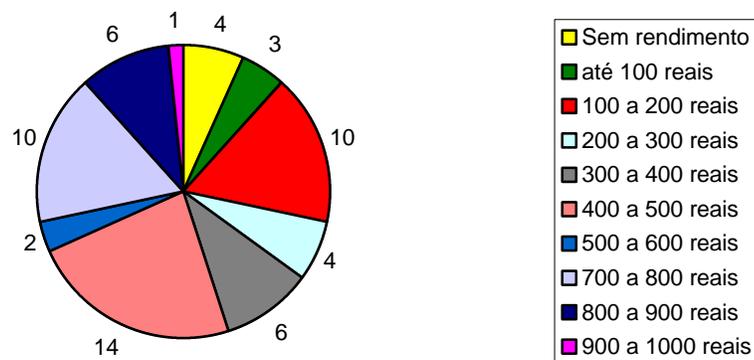
com as mulheres que trabalham na área doméstica: quando a patroa não necessita mais de seus serviços, é dispensada de um dia para o outro, sem nenhum direito, pois a maioria não possui carteira assinada.

Importante ressaltar que quando esses pais não encontram emprego na área que dominam, acabam assumindo outras profissões, para não ficarem parados: *“o meu forte mesmo é carpintaria, mas quando não tem serviço, eu capino grama e até pinto”*. (Pai de uma das crianças atendida pelo PFS)

Ao analisar os dados da tabela 12, verifiquei que 12% dos pais estão desempregados, fato em que as famílias demonstram estar habituadas as oscilações entre períodos que o pai e a mãe estão empregados e desempregados.

A respeito dos salários que essas profissões geram, na Tabela a seguir consta rendimento que cada família capta mensalmente para sobreviver:

GRÁFICO 11 – RENDA SALARIAL⁵¹ MENSAL DAS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PFS NO PERÍODO DE 2000/2001.



Fonte: Relatórios sobre o “Estudo Social” realizado com as famílias das crianças atendidas pelo PFS nos anos 2000/2002, realizado pelas estagiárias de Serviço Social/UFSC, 2003.

Dentro dessa renda mensal estão inclusos todos os recursos que a família capta, incluindo salário dos pais e irmãos, bem como benefícios que as crianças recebem via setor público estatal. Vale discutir que as crianças participam como

⁵¹ O valor apresentado corresponde ao salário mínimo do Brasil no ano de 2003 - o que equivale ao valor de R\$ 240,00 reais mensais. Sendo que um salário mínimo calculado no valor do dólar do dia 06/10/03 (U\$ 2,95) equivale a U\$ 81 dólares mensais.

componentes importantes na batalha pela subsistência da vida das famílias, com bolsa do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), oferecido pelo município de Florianópolis. Cada criança recebe 40,00 reais mensais por estar matriculada na escola. A Bolsa Escola do Governo Federal também é outro programa que auxilia na renda familiar. Cada criança matriculada tem direito a 10,00 reais mensais.

Ao analisar os dados, percebo que das 60 famílias atendidas, quatro não possuem nenhuma renda, necessitando encontrar estratégias para sobreviver, que vão do mendigar até roubar. Outras 23 famílias recebem entre $\frac{1}{2}$ e 1 e $\frac{1}{2}$ salários mínimos mensalmente, não ultrapassando a 400,00 reais. Porém, um dado interessante é que 32 famílias recebem de 400,00 a 800,00 reais, o que oscila atualmente entre 2 e 3 e $\frac{1}{2}$ salários mínimos, uma renda alta, se comparada com a restante, que corresponde a 13% das famílias, que possuem renda de 800,00 a 1.000,00 reais, equivalente a 3 e $\frac{1}{2}$ a 4 e $\frac{1}{2}$ salários mínimos.

O estudo social das famílias aponta o contexto no qual a mãe assume um papel importante nas relações da família, especialmente na geração de renda. No caso daquela mãe que é separada e nunca casou judicialmente, quase não recebe pensão alimentícia para seus filhos. Os pais alegam geralmente estar desempregados e possuírem outra família para sustentar. Desta forma, as mães alegam que recebem pouca ajuda e, quando vem, é uma quantidade mínima. Assim, quando o trabalho da mãe não cobre as despesas do mês, muitas vêm-se obrigadas arrumar uma renda extra, como, por exemplo, uma faxina no sábado, o que é muito comum, para completar o seu ganho.

Para completar a alimentação do mês, várias famílias recebem cestas básicas doadas pelo programa da prefeitura “Hora de Comer” que é oferecido para crianças abaixo do peso. Esses alimentos são distribuídos na casa da comunidade da Vila Aparecida, no último domingo do mês. Segundo a fala de uma mãe, ela recebe a contribuição desse programa da prefeitura geralmente nas férias, porque as crianças perdem muito peso, já que a comida não dá para alimentar corretamente toda a família.

Essas práticas e experiências vividas pelas famílias exercem muita influência na aprendizagem da criança, isto é, na transmissão de valores, crenças, hábitos e

linguagem. Constatamos que cada família possui características próprias. Porém, existem pontos que são comuns a quase todas, como é o caso do trabalho dos pais, que implica em não terem tempo para acompanhar seus filhos na educação, isto é, nas reuniões escolares, no auxílio aos deveres escolares, na alimentação e no diálogo. Sei que muitos pais gostariam de oferecer mais atenção, serem mais presentes na educação de seus filhos, porém, devido à precária condição financeira, trocam sua função afetiva pela função de sustento, isto é, se sacrificam para poder oferecer a seus filhos comida, roupa e estudo. Temos como exemplo a rotina de D. Eva, mãe de uma das crianças:

(...) de segunda a quinta-feira, trabalha período integral como professora no Projeto Oficina do Saber e Lar Recanto do Carinho e, à noite, participa do Projeto Afro-descendente na UDESC. D. Eva costuma sair de casa às 7 h da manhã e só retorna por volta das 21 h. (dados retirados dos Relatórios sobre o “Estudo Social das Famílias da Vila Aparecida”, 2003).

De certa forma e apesar de não terem tempo, os pais, especialmente as mães, preocupam-se muito com o futuro de seus filhos e procuram mantê-los sempre ocupados, estudando e aprendendo: *“eu sou bastante preocupada com o futuro de meu filho, desejo que ele nunca pare de estudar para que possa ter uma vida melhor, sem precisar passar pelas mesmas dificuldades e constrangimentos que eu e meu marido tivemos que enfrentar”*. (Apud Relatório “Estudo Social das Famílias da Vila Aparecida”, 2003).

O acúmulo de trabalho por parte da maioria dos pais, fora de casa, gera a necessidade de divisão de tarefas domésticas com os outros membros da família, especialmente as crianças. Assim, cada qual assume suas responsabilidades domésticas, além das atividades escolares, ficando secundarizado o direito de brincar. As crianças passam a ser vistas pelos pais como adultos miniaturas, capazes de exercer todas as atividades domésticas, assim como cuidar de irmãos menores. Importante colocar que os pais que também não trabalham, colocam seus filhos para auxiliar nos serviços domésticos; esse é um hábito “natural”, uma cultura já estabelecida, foi o que fizeram com ele e assim reproduz com seus filhos.

Porém, percebo, que as famílias mais empobrecidas usam essas crianças como consequência da própria estrutura da cidade de Florianópolis, que não prioriza a

crianças no seu orçamento. Nesse sentido, a família reproduz uma prática que, muitas vezes, começa fora do seu ciclo familiar, o que de certo acaba sendo uma necessidade de sobrevivência.

Outro ponto em comum entre as famílias: pouco privilegiam o momento da brincadeira na infância; as crianças são mantidas sob excessiva ocupação de tarefas pela necessidade de sobrevivência. Entendo que a principal atividade da criança é a brincadeira. Concordo com Vygotsky (1989), quando afirma em sua teoria, que é por meio da brincadeira que a criança aprende a operar o significado dos objetos de cultura e das interações sociais. Seja pela criação de situações imaginárias, ou, seja pela definição de regras específicas. Assim, a brincadeira na infância é uma atividade essencial, e que possibilita a criança representar diferentes papéis e a compreender o mundo do qual faz parte, vivenciando o mundo adulto, seu trabalho, seus problemas entre outros.

Nesse enfoque, compreendo que a oficina de teatro foi um espaço que oportunizou a criança de classe popular se manifestar desenvolvendo sua expressão, opinião e participação, ou seja, espaço e tempo para manifestar o lúdico-cultural das crianças. De certa forma também buscou sanar a necessidade de a criança em querer brincar e jogar, pois encontraram a oportunidade de extravasar suas energias, pulando, cantando e correndo. Aprenderam brincando. Conforme os estudos de Fantim (2000), a criança encontra na brincadeira um campo vasto e fértil de expressões, dentre elas, a expressão oral, a expressão facial, a expressão corporal que lhes possibilita uma infinita abertura de possíveis...

Por meio do lúdico, a criança assume imagens e significações presentes na cultura de que faz parte, reproduzindo elementos dessa cultura, bem como produzindo novos elementos, e essas ações lhe causam prazer, tensão e divertimento.

Outro ponto que é comum à grande parte das famílias é um dos membros possuir algum vício de drogas. Porém, muitos dos pais não consideram o cigarro ou o álcool como um tipo de droga. Com relação a esse problema, o alcoolismo é o mais freqüente entre os pais, gerando brigas, discussões e até separação entre os casais. Uma das crianças ressaltou que o pai chega em casa bêbado, ela esconde todas as

facas da casa com medo de que o pai possa agredir a mãe, como já aconteceu em outras vezes. Afirma ainda que o pai nunca contribui com dinheiro para casa, porque está sempre devendo no bar. Com relação a esse problema existem famílias que buscam auxílio na igreja: *“meu marido se converteu depois que passou a freqüentar a Igreja Universal do Reino de Deus, tudo mudou, ele nunca mais bebeu”*. (depoimentos retirados dos Relatórios de Estudo Social, 2003)

Seja qual for o recurso que a família busque para sanar o problema do álcool, é fundamental evitar o vício e não naturalizá-lo, isto é, para que crianças não desenvolvam a dependência. A melhor saída continua sendo a informação.

E, por último, outro ponto em comum entre as famílias é a relação do diálogo entre pais e filhos. A mãe geralmente possui mais facilidade que o pai para conversar. Porém, quando esse diálogo não acontece, muitos pais utilizam a agressão física e verbal para se comunicarem com seus filhos. Existem crianças que chegam no PFS, machucadas com marcas de mão, cabo de vassoura, cinta, entre outros. Para alguns pais, essa é maneira certa de agir, assim foram educados e acabam reproduzindo tais ações.

Dentro desses aspectos levantados sobre a criança e a família, o comportamento dos pais no cotidiano influencia muito para o desenvolvimento da criança, seja por meio da prática do diálogo, do afeto, de agressões e humilhações. É dentro dessas experiências que a criança vai se desenvolvendo e se apropriando da estrutura de grupo e do espaço em que vivem. Assim, as famílias, as crianças trazem consigo uma carga cultural diversa, condizente com a estrutura social e o meio histórico em que estão inseridas.

Capítulo 4

Espaço das Oficinas de Teatro



Peça Teatral – Um Dia de Mãe – PFS/2001.

Nos capítulos anteriores foram apresentados dados históricos a respeito da formação de favelas, caracterização dos moradores, especificamente, sobre a ‘favela’ Vila Aparecida. Traços sobre o Projeto Família Saudável e sobre as crianças atendidas. Tais informações trouxeram suas contribuições para aproximar-me do espaço urbano em que as crianças vivem, espaço este em que as crianças fazem suas apropriações de mundo.

O presente capítulo não poderia ser diferente. Busco, por meio do espaço das oficinas de teatro, aproximar-me das experiências, das manifestações e das apropriações que as crianças fazem do espaço urbano da ‘favela’ Vila Aparecida. Para fazer minha leitura sobre as apropriações das crianças, utilizei-me do teatro, o qual trabalha com a representação, que é um conjunto de idéias que interpretam e elaboram o real. Podendo ser compreendida na perspectiva de Roger Chartier (1989), que define as representações como esquemas intelectuais incorporados, que criam figuras, graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço decifrado. O conceito de representação é resultado das relações históricas e sociais que a produzem em determinado tempo e espaço.

Parto do entendimento que é significativo aproximar-se do espaço em que a criança vive, tendo em vista que ela é a produtora e reprodutora de um saber que favorece a identificação, tanto com o seu meio quanto consigo mesma.

Entendo que a apropriação que as crianças fazem do mundo, isto é, o modo de sentir, pensar e representar são comuns entre as crianças da Vila Aparecida, ou seja, é reflexo do grupo social do qual elas fazem parte. Conforme afirmam os estudos de Kosik (1996), a realidade é construída como um todo invisível de entidades e significados, e é implicitamente compreendida em unidade de juízo, de constatação e de valor. Assim, cada coisa sobre a qual os seres humanos concentram o seu olhar, a sua atenção, a sua ação ou a sua avaliação, emerge de um determinado todo que o ser percebe como um pano de fundo indeterminado. Desta forma, cada objeto percebido,

observado ou elaborado pelo ser humano é parte de um todo e precisamente este todo, não percebido explicitamente, é a luz que revela o objeto singular, observado em sua singularidade e no seu significado.

Busquei estruturar a dissertação partindo dessa compreensão, que as partes formam o todo e o todo está em cada parte. Dessa maneira, seguem cinco momentos que compõem a parte desse último capítulo. No primeiro momento, faço uma breve reflexão sobre o teatro como instrumento de pesquisa social para coleta de dados. No segundo momento, trago o relato reflexivo sobre o primeiro contato que obtive com as crianças do PFS, no período de 2000, por meio de uma oficina inaugural. No terceiro, busco analisar o espaço onde se deu a experiência. No quarto momento, procuro esclarecer as etapas que estiveram envolvendo a produção das peças teatrais, desde a produção do texto até a escolha dos personagens. No último, analiso as peças teatrais criadas pelas crianças, a fim de vislumbrar as apropriações que as mesmas fazem do espaço urbano em que vivem.

Porém, para escrever esse capítulo, foi preciso utilizar várias fontes de coletar os dados, tais como: a observação, as oficinas de teatro, diário de campo e filmagens, para reavivar as lembranças, entrevista com as crianças, para conhecer sobre o dia-a-dia de sua mãe, desenhos para registrar as falas e muito diálogo para estreitar as relações.

Dentro desse contexto, perguntas foram feitas para compreender e desmembrar o problema: Como o teatro pode ser utilizado como instrumento de pesquisa no campo social? Quais as concepções que esse grupo de crianças moradoras da “favela” Vila Aparecida têm acerca da violência, drogas, desemprego e família? Como as crianças usaram o teatro para representar o espaço urbano? No que as oficinas de teatro vieram a contribuir para as crianças? As oficinas de teatro trouxeram conscientização a respeito dos problemas por eles enfrentados no dia-a-dia da favela? Tais oficinas de teatro possibilitaram a construção de novas práticas educativas na ONG?

No vai e vem dessas perguntas, busco apresentar minha leitura de como percebo as apropriações que as crianças fazem do meio em que vivem.

4.1 - O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

“O alcance da atividade do teatro é muito mais do que simplesmente treinar mini-atores com o objetivo único de montar peças que, na maioria das vezes, não passam de mais uma atividade escolar que não tem nada a ver com os interesses, nem com a vida das crianças”
(DOMINGUEZ, 1978, p. 17)

Ao experimentar misturar a arte e a ciência, o imaginário e o real, percebi com as oficinas de “teatro”, uma outra maneira de coletar dados em pesquisa social. Isto é, como se tem formalmente reconhecido pela academia, a entrevista, a fonte documental entre outros instrumentos existentes para coletar dados em pesquisas, venho destacar nessa pesquisa o teatro como mais uma ferramenta possível. Assim, as artes cênicas podem ajudar as ciências humanas, como forma de representação do mundo, rica e complexa, cujo estudo intermedia o conhecimento da realidade.

A origem desse instrumento deu-se no decorrer da experiência com as oficinas de teatro junto às crianças, isto é, não foi algo anteriormente pensado, elaborado ou pré-planejado pela pesquisadora. O instrumento foi se constituindo na medida em que as oficinas de teatro foram ultrapassando o caráter de ser um mero “recurso didático”, no sentido reducionista da expressão, para se tornar uma ferramenta reveladora do olhar da criança sobre sua vida e o espaço em que vive.

A proposta de usar o teatro como instrumento de coleta de dados foi um desafio, pois não encontrei nenhuma fonte que pudesse auxiliar-me nesse processo. Dessa maneira, a experiência exigiu-me uma constante ação observadora para perceber nas falas e nos movimentos das crianças as apropriações que revelam sobre seu espaço.

Além disso, as oficinas de teatro levaram as crianças a reconhecerem a utilização dos elementos da linguagem dramática, isto é, o processo de elaboração do espaço cênico, a construção de um personagem, a fabricação de figurinos, como também a produção e criação de textos e encenação de peças. Tal linguagem foi desenvolvida por meio do diálogo, dos jogos e brincadeiras de atenção, observação e improvisação embasado em autores consagrados das artes cênicas ligados à

educação: Viola Spolim (2001), Ingrid Koudela (1992) e Olga Reverbel (1989), que promoveram latentemente o desenvolvimento da vivência e integração entre as crianças.

Tais jogos e brincadeiras buscaram oferecer às crianças oportunidades de estimular a competência pessoal, relacionadas à capacidade de auto-conhecimento, de compreensão, aceitação e exercício das habilidades pessoais em favor do crescimento. Também procurou desenvolver atividades focalizando especialmente o desenvolvimento das competências sociais, assim como a capacidade de comunicação e relacionamento com os outros em diferentes situações. E, por último, também trouxe reflexões sobre o espaço onde as crianças vivem, o qual é a 'favela' Vila Aparecida.

Assim, os meios utilizados para coletar os dados, dentro das oficinas de teatro, foram: o diálogo constante com os alunos, dentro e fora das oficinas, o que gerou uma relação de troca, dinamismo, integração e confiança entre os envolvidos; os jogos cênicos favoreceram para que cada um conquistasse seu espaço dentro do grupo, como, por exemplo o jogo da *blablação*, onde cada integrante tinha que se fazer entender pelas ações e expressões. Tal atividade ajudou a desenvolver habilidades com o olhar, os gestos e o corpo como um todo. Os jogos também auxiliaram para revelar a realidade. O jogo da *rapidinha* que dizia respeito a montar uma história coletiva, exemplo disso: uma criança começava com uma frase e a outra continuava a história, criando uma outra frase, assim sucessivamente até chegar ao último integrante, onde, ao final a história, estariam montadas, geralmente, as histórias que eram criadas, voltadas para fatos corriqueiros de sua realidade. As brincadeiras também foram momentos reveladores para as crianças representarem a cultura em que vivem, pois implicou em o grupo selecionar as brincadeiras, construírem suas próprias regras e representar, por meio do 'faz de conta', isto é, exercendo papéis que ultrapassavam o mundo real. Nesse brincar, a criança passou a criar seu mundo de possibilidades, de situações criadoras que a levaram alguns momentos a autonomia.

Ambas as atividades favoreceram para auxiliar a criança no seu desenvolvimento físico, social, intelectual e emocional, como também, especialmente, para me aproximar das apropriações em que as crianças fazem do espaço em que vivem.

Nessas conversas, jogos e brincadeiras desenvolvidos nas oficinas de teatro, foram reveladoras de manifestações e apropriações coletivas e individuais de situações em que as crianças vivem. Foi possível conhecer um pouco das histórias e as experiências de vida que cada criança carrega consigo, nas suas relações com família, amigos, vizinhos, professora, enfim, com todo o espaço que a cerca no seu desenvolvimento como ser humano.

Nas oficinas de teatro, observei que cada criança expressou, representou e interpretou seu fazer cotidiano. Dessa forma, o teatro, enquanto linguagem, mostrou-se ser um instrumento essencial para o desenvolvimento da sensibilidade da consciência, a partir do momento em que propiciou à criança ver, observar, sentir, fazer, expressar e refletir sobre si mesma e o espaço em que vive.

A criança, ao vivenciar o teatro, teve a oportunidade de desenvolver, na esfera individual, o seu potencial enquanto pessoa protagonista da sua ação, isto é, aprendeu a valorizar suas próprias qualidades e habilidades, podendo identificar seus desejos e motivações pessoais, fortalecendo assim o sentimento de auto-estima. Como também pode ampliar seu entendimento sobre a realidade posta em destaque, procurando perceber o meio que suas ações podem modificá-la. E, na esfera coletiva, pode desenvolver capacidade de negociação e consenso, reconhecendo que todos seus colegas são sujeitos de direitos e de deveres.

4.2 – A EXPERIÊNCIA - COMO TUDO COMEÇOU

Eu, uma pedagoga recém-formada, cheia de entusiasmo para colocar em prática tudo que havia assimilado na academia, encontrava-me ansiosa por saber, onde seria o primeiro emprego como pedagoga. Havia distribuído inúmeros currículos pela cidade onde moro. Até que um certo dia veio o convite de uma antiga professora para lecionar oficinas de teatro com crianças de classe popular, numa instituição intitulada Projeto Família Saudável, gestada por uma Organização Não Governamental.

Não hesitei em aceitar o convite. Logo dei início ao planejamento das atividades, privilegiando a criatividade e ludicidade. Para o primeiro dia de oficina, selecionei uma literatura infantil para a abertura da oficina, confeccionei um fantoche para narrar a mesma. A coordenação auxiliou-me, trazendo todas as crianças para o auditório a fim de conhecerem a nova professora e assistirem à peça de abertura das oficinas de teatro.

As crianças foram chegando e se acomodando no chão, algumas demonstraram-se curiosas por avistarem um grande biombo colorido em sua frente, pois lá estava eu, escondida, segurando o fantoche que havia confeccionado, colorido, de esponja e com um enorme botão no peito; nomeei-o como KIKO. Assim, estava, ansiosa, esperando o momento para que todos se acomodassem para o KIKO entrar em cena. Então, chegou o momento tão esperado por mim.

TEXTO

KIKO - O CONTADOR DE HISTÓRIAS (12/09/00)

PERSONAGENS

P - Professora

A1; A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11 - Alunos.

P.: _ Oi pessoal, eu sou o KIKO, vim fazer parte deste projeto. Vocês querem, ser meus amigos?

(Nesse momento, há poucas vozes dizendo que sim, não estão prestando muita atenção. Há bastante conversa paralela. Decido continuar.)

P.: _ Gostaria muito de ser amigo de todos vocês.
_ Alguém pode me ajudar a descobrir o que é teatro?

(De repente uma sombra se aproxima do biombo. Para surpresa, um "canivete" espeta o fantoche – a sorte que o enorme botão protegeu-me a mão, tal ação veio seguida da frase a seguir...)

A.1: _ Sua otária! Quer enganar a gente é? A gente sabe que tem gente aí atrás.

(Era um menino com aproximadamente 10 anos de idade. Sai de trás do biombo assustada e resolvei escutar o que ele tinha a dizer...)

A.1: _ Nós não queremos ficar aqui dentro da sala ouvindo essa palhaçada.

A.2: _ Quero ir para rua brincar.

A.2: _ É um saco ficar o tempo todo dentro da sala de aula.

P.: _ Será que são todos que não querem o teatrinho com o KIKO?

(Foi silêncio total. Neste momento percebi que o que estava propondo ao grupo não atendia à necessidade e expectativa daquelas crianças. Senti-me distante daquela realidade. Jamais esperava encontrar esse tipo de receptividade, não estava preparada para lidar com aquela situação. Ao planejar, pensei que as crianças adorariam aquele mundo de fantasia e imaginação. Aos poucos, durante a conversa, fui sentindo que a vida para aquelas crianças é muito dura e real, não há muito espaço para fantasiar.)

P.: _ Muito bem, se formos lá para o pátio, o que gostariam de fazer?

(Houve uma pausa, um certo silêncio e de repente saiu uma voz tímida do fundo da sala...)

A.3: _ Eu quero aprender a lutar...

(Novamente fiquei surpresa, jamais pensei ensinar crianças a lutar.)

P.: _ Mas por que querem aprender a lutar?

A.1: _ Lá na 'favela' todo mundo folga, só porque a gente é pequeno. Se não fazemos o que os grandes pedem, eles batem na gente. Por isso que meu pai me deu este canivete, para mim se defender daqueles que querem obrigar a gente a fazer as coisas.

(Pensei: será que esse aluno sentiu-se obrigado em estar ali, talvez seja por isso que ele utilizou o canivete, são recomendações de seus pais, deve ter-se sentido obrigado a fazer algo.)

P.: _ Me dê um exemplo do que eles obrigam vocês a fazer.

A.4: _ Eles querem que a gente entregue droga (...), roube e outras coisas assim, se não fizer o que eles mandam é porrada na certa (...). Tenho medo dos traficantes, eles são poderosos!

A.5: _ Minha mãe também bate em mim, se eu não consigo levar comida para casa.

A.2: _ Minha mãe fica nervosa porque está sem emprego, daí ela bate na gente.

P.: _ Mais pensem bem, será que aprender a lutar é a saída? Talvez tenha um jeito de ser diferente. Não seria melhor se essas pessoas parassem de bater em vocês? Alguém poderia me dizer o que precisaria acontecer para essas brigas pararem?

A.2: _ Acho que mais emprego.

A.7: _ As pessoas precisam saber fazer mais carinho, como a minha Vó.

A.1: _ Que acabasse com as drogas.

A.8: _ Que prendessem todas as pessoas ruins, aquelas que batem nos outros e matam.

P.: _ E se fosse para mudar as coisas de onde vocês moram, para você ter vida melhor... O que você gostaria de mudar na Vila Aparecida e na sua família?

A.3: _ Eu queria ter uma casa bonita e pintada, com uma rua de cimento, sem barro.

A.1: _ Eu queria que tivesse uma pracinha bem bonita perto da minha casa com um parque grande para brincar.

A.6: _ Precisava ter um pai e uma mãe que não brigassem comigo.

A.2: _ Eu queria uma bicicleta novinha e um monte de roupa novinha, para não usar mais roupas usadas dos outros.

A.9: _ Eu queria ser bem rico. Ter um emprego para meu pai, para ele poder comprar bastante comida para nós, até iogurte e chocolate.

A.10: _ Eu queria que meu pai fosse solto, para ficar perto de nós e que ele não precisasse roubar nunca mais.

A.2: _ Eu queria ter bastante dinheiro para minha mãe parar de chorar.

A.11: _ Eu queria um hospital que pudesse entrar criança, para eu poder visitar minha mãe.

A.5: _ Eu queria que as pessoas parassem de brigar, e que fossem todos amigos.

Esse foi o início da construção de um espaço para as crianças colocarem sua maneira de pensar e agir. Isto é, suas apropriações sobre o mundo.

É desse universo cultural que a criança traz consigo e que a escola ou qualquer outro espaço educativo muitas vezes subestima ou ignora que trato, em parte, de tentar desvelar nessa pesquisa. Ou seja, ao invés de simplesmente querer explicar ou modificar as atitudes dessas crianças, venho propor querer compreender a maneira de como a criança da Vila Aparecida se apropria do espaço urbano em que vive.

Tomei cuidado, ao reproduzir a conversa com as crianças, para não transcrever expressões com excessos de erros gramaticais, de modo que estes não se tornassem motivo para comentários depreciativos. Tive a preocupação também em não identificar os personagens apresentados.

Não houve preocupação em checar se as informações obtidas eram verdadeiras ou não. Parti do pressuposto que sim, já que o que me interessava eram as apropriações das crianças acerca de uma determinada realidade ou fato, e não o fato em si.

Este diálogo inicial foi decisivo para o andamento das oficinas, pois em vez de oferecer ao grupo uma história pronta como havia planejado e tentar convencê-los de que fazer teatro era interessante, percebi que poderia estimular o grupo a escolher seu próprio tema, construir sua própria história. Tornar-se-ia muito mais envolvente desenvolver peças de teatro sobre os fatos cotidianos de suas vidas.

Com a iniciativa do re-planejamento, minha posição de professora/oficineira também foi modificando-se ao longo da experiência. Para tornar as atividades mais significativas, senti a necessidade de ouvir mais as crianças, de aproximar-me de seus interesses reais, de suas vidas e de seu cotidiano.

Houve uma mudança considerável na estrutura inicial da oficina, ou seja, as oficinas foram tornando-se bem mais complexas. O diálogo e as representações que emergiam do grupo espontaneamente começaram a parecer-me muito mais importantes do que a tarefa objetiva de ministrar uma oficina de teatro e ensaiar uma peça. Foi então que percebi que essa experiência poderia ser uma boa pesquisa.

No plano inicial das oficinas, tinha por interesse desenvolver técnicas teatrais, voltadas para a formação do ator, re-adaptando literaturas infantis para

dramatizá-las. Estructurei as oficinas, em três momentos básicos: 1º) *aquecimento e integração* – tinha por objetivo criar um espaço descontraído e de confiança mútua, por meio de brincadeiras, dinâmicas e técnicas corporais; 2º) *vivência* - esta atividade almejava solicitar a participação integral da criança, era o momento de desempenhar papéis, experimentar sensações, emoções e sentimentos por meio de jogos teatrais; 3º) *avaliação reflexiva*, isto é, um pensar sobre a compreensão do tema trabalhado, por meio da vivência.

Ao adotar um novo olhar para as oficinas, isto é, sem ter mais a pretensão de trabalhar uma peça pronta, desconectada da realidade daquelas crianças, com momentos pré-estabelecidos, passei a aproveitar o inusitado, a espontaneidade da expressão oral e corporal das crianças, assim como as histórias de vida que contavam. Procurei vê-las como são, e não mais como gostaria que fossem.

Diante desse re-planejamento, a maior preocupação estava em criar atividades que fossem significativas para as crianças. Atividades que viessem valorizar cada um deles, seus valores e suas histórias, sem perder de vista a provocação de reflexão sobre o espaço urbano em que vivem.

Ainda no primeiro dia, a partir das sugestões que foram levantadas pelas crianças, dei continuidade à oficina, propondo ao grupo registrar, por meio do desenho, nosso diálogo inicial. A proposta foi aceita pelo grupo, formamos três equipes com diferentes idades, sendo que em cada um ficou um professor para coordenar a atividade. Deu-se ao ar-livre, conforme os alunos tinham solicitado. Foram produzidos dois painéis por equipe, contendo os seguintes aspectos:

- **Painel 1** – apresentar as coisas que incomodam no espaço urbano da favela Vila Aparecida;
- **Painel 2** – apresentar como gostaríamos que fosse o espaço urbano da favela Vila Aparecida.

Os desenhos das crianças revelaram vários detalhes do cotidiano em que vivem. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil,

(...) o desenho proporciona a construção da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação

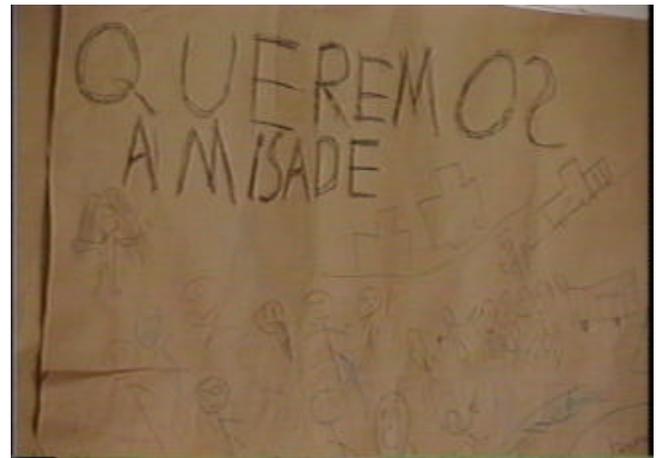
das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê. É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriados pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. (1996, p. 92-93)

Desta forma, as crianças imprimiram, no desenho, algumas cenas do mundo real em que vivem. As produções foram ilustradas de uma maneira muito expressiva; abaixo, a descrição dos desenhos:

FIGURA 6 – ASPECTOS QUE INCOMODAM NA ‘FAVELA’ DA VILA APARECIDA



FIGURA 7 – COMO GOSTARIA QUE FOSSE A ‘FAVELA’ DA VILA APARECIDA



Fonte: Imagem retirada do arquivo de filmagem da pesquisadora – 2000.

LEITURA DOS PAINÉIS

EQUIPE 1

1º Painel - Desenharam um morro, com várias casinhas empilhadas, varais com roupas (algumas com buracos) penduradas por todo canto, uma criança chorando, ao lado de um homem bêbado que segurava uma garrafa. No céu havia dois helicópteros com policiais descendo sobre a favela, pois havia suspeita de tráfico de drogas, segundo a explanação das crianças. De maneira geral as crianças exploram muito as cores, as formas e o espaço do papel. Havia uma frase em cima do cartaz: “Queremos paz.”

2º Painel – Desenharam uma grande roda de crianças de várias idades e tamanhos, todas bem vestidas e coloridas, estavam de mãos dadas e em cima do cartaz, também havia uma frase: “Queremos ser feliz”.

EQUIPE 2

1º Painel – Desenharam nos fundos uma favela no alto no morro e, na frente, várias ruas e carros com uma enorme sinaleira. Ao lado havia uma mulher, vestida com uma saia curta (descrita pelas crianças como prostituta), um homem com uma arma assaltando um carro e uma criança vendendo pacotes de bala entre os carros.

2º Painel – Desenharam várias crianças brincando de corda, soltando pipa, brincando de carrinho. Havia também várias casas grandes (dois andares) bem coloridas. No alto do cartaz aparecia uma frase: “Queremos brincar”.

EQUIPE 3 (A ilustração desses painéis estão nas figuras 6 e 7 da página anterior)

1º Painel – Aqui desenharam uma grande cadeia, vários quadrados com pessoas atrás das celas. Em alguns quadrados havia palavras escritas como: roubo, morte, drogas, armas e álcool. Junto, a seguinte frase: “Precisamos de emprego”.

2º Painel – Neste desenho havia um grande jardim muito colorido, com várias flores de todos os tamanhos e um avião que passava no céu e trazia uma faixa pendurada com a seguinte frase: “Queremos amizade”.

Com os desenhos traçados e pintados, cada equipe teve espaço para socializar seus painéis. Analisei que muitos retrataram naquele espaço a sua vida, seus problemas, seus sonhos e desejos. Percebi durante a produção que uma das equipes tomou a iniciativa de além de desenhar, criou também frases, o que serviu de estímulo para os demais grupos. Por meio dessas frases, percebi que esse foi um espaço que ofereceu o direito a sonhar. A sonhar com um futuro melhor, com uma amizade, com a paz, com direito a brincar, com um emprego digno e com felicidade. Claro que as dificuldades sempre estarão lá, fazendo-se presente, mas quem sabe assim estarão mais preparadas para lidar com elas, percebendo que uma outra vida é possível.

Ao final desse primeiro dia, fui para casa refletindo sobre tudo o que havia acontecido e percebi que havia descoberto um tesouro para pesquisar. Não tinha a pretensão de desistir do teatro, porém, desejava que as próprias crianças fossem autoras e atrizes de suas peças teatrais. Então pensei: quem sabe as histórias e os sonhos que elas expressaram nos desenhos e nas falas fossem uma boa sugestão para começar. As crianças aceitariam? Não sabia. De que forma faria? Estava por descobrir. De que maneira trabalhar com seis turmas, havendo idades distintas? Somente a prática e a experiência de outros poderia ensinar-me. Seria preciso criar seis peças, sendo uma para cada turma? E para os pequenos, de 5 a 6 anos seria preciso usar de outra metodologia? E os tímidos, o que fazer com eles, se não quiserem representar? Como garantir a participação de todos?

Dúvidas e certezas foram surgindo freqüentemente e fizeram com que a cada dia eu re-avaliasse as oficinas, acrescentando e retirando o que era preciso para atender o interesse das crianças. O planejamento das oficinas deixou de ser estático, passou a ter movimento, constante re-elaboração das atividades, dando espaço para os saberes cotidianos das crianças serem reconhecidos e integrados nas atividades diárias. Sentia a contradição, a dialética presente na experiência. Aos poucos percebi que o conhecimento não estava nas minhas convicções, mas principalmente nos conflitos e diálogos que surgiam no decorrer do caminho.

4.3 – ESPAÇO DA VIVÊNCIA

Ao analisar o espaço geral que o PFS oferece para atender as crianças, constato que, apesar de não haver um parque ou uma área livre estruturada para as crianças brincarem, mesmo assim, o Projeto possui uma estrutura física razoável para comportar as sessenta crianças atendidas.

O espaço do PFS onde aconteceu a experiência com a oficina de teatro foi o

‘auditório’, situado no piso superior⁵², local que antes das oficinas, era somente usado para reuniões e festas do PFS. Escolhi tal espaço por constatar que as salas de aula mostravam-se muito pequenas para ministrar as oficinas de teatro e também por querer sair do modelo padrão de espaço escolar, isto é, mesas, cadeiras e quadro. As crianças já são obrigadas a ficar um período inteiro do seu dia sentado em salas fechadas⁵³. Não cabe ao PFS obrigá-las a fazer o mesmo, seria um desrespeito com o ser criança.

O espaço escolhido apresentava-se amplo, arejado, sem mobília, pronto para ser explorado e ocupado pelas crianças. Possuía características bem diferenciadas da sala de aula tradicional, isto é, por ser aberto, sem repartições, por não haver qualquer tipo de mobília fez com que criássemos nosso próprio espaço. Normalmente sentávamos no chão para conversar, não havia um espaço definido, fazíamos dinâmicas com colchonetes, corríamos pela sala, brincávamos de bola e outros jogos.

O enfoque, por ter apresentado a distribuição geográfica do espaço do PFS no capítulo anterior, foi para que nesse momento fosse localizada e valorizada a dimensão espacial em que se deram as relações humanas. Isto é, ao experimentar esse espaço, fomos criando nossas experiências, e o que era espaço privilegiado da instituição, passou a se tornar um lugar construído por todos. Daquele espaço fechado e vazio se tornou um espaço quente, vivo e aberto para o público.

Aos poucos, as crianças começaram a apreciar e a interessar-se pelas oficinas de teatro, tornaram-se receptivas às atividades propostas. As dinâmicas que trazia fez com que nos conhecêssemos mais, criamos um elo de amizade. Cada dia que chegava ao projeto era recebida com muitos beijos e abraços, cartinhas e desenhos cheios de declarações de carinho. Sentia que nossa relação ultrapassava a sala de aula, havia uma relação de afetividade e cumplicidade.

Fez-se presente nesse espaço o sorriso, o carinho, o toque, a atenção, o incentivo, a solidariedade, a união, valores tão essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. Assim fomos construindo um espaço democrático e belo justamente por permitir que valores como estes tenham tido seu lugar e um lugar bem especial. Juntos aprendemos a ouvir os desejos, pensamentos e idéias do outro, e assim o espaço foi

⁵² Para maiores, detalhes sobre o espaço, retome o capítulo 3, pág. 125 - Figura 4, planta aérea do Projeto Família Saudável.

⁵³ Conforme apresentei no capítulo 3, o item que se refere ao cotidiano das crianças, nas páginas 136-138.

sendo construído de forma conjunta, parceira, capaz de proporcionar momentos prazerosos e lúdico para aqueles que dele participavam.

Fortalecemo-nos enquanto grupo, os vínculos afetivos foram constantemente alimentados, o que gerou maior confiança e possibilidade de diálogo. Construímos uma relação de respeito e valorização da fala de todos, o que foi muito importante para as crianças se sentissem bem para expressar suas histórias pessoais e as apropriações que fazem do mundo em que vivem.

Sentia que minha presença foi representando uma quebra na rotina do projeto, devido talvez às aulas de teatro serem somente duas vezes por semana⁵⁴, enquanto as outras oficinas eram ministradas todos os dias, pois as demais professoras/oficineiras tinham 40 horas na instituição, enquanto eu, somente 20 horas.

Importante salientar que a oficina de teatro era a única a usar um outro espaço sem ser a sala de aula, por alguns professores considerarem que aquele espaço não era bom para se trabalhar, por motivos que os relatos a seguir registram:

A sala é ampla, as crianças se dispersam, falam alto. Dessa maneira, não me ouvem, assim não consigo passar as atividades, pois lá não tem quadro e giz. (Prof. Dani - GT1 - relato realizado na capacitação de julho de 2001)

(...) meu maior problema de trabalhar naquele salão é que as crianças só querem ficar penduradas na janela para ficar vendo o movimento da rua. Outro motivo é que lá tem muito espaço para correrem, não há quem consiga fazer pará-las de brincar. Prefiro a sala de aula, com elas nas cadeiras, torna-se mais fácil de fazer uma atividade. (Prof. Elaine - GT2 – relato realizado na capacitação de julho de 2001)

Como é possível notar, alguns professores apresentam resistência em trabalhar em espaços alternativos, justificam que perdem o controle da disciplina, sentem-se inseguros em não ter o quadro/giz e as cadeiras para fazer um bom trabalho.

⁵⁴ Com relação ao tempo das oficinas, dediquei-me dois dias na semana (3ª e 6ª feira) para ministrá-las; atendi dois períodos (matutino e vespertino) para contemplar todas as sessenta crianças. Cada turma, por semana, tinha uma oficina de teatro de noventa minutos.

As crianças, ao mudarem de lugar, isto é, quando saíam da sala de aula para entrarem no auditório, onde aconteciam as oficinas de teatro, sentia que elas traziam uma energia diferente. Percebia que a alteração de espaço provocava uma variação interna nas crianças, o que talvez possa nomear de vibração, entusiasmo ou motivação. Percebia nos olhos das crianças um brilho, o mesmo que eu sentia quando ia para as aulas de educação física na escola, ou seja, despertava dentro de mim uma enorme satisfação em poder sair da sala e ir para rua falar alto, movimentar-me sem medo, explorar os movimentos do corpo, falar de outras coisas, prestar atenção não só no professor, também no jogo e no amigo. Segundo Frago & Escolano (1998), ao mudarmos o lugar, não estamos só mudando a imagem, mas também as energias, as vibrações, o novo se torna presente e desejável.

Desta maneira, o espaço veio favorecer para que as crianças pudessem exercer sua autonomia no correr, falar, rir, sentar no chão com satisfação, e sem preocupação de serem reprimidos, pelo tempo, espaço, disciplina ou silêncio. Importante salientar que essas ações pessoais de cada criança não significou deixá-las no espontaneísmo (educação livre), ou seja, não podemos confundir autonomia da criança com descuido dos adultos. Em alguns momentos participei junto deles na organização do ambiente, brincando do que propunham, em outros momentos propunha ao grupo a criação de novos espaços, por meio de atividades.

Nas oficinas, sempre trazia comigo mais de uma atividade, para que o grupo pudesse optar pela que julgasse mais interessante, porém, quando a minha proposta não contemplava o interesse do grupo, o mesmo redefinia a atividade, tornando-a significativa. Com isso e discutindo sobre as atividades, procurava promover e estimular a interação entre o grupo e o respeito à diversidade de opiniões. Estes foram momentos conturbados, que provocaram choro, cara fechada pela atividade não ter sido contemplada e, em outros momentos, causou alegria e prazer por terem sido protagonistas da mesma. Assim, esses, como outros momentos de conflitos, como por exemplos: três crianças querendo ser o mesmo personagem; a falta de um dos personagens no dia da apresentação; a construção dos figurinos um queria a roupa do outro; a vergonha no dia da apresentação, o esquecimento da fala, entre outros tantos momentos que auxiliaram as crianças a experimentarem e trabalharem características

de sua personalidade, como a persistência, a tolerância, a frustração, o companheirismo, o exercício do respeito de normas e as regras de grupo. Conforme Batista (1998), os espaços educativos devem proporcionar prazer de vivências partilhadas, alegrias, ansiedades, interações, descobertas, fantasias, respeitando as angústias, as contraposições e as manifestações de diferentes sentimentos e emoções.

Acredito que, garantindo espaços e tempos ampliados para brincadeira e jogos, bem como para a manifestação de outras linguagens, estaremos respeitando a participação das crianças, caminhando no sentido de garantir o convívio coletivo com outras crianças e adultos, socializando suas idéias, partilhando emoções, resolvendo conflitos, exercendo sua vida cidadã.

Com base nos pressupostos sócio-histórico de Vygotsky, as instituições de educação precisam representar um espaço capaz de promover o desenvolvimento infantil, comprometido com a formação da criança, ou seja, um espaço de convívio coletivo com diferentes faixas etárias e com possibilidades de oferecer diversificados materiais didáticos e brinquedos voltados para a estimulação do desenvolvimento de tarefas que estão presentes na atividade humana.

É necessário pensar em um espaço educacional onde a criança possa viver a sua infância, e ter interações com os demais colegas, estabelecendo relações que favoreçam o seu desenvolvimento como ser humano. A organização do espaço no contexto educacional deve ter um caráter pedagógico, isto é, com finalidades e intencionalidades, podendo oportunizar diversificadas experiências, favorecendo a interação do indivíduo com o seu meio físico e social.

4.4 PEÇAS TEATRAIS - ETAPAS DA CONSTRUÇÃO

Para chegar ao processo de análise das peças teatrais criadas pelas crianças, é preciso apresentar o contexto, isto é, as etapas em que as crianças estiveram envolvidas na elaboração.

A primeira etapa correspondeu a cada grupo criar histórias e papéis e/ou personagens em que revelassem o espaço real de onde vivem. Demoramos em média

duas oficinas para elaborar cada texto. Partimos do diálogo gerado no primeiro dia da oficina de teatro - sobre como é a vida na 'favela', o qual revelou diferentes problemas e sonhos que as crianças têm dentro do espaço em que vivem. Nos outros encontros, procuramos avançar, buscando sair do caráter apenas socializador dos fatos, para atingir o caráter de "reflexão" e, posteriormente, de "ação". Ou seja, os fatos corriqueiros e as histórias de vida manifestadas pelas crianças começaram a ser refletidas e problematizadas até tornarem-se um texto de teatro. A ação deu-se por meio das apresentações, em que as crianças puderam levar sua mensagem para outras pessoas sobre o como é sua vida na 'favela' e como gostariam que fosse.

Toda essa experiência serviu para produzir conhecimento sobre as apropriações que as crianças fazem do meio no qual vivem. Ao montar o texto, as crianças apontaram a descrição do espaço da 'favela', como bar, rua e casa, enquanto que seus referenciais para os papéis estavam relacionados com o tráfico de drogas, a família e com outras conseqüências da pobreza em que vivem. Na medida em que as narrativas apareciam, fui registrando o texto para que, no final, pudesse socializar com o grupo e assim fazer as devidas modificações necessárias para compor o texto final. Mais detalhadamente a origem de alguns textos e o processo da construção de cada peça, no próximo item.

A segunda etapa foi selecionar os personagens. Tarefa um tanto árdua, pois todos queriam ser o ator principal. Para convencê-los de que todos eram importantes na peça independente do papel principal, não foi fácil. Ouvi por diversas vezes a seguinte frase: *"é porque você gosta mais dela do que de mim"*. Buscando fazer com que todas as crianças participassem da escolha, propus ao grupo que os interessados no personagem fizessem um teste, para que o grupo pudesse optar por aquela criança que mais se adequasse ao papel. Mesmo assim não foi possível agradar a todos. Então chegamos no seguinte acordo: como haveria mais de uma apresentação, trocaríamos os papéis, para que todos pudessem atuar no papel de que gostaria.

Após a definição dos personagens, surgiu a preocupação em montar os figurinos. Esse foi um processo que o grupo interagiu muito e se solidarizou, pois quando um colega não tinha tal objeto, o grupo rapidamente dava conta de o suprir. Todos se esforçaram o máximo para estarem impecáveis.

A terceira etapa referiu-se à montagem dos cenários. Para algumas peças, as crianças sugeriram os painéis de desenhos do 1º dia, produzidos pelas mesmas, para utilizarmos como cenários fixos de fundo. Já em outras peças, foi necessário mobília diversas para compor a cena.

A quarta etapa foi dedicada aos ensaios. Processo que exigiu muita paciência e dedicação, pois as crianças falavam todas juntas, querendo dar sugestões; em outros momentos, ficavam dispersas, não se concentravam no que faziam. Houve momentos em que fiquei preocupada com a apresentação. Mas, aos poucos comecei a perceber que a riqueza da experiência estava no processo, na construção coletiva dos textos, nas falas improvisadas dos ensaios, nos conflitos da disputa por um personagem, e não no produto final que era a apresentação.

A quinta etapa foi o momento de criar os convites para as apresentações. Cada grupo deu um nome para colocar no convite, os quais foram: Geração 2000 (G2 - Matutino); Criança Saudável (G1 - Matutino); Gente Bonita (PRÉ - Matutino/Vespertino); Gente Boa (G1 - Vespertino.); Criança Feliz (G2 - Vespertino) Filhos da Mãe (todas as turmas). Após, foi decidido com as crianças o número de pessoas que viriam; nisso estipulamos três convites para cada pessoa. Escolhemos o melhor horário e dia para que os convidados pudessem vir. Os convites ficaram muito originais, foram feitos de cartolina colorida e lápis de cor, vieram acompanhados de lindos desenhos, representando seus personagens.

A última etapa foi voltada para as apresentações. Aconteceu em três momentos: as duas primeiras foram realizadas no próprio PFS, onde contamos com a presença de familiares, amigos e profissionais das escolas Rosinha Campos e Dayse Wernes Salles, instituições estas em que as crianças estudam no período oposto ao PFS. A segunda apresentação foi realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, servindo de abertura para o evento de socialização da Disciplina de Prática de Ensino do Curso de Pedagogia. A platéia foi composta por estudantes do curso e profissionais da área de educação.

Em ambas as apresentações, o número de pessoas foi acima do esperado. Os alunos demonstraram ficar muito contentes por verem tantas pessoas para prestigiá-los. Antes de iniciar as apresentações fiz, uma breve introdução: explicando o diálogo

que gerou a confecção dos painéis, os temas que tínhamos discutido em sala, como: drogas, desemprego, violência, prostituição, álcool entre outros que foram abordados. No final da explicação, enfatizei aos pais, amigos e os demais a respeito da importância que temos para o desenvolvimento daquelas crianças, pois servimos muitas vezes de espelho, negativo ou positivo. E deixava o alerta para repensarmos sobre nossas atitudes, sobre o que queremos para nossos filhos, alunos e amigos. Ressaltei que podemos dar nossa parcela de contribuição para o desenvolvimento dessas crianças, com atenção e valorização pelo que fazem, isto é, um voto de confiança, estimulando-as, motivando-as a confiar em si, a acreditar em que são capazes, inteligentes, criativas e, acima de tudo, especiais.

A apresentação foi um momento de nervosismo para algumas e de descontração para outras, quando uma esquecia a fala a outra soprava, enquanto outros caíam na gargalhada. Houve aqueles que nos ensaios falavam alto e claro, porém, na hora, sentiram-se envergonhados e tímidos; aqueles que tiveram medo de esquecer, então falaram muito rápido, ao invés de outros que falaram pausado e alto demais. Cada qual comportou-se do seu jeito, dentro de seus limites. Estavam ali para dizer que são crianças e que trazem consigo toda a sua esperança de querer fazer desse mundo um lugar melhor para se morar.

Com relação aos pais, presenciei cenas emocionantes durante as apresentações. Cada criança que entrava no palco vinha acompanhada de muitas salvas de palmas. O texto recitado e dramatizado ficava abafado pelo excesso dos aplausos. Precisei até pedir para que deixassem para aplaudir no final, para que pudessemos escutar a história. Muitas lágrimas rolaram, eram mães emocionadas, olhares atentos, expressões de felicidade em rostos tão sofridos. Houve um pai que se levantou e disse em voz alta: *“esse é o meu filho”*, assim como quem diz, estou orgulhoso de vê-lo ali.

No final da apresentação, algumas pessoas vieram para cumprimentar-me pelo trabalho, como os colegas profissionais: *“é isso que precisamos fazer com a educação, inovar”*; *“Ganhar o que você ganha para fazer isso tudo, eu não sei se faria”*. Alunos também me abraçaram e disseram emocionados: *“Você disse que eu conseguiria e eu consegui, não esqueci de nada, você viu?”* *“Foi tão rápido, vamos*

apresentar de novo outro dia?” “Minha mãe disse que eu estava muito bem”. “Meus amigos e professora da outra escola me aplaudiram, gostei demais”.

Assim, de certa forma, percebo que o teatro serviu de veículo para denunciar os problemas que os espaço da ‘favela’ vive, assim como, para alimentar a auto-estima, a dignidade e a identidade das crianças.

4.5 PEÇAS TEATRAIS E APROPRIAÇÕES

Nesse item, apresentarei um quadro das seis peças de teatro criadas pelas crianças. Parto do princípio que todas as peças teatrais foram significativas, porém, busco analisar apenas 50% da amostra⁵⁵, o que corresponde a três delas. Em cada peça analisada, buscarei fazer uma descrição das histórias que deram origem ao texto, as quais foram retiradas do meu diário de campo, durante o processo de produção das peças. Trarei também o registro do texto original criado pelas crianças, acompanhado das suas respectivas análises sobre as apropriações que as crianças fazem do espaço urbano em que vivem.

Parto do entendimento que *apropriação*: é aprendizagem e acontece a despeito de alguém ou de alguma situação vivenciada. A criança, desde os primeiros anos de vida, junto à família e no espaço onde vive, aprende os códigos lingüísticos do meio, conversa com adultos e outras crianças, conhece objetos, adquire informações, imita comportamentos e adquire experiências importantes para a construção da trajetória de sua vida. Essas vivências e aprendizagens (apropriações) são processos individuais que cada um internaliza e representa em determinados espaços que convivem, como é o caso da escola, do PFS, da família entre outros tantos que circulam. Busco, a seguir, por meio das peças criadas pelas crianças, captar, de maneira sutil, as nuances, ora suaves, em sua forma lúdica ou simbólica, ora fortes, em sua forma violenta de se expressar, as apropriações que as mesmas fazem do meio em que vivem.

⁵⁵ Sendo que os outros 50%, das peças de teatro não analisadas, encontram-se no anexo 3, dessa dissertação, para futuras análises.

A Tabela a seguir apresenta uma síntese das peças criadas pelas crianças do PFS, no ano de 2000/2001.

TABELA 14 – RELAÇÃO DAS PEÇAS TEATRAIS DESENVOLVIDAS EM 2000/2001 NO PFS

Nome/ Grupo	Nome/ Peça	Personagens	Nº Crianças	Idade	Palavras- Chave
1) Geração 2000	Queremos um futuro sem drogas	Traficante Menino Usuário de Droga Policiais Mensageiras	9	10 a 12	Drogas Tráfico Trabalho Infantil
2) Criança Saudável	Desemprego e fome	Mãe Pai Filhos Senhoras Idosas Policiais	11	7 a 9	Família Fome Alcoolismo Desemprego Falta de Estudo Prisão
3) Filhos de Mãe	Um dia de Mãe	Mãe Pai Filhos Vó Patrão Oficce Boy Comerciantes Professora	11	5 a 12	Mulher/Mãe Faxineira/Servente Fome Escola Dívida Doença Poder Alcoolismo
4) Criança Feliz	Meus Direitos de Criança	Narradora Crianças Mensageiras	13	10 a 12	Brincadeira/ Amor Comida/ Amigos Emprego/ Paz Roupa/ Educação Moradia
5) Gente Boa	Prostituição e Trabalho Infantil	Mulher Criança Motorista	9	7 a 9	Estupro Prostituição Mentira Corpo
6) Gente Bonita	Higiene é Bom	Crianças Narrador	9	5 a 6	Banho Higiene Corpo Beleza Saúde

Fonte: Diário de Campo da pesquisadora 2000/2001.

4.5.1 - PEÇA 1: Queremos um futuro sem drogas

Para introduzir o processo de construção da peça 1, é importante situar o leitor na contextualização dos diálogos em que a história foi gerada. Tenho a fala de uma das crianças desse grupo, “Geração 2000”, que chegou na oficina de teatro dizendo que seu tio seria solto da prisão. Perguntei o porquê havia sido preso. Sem constrangimento, respondeu-me: “é porque ele vendia droga” (J. 10 anos). Devido a sua naturalidade, senti-me na liberdade de fazer uma pequena problematização com o grupo sobre esse acontecimento, ou seja: O que levou o tio a ser preso? Porque a

droga não pode ser vendida? Qual o mal que a droga traz para a saúde? Quais os problemas que ela traz para a sociedade?

Dentro da conversação surgiram depoimentos de outras crianças: “O meu vizinho também vende drogas e tem crianças que trabalha para ele” (T. 10 anos). “É Professora, onde a gente mora tem muita droga, crianças usando todo tipo de droga. Têm muita gente andando armada por causa disso; à noite dá até tiroteio” (J. 11 anos).

Com essas e outras opiniões, as crianças enfatizaram que a Droga causa muito mal as pessoas, pois traz problemas e afasta quem amamos para longe de nós. Segue o texto construído por elas:

TEXTO

Queremos um futuro sem drogas.

PERSONAGENS

N.: Narrador;
T.: Traficante;
M.: Menino;
U.: Usuários;
P.: Policiais;
Me.: Mensageiras.

CENA 01 – RUA

N.: (Na rua o traficante comenta alto...)

T.: Estou precisando fazer uma entrega urgente! Ei, menino, você que está na rua sem fazer nada, venha cá!

N.: (O menino se dirige até o traficante...)

M.: O que você quer?

T.: Você quer ganhar dinheiro no mole (R\$ 5,00)?

M.: Quero, mais o que devo fazer?

T.: Tem que saber guardar segredo e ser esperto!

M.: Minha mãe está mesmo precisando de dinheiro!

T.: Então você precisa ir até o bar do Maneca, lá você vai encontrar um rapaz de óculos escuros, alto e moreno, encostado no balcão do bar; o

nome dele é Popó. Chegando, você entrega este pacote para ele; em troca; ele vai te dar R\$ 200,00. Você aceita ir?

M.: Se for só isso, eu quero.

T.: Leve esta arma, esconda dentro da sua blusa para ninguém desconfiar que está armado, se alguém quiser te roubar, aponte a arma, não tenha medo. Esse pacote vale muito dinheiro. E se ver polícia por perto, volte correndo para cá.

M.: Eu só peguei arma uma vez na mão, a do meu tio. Ainda não aprendi a segurar uma arma direito! Porque fugir da polícia? O que tem dentro desse pacote?

T.: Você já está querendo saber demais, se fizer mais uma pergunta dou o dinheiro para outra criança e ainda te pego de jeito se falar alguma coisa para alguém! Ande logo, já era para estar lá!

N.: *A criança sai correndo apavorada. Nisso, o traficante fala para a platéia...*

T.: Trabalhar com criança tem uma grande vantagem; eles trabalham por uma “merrequinha” de dinheiro, morrem de medo de mim, assim não abrem a boca. Além do que a polícia nem desconfia que uma criança é capaz de entregar droga.

CENA 02 – BAR

N.: *Traficante sai de cena. O menino chega no bar do Maneca para entregar a droga ao usuário, o qual está nervoso e ansioso, à espera da droga...*

M.: É para o senhor que devo entregar este pacote?

U.: Que demora, eu já estava ficando nervoso, passe logo essa droga!

N.: *O usuário vendo que era só uma criança indefesa e assustada, resolveu se aproveitar...*

U.: Pegue esse dinheiro R\$ 50,00, e diga para seu chefe que só tenho isso.

- N.:** *Nesse momento o usuário nem respeitou a criança que estava ali, já foi logo acendendo o baseado.*
- M.:** Mas ele disse que valia muito dinheiro...
- U.:** Não interessa, se não quiser morrer, suma da minha frente, seu pivete!
- N.1:** *(O menino saiu correndo, preocupado, e foi em busca do traficante. O usuário fica no palco, simulando o uso da droga. Depois sai do palco como se estivesse alucinado.)*

CENA 03 – RUA

- N.:** *(O menino chega com o dinheiro para entregar ao traficante...)*
- T.:** E daí menino, algum problema? Trouxe minha arma? Cadê meu dinheiro?
- M.:** Sua arma está aqui, só que teve um problema, o homem só pagou R\$ 50,00.
- T.:** Você deve ter ficado com o resto do dinheiro. Porque não usou a arma? Criança burra te enrolaram, me fez perder dinheiro...
- N.:** *(Nisso o traficante começa a bater na criança e a mesma começa a chorar e a pedir ajuda. Nesse momento aparece um policial...)*
- P.:** O que está acontecendo aqui?
- M.:** Esse homem disse que me daria dinheiro se eu entregasse um pacote para ele. Fiz o que ele me pediu e agora não quer me pagar. Está dizendo que eu o roubei. É mentira! Entreguei tudo para ele. Eu não tenho culpa, nem sei o que tinha dentro daquele pacote!
- P.:** Seu malandro, explorando crianças para entregar drogas. Isso não vai ficar assim, vamos para a delegacia. E você menino, onde estão seus pais?
- M.:** Estão trabalhando, eu fico sozinho à tarde, em casa.
- P.:** Então é melhor ficar dentro de casa. Não aceite mais nada de estranhos. E não pegue mais uma arma na mão. Lugar de criança é na escola e não na rua aprendendo malandragem.

N.1: *(Nesse momento entram as mensageiras com um cartaz da secretária da saúde, dizendo: a vida é melhor sem drogas. Enquanto isso, a outra mensageira faz a leitura do Art. 18 /Capítulo II do Estatuto da Criança e do Adolescente...)*

Me.: Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) “(...) é dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório (vexame) ou constrangedor.”

Todos: “Queremos um mundo melhor, dizendo não às drogas.”

PEÇA 1 - Apropriações

Para analisar o texto presente parto da reflexão de Guiomar Namó de Mello (apud MEDEIROS 1986, p. 33), a qual ressalta que as idéias e concepções socialmente existentes, apesar de acontecerem dentro do sujeito, não significa que nasceram aí. “*A representação é sempre social, ainda que cada sujeito reelabore esse conjunto de idéias socialmente disponível. A subjetividade do ator singular se constitui na mediação que configura um modo próprio de apropriar, reelaborar e praticar as idéias. Essa subjetividade é, no entanto, objetivamente constituída a partir de suas condições de vida*”. Partindo do entendimento de que a representação é “*sempre social*”, significa que os indivíduos vivem dentro de um espaço social, que, por sua vez, convivem desde o nascimento. Recebem as normas, as proibições, a linguagem e, desde crianças, interiorizam a cultura do espaço social em que nascem. O todo desse espaço social está, de fato, presente nas partes que o compõem, os indivíduos. Dessa forma, percebo que o texto construído pelas crianças é revelador das apropriações que estas fazem do espaço social em que vivem.

O tema presente nesse texto envolve a complexa relação de poder das drogas presente no espaço social da ‘favela’ Vila Aparecida, em que as crianças vivem. A fala construída para o traficante na peça, “*tem que saber guardar segredo e ser esperto*” para distribuir droga, revela a cumplicidade que os sujeitos constroem e

estabelecem entre si, pois geralmente não acontecem denúncias, há um certo respeito e também temor entre os moradores, usuários e traficantes. A visita que fiz com as crianças à favela Vila Aparecida, descrita no capítulo 2, ressalta o temor das crianças em olhar para o traficante, a descrição quando falam em certos nomes. Tais atitudes desenvolvem para se defender do perigo. Ao mesmo tempo são muito atentos em todas as conversas que estão em sua volta, pois toda informação é valiosa para proteger-se.

Outras frases também significativas que revelam o olhar das crianças frente ao seu mundo são: *"Ei menino, você aí, que está na rua sem fazer nada, venha cá!"*. *"Meus pais (...) estão trabalhando, eu fico sozinho à tarde, em casa"*. Estas frases representam a realidade, demonstram o quanto uma criança que fica na rua, sem orientação de um adulto, torna-se alvo fácil para o tráfico. Conforme afirma outro trecho do texto na fala do traficante: *"Trabalhar com criança tem uma grande vantagem, eles trabalham por uma "merrequinha" de dinheiro, morrem de medo de mim, assim não abrem a boca. Além do que a polícia desconfia menos das crianças*. Talvez esteja aí a preocupação de muitas mães procurarem o PFS. A maioria trabalha fora e não pode acompanhar a educação de seus filhos integralmente, assim, buscam outros espaços educativos para deixar seus filhos longe da criminalidade. Assim, mostra a importância e o significado que o terceiro setor tem para oferecer às crianças outras ocupações positivas para sua aprendizagem.

Porém, tais iniciativas amenizam o problema, mas não o resolvem, pois segundo algumas crianças afirmaram que já fizeram algumas vezes este tipo de serviço e, dentro dessa experiência, ressaltam que foram enganados e maltratados, ou seja, explorados. Sabem que não é legal fazer isso, porém, afirmaram que precisavam do dinheiro: *"Minha mãe não tem dinheiro para me dar, eu faço uma entrega por semana e consigo comprar lanche todo dia na escola"* (A. 11 anos). *"Minha mãe não sabe que eu faço isso, o dinheiro digo que ganhei, compro figurinhas para minha coleção de 'Tazzo' (brinquedo)"*. (J. 10 anos) *"Meu pai, teve um tempo que estava sem emprego e também ajudava a distribuir droga no morro. Se não usar, não vejo problema"*. (J. 12 anos) Tais justificativas foram incorporadas no texto da peça com a seguinte frase: *"Minha mãe está mesmo precisando de dinheiro!"*. Diante dessas falas fica a preocupação de que tal atitude se naturaliza, servindo de bico para arrumar um trocado.

Outras frases, postas em destaque, criadas para o traficante foram: “(...) *te pego de jeito se falar alguma coisa para alguém!. (...) Se não quiser morrer suma da minha frente, seu pivete!*” Essa cultura da violência, por meio de ameaças e agressões físicas, tornou-se um hábito nas crianças. Percebo que as mesmas possuem dificuldade de dialogar, pois aprendem a expressar seus sentimentos pelos gritos e ações violentas, o que, de certa forma, dificulta a integração entre elas. Exercem atos agressivos sem se aperceberem, falam autoritariamente, agridem-se com palavrões e enfatizam os defeitos uns dos outros constantemente, gerando preconceitos e baixa auto-estima.

Vale a pena retomar nesse momento a experiência descrita no primeiro dia da oficina de teatro, em que a criança espetou o canivete na minha mão, o que representou uma forma de se expressar, querendo reivindicar suas vontades, ato tão comum no seu meio, conforme afirmaram as crianças, “*os adultos batem na gente quando não fazemos o que eles mandam*”. Dessa maneira, alimentam-se da cultura de quererem saber brigar, para se defenderem e também exercerem o poder.

Nesse aspecto da violência, percebo que as crianças misturam dor e prazer nas brincadeiras que desenvolvem, pois quase sempre há empurrões, pontapés, xingamentos e risadas. As crianças não demonstram entusiasmo para as brincadeiras calmas e amigáveis, que exigem atenção e coletividade. Possuem muita energia, querem liberdade para se locomoverem, procuram o perigo e a adrenalina constantemente, pois essa é a sua rotina na ‘favela’ o que foge a isso é chato e monótono. Assim, provocam os colegas com ameaças e perseguições, gerando brigas e pequenas discussões diariamente. Tais atitudes, são uma forma de resistir à discriminação, à exploração e à exclusão que sofrem dentro da sociedade, querem se auto-afirmar, mostrando que tem poderes, frente aqueles que se aproximam da sua idade. Querem mostrar também que têm vontade própria, que nem sempre o que um adulto propõe é o que querem fazer, lutam da sua maneira por um espaço de participação.

Outra frase significativa do texto, que revela vestígios das apropriações do grupo frente ao problema da droga é: “*Queremos um mundo melhor, dizendo não às drogas*”. Tal frase partiu da socialização das crianças sobre as preocupações das mães

que inúmeras vezes aconselharam seus filhos para não usar em drogas: *“Cuidado, não aceite nada de traficantes”* (A. 11anos). *“Se pedirem para você entregar algo, diga que sua mãe não deixa e mande ele vim falar comigo”* (N. 11 anos). *“Não quero ver você gazeando aula para ficar na rua aprendendo malandragem”* (C. 12 anos). Tais palavras foram revertidas para o texto na fala do policial que disse: *“(...) é melhor ficar dentro de casa. Não aceite mais nada de estranhos. E não pegue mais uma arma na mão. Lugar de criança é na escola e não na rua, aprendendo malandragem”*. Noto o quanto a figura da mãe foi importante e significativa, pois as crianças registraram na memória seus conselhos. Essa relação de respeito e dependência que a criança cria com a mãe, na fase da infância, propicia a apropriação de algumas formas de pensar e agir, as quais não são no primeiro momento dadas, mas, sim, impostas. Porém, desde muito cedo as crianças também interiorizam outros conceitos que se dão em outras interações além da familiar, o que por vezes pode contradizer os conceitos formados em casa.

4.5.2 - PEÇA 2: Desemprego e Fome

As oficinas de teatro buscaram desnaturalizar os problemas que as crianças vivem, abrindo espaço para reflexão sobre suas vidas. A elaboração da peça 2 partiu de uma discussão entre duas crianças dentro da oficina de teatro. Uma dizia: *“bem feito, seu pai mereceu, tomara que ele morra naquele hospital”* (M. 10 anos). A outra respondeu: *“Quem vai morrer é o seu dentro da prisão.”* (J. 8 anos) Dentro dessas agressões verbais, busquei saber o que estava acontecendo. Então uma das crianças que não estava envolvida explicou: *“é que o pai de uma baleou o pai da outra por causa de dívida”*. (M. 10 anos) Percebi que havia um grande problema, e não era possível prosseguir com a oficina dentro daquele clima, as crianças estavam com muita raiva uma da outra.

Aproveitei o problema para conversarmos sobre o objetivo que tínhamos com nossas peças teatrais, o qual dizia respeito ao meio em que vivemos. Dessa maneira lancei ao grupo algumas questões: o que levou os pais a brigarem? Adianta vocês duas ficarem discutindo aqui dentro? Seu pai vai ser solto? Seu pai vai melhorar? O que precisamos fazer para que isso não mais aconteça?

Dentro das reflexões, houve uma outra criança que disse: *“meu pai também está preso, estou com muita saudade dele. Depois desse acontecido, diminuiu muito o dinheiro lá em casa, tem dias que a gente só come aqui no projeto”*. (M.9 anos) Aproveitando o depoimento, perguntei se havia mais alguém que conhecia outra pessoa que estivesse presa, ou que estivesse passando necessidade. Para minha surpresa, foram aparecendo outras falas: *“Meu tio também está preso porque matou um homem, que queria matar ele”*. (J. 8 anos) *“Meu pai quase que foi preso semana passada, ele chegou a dormir na delegacia. Ele bebeu e acabou se metendo em briga”*. (C. 9 anos) *“Meu pai também bebe e não trabalha, minha mãe está doente, tem dia que não tem nada para comer”*. (T.9 anos)

Por meio dessas histórias retomei a problematização com o grupo sobre essas situações, ou seja: o que os levou a serem presos? Qual o mal que eles causaram? Prejudicaram outras pessoas? O que ele deveria ter feito para não ser preso? Quais os outros motivos que levam a pessoa a ser presa?

Dentro da discussão, as crianças ressaltaram que o desemprego faz as pessoas passarem fome e levam a roubar, matar e beber. Segue o texto construído por elas.

TEXTO

Desemprego e fome

PERSONAGENS

N.: Narrador;
F.: Filhos;
M.: Mãe;
P.: Pai;
S.: Senhoras;
Po.: Policial
Me.: Mensageira

CENA 01 - CASA

N.: *Em casa, a mãe está varrendo, os filhos estão na mesa chorando com fome, fazem barulho com os pratos para chamarem a atenção da mãe*

F.: *Nós estamos com fome... Queremos comida... Comida...*

M.: Cala boca, criançada, não estão vendo que estou doente, não consigo nem me levantar, não posso trabalhar. Esperem o pai de vocês, ele já volta, foi procurar emprego e com certeza vai trazer alguma coisa para comermos. Quem não quiser esperar, vai pedir comida na vizinhança, não fiquem me incomodando, se não vão apanhar.

N.: *O pai chega em casa bêbado, reclamando da vida...*

P.: Cala boca, seus chatos! Cadê a janta, mulher? Não está vendo que estou cansado e com fome. Fiquei fora o dia todo e não consegui serviço.

M.: Seu vagabundo, foi é gastar o último dinheiro que tínhamos no bar, com cachaça. Bebendo desse jeito não vai conseguir nunca um emprego. As crianças estão com muita fome.

N.: *A mãe começa a bater com a vassoura nas costas do pai e diz...*

M.: Some da minha frente, seu trapaceiro, só volte para casa quando tiver dinheiro para comprarmos comida.

N.: *A mãe e as crianças saem de cena. Fica somente o pai, pensando em voz alta no bar...*

P.: Como é que vou arrumar dinheiro para voltar para casa? Ninguém me dá emprego, tenho pouco estudo. Só se eu roubar!

CENA 02 – RUA

N.: *Na rua passam três senhoras muito bem vestidas, com celular, jóias e bolsas. Param e ficam conversando sobre a violência que existe no mundo de hoje...*

S.1: Nesta madrugada na minha rua aconteceu um grande assalto, roubaram a casa da minha vizinha de caminhão, fizeram uma limpa.

S.2: Que azar! Na semana passada o marido dela já tinha sido assaltado na sinaleira de Coqueiros.

S.3: Quanta violência, não temos segurança nem dentro e nem fora de casa.

N.: *O pai das crianças vendo aquelas senhoras darem mole nas bolsas, resolveu abordá-las com uma faca...*

- P.:** Passem logo as bolsas senão não sei o que sou capaz de fazer!
Rápido...
- S.:** Socorro, socorro. Polícia, ladrão!!!
- N.:** *Nesse momento o pai sai correndo com as bolsas, mais a polícia o pega logo em frente...*
- Po.:** Seu bêbado ladrão. Devolva as bolsas das senhoras.
- P.:** Mas policial, eu não tenho emprego, meus filhos estão com fome, precisam de mim...
- Po.:** Essa história você vai ter que explicar é para o delegado!!!
- Me.:** Está é nossa realidade, precisamos de mais emprego para mudá-la!

PEÇA 2 - Apropriações

Para iniciar a análise desse texto sobre as apropriações que as crianças fazem do espaço urbano em que vivem, tomo como palavras iniciais o estudo de Medeiros, que pesquisou a criança da favela e sua visão de mundo. Esta autora ressalta que *“as classes sociais, corporificadas em grupo espacial e socialmente segregado, desenvolvem através de seus próprios membros, produtos culturais específicos, nos quais expressa sua experiência coletiva, incorporada num imaginário social próprio”* (1986, p. 27). Assim, compreendo que as crianças ao se manifestarem em suas múltiplas linguagem, artística, verbal ou escrita, ela demonstra sua percepção para com a realidade, revelando, no seu saber, sua cultura local e suas experiências de vida.

As crianças escreveram essa peça ressaltando o desemprego e a fome, para isso vou reportar-me ao contexto que originou as falas do texto. Houve um dia no PFS, que a cozinheira precisou faltar. Nesse dia, recordo-me bem, que, ao invés de almoço, foram servido frutas e bolachas para as crianças. Após este almoço, iniciou a oficina de teatro com esse grupo “Criança Saudável”, que produziu o texto. As crianças foram chegando na oficina, reclamando que hoje passariam fome. Perguntei-lhes o porquê, e assim surgiram as seguintes falas: *“Lá em casa meus pais estão desempregado, eu e meus irmãos acabamos comendo somente na escola e aqui no PFS”*. (M. 9 anos), “O

almoço é o melhor momento do dia, porque serve comida de verdade, nos outros horários é só lanche". (J. 10 anos) *"Quando não tem comida minha mãe dá um chazinho para a gente dormir mais cedo, no outro dia a gente acorda e vai direto para a escola tomar café.* (A. 8 anos)" Foi dentro dessa conversação que criaram a fala dos personagens das crianças no texto que diz: *"estamos com fome, queremos comida"*. Aproveitando os depoimentos, elaborei algumas perguntas para o grupo, procurando fazê-los refletir sobre sua realidade: O que nos mantém vivos? O que falta para termos comida? Qual a importância do emprego na vida de um ser humano? Quando não se tem emprego como se consegue comida? Dentro dessa problematização, surgiram outros depoimentos e dentro os quais destaco:

Meu pai não tem emprego, não é porque ele não quer trabalhar, ele procura todo dia, mais está difícil, minha mãe diz que ele não consegue porque ele vive bêbado. (N. 10 anos)

Meu padrasto estava desempregado, e daí apareceu um bico para roubar um som de carro, ele ia ganhar um trocado – mas a polícia pegou. Ele foi preso, mas tinha deixado uma televisão e um toca discos para mim, comprou com dinheiro do serviço dele. A geladeira e o fogão ele dizia que era para minha irmã pequena. Depois que ele foi preso, minha mãe precisou vender tudinho para pagar contas que ele deixou. Minha mãe está trabalhando bastante para podermos comprar tudo de novo, no momento a gente está comendo na casa da minha tia. (E. 9 anos)

Essas falas trouxeram à tona o problema do desemprego associado à falta de comida, e foram incorporadas no texto através das seguintes frases: *"Bebendo desse jeito não vai conseguir nunca um emprego", (...)* *"Ninguém me dá emprego, tenho pouco estudo. Só se eu roubar!", (...)* *"Mas policial, eu não tenho emprego, meus filhos estão com fome, precisam de mim"*.

Tais apropriações reveladas pelas crianças traduzem com muita propriedade as dificuldades dos pais para encontrar um emprego. Alguns, talvez, devido ao problema do álcool, o que torna ainda mais complicado. O roubo apresentou-se como uma alternativa de emprego para conseguir dinheiro. Tal atitude de furto vem sendo incorporada nos hábitos de algumas crianças, pois, infelizmente presenciei várias vezes atitudes que confirmam o fato. Exemplo disso foi quando roubaram as calotas do carro

da pesquisadora. Uma das crianças clareia esse cotidiano do furto: *“é triste o roubo lá na ‘favela’, ninguém pode ver a gente com alguma coisa diferente. Eu prefiro nem sair na rua quando ganho coisas bonitas, pois todo mundo quer roubar para vender e ganhar dinheiro. Uma vez ganhei um arco dourado – enfeite de cabelo, parecia coisa de granfino, quando sai na rua, duas meninas me bateram e levaram. Eu ganho as coisas e tenho medo de usar, fica tudo guardado”, (A. 10 anos)* Outra criança disse: *“minha casa já foi assaltada várias vezes; também fica o dia todo fechada sem ninguém. Minha mãe já nem compra mais televisão, por que já roubaram três”.*

São nas experiências, nas vivências que se constituem os hábitos, sendo assim, parece relevante então criar condições para novas experiências para estas crianças, pois algumas que se apropriam não são favoráveis para seu desenvolvimento humano. Refiro-me, neste caso, a outras formas de se conseguir as coisas sem precisar roubar.

E, por último, outra frase muito significativa do texto, que as crianças criaram, diz respeito à mensagem: *“Está é nossa realidade, precisamos de mais emprego para mudá-la”.* Tais palavras remetem mais uma vez às formas adotadas pelas crianças para entender e significar o espaço em que moram, percebem e sentem que o lugar necessita de mais empregos, oportunidades, a fim de provocar menos violência, fome e dor para aqueles que lá vivem.

4.5.3 - PEÇA 3: Um dia de mãe

A construção da peça 3 passou por uma elaboração diferenciada das demais, no sentido de que a idéia do tema partiu de mim e não das crianças. Surgiu devido à data comemorativa do dia das Mães que estava chegando. Queria fazer uma apresentação significativa que mexesse com as mães, sem querer desmerecer as poesias e canções tradicionais que são geralmente apresentadas nesse dia pelas crianças. Com esse objetivo, propus ao grupo que elaborássemos uma peça que retratasse a realidade em que a mãe vive, mostrando como eles vêem suas mães. Aprovada a idéia, entrevistei aproximadamente trinta crianças para saber por meio de suas falas como era o cotidiano de sua mãe. Transcrevi os depoimentos e trouxe para o

grupo trabalhar, a fim de construir a peça de teatro. Segue a peça elaborada pelo “Grupo os Filhos da Mãe”.

TEXTO

Um dia de mãe

PERSONAGENS

N.1: Narrador;

N.2: Narrador

M.: Mãe

P.: Professora

F.1: Filho

F.2: Filho

F.3: Filho

F.4: Filho

C.: Chefe

O.: Office Boy

V.: Vó

CENA 01 – CASA

N.1: Izaura é uma mulher, mãe de quatro crianças, o mais velho tem 11 e o mais novo 4 anos. Seu marido está sem emprego fixo, no momento está fazendo um bico de servente. Izaura trabalha em uma empresa de faxineira. No momento mora em uma casa de três peças: dois quartos e uma cozinha.

N.2: Mais um dia começa na vida de Izaura.

Toca o despertador, são 5 horas da manhã. Izaura levanta-se para seus afazeres, enquanto a família continua dormindo.

Izaura começa seu dia fazendo a marmita para seu marido e deixa pronto o almoço das crianças, depois varre a casa, lava a roupa e vai preparar o café.

Izaura olha para o armário e fica preocupada. É fim de mês e falta tudo!

O pão é de ontem e só tem dois.

O leite acabou e o café só dá para mais hoje.

Izaura, então, pensa: é hora de pegar um vale no serviço ou aumentar a conta no armazém do seu Pingo.

Enquanto isso, a filha mais velha ajuda a arrumar os irmãos menores para a escola.

Izaura chama as crianças para tomar café

O marido sai correndo para o trabalho, pois já está atrasado.

O filho mais velho diz:

F.1: Mãe, eu continuo com fome, esse pedaço de pão não deu para nada.

M.: Vou ver se consigo pegar um vale no serviço hoje.

N.1: Izaura pega as crianças para leva-las a aula, e nisso percebe que a caçula está com muita febre. Fica preocupada, pois não tem dinheiro algum para comprar remédio e nem tempo para ficar cuidando dela.

CENA 02 – ESCOLA

N.1: Chegando na escola, Izaura pede para a professora dar uma atenção para sua filha e pergunta se na escola eles poderiam dar algum remédio para ela. A professora diz:

P.: É claro que sim, Izaura, pode ir trabalhar sem preocupação, ela estará bem cuidada.

N.1: Além disso, a professora também diz que Izaura precisa comprar mais um livro para os dois mais velhos.

N.2: Izaura sai da escola mais preocupada do que já estava, pois precisava comprar comida, livros, remédio e tantas outras coisas, mas estava sem dinheiro.

CENA 03 - PONTO DE ÔNIBUS

N.2: São 7 horas 30 min da manhã. Izaura vai para o ponto de ônibus para ir trabalhar. Enfrenta uma fila infernal no trânsito, fica mais preocupada, pois vai atrasar-se para o serviço, além do que seu chefe não é moleza. Ela fica rezando no ponto de ônibus, pedindo a Deus para ajudá-la a não ser despedida.

CENA 04 – TRABALHO

N.1: No seu trabalho, o chefe já está nervoso!

C.: Office Boy, corre aqui, preciso que você pague estas contas no banco para mim.

- O.:** Sim senhor, mais alguma coisa?
- C.:** Ainda não foi, seu mole, rápido, já era para ter ido.
- N.1:** Nesse meio tempo, Izaura chega.
- M.:** Com licença!
- C.:** Isso são horas, dona Izaura?
- M.:** Me desculpe, é que minha filha estava doente e eu peguei uma fila...
- C.:** Não me interessa a sua vidinha particular, da próxima vez, Ra Re Ri Ro Ruaaaaa.
- N.2:** Izaura fica resmungando em voz baixa:
- M.:** Se não fosse pelos meus filhos, eu não estaria aqui aturando esse velho rabujento.
- C.:** Falou alguma coisa, Dona Izaura?
- M.:** Não senhor!
- C.:** Muito bem, você está sendo paga para limpar e não para falar.
- N.2:** São 18 horas, é hora de Izaura pegar a condução e ir pegar as crianças na sua mãe.

CENA 05 – CASA DA VÓ

- M.:** Boa Noite, Mãe
- V.:** Oi, minha filha, como foi seu dia?
- M.:** Nada fácil, briguei com o chefe, estou sem dinheiro. Falar em problemas, como está a febre da minha caçula?
- V.:** Dei um chá, melhorou um pouco.
- M.:** Mãe, muito obrigado por cuidar das crianças todos os dias. Nem sei como me viraria se não fosse sua ajuda.
- V.:** Eu sei, minha filha, que tua luta é grande, já passei por isso. Vai com Deus.
- N.1:** As crianças se despedem da avô com um beijo e um abraço.

CENA 06 – CASA

N.1: Izaura chega em casa, manda as crianças arrumar os quartos, fazer os deveres e tomar banho, enquanto isso, ela passa a roupa e a filha mais velha prepara uma sopa de verdura para a família.

N.2: São 21 horas. Izaura pensa, estou muito cansada para ir a igreja hoje. Além do que está preocupada, pois seu marido ainda não chegou. E pensa em voz alta:

M.: Meu Deus, será que ele está bebendo de novo?

N.2: Izaura janta com as crianças. E junto fica calculando suas dívidas na mesa (100 reais de comida, 20 reais para os livros, 30 reais para a farmácia...)

N.1: Nesse momento, as crianças param de comer e dizem para sua mãe:

F.1: Mãe, queremos que a senhora sente nesta cadeira

M.: Mas para quê?

F.2: Preparamos algo para te dizer!

F.3: Queremos agradecer por tudo que você tem feito.

F.4: Sabemos da sua luta.

F.1: Admiramos sua coragem.

F.2: E a sua dedicação.

Todos: “Obrigado por seu amor.”

PEÇA 3 - Apropriações

A história contada nesse texto nada mais é do que a simples realidade em que vivem. Os dados das crianças estão em consonância com os dados coletados pelas estagiárias de Serviço Social da UFSC, os quais estão presentes nos relatórios de estudos sociais das famílias das crianças atendidas pelo PFS. Ou seja, as crianças revelaram, em suas falas, as apropriações que possuem frente à figura materna.

No aspecto sobre o trabalho das mães, segundo as entrevistadas, a maioria delas exerce a profissão de doméstica e diarista. Algumas crianças, como é o caso da E. 11 anos, afirmou que jamais vai querer trabalhar de doméstica, pois é um serviço muito pesado e ganha pouco, prefere ser artista plástica. Outra afirmou que prefere ser doméstica, que passar fome, pois já sabe fazer tudo dentro de casa, às vezes até cozinha para a mãe. (L. 9 anos)

A dupla jornada de trabalho é unânime, ou seja, as mães levantam cedo e trabalham o dia todo sem parar, seja no trabalho ou em casa. Uma das crianças comentou que tem pena de sua mãe, pois ela vive com o rosto cansado e triste. (A. 11 anos) Essa tristeza possui grandes motivos, pois além do desgaste físico que vivencia, há também o desgaste mental, vive com a cabeça cheia de preocupações: com dívidas, serviço, marido e filhos. Falta sempre dinheiro para ajudar a resolver seus problemas, ou seja, comprar remédios, comida e livros, conforme relato das crianças.

Algo que chamou-me a atenção, no processo da construção da peça, foi que das crianças entrevistadas, 16 afirmaram não morar com o pai em casa; 10 moram com o padrasto e 4 com o pai biológico. Apesar de a maioria não morar com o pai, mesmo assim fizeram questão de colocar a figura do pai fazendo parte da peça, argumentaram que era importante, porque ele faz parte do dia-a-dia da mãe. Ou seja, *“no domingo minha mãe vai visitar meu pai na penitenciária”*. (M. 10 anos); *“às vezes, no final de semana, meu pai vai ver a gente, minha mãe enxota ele de lá, porque ele nunca dá dinheiro e nem ajuda a criar a gente.”* (J. 9 anos) *“meu padrasto é muito mulherengo, minha mãe vive brigando com ele.”* (A. 11 anos) Além desses depoimentos singulares, que retratam a figura paterna de forma negativa, o que mais apareceu na fala das crianças foi a imagem do pai que bebe e incomoda a mãe, sendo incorporada no texto da seguinte forma: *“meu marido ainda não chegou. (...) Meu Deus, será que ele está bebendo de novo?”*. Percebi por meio das manifestações das crianças que, para elas, o pai é uma figura um tanto problemática na dinâmica familiar.

Com os dados fornecidos pelas crianças, noto ainda que a maioria das mães estão sozinhas sem seus pares, e as que estão com eles, possuem inúmeros problemas. Assim, a mãe se sobrecarrega nas responsabilidades de subsistência da família, no que diz respeito à alimentação, saúde, educação e moradia. Conforme explicita o texto construído pelas crianças, *“Izaura fica preocupada, não tem dinheiro algum para comprar remédio e nem tempo para ficar cuidando da filha doente. (...) fica ainda mais preocupada, pois precisa comprar comida, livros e tantas outras coisas, mas está sem dinheiro. (...) então pensa: talvez seja a hora de pegar um vale no serviço ou aumentar a conta no armazém do seu Pingo*. Dentro desse item, as crianças demonstraram que quem ajuda a pagar as contas em casa são eles, com a bolsa

escola e do PETI que recebem. Tem consciência que não podem exercer o trabalho infantil, pois seus pais correm o risco de perderem a bolsa e ainda serem presos, conforme constata A. 11 anos: *“minha mãe quase foi presa, porque meu irmão estava catando papelão com ela na rua, quase que perde a bolsa do PETI, minha mãe levou uma bronca da assistente social, agora a gente só ajuda dentro de casa”*.

Essa última fala citada pela criança também diz respeito à contribuição das mesmas no trabalho doméstico, a qual está incorporada no texto da peça da seguinte maneira: *“Izaura chega em casa, manda as crianças arrumar os quartos, fazer os deveres e tomar banho, enquanto isso, a filha mais velha prepara uma sopa de verdura para a família”*. Com relação a esse tema, as meninas parecem ter naturalizado suas responsabilidades domésticas e resistem menos do que os meninos, pois segundo eles, *“prefiro ir na venda, do que varrer a casa.”* (M. 9 anos), *“Só lavo mesmo a louça, porque depois minha mãe deixa eu jogar um pouquinho de bola.”* (E. 8 anos) Uns, com mais conformismo, outros menos, mas todos demonstram um certo descontentamento diante da falta de tempo para brincar, o que, de certa forma o trabalho doméstico toma em parte.

Outra parte significativa do texto, que é reveladora das apropriações que as crianças fazem de seu meio social, diz respeito às frases de ‘humilhação’ que a mãe recebeu do seu chefe, *“ Não me interessa a sua vidinha particular, da próxima vez Ra Re Ri Ro Rua”*. *“ Muito bem, você está sendo paga para limpar e não para falar”*. Tais frases representam o poder do patrão, a repressão, as ameaças que muitas vivenciam no seu dia-a-dia e socializam com seus filhos, os quais se apropriam: *“ontem minha mãe chegou muito triste em casa, foi despedida, a patroa dela a chamou de analfabeta e burra, porque ela não soube anotar um recado.”* (T. 10 anos)

Foi uma peça criada pelas crianças, que culminou na valorização da figura materna. Transpareceu reconhecimento dos filhos para com a luta e os sacrifícios da mãe, dando o melhor de si para toda família. Tal sentimento de gratidão ficou expresso nas últimas palavras do texto: *“Mãe queremos agradecer por tudo que você tem feito, sabemos da sua luta, admiramos sua coragem, e a sua dedicação. Obrigado por seu amor”*.

4.6 – OUTROS OLHARES FRENTE À EXPERIÊNCIA

Percebo que, por meio das oficinas de teatro houve algumas mudanças aparentes nas crianças, relacionadas principalmente às atitudes, à maneira de ser e de estar com os outros e de participar das atividades. Essas questões repercutem na amenização das agressões físicas e na elevação da auto-estima. Pode-se dizer que essas histórias trabalhadas encontram-se em permanente construção, implicando diretamente na formação dessas crianças. Para muitos, essa oportunidade possibilitou a construção de outras relações consigo, com os outros e com o seu meio. Porém, não basta meu singular olhar, é preciso perceber o olhar do outro, daquele que esteve envolvido nessa experiência. Assim, seguem as avaliações escritas de algumas crianças e professores que foram reproduzidas por mim na íntegra.

Avaliação 1 – *“Aonde eu moro tem muita violência, crianças de 8, 9 e 10 anos fumando todos os tipos de drogas. Pessoas morrendo de fome, brigas de faca e armas, problemas que vejo todos os dias, filhos chorando para o pai parar de brigar, pessoas roubando a toda hora. Ficamos com medo de andar na favela de noite, porque tem tiroteio e eles se aproveitam das meninas à força. A oficina de teatro ajudou a gente a ver os problemas da favela, para a gente ser melhor e tentar melhorar o lugar que a gente vive, não usando drogas, nem brigando ou roubando. Flávia queria que você voltasse para o PFS, para continuar ajudando a nos defender desses problemas. Muito obrigado!” (J. 11 anos, novembro de 2001)*

Avaliação 2 – *“Nas oficinas de teatro que fizemos com a professora Flávia aprendemos a não usar drogas, porque quem usa, briga e não arruma emprego e muitas vezes acaba na cadeia e fica longe da família. Gostei muito de fazer teatro, fiz os personagens: policial e chefe de uma empresa. As pessoas me aplaudiram muito e me acharam engraçado. Minha Vó e amigos vieram me ver. Eu gostei muito das oficinas de teatro porque aprendemos a fazer coisas boas.” (J. 8 anos, novembro de 2001)*

Avaliação 3 – *“Eu gostei muito das apresentações das oficinas de teatro, porque minha professora da outra escola veio me ver e me aplaudiu. Foi ela vim, assim ela vai ver que não sou nenhuma burra. Meus irmãos também gostaram da minha peça, disseram que fui muito bem. Fiquei feliz, me senti importante, como se fosse uma estrela.”* (A. 10 anos, maio de 2001)

Avaliação 4 - *“A peça que mais gostei foi a de drogas e violência, são dois acontecimentos do nosso dia-a-dia. Em nossa sociedade, principalmente nas favelas, a droga e a violência estão de mãos dadas, destruindo com as vidas e também com futuro dos jovens e das crianças. Mas porque favela? Favela é onde acontece nossa realidade, onde povo esta convivendo com os problemas dessa dura realidade. Com as oficinas de teatro podemos conversar sobre esses problemas de forma aberta, sem medo de ser reprimidos. Nossa professora de teatro nos fez pensar sobre a realidade. E pode trabalhar na memória de muitos que estão compartilhando com estes dias difíceis. Gostaria de continuar aprendendo a se defender das drogas e da violência, pois lá fora nos ensinam o contrário. Eu tenho certeza que essa oficina de teatro é capaz de continuar nos ajudando muito mais”.* (E. 12 anos, agosto de 2001)

Avaliação 5 – *A oficina de teatro trouxe para dentro do PFS a realidade das crianças, os problemas e os sonhos por elas vividos. Como educadora tenho notado muita diferença nas crianças, para melhor, estão procurando brigar menos e tentando resolver seus conflitos no diálogo. Esse foi o ponto principal, as crianças estão se conscientizando, tentando mudar sua realidade. A partir desse exemplo que deu certo, também comecei a modificar minha prática, deixei meus planos de aula mais flexíveis, para que as crianças pudessem também participar da construção das atividades.* (Professora C. – Oficina de Papel, dezembro de 2000)

Avaliação 6 – *A criança, como todo ser humano, se apresenta como um ser pleno de espontaneidade de vida e criatividade. Traz consigo a capacidade de imaginar, perceber e realizar ações e vivenciar situações onde a emoção e a entrega são uma constante nas suas vivências. No decorrer do seu desenvolvimento, a criança – naturalmente se propõe a realizar tudo o que lhe agrada e, conseqüentemente lhe dá prazer, assim sua aprendizagem se opera entre sentimentos de querer sentir e fazer. No PFS, cujo objetivo é propiciar à criança de famílias carentes de renda mínima ou sem renda, atividades e vivências pedagógicas, no sentido de maior crescimento, bio-psíquico e afetivo, relações e cuidados pessoais. Nesse PFS, as atividades são desenvolvidas em forma de oficinas, entre elas, a “Oficina de Teatro” que se sobrepõe de maneira muito significativa. A participação de todas as crianças na construção das peças lhes davam uma oportunidade (democrática) de participar, e mostrar seu potencial, isto é, de elaborar o texto, colocá-lo num contexto e ser ator e co-ator do espetáculo. Nesta oficina, as crianças representavam cenas do cotidiano das famílias, das relações de poder existentes no meio em que vivem. As cenas eram representadas com um realismo espantoso, já que as crianças não apenas encenavam, mas, sim, reproduziam fielmente o que viviam e presenciavam diariamente. A oficina despertou em todas as crianças, sem exceção, o espírito participativo, respeito pelo trabalho coletivo, a auto-confiança, a desenvoltura, o uso da capacidade da fala representativa, da expressão corporal e principalmente da identificação de cada um com sua realidade, realidade que foi expressada dentro do imaginário do teatro. Todos deixavam transparecer as emoções de alegria, de medo, e principalmente o esforço contínuo, altamente estimulador de aprender e colocar o aprendizado numa ação que representa e valoriza cada um em seu particular. (Professora M. dezembro de 2001)*

Avaliação 7 – *“A oficina de teatro chacoalhou a instituição, deu uma nova cara para a relação Criança e PFS. Desde o início que trabalho aqui, nunca havia presenciado as crianças tão eufóricas para querer fazer as atividades. Não sei bem o que motivou tanto, mas creio que valorizar as crianças nas suas falas foi o que mais as cativou. No meu olhar a experiência, com a oficina de teatro, deu certo. Tão certo que junto à coordenadora decidimos que vamos manter as oficinas de teatro como atividade principal do PFS para os próximos anos.”* (Assistente Social Kátia, junho de 2001)

Avaliação 8 – *“Foi a primeira vez que assisti uma peça de teatro, jamais esquecerei o que estão fazendo pelos meus filhos, quanta coisa boa eles estão aprendendo com essa oficina”.* (S. Vó de J.)
“É a primeira vez que meu filho me dá orgulho, pois só sou chamada na escola para ouvir reclamações, nem sei te dizer como esse bichinho do mato foi lá pra frente fazer bonito.” (R. mãe de G.)
“Obrigado, por conversar sobre as drogas com meu filho, eu não tenho moral para isso”. (M. Pai de M.)

Caminhos de Aprendizagem...

“Aprendi o quanto é importante planejar a viagem, decidir o roteiro a ser seguido, levar a bagagem necessária. Saber contar com os imprevistos, e mudar os planos quando necessário, abrir mão de expectativas, divertir-se e aprender com o que for acontecendo pelo caminho”.

(BROTTO, 1997).

Quero descrever nesse momento, alguns caminhos de aprendizagem que ficaram ao longo dessa experiência. Termino o texto com o sentimento de prazer ao rever os desafios postos pela prática da pesquisa. Gosto do que faço, amo minha profissão e por isso dedico-me muito a ela. E acredito, ainda, que esse é um ponto decisivo do trabalho de investigação social. É preciso se sentir bem com o que faz, porém, não basta, é também preciso fazer para que aqueles que estão ao redor também fiquem satisfeitos com o proposto.

Nesse sentido, trago à reflexão sobre alguns elementos a respeito de instituições, que correm o risco de fracassarem caso não atentarem àquilo que traz satisfação e alegria às suas crianças. É preciso abrir-se ao diálogo e a ouvir não só o lado racional como também as faces da emoção, do prazer, dos gostos e dos afetos. Para tal é preciso o compromisso de querer ver o outro feliz, satisfeito com suas descobertas e com os seus novos conhecimentos. É necessário criar um espaço rico em respeito e diálogo, que possibilite a criança florir enquanto pessoa, capaz de se perceber como sujeito de direitos, podendo sonhar e acreditar nas suas potencialidades. As crianças que vivem sob o espaço urbano que constitui a Vila Aparecida também sonham outros espaços.

O caminho de aprendizagem, proposto pela trajetória de pesquisa, utilizou como um mapa, a experiência com as oficinas de teatro para alcançar a discussão de questões referentes às múltiplas apropriações que crianças fazem de local

empobrecido – esquecido pelo poder público – e no qual vivem. O teatro revelou uma ‘favela’ diferente daquela abordada nos Capítulos 1 dessa dissertação: para além do espaço urbano como conceito, emergiu um espaço como ponto de novos significados simbólicos, de aspiração por interações sociais que efetivem os direitos humanos.

No momento de análise da experiência focada, implicou no distanciamento do trabalho de campo que realizei. Foi preciso voltar aos registros, às falas, às anotações, às filmagens e às fotos. Foi como rever um filme, não apenas assistido, mas protagonizado. Nesse retorno crítico ao material coletado um olhar amadurecido constituiu-se, mais sereno e intencional: o “olhar afinado de pesquisador”, aquele que atenta não só na “moral da história” mas, também, principalmente, nas relações e experiências que montam uma história de possíveis. Na construção da presente dissertação que concluo, entrelacei as minhas próprias descobertas com as descobertas do outro.

Vou pontuar, algumas idéias chaves que se processaram no decorrer dessa pesquisa. Uma delas diz respeito ao conceito de infância, o qual percebo que é uma construção social, inserida em processo histórico e cultural. Constatei que há diferentes formas de conceber a infância e dependendo da origem de classe; da etnia; do gênero; da cultura e, sobretudo, dos modelos presentes nas instituições sociais em que as crianças-pesquisadas freqüentam. Assim, cada espaço social produz um modo de compreender a criança e que, de certa forma, interfere diretamente no comportamento de adultos e das próprias crianças, padronizando as formas de relacionamentos entre diferentes sujeitos.

Com relação à instituição do “Projeto Família Saudável”, notei que é necessário continuar lutando na superação do entendimento de criança como um ser carente, que necessita apenas de cuidados higiênicos e morais. O espaço institucional no qual emergiu o trabalho com o teatro é, infelizmente, por demais assistencialista e serve à manutenção da estrutura de classes, que também se manifesta em espaço urbano e descrita nos capítulos 1 e 2 desta dissertação. Resultado: a instituição PFS acaba por ser cúmplice de políticas públicas voltadas a mera e parcial assistência, sem a capacidade de criar alternativas no combate às formas de violência contra a infância.

Violência que também se manifesta na falta de oportunidades em educação e do respeito ao direito de brincar e de participar do seu próprio aprendizado.

Para muitos pais, por outro lado, constatei que as crianças são concebidas como um adulto miniatura, isto é, não há separação entre o mundo da criança e o mundo dos adultos. Nesse outro aspecto as crianças participam junto ao dia-a-dia dos adultos, exercendo as mesmas atividades e principalmente àquelas que se referem ao trabalho.

É preciso reconhecer a criança como um ser histórico e concreto. Um ser que se expressa, reflete, opina, participa e transforma o espaço urbano/social em que vive. É necessário lutarmos para que a criança não sofra formas de discriminação, que seja respeitada em sua especificidade como um sujeito de direitos, independente de sua origem de classe, cor, idade ou religião. Arroyo (1994) no texto “O significado da infância”, reflete sobre o papel desta fase da vida na sua relação com a educação, sublinhando a idéia de que a infância tem sua própria identidade e que deve ser vivida em sua totalidade. A respeito dessa identidade, os educadores precisam desenvolver a prática de pensar nas crianças, ouvi-las e senti-las com o propósito de garantir momentos da promoção da cidadania de forma prazerosa, lúdica e atendendo às reais necessidades infantis em sua singularidade.

Acredito que existe um outro caminho para o atendimento pedagógico com crianças que habitam as ‘favelas’. Um caminho intermediário, que começaria por mudanças não só materiais como, também, de postura e consciência daqueles que atuam com esse universo de pessoas. Não se trata da proposta da instauração imediata de nova sociedade; menos ainda de uma nova pedagogia e nem mesmo da criação de novas disciplinas a se serem oferecidas em cursos superiores. Apenas que o profissional, atuante com as crianças dos espaços urbanos dominados por ‘favelas’, esteja atento às questões de direito a que essas crianças podem obter. Espaços estes que, por serem muitas vezes diferentes, não devem ser definidos como inferiores ou superiores. Como toda cultura tem suas regras, sua linguagem própria, seus valores - não é jamais vazio, além do que, é constituída por pessoas com histórias de vida, a proposta é de que o professor reconheça e dê legitimidade a cultura local da criança.

A pesquisa mostrou que tal proposta é possível de se realizar, a partir do momento que se valorize as experiências, as habilidades, os conhecimentos das crianças, produzidos no seu lugar social, e se perceba que tais manifestações podem vir a ser de intenso significado pedagógico. Assim, ao longo do percurso, a proposta de trabalhar com o teatro teve como finalidade o crescimento pessoal da criança e o seu desenvolvimento político e cultural, por meio do exercício do diálogo, que buscou provocar a leitura crítica da realidade.

Outro caminho interessante de aprendizado nessa pesquisa foi à percepção da qual não bastava olhar o espaço de Florianópolis e da 'favela' Vila Aparecida do alto, isso é, por meio somente de fontes documentais e dados estatísticos. Constatei que era preciso olhar de dentro⁵⁶. Assim, busquei perceber a Vila no contexto da observação participante, senti que não podia me ater apenas aos dados das oficinas de teatro, houve a necessidade de visitar a Vila, conhecer de perto os seus moradores e as suas histórias. E compreendi que cada espaço contém suas especificidades; são formados em condições históricas diferentes; expressam sua diversidade nas características da distribuição geográfica, na vegetação, no clima, nas tradições, nos costumes, nas múltiplas relações e nas diferentes situações econômicas, gerando as diversas formas de viver e expressar a cultura local. É dessa maneira que busquei olhar o espaço urbano da Vila Aparecida, respeitando-a na singularidade de seus múltiplos aspectos.

Somente trocando palavras com os moradores, respirando o mesmo ar e caminhando entre as ruelas, é que pude esclarecer determinados aspectos sobre o espaço urbano da 'favela' Vila Aparecida. Aspectos esses, que dizem respeito à história e a cultura local, os quais documentos oficiais esclarecem parcialmente. Constatei que essas histórias estão repletas de rupturas, conflitos, esperança e violência, expressas nas relações entre os moradores e com o lugar onde habitam. Nessas relações, as crianças recebem normas, proibições, responsabilidades e a linguagem, onde interioriza a cultura do espaço urbano onde nasceu e cresceu.

Ao longo do caminho precisei (re)fazer leituras que me levassem a aproximar da dinâmica de produção do espaço urbano capitalista, assim como os sujeitos que o

⁵⁶ "Olhar de dentro e do alto", termo utilizado por Reinaldo Matias FLEURI & Marisa VORRABER COSTA. Travessia- Questões e Perspectivas Emergentes da Pesquisa em Educação Popular. Ijuí, UNIJUÍ, 2000.

produzem. Percebi com o estudo, que no processo de urbanização, o Estado se fez bastante presente com constante interesse na garantia da produção do capital imobiliário e muito pouco na produção das condições de vida da força de trabalho. Um Estado que busca atender constantemente os anseios da classe dominante ao longo da história, dando privilégios ao desenvolvimento de certas áreas, deixando outras ao descaso e reforçando a divisão das classes no interior dos espaços urbanos.

A história do turismo em Florianópolis é um exemplo disso, pois o mesmo não foi acidental. O despertar para o turismo aconteceu no bojo do processo de planejar o desenvolvimento dos anos 70, quando o Plano Diretor vislumbrou a possibilidade de explorar o potencial turístico em Florianópolis. A partir de tal documento, gerou-se uma política pública de desenvolvimento turístico, na qual o Estado passou a garantir a implantação da infra-estrutura local necessária para a expansão desta atividade. Assim, as ações políticas para o Plano Diretor fortaleceram o desenvolvimento do turismo e, em contrapartida, especulação imobiliária, deixando de lado propostas de investimento para o melhoramento de vida das camadas empobrecidas.

Um ponto que ficou latente nesse estudo e merece uma reflexão, diz respeito ao cotidiano árduo em que as crianças da ‘favela’ Vila Aparecida vivem. Seguem a rotina rígida de escola, do PFS e da casa, com hora de produzir, hora de se alimentar, hora de trabalhar, entre tantas outras horas pré-estabelecidas, que procuram organizar a vida da criança, num desrespeito às múltiplas vivências dela, principalmente o direito de brincar. Assim, o momento da brincadeira está diluído em outras atividades da rotina. Não há uma separação clara entre: escola e brincadeira, PFS e brincadeira, trabalho doméstico e brincadeira. A brincadeira na infância é uma atividade essencial, que possibilita a criança representar diferentes papéis e a compreender o mundo do qual faz parte, podendo vivenciar o mundo adulto no “faz de conta”, seu trabalho, seus problemas entre outros. Por isso, não pode ser desprezada.

Nesse enfoque, compreendo que a oficina de teatro foi um espaço que oportunizou a criança de classe popular se manifestar desenvolvendo sua expressão, opinião e participação, ou seja, espaço e tempo para manifestar o lúdico-cultural das crianças. Por meio do lúdico, a criança assume imagens e significações presentes na cultura de que faz parte, reproduzindo elementos dessa cultura, bem como produzindo

novos elementos, e essas ações lhe causam prazer, tensão e divertimento. De certa forma também buscou sanar a necessidade de a criança em querer brincar e jogar, pois encontraram a oportunidade de extravasar suas energias, pulando, cantando e correndo.

SUGESTÕES

Ao participar do cotidiano do PFS, sinto-me à vontade para sugerir alguns pontos que considero urgentes e relevantes para serem discutidos com os profissionais envolvidos nas atividades da instituição, os quais seguem:

a) Rotatividade dos professores – tal rotatividade se dá porque a maioria dos professores são ACT's, isso causa um grande transtorno para a instituição, para o professor e para o aluno. Na hora em que o trabalho começa a “engrenar”, isto é, quando se estabelece uma relação de confiança, de troca, entre professor e instituição, professor e aluno, o ano acaba, e, no ano que vem, é preciso começar tudo de novo. As crianças demonstram estar saturadas, em tendo a cada ano que recomeçar o trabalho de conquista e convívio com cada professor novo que chega na instituição. Segundo a fala de uma das professoras/oficineiras as crianças tinham raiva dela no início do ano, sentiam-se decepcionadas, porque queriam a professora do ano passado. Tal fato influencia e muito no processo de ensino-aprendizagem, pois segundo a professora, *“no começo, as oficinas eram pouco produtivas, pois as crianças ficavam fazendo tipo um teste de limite de paciência comigo, me incomodaram até dizer chega. Mostrei-me tolerante, isto é, não perdi a paciência, não dei castigo, não chamei a coordenação, ganhei a confiança do grupo, porém já haviam se passado quase três meses. Daqui a pouco o ano esta acabando e começa tudo de novo”*. (G. professora do pré, 2001)

b) Inexperiência dos profissionais com ONG's - Dos professores que chegam para trabalhar no Projeto, a maioria não tem experiências anteriores com ONG's, estão acostumados a seguir um currículo conteudista/escolarizante o que, implica em dificuldades e tornam-se resistentes para trabalhar com oficinas. Para isso deveria ter

um acompanhamento pedagógico atento e específico, para oferecer formação e auxiliá-los a desenvolver as atividades.

c) Distanciamento do espaço em que as crianças vivem – A falta de contato das atividades do PFS com o bairro onde as crianças moram, faz com que as atividades se configurem de forma assistencialista. A assistente social pouco contribui para o contato do PFS com as famílias dos alunos, o que reforça o distanciamento da realidade em que os alunos vivem.

d) Falta espaço e momentos específicos para as crianças brincarem – Tendo em vista que a brincadeira é a principal atividade para o desenvolvimento infantil, sinto que o espaço do PFS não valoriza esta atividade, pois: não reserva períodos adequados às brincadeiras livres e direcionadas para as crianças. Os espaços internos e externos onde as crianças ficam não estão arrumados de forma a facilitar brincadeiras interativas que permitam a criança correr, pular e brincar. Sugiro que o PFS privilegie em seus orçamentos e rotina, espaço e materiais que valorizem o brincar, a fim de auxiliar no desenvolvimento e na efetivação dos direitos da criança.

Finalizando essa pesquisa, vou lentamente me distanciando e percebendo que na presença do novo, ficou a negação, do que não foi abordado. Estou consciente das lacunas que este trabalho deixa para serem preenchidas, é motivo que me leva a querer pesquisar em trabalhos futuros. Principalmente o tema que se refere ao teatro como um instrumento de coleta de dados em pesquisa social, o qual entendo que ficou registrado aqui em forma de ‘semente’, pois é um tema que abrange uma nova gama de estudos, e o tempo disponibilizado não possibilitou maiores análises.

Entendo, também, que a análise sobre o espaço urbano exigiria, sem dúvida, uma pesquisa histórica muito mais ampla e sistemática que não coube nos limites do presente trabalho, ainda que o esboço que aqui se expõe possa ser sugestivo para futuros estudos que abordem tal questão.

É chegado o momento de contemplar e saborear o processo vivido. Entretanto, o convite inicial ainda está aberto, instigando para que outros pintores/pesquisadores continuem lendo, estudando, ampliando seu repertório sobre a cultura dos espaços empobrecidos e a respeito desse universo fascinante, que é o

teatro-educação. Portanto, desejo que a inúmeras vozes que estiveram presentes nesse dissertação, ecoem dentro dos meios educativos, fazendo produzir um coro de respeito à diversidade cultural.

Referências Bibliográficas

- ABREU, J. As injustiças de nosso país. *Revista VEJA*. São Paulo, out. 1996. p.24-26.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora S. A, 1981.
- ARROYO, Miguel. *Assumir nossa diversidade cultural*. *Revista de Educação da AEC*, Brasília: jan./mar. Nº 98 / ano 25, 1996, p.42-50.
- ARROYO, Miguel. *O significado da Infância*. In.: Simpósio de Educação Infantil. Brasília: MEC, 1994. MEC/SEF/DPEF/COEDI, p. 88-92.
- BARROS, MENDONÇA. *A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil*. In: HENRIQUEZ, Ricardo. *Desigualdade e Pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- BATISTA. R. *A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido*. Florianópolis: UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em Educação)
- BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENJAMIM, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984, 118p.
- BOGDAN, Robert C. & BIRTEN, S. K. *Qualitative research for education; an introduction for to theory and methds*. Boston, Allyn and Bacon, 1982. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BOLAN, Valmor. *Brasil: Vocação Humanista e Democrática*. São Paulo: UNG. 1993.
- BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Atlas, 2000.
- BRASIL, *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva, 2000.

- BRASIL, MEC, SEF. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícias (vol 1). Memória (vol. 2). Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CAMPOS, Nazareno José de. *Terras Comuns e Pequena Produção Açoriana na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC - UFSC, 1991.
- CARVALHO, Iracinda. *Entrevista para a pesquisadora*. Florianópolis: 26/01/03.
- CASTRO, Zulamar M^a De Bittencourt e. *Uma incursão do estado de Santa Catarina – suas particularidades em relação ao país e contribuições explicativas ao desenvolvimento de comunidade*. São Paulo: PUC, 1992 (Dissertação de Mestrado em Serviço Social).
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1989.
- CIDADANIA, Centro de Estudos Cultura e. *Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina – CECCA*. Florianópolis: Insular, 1997.
- COHENE, Regina de Oliveira. *Reorganização Comunitária: Uma experiência política com as lideranças do Jardim Ilha Continente*. Florianópolis: UFSC, 1993. (TCC)
- COPPETE, Maria Conceição. *Janelas Abertas*. Florianópolis: UDESC, 2002. (Dissertação de Mestrado Educação e Cultura).
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1993.
- CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e Contradição – elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1986.
- CEVAHUMOS. *ESTATUTO DA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL – Centro de Valorização, Humana, Moral e Social*. Palhoça: ONG CEVAHUMOS, 1991.
- FACCIO, Maria da Graça Agostinho. *O Estado e a transformação do Espaço Urbano: a expansão do estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de mestrado em Geografia)
- FANFULHA, 23/03/1906. In CABRAL, O. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícias (vol 1). Memória (vol. 2). Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979 (apud SUGAI, Maria Inês. As

- intervenções viárias e as transformações do espaço urbano - a via de contorno norte-ilha*. São Paulo: USP, 1994. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)
- FANTIN, Marcia. *Cidade dividida*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FAZENDA, Ivani. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda. *Dicionário de Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO Augustin [Tradução de Alfredo Veiga-Neto]. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRIDMAN, M. *O espaço capitalista*. São Paulo: Cortez, 1991, p.143.
- HENRIQUEZ, Ricardo. *Desigualdade e Pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- HOLANDA, A. B. de. *O Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- IANNI, Octávio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *XI Recenseamento geral do Brasil - Manual de Delimitação dos Setores de 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.
- INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. *Perfil das Áreas Carentes*. Florianópolis: Coordenadoria de Planejamento Habitacional, 1993.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. Tizuko M. Kishimoto (org.) São Paulo: Cortez, 2000.
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KOWARICK, L. *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KOUDELA, Ingrid M. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAGO, M.C. de S. *Modos de Vida e Identidade – sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1997.

- LHON, Kátia Regina. *Relatório de levantamento dos aspectos sociais da Vila Aparecida*. Florianópolis: PFS, 1998.
- LUDKE, Menga. *Pesquisa em Educação*. São Paulo: Cortez, 1986.
- LUNA, S. V. De. *O falso conflito entre tendências metodológicas*. In FAZENDA, I. Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MANZINI-COVE. Maria de Lourdes. A Família, o “feminino”, a Cidadania e a Subjetividade. IN: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.) *A família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC – Cortez, 2002.
- MEDEIROS, Ligia de. *A criança da favela e sua visão de mundo: uma contribuição para o repensar da escola*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- MEKSENAS, Paulo. *Pesquisa Social e Ação Pedagógica – conceitos, métodos e práticas*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MELLO, Guiomar Nanno. Educação escolar e classes populares: uma reflexão sobre o atual momento educacional e político do Brasil. V Encontro Nacional de Supervisores em Educação. Out. 1982, Mimeo. In MEDEIROS, Ligia de. *A criança da favela e sua visão de mundo: uma contribuição para o repensar da escola*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- MELLO, Maria Mariana de. *Entrevista para a pesquisadora*. Florianópolis, 20/10/02.
- OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. *Estatuto da Cidade; para compreender...* Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis, uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: UFSC, 1996.
- PECHMAN, R. M. A invenção do urbano: a construção da ordem na cidade. In: PIQUET, Rosélia, RIBEIRO, Ana Clara Torres. *BRASIL – Território da Desigualdade – descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar - Fundação Universidade José Bonifácio, 1991.
- PEIXOTO, Fernando. *O que é teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- PENNA, Claudia Maria de Mattos. *Ser Saudável no Quotidiano das Favelas*. Florianópolis: UFSC, 1996. (Tese de Doutorado em Enfermagem)

- PEREIRA, Nereu do Valle. *A modernização de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1974. (Tese de Livre Docência em Ciências Sociais)
- PERLMAN, Janice E. *O mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PIMENTA, Margareth de Castro A. PIMENTA, Luiz Fugazzola. *Florianópolis tem ausência de políticas habitacionais e segregação urbana*. In *Cidadania*, Florianópolis, jul./ago. 2002. Nº 06, p.04.
- PIQUET, Rosélia. Descaminhos da Moderna Industrialização Brasileira. In: PIQUET, Rosélia, RIBEIRO, Ana Clara Torres. (Org.) *BRASIL: território da desigualdade – descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar – Fundação Universidade José Bonifácio, 1991.
- PRETECEILLE, Edmond, VALLADARES, Licia. *A desigualdade entre os pobres – favela, favelas*. In: HENRIQUEZ, Ricardo. *Desigualdade e Pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- RELATÓRIOS DE ESTUDO SOCIAL. *Famílias das crianças atendidas pelo PFS 2000/2002* - Serviço Social/UFSC. Florianópolis: UFSC, 2003.
- REVERBEL, Olga. *Um caminho do teatro na escola*. São Paulo: Scipione, 1989.
- RINALDI, Alessandra de Abreu. Marginais, delinqüentes e vítimas. In: ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (Orgs). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- ROCHA, Luciana Sandrini. Florianópolis: *Turismo e Produção do espaço Urbano*. Florianópolis: UFSC, 2001. (Dissertação de Mestrado em Geografia)
- ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, Milton. *A urbanização Brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993 e 1994.
- SOUZA, Maria Izabel Porto de. *Construtores de Pontes: explorando limiares de experiências em educação intercultural*. Florianópolis: UFSC, 2002. (Dissertação de Mestrado em Educação).
- SPOLIN, Viola. *O jogo teatral no livro do diretor*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

- SUGAI, Maria Inês. *As intervenções viárias e as transformações do espaço urbano - a via de contorno norte-ilha*. São Paulo: USP, 1994. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)
- SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Folha de rosto - *Desigualdade e Pobreza no Brasil*. In: HENRIQUES, R (Org.). Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- TENÓRIO G. Fernando (org.) *Gestão de ONG's: Principais Funções Gerenciais*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- TEREZINHA, Ramos Sandra. *Entrevista para a pesquisadora*. Florianópolis, 07/11/02.
- THOMPSON, P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VÁZQUES, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIANA, Masilene Rocha. *Lutas sociais e redes de movimentos no final do século XX*. Serviço Social & Sociedade. São Paulo: Cortez, 2000.
- VIEIRA, Evaldo. *Estado e Miséria no Brasil de Getúlio a Geisel – 1951/1978*. São Paulo: Cortez, 1983.
- VILLAÇA, Flávio. *O que todo cidadão precisa saber sobre habitação*. São Paulo: Global, 1986.
- ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (Orgs). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- ZURBA, Magda do Canto. *Modos de Subjetivação na vida Cotidiana: um estudo na Vila Cachoeira*. Florianópolis: UFSC, 2003. (Tese de Doutorado em Educação)
- <http://www.alfagente.hpg.com.br>
- <http://www.pmph.sc.gov.br>
- <http://www.infanciabrasil.gov.br>
- <http://www.ipuf.sc.org.br>

Anexos

ANEXO 1

MAPA 1 - SETOR 278 – VILA APARECIDA	211
MAPA 2 - SETOR 279 – NOVA JERUSALÉM	212
MAPA 3 - SETOR 298 – MACLAREM.....	213
MAPA 4 - SETOR 299 – ARRANHA CÉU	214

ANEXO 2

POPULAÇÃO DE COQUEIROS – 2002	215
-------------------------------------	-----

ANEXO 3

Peça de Teatro 4 – MEUS DIREITOS DE CRIANÇA	216
Peça de Teatro 5 – PROSTITUIÇÃO E TRABALHO INFANTIL	217
Peça de Teatro 6 – HIGIENE É BOM	218

ANEXO 3

PEÇA 4: MEUS DIREITOS DE CRIANÇA

FICHA TÉCNICA

Crianças - 10 á 12 anos

Direção – Flávia Wagner

Grupo teatral: CRIANÇA FELIZ

Peça – MEUS DIREITOS DE CRIANÇA

Texto - G2/ Vespertino e Flávia Wagner

Elenco - G2/Vespertino

Figurino – Flávia Wagner e G2/ vespertino (Camisa do Projeto Família Saudável,

Panfletos, Livro: Criança e do adolescente, chapéis e óculos diversos).

Cenário – G2 Vespertino (Painel que os próprios alunos confeccionaram sobre o tema da peça).

Personagens – N – narradora; C – crianças; M- mensageiras.

PERSONAGENS

N.: Narrador;

C.: Criança;

Me.: Mensageiros

CENA 01

N.: Vamos apresentar nesta peça alguns direitos da criança e do adolescente que discutimos nas oficinas de teatro. O assunto é sério, porque esses direitos são lei e muitas vezes não são cumpridos. (Panfleto - SER CRIANÇA É TER DIREITO A...)

Obs.: *(Nesse momento a narradora se retira do palco. Inicia-se a entrada de cada criança, segurando um panfleto e falando seu texto. Em seguida, esses permaneceram no palco formando uma fileira, segurando os panfletos virados para a platéia ...)*

C.1: Eu gostaria de brincar o mesmo tempo que eu gasto ajudando minha mãe, seria mais justo, ao invés de só trabalhar limpando a casa e fazendo comida para meus irmãos. (Panfleto – DIREITO A BRINCAR)

C.2: Eu gostaria que tivesse mais amor onde eu vivo, as pessoas brigam demais e me dão pouca atenção e carinho. (Panfleto – DIREITO A AMOR)

C.3: Eu gostaria de ter mais comidas gostosas em casa, mais meus pais ganham pouco, e não é sempre que dá para comprar. (Panfleto – DIREITO A COMIDA)

C.4: Eu gostaria de ter mais amigos, tenho poucos, a maioria só quer falar mal dos defeitos dos outros. (Panfleto – DIREITO A TER AMIGOS)

C.5: Eu gostaria que todo mundo tivesse emprego para que não houvesse pobreza. (Panfleto: DIREITO A EMPREGO)

C.6: Eu gostaria de ter uma casa bem bonita, diferente de um barraco. (Panfleto: DIREITO A MORADIA)

C.7: Eu gostaria que todas as crianças tivessem as mesma oportunidades escola e projetos bons como esses, para que não ficassem nas ruas aprendendo coisas que não deve. (Panfleto: DIREITO A EDUCAÇÃO)

C.8: Eu gostaria de ter roupas boas, as que tenho são usadas e as vezes até rasgadas, tenho vergonha de usá-las. (Panfleto: DIREITO A ROUPAS)

C.9: Gostaria de ter a paz, pois as vezes acho que vivo num inferno. (Panfleto: DIREITO A PAZ)

Mensageiros: Queremos ser criança! Não podemos deixar que nos tirem esse direito!!!

PEÇA 5: PROSTITUIÇÃO E TRABALHO INFANTIL

FICHA TÉCNICA

Crianças – 7 a 9 anos

Direção – Flávia Wagner

Grupo teatral - GENTE BOA

Peça – Prostituição e Trabalho Infantil

Texto - G1/ Vespertino e Flávia Wagner

Elenco - G1/Vespertino

Figurino – Flávia Wagner e G1/ Vespertino - (Boné, óculos escuro, armas, carro de papelão, balas, bolsa, sapato de salto, Cartaz, sinaleira de papelão e garrafa de bebida de álcool. Estatuto da Criança e do adolescente e dinheiro).

Cenário – Painel que os próprios alunos confeccionaram sobre o tema da peça.

PERSONAGENS

P.: Prostituta;

C.: criança;

M.: Motorista.

CENA 01

(Uma mulher de programa “prostituta” encontra-se na rua encostada num poste, são 20:00h da noite e algumas coisas passam pela cabeça dela...)

P.: Meu Deus que vida! Na minha infância meu pai abusou de mim duas vezes quando estava bêbado. Quando fiquei moça ele passou a vender para seus amigos. Fui se tornando uma mulher sem valor, ninguém queria me levar a sério, tive meus filhos sem nenhum pai para ajudar a criar. Hoje já não acho mais tão ruim ser prostituta, mais tenho vergonha de dizer para meus filhos é por isso que minto para eles dizendo que trabalho num bingo.

(Nesse momento para um carro com um homem dentro querendo fazer um programa...)

M.: E daí gostosa, qual o preço da hora?

P.: R\$ 40,00

M.: Você não está tão boa assim, para pedir tudo isso. Pago R\$ 20,00 é pegar ou largar.

(Sem muito o que escolher ela entra no carro e param na próxima sinaleira onde uma criança vem vender balas...)

CENA 02

(A criança bate no vidro do carro, mas o casal demora atender, pois estão num amasso total, mais a criança insiste...)

C.: Querem comprar uma bala ?

Mamãe é você?

O que faz aí?

Quem é este homem?

Que roupa é essa?

Porque você não está no bingo trabalhando?

(A mulher ficou toda sem jeito não sabia o que falar, saltou do carro sem dar explicação para o cliente, e procurou conversar com o filho...)

P.: Meu filho, eu não trabalho num bingo, nesses anos todo venho mentindo para vocês, tenho vergonha de dizer o que faço. Mas é que preciso arrumar dinheiro para cuidar de vocês, com isso ganho mais do que fazendo faxina.

C.: Mas mãe você é tão inteligente, sempre me ajuda a fazer os deveres. Você tem saúde, é nova, pode arrumar outro emprego. Desse jeito tenho vergonha de dizer que minha mãe é prostituta. Na escola aprendemos que precisamos respeitar nosso corpo, e não deixar que outros usem a gente como se fossemos descartáveis. Sabia que lá na escola estão precisando de uma merendeira, você cozinha tão bem, porque não vai lá ver?

Mensagem: Precisamos respeitar nosso corpo, para que outros respeitem também.

PEÇA 6: HIGIENE É BOM

FICHA TÉCNICA

Crianças de 5 á 6 anos

Direção – Flávia Wagner

Grupo teatral - GENTE BONITA

Peça – HIGIENE É BOM

Texto - PRÉ Matutino/Vespertino

Elenco – PRÉ Matutino/Vespertino

Figurino – Tocas-plástica de tomar banho, toalhas, sabonete, shampo, pente, cotonete, escova dental, pasta dental, esponja e cortador de unha.

Cenário – PRÉ Matutino/Vespertino (Painel que os próprios alunos confeccionaram sobre o tema da peça).

PERSONAGENS

C.: crianças;

N.: narrador.

CENA 01

N.: Está peça que vamos apresentar ensina como devemos cuidar do nosso corpo para que ele fique sempre bem limpo e cheiroso.

(As crianças representarão estar tomando banho. Cada uma entra dançando e cantando no palco as seguintes frases...)

N.: O que vamos fazer agora criança?

C.: Tomar banho! Para limpar tudinho.

C.1.: Eu pego o sabonete e começo a lavar (BIS) minha barriginha asssssiiiiimmm...

C.2.: Eu lavo (BIS) meu bumbum asssssiiiiimmm...

C.3.: Eu lavo (BIS) meus pézinhos asssssiiiiimmm...

C.4.: Eu lavo (BIS) minhas mãozinhas asssssiiiiimmm...

C.5.: Eu lavo (BIS) meu rostinho asssssiiiiimmm ...

C.6.: Eu lavo (BIS) meus cabelos asssssiiiiimmm ...

C.7.: Depois de tomar banho (BIS)eu seco meu corpinho asssssiiiiimmm ...

C.8.: Eu penteio (BIS) meu cabelo asssssiiiiimmm ...

C.9.: Eu limpo (BIS) meus ouvidos asssssiiiiimmmmm ...

C.10.: Eu limpo (BIS) minhas unhas asssssiiiiimmm ...

C.11.: Eu escovo (BIS) meus dentes asssssssiiiiimmm...

(no final os alunos tiraram a toalha da cintura, rodam no ar e jogam para a platéia, dizendo ...)

Messageiros: Higiene é muito bom! Até o próximo banho!!!